



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**



TAINÃ MOURA ALCÂNTARA

**A ARQUEOLOGIA ALÉM DAS FRONTEIRAS:
HISTÓRIAS DA COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE BRASIL E
ESTADOS UNIDOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Salvador
2025

TAINÃ MOURA ALCÂNTARA

**A ARQUEOLOGIA ALÉM DAS FRONTEIRAS:
HISTÓRIAS DA COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE BRASIL E
ESTADOS UNIDOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Olival Freire Jr.

Coorientadora: Profa. Dra. Adriana Minor-Garcia

Salvador
2025

Alcântra, Tainã Moura.

A arqueologia além das fronteiras [recurso eletrônico] : histórias da colaboração científica entre Brasil e Estados Unidos segunda metade do séc. XX / Tainã Moura Alcântra. - Dados eletrônicos. - 2025.

Orientador: Prof. Dr. Olival Freire Junior.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Minor Garcia.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2025.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Arqueologia - Brasil - História. 2. Colaboração científica. 3. Relações Brasil - Estados Unidos. I. Freire Junior, Olival. II. Minor Garcia, Adriana. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana. V. Título.



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC)**

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC), realizada em 06/10/2025 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS no. 1, área de concentração História e Filos das Ciências e Implic p/ o Ens das Ciências, do(a) candidato(a) TAINA MOURA ALCANTARA DE OLIVEIRA, de matrícula 2019109476, intitulada A ARQUEOLOGIA ALÉM DAS FRONTEIRAS: HISTÓRIAS DA COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX. Às 14:00 do citado dia, Instituto de Física, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. OLIVAL FREIRE JUNIOR que apresentou os outros membros da banca: Profª. MOEMA DE REZENDE VERGARA, Prof. Dr. LIVIO SANSONE, Prof. Dr. CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE e Prof. Dr. LUIS CLAUDIO PEREIRA SYMANSKI. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dr. CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE

Examinador Externo à Instituição

Dr. LUIS CLAUDIO PEREIRA SYMANSKI

Examinador Externo à Instituição

Dr. LIVIO SANSONE, UFBA

Examinador Externo ao Programa

MOEMA DE REZENDE VERGARA, MAST

Examinadora Interna

OLIVAL FREIRE JUNIOR, UFBA

Presidente



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC)**

Taina Moura Alcantara
TAINA MOURA ALCANTARA DE OLIVEIRA

Doutorando(a)

*Às mulheres da arqueologia
(celebradas, esquecidas ou incompreendidas),
que seguem escavando histórias
e resistindo às suas próprias invisibilidades.*

AGRADECIMENTOS

*E aprendi que se depende sempre, de tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas*

Gonzaguinha, Caminhos do Coração

Tenho tido a sorte de andar pela vida cercada de “gente certa” (igual à música do Erasmo), pessoas que preenchem minha vida de amor, especialmente quando mais preciso. Fazer um doutorado é, acima de tudo, precisar de muito amor e de muita gente (por muito tempo). Agradeço àqueles que resilientemente me ouviram falar, incansavelmente, de Betty Meggers, Clifford Evans, Valentin Calderón e PRONAPA ao longo desses seis anos.

Seria impossível sequer iniciar essa trajetória sem o apoio incondicional da minha família. Agradeço imensamente àqueles que me sustentaram no dia a dia, celebrando minhas vitórias e tolerando minhas ausências (às vezes até de corpo presente): meu marido, Ian Veiga; minha e painho, Sirley e João Carlos; minha irmã, Thiale; e minha voinha, Dona Ana. Tenho a sorte imensurável de contar com uma família estendida muito próxima. Obrigada aos meus tios e tias, às minhas primas e primos, às minhas afilhadas e afilhados e às minhas comadres (os compadres também!). Seria impossível nomear todos aqui, mas sei que vocês sabem o quanto me honra e alegra dividir a caminhada desta vida com vocês.

Agradeço a meu orientador, Olival Freire Junior. Na homenagem que ajudei a organizar em sua honra, pedi para que as pessoas tentassem defini-lo em uma palavra. Na minha vez, fiquei nervosa e não consegui dizer o que queria. A palavra seria ‘Exemplo’. Para mim, você é exemplo de como ser professor, pesquisador, mas, sobretudo, de como ser pessoa. A forma que você encara, explica (e muda) a sociedade, a ciência e a universidade, é digna de nota: sem ingenuidade, mas ainda assim com um otimismo inabalável. Obrigada por ter aceitado ser meu orientador, por não ter desistido de mim. E obrigada, especialmente, por indicar Adriana Minor-Garcia para ser minha coorientadora.

À minha coorientadora, Adriana Minor-Garcia, meu muito obrigada por me conduzir com gentileza e atenção entre os desafios de me formar em um campo novo e minhas inseguranças. Pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos, pelo cuidado comigo e meus escritos. E por se fazer presente durante toda minha trajetória no doutorado.

Aos integrantes do Laboratório de História das Ciências (LAHCIC), por me receberem tão bem, mesmo sendo uma forasteira das ciências humanas. Obrigada pela sensação de pertença a uma comunidade e pelo apoio. A Luiz Carlos Soares, Indianara Silva, Climério Neto, José Eduardo Clemente, Thiago Hartz, Victor Rafael Limeira, Jean Philipe Martinez, Alexei Kojenikov, Taneska Kal, Angevaldo Maia e Milena Oliveira. Com carinho especial para as minhas queridas amigas (desorientadas) Laura Sued, Carolina Queiroz, Leticia Pereira (e Ítalo) e Fernanda

Braga; e às Olivetes: Bruna Alencar e Mylena Amoedo. Estar na academia sendo amparada por tantas colegas mulheres incríveis, é um privilégio.

À UFBA e às pessoas que a fazem. Obrigada pelo financiamento, pelo incentivo à capacitação pessoal e pelo acesso às fontes. Agradeço, sobretudo, ao Museu de Arqueologia e Etnologia, que foi minha casa por 10 anos, ao ex-diretor Dr. Marco Tromboni por me incentivar a realizar essa pesquisa, e a Alice Meira pelo carinho e amizade ao longo desse tempo todo e para além dele. À Faculdade de Medicina da Bahia, especialmente ao Memorial da Medicina Brasileira: ao ex-diretor, Dr. Luiz Adam, pelo carinho, e meus colegas Luis, Josias, Rittinha, Ana Lúcia, Celeste, Fábio, Silvinha e tantos outros por fazer meus dias no Pelourinho mais divertidos. À Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas que me recebeu de braços abertos e me fez sentir em casa, ao diretor Dr. Marcelo Moura e a vice-diretora Dra. Mariana Possas, pelo cuidado, incentivo e pela crença em uma faculdade mais justa e institucional. Ao Professor Carlos Etchevarne, que aceitou dividir o Laboratório de Arqueologia comigo. Aos meus queridos novos colegas: Wender, Livinha, Marcia, Cleide, Vilma, Evandro, Marcelo, Fábio, Dilzaná, Wellington e todos os demais por me ajudarem no ajuste ao novo espaço e na consulta de fontes para a tese. Agradeço também aos meus bolsistas, essa tese não seria possível sem vocês: Henrique, Milena, Gabriela, Luiza, Layla e Lírio, muito obrigada!

À Comissão Fulbright do Brasil, pelo financiamento e pelas pessoas que através dela passaram a fazer parte de minha vida. Além dos meus queridos amigos da turma DDRA 2022-2023, foi através da noção de comunidade desenvolvida pela Fulbright, que conheci Alexa. E, por meio dela, minha família americana: Maddy, Willa e Louise. Obrigada por me fazerem sentir em casa em Washington D.C.

Ao Smithsonian Institution, e ao National Museum of Natural History, especialmente ao Dr. Logan Kistler, curador de arqueologia sul-americana, que gentilmente me recebeu. À equipe incrível do National Anthropological Archives: Gina Rappaport, Daisy Njoku, Mark White, Danielle Davis, Celia Emmelhainz e Molly Kamph, por toda ajuda, atenção e cuidado ao longo da pesquisa (muitas saudades).

Ao CNPQ, por financiar o Projeto de História das Ciências e Tecnologia no Brasil, coordenado por Olival Freire Jr, Silvia Figueroa, Augusto Videira e Margaret Lopes (auxílios 402990/2021-8 e 401936/2022), onde tive a sorte e o aprendizado de pesquisar e conviver com referências no campo da história das ciências.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Filosofia e História das Ciências: a todos os professores, coordenadores e técnicos que tornam esse programa interdisciplinar tão único. Sobretudo a Rafael Siqueira, por providenciar o financiamento para a realização desta banca.

Por fim, agradeço a meus queridos amigos, de todos os cantos do mundo por onde já andei e deixei um abraço amigo, um canto para dormir e sonhar! *It was a long and winding road*, mas tenho a sorte de sentir que nunca estive sozinha, por mais que pensei estar.

Meu sincero muito obrigada!

Acho muito interessante uma turma só de mulheres, isso me lembra em 1973 quando eu realizei a primeira missão de pesquisas aqui na região, não consegui nenhum homem que quisesse vir conosco. Só as mulheres.

Niède Guidon (1933-2025)

Discurso proferido em 18 de julho de 2009, quando sete mulheres se formavam em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

ALCÂNTARA, Tainã Moura. **A Arqueologia Além das Fronteiras: Histórias da Colaboração Científica Entre Brasil e Estados Unidos na Segunda Metade do Século XX.** Orientadores: Olival Freire Junior; Adriana Minor-Garcia. 2025. 316 f. il. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

RESUMO

Esta tese investiga a colaboração científica transnacional entre Brasil e Estados Unidos por meio da análise da formação, implementação e trajetória do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), executado durante a segunda metade do século XX. O estudo enfatiza negociações institucionais, políticas, epistêmicas e éticas que moldaram o campo da arqueologia brasileira em tempos de ditadura militar e Guerra Fria. Busca-se propor uma leitura mais complexa do PRONAPA, ressaltando as negociações entre os agentes brasileiros e americanos para sua implantação. A análise fundamenta-se em ampla documentação inédita, incluindo arquivos pessoais de pesquisadores-chave, relatórios institucionais, correspondências e registros de campo. Entre os objetivos específicos, destacam-se: examinar a circulação de métodos e ideias entre os países, reconstruir as trajetórias individuais e coletivas dos principais agentes (notadamente Betty Meggers, Clifford Evans e Valentin Calderón) e compreender a especificidade da implantação regional do PRONAPA, com especial atenção ao papel da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e à atuação de Calderón. Os resultados indicam que o PRONAPA foi fruto de uma complexa rede de negociações entre instituições, agências de fomento e profissionais de fora dos espaços catedráticos de formação arqueológica no Brasil, promovendo a profissionalização e permitindo a criação de acervos e laboratórios regionais. A tese ressalta ainda os limites e contradições do projeto, destacando as disputas internas ao campo, as ambiguidades políticas e institucionais, e a criatividade dos agentes brasileiros diante das pressões e oportunidades externas. A pesquisa contribui para os estudos sobre ciência em contextos autoritários, destacando a arqueologia como campo ainda pouco explorado sob essa perspectiva. Ao final, propõe-se uma leitura mais nuançada da história da arqueologia no Brasil, integrando dimensões políticas, sociais e institucionais do fazer científico, e reconhecendo o impacto duradouro das colaborações transnacionais na consolidação da arqueologia como disciplina científica autônoma no país.

Palavras-Chave: PRONAPA, História da Arqueologia no Brasil, Relações Científicas Brasil-EUA, Betty Meggers, Clifford Evans, Valentin Calderón, Arqueologia na Bahia, Século XX.

ALCÂNTARA, Tainã Moura. **Archaeology Beyond Borders: Histories of Scientific Collaboration Between Brazil and the United States in the Second Half of the Twentieth Century**. Advisors: Olival Freire Junior; Adriana Minor-Garcia. 2025. 316 f. il. Dissertation (PhD in Teaching, Philosophy and History of Science) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

ABSTRACT

This dissertation investigates the transnational scientific collaboration between Brazil and the United States. The object is the analysis of the National Program of Archaeological Research (PRONAPA), carried out during the second half of the twentieth century. The research aims to understand the formation, implementation, and trajectory of the PRONAPA in Brazil and, more specifically, in the state of Bahia. The study emphasizes the institutional, political, epistemic, and ethical negotiations that shaped the field of Brazilian archaeology during the military dictatorship and the Cold War. It seeks to offer a more complex interpretation of PRONAPA by highlighting the negotiations between Brazilian and American agents in its establishment. The analysis is based on extensive and previously unpublished documentation, including personal archives of key researchers, institutional reports, correspondence, and field records. Among the specific objectives are examining the circulation of methods and ideas between the two countries; reconstructing the individual and collective trajectories of the main actors (notably Betty Meggers, Clifford Evans, and Valentin Calderón); and understanding the regional particularities of PRONAPA's implementation, with special attention to the role of the Federal University of Bahia (UFBA) and Calderón's activities in the Bahian context. The findings indicate that PRONAPA emerged from a complex network of negotiations involving institutions, funding agencies, and professionals outside the traditional academic centers of archaeological training in Brazil. The program contributed to the professionalization of the field and enabled the creation of regional collections and laboratories. The dissertation also underscores the program's limitations and contradictions, highlighting internal disputes within the field, political and institutional ambiguities, and the creativity of Brazilian agents in navigating external pressures and opportunities. This research contributes to the broader scholarship on science under authoritarian regimes by drawing attention to archaeology as a field still underexplored from this perspective. Ultimately, it proposes a more nuanced understanding of the history of archaeology in Brazil by integrating the political, social, and institutional dimensions of scientific practice and recognizing the lasting impact of transnational collaborations in the consolidation of archaeology as an autonomous scientific discipline in the country.

Keywords: PRONAPA, History of Archaeology in Brazil, Brazil–United States Scientific Relations, Betty Meggers, Clifford Evans, Valentin Calderón, Archaeology in Bahia, Twentieth Century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentações da tese: a esquerda, levantamento Historiográfico para o Congresso da UFBA, em 18/05/2020 (a esquerda); apresentação Arqueologia na Bahia na década de 1960, no Seminário virtual do LAHCIC, em 28/06/2020 (a direita); participação no Congresso da UFBA 2021, na mesa redonda História Das Ciências Na Bahia: Personagens e Instituições, com apresentação sobre o Instituto de Ciências Sociais da UFBA.	23
Figura 2: Turma do DDRA 222-2023, Comissão Fulbright do Brasil.....	24
Figura 3: Vista do andar dos funcionários no NMNH; Memorabilia de Betty J. Meggers.	25
Figura 4: Eu e Dr. Logan Kistler; Parte da coleção de referência produzida pelo PRONAPA; Gaveteiro onde a coleção está guardada.	25
Figura 5: Eu e Dr. Logan Kistler na Frente do NMNH (a esquerda); Sala de leitura do NAA/SI (ao centro); Equipe do NAA/SI, Gina, Dayse e Danielle (a direita).	26
Figura 6: à esquerda, com Olival Freire Junior e Agnes Soares em Washington D.C; a direita com Adriana Minor-Garcia em Saint Louis.	26
Figura 7: Apresentação no encontro anual da <i>History of Science Society, Notes on History of Archaeology in Brazil: "Only Foreigners Research Brazilian Prehistory"</i>	26
Figura 8: O outro Clifford Evans Jr, aviador na Segunda Guerra Mundial, que ficou conhecido por dar a volta ao mundo de avião junto com Georde Truman (a esquerda); O Clifford Evans Jr. da arqueologia, em campo no Peru, ainda durante o doutorado da Columbia University..	27
Figura 9: Primeiro e último Slide da apresentação sobre notas biográficas de Betty Meggers e Clifford Evans, no seminário do LAHCIC.	28
Figura 10: Imagens da matéria ‘As bases da arqueologia moderna no Brasil’, Revista Fapesp	30
Figura 11: O livro <i>A History of Archaeological Thought</i> (História do Pensamento Arqueológico) em suas primeiras e segundas edições em inglês (1989 e 2006) e português (2004 e 2011).	46
Figura 12: Capa e imagem do livro autobiográfico de Mortimer Wheeler, arqueólogo inglês, referenciado por Funari (2002a).	69
Figura 13: Pesquisa arqueológica no sambaqui Maria Rodrigues, Cananéia, Arquivo Paulo Duarte. Nota-se a presença de um nativo, na segunda foto sem destaque..	70
Figura 14:Imagens da publicação de Betty Meggers referenciada em Funari (2002).	70
Figura 15: Esquema comparativo das arqueologias produzidas no Brasil em três períodos históricos: Até 1964, entre 1964 e 1985 e após 1985.....	73

Figura 16: Capa do livro ‘Scientsts who work outdoors’ (Poole e Poole, 1963); pagina do capítulo no mesmo livro dedicado a Betty Meggers e Clifford Evans; Capa do livro Partners in Sience, com um desenho do casal de arqueólogos.	87
Figura 17: Betty Jane Merggers em Washington D.C. em 2 de abril 1924..	89
Figura 18: Betty Megers, com 17 anos, no sítio arqueológico Ancient Buried City, em 3 de setembro de 1937.	91
Figura 19: Imagens dos objetos publicados por Meggers em seu primeiro artigo científico.	93
Figura 20: Clifford Evans e Earl Stadman no Clube de Debate National Forensic.....	95
Figura 21: Registro do alistamento militar de Clifford Evans Jr. Em 1 de julho de 1941.	96
Figura 22: Representação da tripulação em um Boing B-17 Flying Fortress.....	97
Figura 23: Cartão de condecoração de Medalha Aérea de Clifford Evans.	98
Figura 24: B-17A Old Irongut em Ridgewell, 10 de março de 1944.....	98
Figura 25: Documento alemão que comprova a prisão de Clifford Evans, após o B-17 Old Iron Gut ter sido abatido nos arredores de Hamburgo.....	100
Figura 26: Capa e página do album de fotografias ‘Close-ups of the Evans’.....	105
Figura 27: Embaixador do Equador e Clifford Evans Visitando a ala sobre arqueologia dos Andes, em 1975.....	111
Figura 28: Darcy Ribeiro, Betty Meggers, Berta Ribeiro Clara e Eduardo Galvão no Congresso de Americanistas em São Paulo 1954.....	114
Figura 29: Livros de classificação cerâmica de James A. Ford em espanhol e inglês, e livro sobre o arqueólogo e como ficou conhecido por medir o fluxo do tempo.	120
Figura 30: Exemplos de datação sequencial de cerâmica, estabelecido por Petrie para achados em túmulos da cultura pré-dinástica no Alto Egito.....	121
Figura 31: A esquerda Primeira Lista de participantes onde consta o nome de Blasi e um espaço para mais um. A direita lista escrita à mão com nome de Blasi e Altenfelder.	123
Figura 32: Lista de Participantes com referência a indicação por Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão. .	126
Figura 33: Foto dos Participantes do Curso e capa do programa do curso. New Methods for Establishing Chronological Sequence.	127
Figura 34: Capa do Boletim Informativo da CAPES de agosto de 1963 (à direita) com nota página 12 informando a indicação de Arthur Hehl Neiva para secretário executivo da Comissão Fulbright no Brasil (à esquerda).	132

Figura 35: Artur Hehl Neiva e sua esposa Beatriz Neiva (à esquerda), em reunião com diretores executivos de comissões binacionais da América Latina e o senador americano William Fulbright (ao centro) em Washington, D.C., 22 de maio de 1964. Também estão na fotografia (da esquerda para direita) Luis Valverde Lopez, do Equador; Renee Abaracon, Uruguai; Dr. Pedro David, Argentina; Senador Fulbright; Dr. Joaquin Pineros Corpas, Colômbia; Teresa Vial de Guzman, Chile; e Dr. Eduardo F. Indacochea, Peru.....	133
Figura 36: Acima: Lista de alunos encaminhada por Loureiro Fernandes, com estado e credenciais. Abaixo cronograma encaminhado por Artur Hehl Neiva para Clifford Evans e Betty Meggers.....	135
Figura 37: Cenas do Curso de análise cerâmica em Paranaguá. À esquerda Igor Chmyz (Paraná), Valentin Calderón (Bahia) e Betty Meggers (Smithsonian). À direita o casal Betty Meggers e Clifford Evans.	138
Figura 38: Orçamentos de campo. A) orçamento detalhado C) orçamento completo para o primeiro ano.	147
Figura 39: A esquerda, modelo enviado por Arthur Hehl Neiva aos Evanses em 11 de agosto de 1965 e a direita carta pedindo para oficializar a parceria entre a Smithsonian e o CNP, enviada pelo secretário da primeira, Dillon Ripley, em 23 de agosto de 1965.	160
Figura 40: A esquerda, modelo enviado por Arthur Hehl Neiva aos Evanses em 11 de agosto de 1965 e a direita carta de Antonio Couceiro ao Smithsonian em 27 de outubro de 1965 concordando com o projeto.....	161
Figura 41: Mapa do Brasil demonstrando áreas a serem pesquisadas no PRONAPA	167
Figura 42: Exemplo de identificação para os carros.	176
Figura 43: Carta de Igor Chmyz para Clifford Evans e Betty Meggers em 27 de abril de 1975, com modelo de identificação para o programa.....	177
Figura 44: Planta Baixa do Laboratório e depósito a ser construído para o IAB, com dinheiro do PRONAPA.	180
Figura 45: Valentin Calderón, Clifford Evans, Nássaro Násser e Betty Meggers na Argentina.....	184
Figura 46: Integrantes do PRONAPA no Seminário do programa junto ao congresso de americanistas	185
Figura 47: Encontro do PRONAPA no Museu Paraense Emilio Goeldi, em 1968: Celso Perota, Igor Chmyz, Nássaro Násser, José Wilson Rauth, José Proenza Brochado, Betty Meggers, Clifford Evans, Eurico Miller, Valentin Calderón, Ondemar Dias, Walter Piazza, Silvia Maranca e Mário Simões. .	186
Figura 48: o <i>Ponapinha</i> publicado em português, e em inglês.	189

Figura 49: Placa que indicava a realização do simpósio do PRONAPA. Arqueólogos brasileiros do programa na frente do NMNH em pose característica dos funcionários do museu.....	191
Figura 50: Conjunto de publicações associadas ao PRONAPA. As obras incluem relatórios regionais, manuais técnicos e sistematizações metodológicas.....	192
Figura 51: Álbum ‘Quase Baianos - Imigrantes estrangeiros deixam legados culturais importantes para a Bahia’ do jornal Correio da Bahia, com destaque para as duas imagens com referência à Valentin Calderón, uma foto dele e um painel de pintura rupestre.....	199
Figura 52: Dr. Jesús Carballo ao centro, na frente do Museo provincial de prehistoria, em Santander.	205
Figura 53: Pintura rupestre do sítio Cueva de la Meaza publicada por Calderón em 1955 (a esquerda); Foto da mesma pintura publicada no site ‘Turismo de Cantábria’.	208
Figura 54: O Conte Grande, em cartão postal de 1950	210
Figura 55: Cédula Brasileira de Identidade de Estrangeiros de Valentin Calderón, indicando sua ida ao Brasil em caráter permanente..	211
Figura 56: Detalhe da cédula de identidade brasileira de estrangeiros com mudanças de endereço de Valentin Calderón (acima); Recorte da página 6 das Atas da II reunião de Antropologia Brasileira, onde consta outro endereço (abaixo).	213
Figura 57: Revista Campanas de España com artigo de Valentin Calderón:.....	215
Figura 58: Diploma de Licenciatura em Geografia e História, de Valentin Calderón de la Vara.....	215
Figura 59: Capa do livro com conferências de Calderón de la Vara na II Reunião Brasileira de antropologia, publicado pela Universidade Católica.....	216
Figura 60: Croqui do Sambaqui da Pedra Oca, chamado aqui de Sambaqui de Piripiri por Sylvio Froes Abreu.	223
Figura 61: Valentin Calderón e Thales de Azevedo dentro do poço teste na primeira campanha de escavação do Sambaqui da Pedra Oca (Esquerda). Pedro Agostinho na área da peneira também no sambaqui.....	225
Figura 62: Foto aérea da região do Canela, com indicação de onde funcionava o ICHUB e o ICS. Hoje o prédio abriga o Instituto de Ciência da Informação.	227
Figura 63: Recorte do documento que mostra a contratação de Valentin Calderón como Técnico Especializado (Arqueólogo) no Instituto de Ciências Sociais.	230

Figura 64: Documento atestando a contratação de Valentin Calderón de la Vara em 1963 como técnico especializado (arqueólogo); Documento de Thales de Azevedo como diretor do ICS designando o Setor de Administração para Valentin Calderón.....	231
Figura 65: Plantas das escavações do Sambaqui da Pedra Ôca: 1960, a esquerda, 1962, a direita.....	232
Figura 66: Foto do Sambaqui do Sobrado, Ilha de Itaparica feita por Calderón, sem informações a respeito do ajudante que aparece na imagem.. ..	233
Figura 67: Recorde do Jornal na Bahia que noticiou a participação do ICS na VI Reunião de Antropologia, em São Paulo, incluindo Valentin Calderón.	235
Figura 68: Capas dos Livros de Thales de Azevedo e Valentin Calderón pelo Instituto de Ciências Sociais e fundo do livro de Calderón indicando a intenção de publicar Maria Brandão pela Série.....	236
Figura 69: Programa do Curso Preliminar Sobre a América Latina, sem a participação de Thales de Azevedo.....	244
Figura 70: Lista de participantes do curso de com círculos ao lado dos nomes antes desconhecidos pelos Evanses. Fonte: Carta de Jose Loureiro Fernandes para Clifford Evans.	245
Figura 71: Cópia do documento de naturalização de Valentin Calderon em 21 de julho de 1965	246
Figura 72: Ficha funcional de Valentin Calderón, onde consta a alegação de formação em Arqueologia pela Universidade de Barcelona, sem que houvesse comprovação documental.	248
Figura 73: Foto aérea do Campus do Canela com vistas para a Reitoria e o Hospital das Clínicas. Em laranja está indicado o local do ICS e em azul o lugar onde foi instalado o Laboratório de Arqueologia e Etnologia.....	251
Figura 74: Dois sítios arqueológicos identificados no primeiro ano do PRONAPA por Valentin Calderón: a esquerda enterramentos no Sítio PE-7 Brandões, Cabrobó (PE); A direita painel rupestre Pedra Escrivida; Petrolina (PE).. ..	252
Figura 75: A Rural de Valentin Calderón nos trabalhos de campo.....	252
Figura 76: Da esquerda para a direita: Valentin Calderón, Nássaro Nasser, Clifford Evans e Betty Meggers no Laboratório de Arqueologia da UFBA.	254
Figura 77: Relação de sítios prospectados na Bahia no segundo ano do PRONAPA.	257
Figura 78: Valentin Calderón apresentando uma seriação aos participantes do PRONAPA.....	262
Figura 79: Recorte de jornal A TARDE, com notícia de participação de Calderón no seminário de Tropicologia de Gilberto Freyre.	264
Figura 80: Valentin Calderón, Gilberto Freyre, Nilo Pereira e Igor Chmyz no Seminário de Tropicologia em Recife no dia 21 de novembro de 1969.	265

Figura 81: Mapa de análise dos sítios arqueológicos trabalhados no PRONAPA, com a divisão ecológica do país em Amazonia (Amazon Basin) e Faixa Costeira (Coastal Strip).	266
Figura 82: Recorte de Carta de Clara Galvão que demonstra que Betty Meggers e Clifford Evans atuavam como intermediários entre pesquisadores no Brasil e no Exílio.....	274
Figura 83: Capas da obra O processo civilizatório, de Darcy Ribeiro, publicada simultaneamente em 1968 nas versões em português (à esquerda), pela editora Civilização Brasileira, e em inglês (à direita), pela Smithsonian Institution Press, sob o título The Civilizational Process, traduzida por Betty J. Meggers.	276
Figura 84: Ofício para o presidente Marechal Arthur de costa e Silva, pedindo a soltura de Darcy Ribeiro.	279
Figura 85: Cópia do telegrama enviado por Charles Wagley convidando Darcy Ribeiro como professor convidado na Columbia University..	279
Figura 86: manuscrita de Darcy Ribeiro a Betty Meggers, de 3 de maio de 1974, agradecendo emocionadamente a ajuda recebida e reconhecendo a importância dos laços de solidariedade em meio à vigilância e à repressão.	282
Figura 87: Caricatura feita por Nássaro Náasser, participante do PRONAPA, demonstra que Clifford Evans exigia respeito quando Betty Meggers ia falar..	286

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAD/UFBA	Coordenação de Arquivo e Documentação/Universidade Federal da Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPA/UFPR	Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná
CFE	Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil
CFE	Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil
CNP	Conselho Nacional de Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	Centro Nacional de Pesquisas Científicas
D.C.	District of Columbia
DDRA	Doctoral Dissertation Research Award
EUA	Estados Unidos da América
FFCH/UFBA	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
ICS	Instituto de Ciências Sociais
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JHU	John Hopkins University
MAE/UFBA	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MN	Museu Nacional
MPEG	Museu Paraense Emilio Goeldi
NAA/SI	National Anthropological Archives/Smithsonian Institution
NBS	National Bureau of Standard
NDI/UFBA	Núcleo de Documentação e Informação
NFS	National Science Foundation
NMNH	National Museum of Natural History
NY	New York
PL	Public Law
PRONAPA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas
PRONAPABA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica
SAB	Sociedade de Arqueologia Brasileira
SABA	Sociedade Arqueológica Brasileira de Amadores
SI	Smithsonian Institution
SP	São Paulo
SPHAN	Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SUMAI/UFBA	Superintendência de Meio Ambiente e Infraestrutura
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
Unicamp	Universidade de Campinas
USA	United States of America
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
INTRODUÇÃO	29
QUE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA ESCREVER? DEBATES, TENSÕES E CAMINHOS ALTERNATIVOS	33
OBJETIVOS E ABORDAGEM	36
FONTES E ESTRUTURA DA TESE	37
CAPÍTULO 1: ESCAVANDO NARRATIVAS: A ARQUEOLOGIA E SUAS HISTÓRIAS NO BRASIL	42
1.1 ENTRE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA	45
1.2 TIPOS DE NARRATIVAS NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA	49
1.3 O SÉCULO XX: INSTITUIÇÕES, PERSONAGENS E DISPUTAS	51
1.4 O PRONAPA E A HISTORIOGRAFIA SOBRE A DITADURA MILITAR NO BRASIL	66
1.5 CONSIDERAÇÕES: PARA UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL DA ARQUEOLOGIA	81
CAPÍTULO 2: CLIFFORD EVANS E BETTY MEGGERS ANTES DO PRONAPA	85
2.1 UM CASAL DAS TORRES PARA SMITHSONIAN: NOTAS BIOGRÁFICAS DE BETTY MEGGERS E CLIFFORD EVANS	85
2.1.1. <i>Simplesmente</i> Betty Meggers: ciência, gênero e persistência	87
2.1.2. Clifford Evans Jr.: “Um homem com pressa”	94
2.1.3. Um casal de feito nas torres destinado à Smithsonian Institution	102
2.2 ANTECEDENTES DO PRONAPA: PRIMEIROS CONTATOS	112
2.2.1. Um Novo Método de Seriação para a Cooperação Panamericana: O Curso de Barranquilla	118
2.2.2. Os Evanses Finalmente no CEPA: O curso do Paraná	128
CAPÍTULO 3: ENTRE A CIÊNCIA E O PATRIMÔNIO: O PRONAPA E A COLABORAÇÃO BRASIL-USA	141
3.1 COLOCANDO O PLANO EM PRÁTICA	142
3.2 TRANÇANDO ACORDOS COM AS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS	148
CAPÍTULO 4: O PRONAPA EM CAMPO: PLANO NACIONAL, DESAFIOS LOCAIS	162
4.1 “QUEM NÃO TEM INIMIGOS NÃO MERECE TER AMIGOS”: A EQUIPE BRASILEIRA NO PRONAPA	165

4.1.1. Os Escolhidos: Os irmãos de Paranaguá	166
4.2 MUITO ALÉM DAS ESCAVAÇÕES: VEICULOS, EVENTOS E PRIVILÉGIOS NO PRONAPA	174
4.2.1. “The major accomplishments”: Permanências, reconhecimento e emergência de novos quadros	192

CAPÍTULO 5: O PRONAPA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA:

VALENTÍN CALDERÓN E O INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS	196
5.1 VALENTIN CALDERÓN DE LA VARA CHEGA A bahia	199
5.1.1. Um arqueólogo amador da Cantábria/Espanha	200
5.1.2. Chegada a Salvador (1950-1960)	212
5.2 A UNIVERSIDADE DA BAHIA E O INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS	217
5.2.1. O Instituto de Ciências Sociais e a Oficialização de Calderón como arqueólogo	226
5.2.2. A Ditadura Militar e o Instituto de Ciências Sociais/UFBA	235
5.3 O PROJETO BAHIA E A ARQUEOLOGIA NA UFBA	245
5.3.1. Entre o laboratório e a direção: o duplo papel de Calderón no ICS/UFBA	249
5.3.2. Entraves Institucionais para o PRONAPA na Bahia	258
5.3.3. O isolamento de Calderón na reta final do PRONAPA e o declínio da Arqueologia na UFBA	263

EPÍLOGO: AGORA FALANDO SÉRIO: POLÍTICA NAS RELAÇÕES DE EVANS E MEGGERS NO BRASIL

CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
ARQUIVOS CONSULTADOS	294
REFERÊNCIAS CITADAS	296

APRESENTAÇÃO

Peço licença para redigir esta apresentação em primeira pessoa. Embora toda tese seja fruto de muitos sujeitos (e de muitos diálogos), entendo que, neste caso, recorrer à perspectiva pessoal se justifica pela trajetória singular que costura as etapas desta pesquisa. Referenciar-me diretamente contribui para tornar mais transparente o caminho que conduziu à elaboração deste trabalho.

É importante afirmar desde o início: esta tese percorreu múltiplos caminhos até assumir seu contorno atual. O foco recai hoje sobre as trocas e colaborações científicas entre Brasil e Estados Unidos na segunda metade do século XX, contextualizando o papel dos agentes envolvidos na implantação e desenvolvimento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). A escolha por uma abordagem transnacional permitiu explorar dimensões pouco abordadas na história das ciências no Brasil, como o papel do internacionalismo e de personagens ocultos.

Como na arqueologia *per se* (e para contar a sua história), entender como esse objetivo foi construído é também uma viagem ao passado. Quando me inscrevi no PPGEFHC, em 2018, eu queria estudar a institucionalização da arqueologia na Bahia, diretamente vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. Em 2014, eu havia sido admitida no MAE/UFBA, para ser sua arqueóloga residente, e me interessava entender a formação de seu gigantesco acervo arqueológico. Hoje, alguns anos depois, vejo com clareza as minhas limitações da época, e as do meu problema de pesquisa. Além disso, havia a dificuldade de estranhar uma ciência na qual estou imersa há mais da metade da minha vida. Desde 2004, quando saí do interior da Bahia rumo a São Raimundo Nonato, no interior do Piauí, a arqueologia tem sido o centro de meus maiores esforços intelectuais. Nos últimos seis anos, tive que aprender a olhar além das certezas sedimentadas em mim. Apesar de achar que não seria possível, me alegra dizer que meu estranhamento me rendeu um entendimento mais completo de minha ciência: mais situado, menos alienado e mais justo, sobretudo.

Em 2013, o museu recebeu por doação de Dona Lydiá Calderón, viúva de Valentin Calderón (1920-1980), o arquivo pessoal do arqueólogo e iniciou o projeto *Herança, Memória e Esquecimento: Para a musealização do espólio do arqueólogo Valentin Calderón*. Embora o objetivo fosse preservar e divulgar uma trajetória considerada fundadora da arqueologia científica e sistemática no Brasil, o projeto suscitava em mim inúmeras questões: considerado

fundador por quem? O que define uma "arqueologia científica"? Adotar esse termo implica reconhecer práticas arqueológicas não-científicas? O que legitima alguém como fundador de uma ciência?

Apesar de o MAE/UFBA ter sido oficialmente inaugurado apenas três anos após o falecimento de Calderón, reconhece-se amplamente que sua atuação nos anos 1960 foi decisiva para a consolidação do museu e para o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na Bahia. De origem espanhola e radicado na Bahia, Calderón realizou, em colaboração com a UFBA, a primeira escavação arqueológica na cidade, que se tem notícias: o Sambaqui da Pedra Ôca, em Periperi. Em 1965, Calderón passou a compor o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), criado e coordenado pelo casal de arqueólogos, vinculados ao Smithsonian Institution, Clifford Evans (1920-1972) e Betty Meggers (1921-2012). Este programa visava realizar um levantamento abrangente de dados arqueológicos comparáveis, ao longo do território brasileiro. Para isso, Calderón e outros arqueólogos em estados diferentes, utilizavam, alegadamente, os mesmos métodos de prospecção sistemática, escavação e análise do material.

Ao me integrar à equipe do MAE, iniciei diferentes tentativas de resgatar a história das pesquisas que formaram o acervo do museu. Um esforço que, admito hoje, carecia de método e clareza. Foi somente em 2018, durante uma viagem acadêmica a São Raimundo Nonato com a disciplina de História Indígena da UFBA, que descobri o Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC), realizado em parceria com a UEFS. Surpreendeu-me perceber como uma universidade pode ser desconhecida em seu próprio meio. Mas o acaso revelou-se providencial: a professora Adriana Minor-Garcia, referência em história das ciências, estava para ofertar, junto com Olival Freire Jr. e Indianara Silva, a disciplina "Relações Científicas entre os Estados Unidos e América Latina".

Custei a acreditar na coincidência de, justamente ao conhecer o programa, ser ofertada uma disciplina que atendia aos meus interesses de pesquisa. Além de reencontrar o professor Olival, cuja orientação, ainda na adolescência, foi decisiva para minha mudança ao Piauí e formação como arqueóloga. Apenas durante aquela primeira aula, ao me apresentar timidamente, ele rememorou nosso encontro do passado, recordando a jovem obcecada por arqueologia. Sua frase, já dita em 2004 ressurgiu agora carregada de ressignificações para minha trajetória: "Se você quer mesmo fazer arqueologia, o melhor lugar é em São Raimundo Nonato, pois lá tem a Serra da Capivara. O lugar onde a arqueologia é feita em excelência no Brasil por Niède Guidon."

Participar daquela disciplina como ouvinte desestabilizou minhas certezas sobre a história da ciência e ampliou meu repertório interpretativo. Para mim, como arqueóloga, a história das pesquisas arqueológicas sempre fora um recurso positivo, quase gráfico, de organização cronológica das investigações, de seus acervos e das perguntas a eles direcionadas. Surpreendeu-me perceber que historiadores das ciências direcionam aos documentos perguntas semelhantes àquelas dos arqueólogos diante dos artefatos. Esse deslocamento do olhar só foi possível graças ao acompanhamento generoso dos agora meus orientadores, Olival Freire Junior e Adriana Minor-Garcia.

Submeti minha inscrição à área de concentração em História das Ciências do PPGEFHC com o projeto intitulado *A Arqueologia na Bahia na Segunda Metade do Século XX: a atuação de pesquisadores e a criação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA*. Esse foi o primeiro formato desta tese, e refletia as muitas inquietações acumuladas ao longo da minha trajetória como arqueóloga e como funcionária da UFBA. O objetivo geral do projeto era o de compreender como se deu a virada científica na *práxis* da arqueologia na Bahia, tomando como base de comparação o desenvolvimento da arqueologia no Brasil e analisando como esse processo influenciou a criação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.

Com o início formal do doutorado em 2019, o trabalho foi sendo remodelado a cada disciplina cursada. Professores, colegas e novas leituras expandiram meu horizonte, direcionando minhas perguntas para a compreensão da ciência como fenômeno cultural, resultado da experiência humana, com suas contradições e virtudes. O excesso de perspectivas e de possibilidades de pesquisa tornou desafiador manter o foco. Essa dificuldade aumentou em 2020, quando a pandemia de Covid-19 interrompeu bruscamente o cotidiano de todos e deixou minha tese em suspensão, adiando também o projeto do doutorado sanduíche em terras norte-americanas.

Enquanto o mundo se adaptava ao distanciamento, as discussões acadêmicas eram retomadas em ambiente virtual. O Seminário do Laboratório de História das Ciências (LAHCIC) tornou-se um espaço de refúgio, onde apresentei versões parciais do estudo: (1) levantamento bibliográfico da história da arqueologia no Brasil até o PRONAPA; (2) Valentin Calderón e o impacto do PRONAPA na Bahia dos anos 1960; e (3) O Instituto de Ciências Sociais da UFBA, instituição pouco documentada que formalizou o PRONAPA na Bahia (Figura 1). As fontes principais provinham do arquivo pessoal de Valentin Calderón e acervos do MAE/UFBA. Embora as ideias fossem variadas, o eixo norteador era sempre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), envolto nos dilemas próprios do período da ditadura militar.

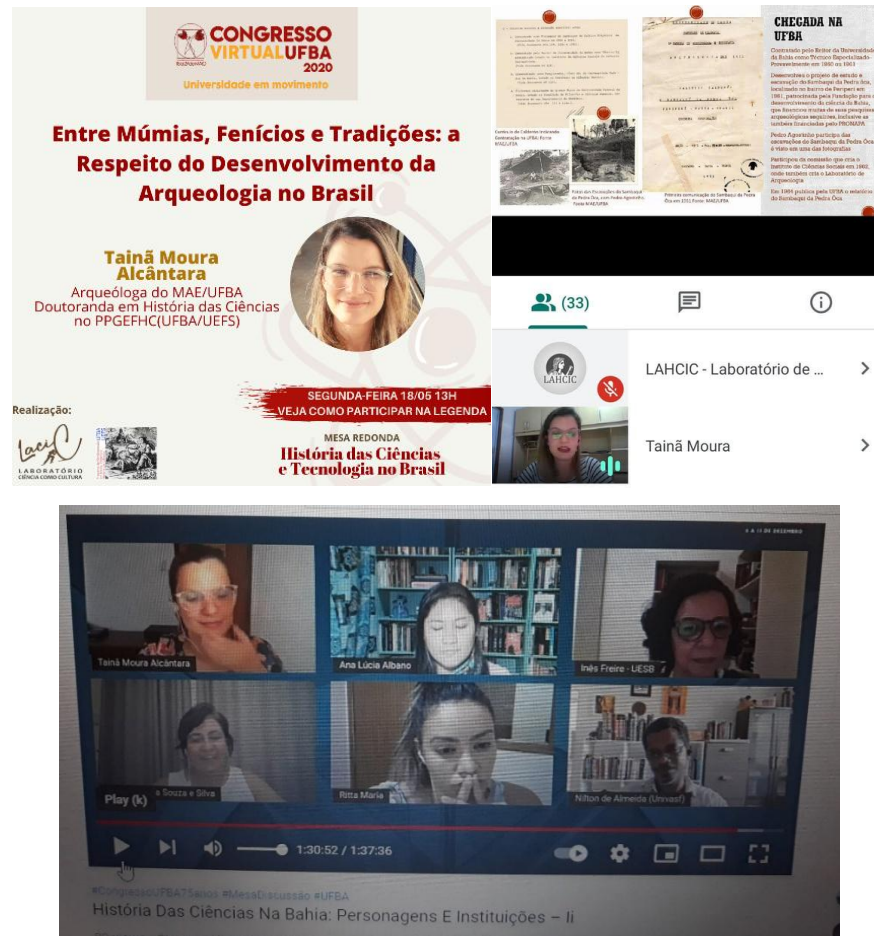


Figura 1: Apresentações da tese: a esquerda, levantamento Historiográfico para o Congresso da UFBA, em 18/05/2020 (a esquerda); apresentação Arqueologia na Bahia na década de 1960, no Seminário virtual do LAHCIC, em 28/06/2020 (a direita); participação no Congresso da UFBA 2021, na mesa redonda História Das Ciências Na Bahia: Personagens e Instituições, com apresentação sobre o Instituto de Ciências Sociais da UFBA.

A pandemia, vivida sob um contexto de negacionismo, ataques à ciência e desmonte das universidades públicas, reforçou em mim, a cada notícia sobre vacinas e pesquisas brasileiras, o imperativo por vezes repetido por meu orientador: “Se vamos vencer ao obscurantismo e à crise epistêmica da ciência, é com mais ciência e não com menos”. O avanço da vacinação possibilitou a retomada das atividades presenciais a tempo de me inscrever no processo seletivo da Comissão Fulbright no Brasil (2022-2023). A elaboração desse projeto reposicionou a tese, aproximando-a da versão que apresento nos próximos capítulos: agora com foco mais definido no elemento que nunca deixou de atravessar todos os desenhos de pesquisa realizados até então: o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e o papel da Smithsonian Institution no desenvolvimento da arqueologia em todo o Brasil. Com o projeto aprovado, de repente, eu me vi de malas prontas para Washington D.C.

Ser bolsista Fulbright despertou em mim sentimentos contraditórios. Primeiramente, a desconfiança: afinal, as comissões Fulbright fazem parte de uma política fundada durante a Guerra Fria, denunciada por muitos autores como parte do domínio imperialista dos Estados Unidos sobre os outros países, por meio do *soft power*. Entretanto, a abordagem da Fulbright que articula e coloca em contato todos os bolsistas do programa, fez surgir entre a turma DDRA 2022-2023, uma verdadeira rede de apoio e conexões.



Figura 2: Turma do DDRA 2022-2023, Comissão Fulbright do Brasil.

Não obstante, ir para os Estados Unidos da América pela Fulbright, ainda durante o governo Bolsonaro, fez com que eu desacelerasse o ímpeto antiamericanista de identificar qualquer relação Brasil-EUA no século XX como resultado direto do imperialismo, portanto, colonialista. Se, por um lado, a história da ditadura militar no Brasil e da cassação de direitos civis, com a instalação de um regime de exceção amplamente apoiada pelo governo dos EUA, naturalmente estimula a veia política do pesquisador e aguça o olhar crítico ao se examinar o passado, por outro, ter vivenciado uma experiência acadêmica naquele país enquanto o Brasil adotava uma política com traços antidemocráticos e alinhamento automático ao “gigante do Norte”, levou-me a questionar os entendimentos que reduzem aquele período histórico a um simples embate entre o bem e o mal.

Certamente, fazer arqueologia é também fazer política, assim como escrever história das ciências. No entanto, uniformizar todo um período por meio de aproximações simplistas é correr o risco de produzir interpretações rasas, que desconsideram a riqueza das possibilidades históricas. Estar nos Estados Unidos durante o governo anterior, permitiu-me construir uma leitura muito mais complexa do PRONAPA e das colaborações científicas na arqueologia.

Fui muito bem recebida no Museu Nacional de História Natural, da *Smithsonian Institution*, pelo curador de arqueologia sul-americana, Dr. Logan Kistler. Dr. Kistler me proporcionou acesso aos sistemas, bibliotecas e arquivos, além de uma sala dentro do próprio museu, onde vivi um sonho que nunca achei que teria: pude viver o museu por dentro, e dividir a sala com a memorabilia de Betty Meggers (Figura 3).



Figura 3: Vista do andar dos funcionários no NMNH; Memorabilia de Betty J. Meggers.

Ele também me levou para conhecer as coleções referentes ao Brasil, formadas pela atuação de Betty Meggers e Clifford Evans e o PRONAPA. Ver o resultado material do trabalho do programa no Brasil me ajudou a entender seus objetivos e metas (Figura 4).



Figura 4: Eu e Dr. Logan Kistler; Parte da coleção de referência produzida pelo PRONAPA; Gaveteiro onde a coleção está guardada.

Passei a maior parte dos nove meses na sala de leitura do *National Anthropological Archives*, o segundo maior dos seis arquivos da instituição (Figura 5). Foi nessa sala de leitura, localizada no *Museum Support Center*, que passei a realmente entender como fazer história das ciências. Na companhia da equipe do NAA, nas trocas com diversos pesquisadores e sob a supervisão atenta dos meus orientadores — com quem, além das orientações à distância, tive a sorte de estar pessoalmente, ainda que brevemente, durante meu período nos Estados Unidos (Figura 6).



Figura 5: Eu na sala de leitura do NAA/SI (a esquerda); Sala de leitura do NAA/SI (ao centro); Equipe do NAA/SI, Gina, Dayse e Danielle (a direita).



Figura 6: à esquerda, com Olival Freire Junior e Agnes Soares em Washington D.C.; a direita com Adriana Minor-Garcia em Saint Louis.

Após intensa leitura, familiarização com o arquivo e inúmeras viagens de metrô por D.C., o saldo do meu estágio sanduíche foi expressivo: mais de 30 mil fotos de documentos, uma apresentação em inglês no encontro anual da *History of Science Society* (Figura 7), um entendimento mais amplo sobre arqueologia e sobre o PRONAPA, novos amigos e imensas saudades.



Figura 7: Apresentação no encontro anual da *History of Science Society*, *Notes on History of Archaeology in Brazil: "Only Foreigners Research Brazilian Prehistory"*.

Como resultado dessa experiência, a tese foi transformada já na etapa de qualificação. Tornou-se mais madura e seguramente mais consciente de seu papel. Já se concentrava nas interações científicas entre Brasil e Estados Unidos durante a segunda metade do século XX. Especialmente nas articulações necessárias à implantação do PRONAPA.

O retorno ao Brasil revelou uma experiência agri-doce. Encontrar-me em um estado onde a arqueologia não é valorizada, e menos ainda sua história, após viver numa cidade onde essa valorização é justamente o oposto, foi um choque para o qual eu não estava preparada. Seguiu-se novo momento de suspensão da tese. Dessa vez, um novo desafio de saúde pública obrigou-me a desacelerar e voltar a atenção para outras urgências: a epidemia de burnout que afeta a geração Y, consequência, em especial, das pressões do capitalismo contemporâneo. Precisei segurar a tese, quase madura, ainda "no pé", temendo que caísse e apodrecesse.

Entretanto, esse intervalo também foi um tempo de maceração e fermentação das ideias amadurecidas em Washington, D.C. O desenho da tese mudou mais uma vez. Incorporei elementos biográficos dos principais personagens mobilizados pela narrativa. Nesse processo, aprendi a identificar qual Clifford Evans Jr., aviador da Segunda Guerra Mundial, foi o cocriador do PRONAPA (Figura 8). Havia pelo menos dois deles, com trajetórias similares além de parecidos fisicamente.



Figura 8: O outro Clifford Evans Jr, aviador na Segunda Guerra Mundial, que ficou conhecido por dar a volta ao mundo de avião junto com Georde Truman (a esquerda); O Clifford Evans Jr. da arqueologia, em campo no Peru, ainda durante o doutorado da Columbia University. Fonte: EAA Vintage Aircraft Association. *Global Joy Ride* (s.d.)/Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Consegui, também, amadurecer a explicação sobre Betty Meggers, tanto como pioneira da arqueologia latino-americana quanto como figura cuja trajetória, segundo ouvi várias vezes nos EUA, foi marcada pela necessidade de “provar-se” por ter começado como assistente do marido. Apresentei outro recorte da tese no Seminário do LAHCIC, dedicado às Notas Biográficas desses dois personagens (Figura 9). As perguntas e comentários recebidos enriqueceram minha análise. No que se refere ao MAE/UFBA, pude finalmente compreender os motivos de sua criação e porque isso não significou, necessariamente, a institucionalização da arqueologia na Bahia.

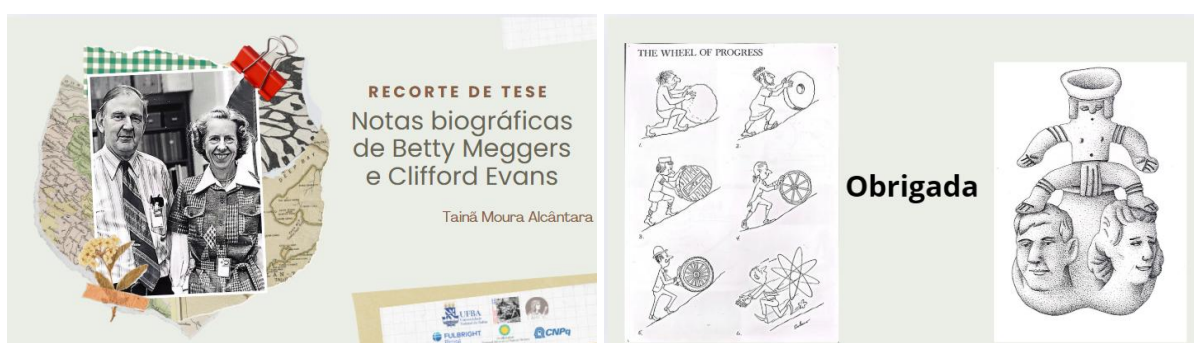


Figura 9: Primeiro e último Slide da apresentação sobre notas biográficas de Betty Meggers e Clifford Evans, no seminário do LAHCIC.

Escrever esta tese implicou também reconhecer que narrar certas histórias exige coragem. Nem todas as trajetórias são feitas apenas de feitos heroicos ou consensos harmoniosos; muitas são atravessadas por disputas, silenciamentos e contradições que desafiam o conforto da memória coletiva. Escrever sobre elas é aceitar que a História da ciência, assim como qualquer história, não se constrói apenas com vitórias e conquistas, mas também com tensões e dilemas. É neste terreno incômodo (e, por isso mesmo, fértil) que encontrei a possibilidade de compreender, com honestidade e profundidade, o passado que herdamos e o campo científico que ajudamos a moldar.

Completamente diferente da tese imaginada em 2018, ela ainda é, de certa forma, a mesma. Foi construída entre altos e baixos, fundamentada no princípio reiterado por meu orientador: é preciso questionar a ciência e seus usos no passado. E isso se faz com mais ciência, e não com menos.

INTRODUÇÃO

“O arqueólogo não é um estudioso do ‘homem’”.

Com essa frase polêmica, James Alfred Ford (1911-1968) abre o trecho em que discute o estudo arqueológico do fenômeno cultural, ao apresentar o método quantitativo utilizado para estabelecer cronologias culturais.² Publicado em 1962, em inglês e espanhol, o “método Ford”, como ficou conhecido, advoga que o objeto de estudo da arqueologia é a cultura produzida pelo “homem animal”, esse por sua vez seria objeto da Antropologia física. Este método garantia a seus aderentes uma roupagem quantitativa à análise arqueológica, lida no período como científica, objetiva. Entre os adeptos (e defensores) estavam o casal de arqueólogos vinculados à *Smithsonian Institution* Clifford Evans Jr. (1920-1978) e Betty Jane Meggers (1921-2012), ou os Evanses, como o casal era chamado na *Smithsonian*.³

Em 1961 eles se juntaram a Ford em um seminário intensivo na cidade de Barranquilla, Colômbia, para ensinar esse método para jovens arqueólogos latino-americanos de oito países diferentes. Três anos depois esse mesmo método é ensinado no Brasil, nas cidades de Curitiba e Paranaguá, no estado do Paraná, nas dependências do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná (CEPA/UFPR). Pode parecer improvável, mas é assim que começa a história de um importante capítulo da arqueologia brasileira: o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - o PRONAPA. Este projeto objetivou realizar um levantamento abrangente de dados arqueológicos ao longo do território brasileiro, bem como fomentar, nas universidades e museus do país, o apreço por aquilo que os Evanses consideravam “arqueologia científica”. O programa contou com a participação de pelo menos onze arqueólogos brasileiros, atuando em nove estados, ao longo de cinco anos de trabalho de campo.

Na década de 1960, a arqueologia brasileira vivia um momento de transição. Coexistiam duas realidades: de um lado, a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, ainda hoje conhecida como “Lei

¹ Ford, 1962, p. 6 Original em Inglês: The archaeologist is not a student of “man”.

² *Ibidem*.

³ O Assistente do Secretário para Atividades Internacionais da Smithsonian Institution, William Warner, referia-se ao casal como 'the Evanses'. Um exemplo disso é um memorando enviado em 18 de maio de 1965 ao Secretário-Geral do Smithsonian, no qual comentava a proposta de um programa amplo de prospecções arqueológicas no Brasil (Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI).

da Arqueologia”, que estabeleceu as bases para a proteção e preservação do patrimônio arqueológico brasileiro;⁴ de outro, a de uma prática arqueológica marcada por métodos empíricos e fragmentados, sem padronização na escavação e classificação dos artefatos, o que dificultava a comparação entre sítios e a consolidação do conhecimento científico.

O PRONAPA pretendia mudar esse cenário. Criado após o curso do Paraná, em 1965, com direção científica de Meggers e Clifford Evans, inaugurou uma nova etapa para a disciplina no Brasil ao promover a padronização metodológica, a formação de uma geração de arqueólogos profissionais e o mapeamento sistemático de mais de mil sítios arqueológicos por todo o país. Ao introduzir técnicas como a seriação estatística para análise de cerâmicas e ao expandir o foco para além dos tradicionais sambaquis, o PRONAPA modernizou os métodos de pesquisa e contribuiu para a construção de uma arqueologia brasileira mais integrada entre si.

Essa experiência, que se estendeu por cinco anos-fiscais americanos de trabalho de campo, consolidou bases metodológicas e institucionais que ainda influenciam a pesquisa arqueológica brasileira contemporânea. Sessenta anos depois, o PRONAPA foi resgatado no imaginário popular, pela revista Fapesp que dedicou uma matéria exclusiva ao programa (Figura 10).

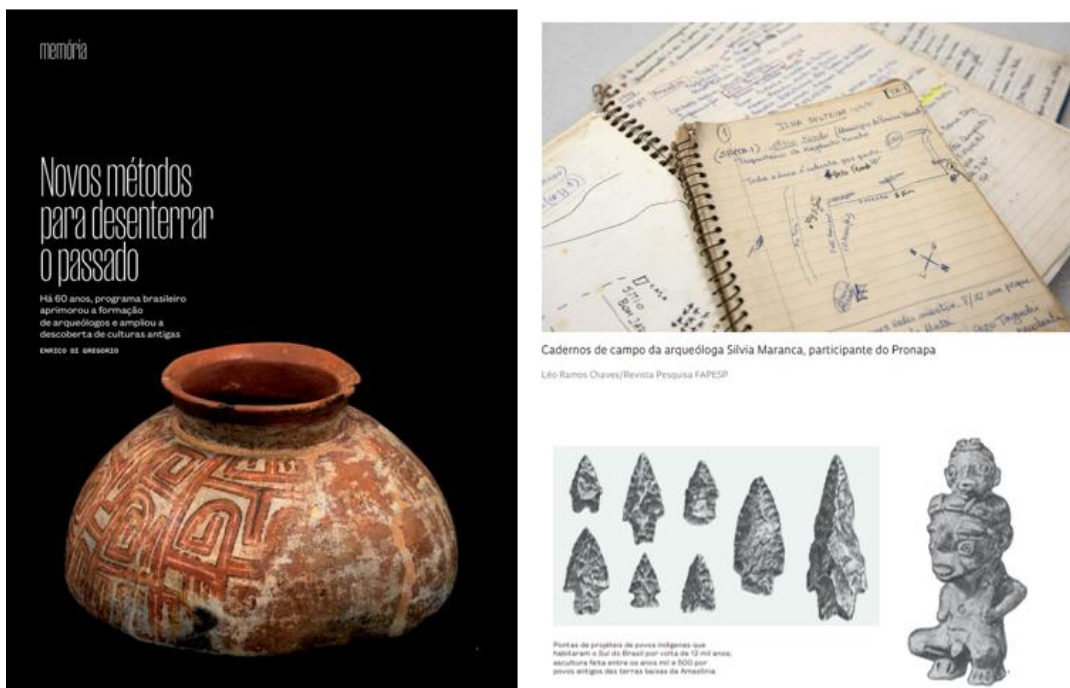


Figura 10: Imagens da matéria ‘As bases da arqueologia moderna no Brasil’, Revista Fapesp. Fonte: Di Gregorio, 2025.

⁴ Brasil, 1961.

A matéria de Enrico Di Gregorio oferece uma síntese positiva e linear do PRONAPA como motor da modernização e profissionalização da arqueologia brasileira, com forte ênfase nas conquistas científicas, com foco na transferência de métodos americanos para o contexto brasileiro.⁵ Essa leitura atribui ao PRONAPA um papel civilizatório, vinculado à suposta superação do amadorismo local. Mas oferece pouca atenção às mediações, resistências ou negociações que marcaram a apropriação desses métodos nas diferentes regiões e instituições brasileiras.

O entendimento recorrente na literatura arqueológica, encontra suporte na perspectiva crítica e politizada de Pedro Paulo Funari.⁶ Para o autor, o PRONAPA deve ser compreendido como expressão de interesses de classe e de alinhamento político-ideológico com a ditadura militar instaurada no Brasil em 1964. Funari caracteriza o programa assim como o regime: autoritário, excludente e comprometido com os interesses das elites nacionais e estrangeiras. Em sua análise, a prática arqueológica no país, desde o início, esteve vinculada a esses interesses dominantes, e o PRONAPA teria reforçado esse padrão ao ser implementado com o apoio conjunto do Smithsonian Institution e dos militares. O autor qualifica grande parte dos resultados do programa como “autoritários”, “com pouca relevância científica” e orientados por uma elite preocupada sobretudo com prestígio social e manutenção de vínculos com as classes superiores.⁷

Esta pesquisa propõe outro caminho: abordar o PRONAPA como um caso de colaboração científica entre Brasil e Estados Unidos durante a segunda metade do século XX, com destaque para os tensionamentos em sua implementação e execução. Assim, é possível analisar suas múltiplas dimensões – institucionais, políticas, epistêmicas e éticas – e sua influência na constituição da arqueologia científica no Brasil. Diante das especificidades e dos desafios impostos pelo objeto, foram mobilizadas ferramentas metodológicas e analíticas da História das Ciências, especialmente aquelas voltadas para o estudo de objetos transnacionais, que consideram as interações e colaborações científicas entre agentes de diferentes países. Esse enfoque permitiu construir uma compreensão mais abrangente do programa, contemplando suas contradições e repercussões, tanto no período de sua implementação quanto em debates contemporâneos sobre o campo arqueológico brasileiro.

⁵ Di Gregorio, 2025.

⁶ Funari, 1989, 1991, 1992, 1994a, 1994b, 1995, 1997; 1998, 1999, 2002a, 2002b, 2003, 2008, 2013a, 2013b, 2015;

⁷ Funari, 2003.

A motivação inicial para esta pesquisa está ligada à minha atuação no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA), entre 2014 e 2024, e ao empenho em compreender a história da formação do seu acervo arqueológico, cuja gênese está atrelada a atuação do espanhol Valentin Calderón (1920-1980), seu idealizador. O museu, contudo, só seria inaugurado em 1983, mais de vinte anos após as pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Calderón e três anos após sua morte. Radicado na Bahia desde 1950, Calderón realizou no início da década de 1960, a primeira escavação de sítio arqueológico na cidade de Salvador, da qual se tem notícia: o Sambaqui da Pedra Ôca, no bairro de Periperi. Em outubro de 1964, Calderón participou do seminário realizado no CEPA/UFPR, onde os Evanses ensinaram o Método Ford de análise cerâmica, e passou a compor o time de arqueólogos que, em campo, executaram o PRONAPA. Assim, compreender a formação do acervo arqueológico do MAE/UFBA passa por compreender este programa.

O estudo histórico do PRONAPA, alvo desta pesquisa, a coloca num período de grande interesse para os historiadores das ciências: o século XX. Este século foi marcado por uma série de eventos nos quais a ciência desempenhou um papel crucial, como ressaltou o historiador Eric Hobsbawm.⁸ Na segunda metade do século, após a Segunda Guerra Mundial, o mundo se dividiu em uma competição polarizada entre os Estados Unidos, de orientação capitalista, e a União Soviética, de orientação comunista. Essa rivalidade, conhecida como Guerra Fria, amplamente conhecida pela corrida espacial, não se limitou a ela. Também abrangeu disputas pela influência política em outros países, incluindo o Brasil, que ocupava uma posição estratégica. Esse período foi marcado por uma política externa que oscilou entre o alinhamento total com Washington e a busca de maior autonomia, como durante a “[...] política externa independente” de Jânio Quadros e João Goulart, como destacou Luiz Souto Maior.⁹

Em solo brasileiro, na esfera política e administrativa, a década de 1960 foi marcada por eventos decisivos que impactaram tanto a arqueologia quanto a vida do país como um todo. Destaca-se, para a história narrada aqui, a já mencionada Lei da Arqueologia, que estabeleceu as bases para a proteção e preservação do patrimônio arqueológico brasileiro. Além disso, esse período foi marcado pelo golpe de Estado de 1964, que depôs o presidente eleito democraticamente e instaurou uma ditadura militar (1964-1981). Esse regime autoritário impôs um estado de exceção, caracterizado pela perseguição brutal aos opositores políticos e pela restrição dos

⁸ Um retrato da complexidade do século XX pode ser lida em *‘Era dos Extremos: O breve século XX’* de Eric Hobsbawm, 2006.

⁹ Souto Maior, 2001. p.58.

direitos individuais dos cidadãos brasileiros. Sobre o tema, Souto Maior destaca que os acontecimentos de 1964 puseram fim àquela fase de mais independência na política externa, dando espaço para um período de alinhamento total com os Estados Unidos.¹⁰

Desde a redemocratização do Brasil, consolidou-se na literatura arqueológica a leitura polarizada sobre o PRONAPA, ancorada em dicotomias rígidas entre “colaboradores” e “resistentes” ao regime militar. Tal enquadramento, embora compreensível no contexto de rediscussão pública da memória da ditadura, tende a obscurecer a complexidade das relações entre ciência, política e institucionalidade naquele período. Para superar essa simplificação, esta pesquisa adota uma abordagem transnacional da história das ciências, que permite articular múltiplos níveis de agência, circulação e negociação. Inspirada nos aportes teóricos de autores como Oscar Moro-Abadía, Ian Tyrrel e John Krige, essa perspectiva busca tensionar as fronteiras nacionais, visando compreender de que forma programas como o PRONAPA foram moldados por redes amplas de atores e por dinâmicas que atravessavam fronteiras geográficas, disciplinares e ideológicas.¹¹

QUE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA ESCREVER? DEBATES, TENSÕES E CAMINHOS ALTERNATIVOS

A inclusão da arqueologia como objeto de estudo na História das Ciências consolidou-se tardiamente, a partir da década de 1990, embora já houvesse esforços pontuais em décadas anteriores. Um marco decisivo nesse processo foi a publicação do livro *A History of Archaeological Thought*, do arqueólogo e historiador Bruce Trigger, cuja primeira edição data de 1989 e a segunda, revista e ampliada, de 2006.¹² Ambas foram traduzidas para o português (em 2004 e 2011) e rapidamente se tornaram referências nos programas de formação de arqueólogos no Brasil e em outros países.¹³ A obra representou um ponto de inflexão importante na análise crítica da disciplina, influenciando profundamente a História da Arqueologia, e a própria Arqueologia.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Moro Abadia 2006 2009, 2010, 2017 e 2020; Tyrrell, 2007; Krige, 2019.

¹² Trigger, 1989 e 2006.

¹³ Ambas as edições foram traduzidas por Ordep Trindade Serra, professor de antropologia da UFBA e publicadas pela editora Odysseus (Trigger, 2004 e 2011).

Com esse livro, Trigger evidenciou o papel das ideias, dos contextos sociais e das instituições na conformação das práticas arqueológicas, inaugurando uma abordagem que passou a ser reconhecida como História Social da Arqueologia. Seu argumento central aponta para a existência de uma relação estreita entre o tipo de pesquisa realizada e o meio social em que ela se insere. Em suas palavras: “[...] mais especificamente, eu sugeriria que a natureza da pesquisa arqueológica é moldada em um grau significativo pelos papéis que determinados Estados-nação desempenham, econômica, política e culturalmente, como partes interdependentes do sistema-mundo moderno”.¹⁴

Apesar de fornecer uma visão menos idealizada da disciplina, essa abordagem acabou por obscurecer outras características e processos que moldaram a prática arqueológica ao longo da história. Para Oscar Moro Abadía, essa ênfase excessiva no nacionalismo e no colonialismo dificulta a concepção de que os arqueólogos também podem colaborar internacionalmente em prol da ciência.¹⁵ O autor argumenta que o internacionalismo, para ele um valor intrínseco às ciências em geral e, em especial, à arqueologia pré-histórica, muitas vezes não é devidamente destacado ou é relegado a um segundo plano em abordagens historiográficas que têm como unidade principal de análise o nacionalismo/colonialismo. Sobre o internacionalismo ser ou não *intrínseco* às ciências, existe um amplo debate na História das Ciências.¹⁶ Para além disso, ele definitivamente pode ser tratado como um assunto de pesquisa histórica. Isto porque quando sua construção é estudada ou considerada pode-se revelar as estratégias complexas que o fizeram possível.

Atualmente Oscar Moro Abadía é uma das principais vozes nos debates sobre quais histórias da arqueologia devem ser escritas e quais seus potenciais usos para a própria prática arqueológica.¹⁷ O autor observa que grande parte da historiografia da disciplina foi construída sob a influência de um conceito positivista de ciência, que privilegia o acúmulo de

¹⁴Trigger, 2006, p. 356. Original em inglês: (...) my investigation leads me to believe that there is a close relationship between the nature of archaeological research and the social milieu in which it is practised (sic). More specifically, I would suggest that the nature of archaeological research is shaped to a significant degree by the roles that particular nation states play, economically, politically, and culturally, as interdependent parts of the modern world system.

¹⁵ Moro Abadia 2006 2009 e 2010.

¹⁶ Salomon 1971; Crawford, 1988; Crawford, Shinn & Sörlin, 1993; Doel, 2020; Slotten, Numbers & Livingstone. (Eds), 2020.

¹⁷ Moro Abadia, 2017.

conhecimento e a evolução das técnicas de análise.¹⁸ Como alternativa, propõe uma história “negativa” da arqueologia, “[...] não como a história das grandes conquistas científicas, mas como a longa história da luta dos arqueólogos para se livrarem dos preconceitos que impediram (e que impedem) o conhecimento do passado”.¹⁹

Segundo Moro Abadía, esse olhar possibilita reinterpretar momentos-chave da história da disciplina, ao mesmo tempo em que torna visíveis os preconceitos que historicamente a atravessaram além de sinalizar e questionar os preconceitos que permearam a disciplina. Desafiar esses preconceitos “[...] fez avançar a ciência mais do que qualquer descoberta ou desenvolvimento técnico”.²⁰ Em artigo publicado em 2023, o autor reforça esse posicionamento ao afirmar que “[...] precisamos de histórias novas e pluriversais da arqueologia para compreender o nosso presente em mudança”.²¹

Inspirada por essas reflexões, esta pesquisa buscou oferecer uma alternativa à leitura nacionalista e linear da história da arqueologia no Brasil. Uma possibilidade que pode ser mobilizada como alternativa à dualidade entre colaboração e resistência é a adoção da abordagem transnacional para análise em História das Ciências. Essa perspectiva é definida por Ian Tyrrell como relacionada ao “[...] movimento de pessoas, ideias, tecnologias e instituições por entre fronteiras nacionais”.²²

O uso de lentes transnacionais permite descentralizar o Estado-nação como unidade analítica primordial, ampliando o olhar para as complexas relações de interdependência entre agentes, redes e instituições que atravessam as fronteiras nacionais. Nesse sentido, John Krige enfatiza que “[...] ciência e tecnologia parecem especialmente suscetíveis a tais análises, sendo produtos de grandes e complexas instituições sociais que, pelo menos em princípio, transcendem as fronteiras das nações e dos Estados-nação”.²³

¹⁸ Moro Abadía, 2020.

¹⁹ *Ibidem*, posição 33. Original em francês: *[...] l’histoire de l’archéologie pourrait être racontée d’une autre manière, non pas comme l’histoire des grandes conquêtes scientifiques, mais comme la longue histoire de la lutte des archéologues pour se débarrasser des préjugés qui ont entravé (et qui entravent) la connaissance du passé (grifo do autor).*

²⁰ *Ibidem*, posição 34. Original em francês: *[...] a fait avancer la science plus qu’aucune découverte ou développement technique.*

²¹ *idem*, 2023, p. 7. Original em Inglês: *(...) we need new and pluriversal histories of archaeology to understand our changing present.*

²² Tyrrell, 2007, s.p.

²³ Krige, 2019, p. 1.

OBJETIVOS E ABORDAGEM

Tendo como cenário o intrincado contexto apresentado anteriormente, esta pesquisa se debruçou sobre o PRONAPA com o objetivo de compreender sua criação, implementação e execução. Para tanto, foram mobilizadas ferramentas metodológicas e analíticas da História das Ciências, com ênfase nas interações e colaborações científicas entre brasileiros e norte-americanos. Esse enfoque permitiu uma compreensão ampliada do programa, atentando para suas contradições, negociações institucionais e repercussões, tanto no período de sua realização quanto nos debates historiográficos contemporâneos.

Para alcançar este objetivo principal, a pesquisa desenvolveu-se ao redor dos seguintes objetivos específicos:

- * Investigar a formação, implementação e trajetória do PRONAPA à luz de uma abordagem transnacional da História das Ciências, com ênfase nas negociações, ambiguidades e disputas que envolveram instituições e sujeitos brasileiros e norte-americanos;
- * Analisar criticamente as narrativas historiográficas sobre a arqueologia brasileira, especialmente aquelas que simplificam a relação entre ciência e ditadura militar em termos dicotômicos (colaboração vs. resistência);
- * Destacar o protagonismo de agentes brasileiros e regionais – especialmente fora do eixo Rio-São Paulo – na construção do PRONAPA, evidenciando suas estratégias de mediação, acomodação e autonomia relativa;
- * Contribuir para uma renovação dos estudos sobre a história da arqueologia no Brasil, propondo uma narrativa que reconheça as dimensões políticas, sociais e institucionais do fazer científico em contextos autoritários;
- * Reconstituir a trajetória de Valentin Calderón na Bahia e seu papel na consolidação do campo arqueológico regional, relacionando-a ao contexto institucional da UFBA e às redes internacionais mobilizadas pelo PRONAPA.

A abordagem transnacional, mais do que uma simples ampliação geográfica do objeto, implica uma mudança no modo de ver: um deslocamento do chamado “nacionalismo metodológico”,

que historicamente moldou parte significativa da historiografia arqueológica. Essa perspectiva possibilita (adiantando, aqui, alguns dos resultados alcançados) identificar as raízes do PRONAPA não apenas nos Estados Unidos, mas também em terras colombianas (mais especificamente em Barranquilla), onde importantes experiências anteriores foram fundamentais para a constituição do programa no Brasil.

Ao investigar as trocas, conexões e redes estabelecidas entre o casal Betty Meggers e Clifford Evans e os diversos interlocutores no Brasil — entre eles o arqueólogo da Bahia, o espanhol Valentin Calderón - foi possível evidenciar como tais interações desempenharam papel decisivo na formação das bases conceituais, institucionais e políticas do PRONAPA. Essas trocas não apenas contribuíram para a implementação de um novo modelo de arqueologia no país, como também reconfiguraram as dinâmicas internas do campo arqueológico brasileiro.

Aliada à abordagem transnacional, esta pesquisa mobiliza também uma chave de interpretação sociológica inspirada em Pierre Bourdieu,²⁴ para quem os campos científicos são espaços estruturados de disputas pela autoridade legítima, atravessados por lutas simbólicas em torno da definição do que é reconhecido como ciência e de quem detém o poder de produzi-la. Essa perspectiva permite compreender o PRONAPA não apenas como um projeto técnico-científico, mas como um dispositivo de reorganização do campo arqueológico brasileiro. Nele, diferentes agentes mobilizaram capitais científicos, políticos e institucionais na disputa por posições de prestígio e visibilidade, tanto no cenário nacional quanto em circuitos internacionais. O uso articulado dessas abordagens — transnacional e sociológica — possibilita iluminar as estratégias, os conflitos e as negociações que marcaram a constituição de um novo regime de produção arqueológica no Brasil durante a segunda metade do século XX.

FONTES E ESTRUTURA DA TESE

A condução desta pesquisa baseou-se em uma ampla análise de fontes primárias e secundárias, o que implicou tanto um levantamento bibliográfico expressivo quanto a consulta a diferentes acervos documentais. O mapeamento da literatura permitiu identificar os principais relatos já construídos sobre a história da arqueologia no Brasil, especialmente na segunda metade do século XX, e compreender como os personagens centrais desse período têm sido retratados e interpretados nos estudos existentes.

²⁴ Bourdieu, 1983, 1989, 2004.

Entre as fontes primárias, destaca-se o *Arquivo Pessoal de Valentín Calderón*, depositado no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA (MAE/UFBA) em 2013, por iniciativa de sua então viúva, Dona Lydia Maria Santanna de Calderón (falecida em 2016). A partir dessa doação, o museu instituiu o projeto *Herança, memória e esquecimento: por uma musealização do espólio intelectual do arqueólogo Valentín Calderón*, que, embora tenha buscado valorizar sua trajetória, não resultou diretamente em ações de disponibilização sistemática do acervo para pesquisadores.²⁵ Essa situação permanece até hoje, apesar dos esforços iniciados em 2019 que visaram instrumentalizar e disponibilizar o arquivo pessoal para pesquisa, digitalizando e identificando os documentos.

Em sua composição, o *Arquivo Pessoal de Valentin Calderón* conta com tipos variados de documentos: correspondências, fotografias, recortes de jornal, arquivos pessoais e arquivos institucionais, sobre a UFBA e sobre a Fundação Cultural do Estado da Bahia, onde Calderón também atuou. Esses documentos revelam aspectos ainda pouco conhecidos de sua trajetória e apontam para sua inserção em redes institucionais transnacionais e interdisciplinares. Além disso, o conjunto documental oferece subsídios para a reinterpretação de sua atuação na arqueologia baiana, desafiando leituras unidimensionais ou isoladas. Parte dos documentos remonta inclusive ao período anterior à sua contratação na UFBA, o que contribui para a construção de uma narrativa mais ampla sobre a história institucional da universidade e da arqueologia na Bahia.

Em 2022, a pesquisa foi ampliada com a realização de um estágio de nove meses no *National Museum of Natural History (NMNH)* da *Smithsonian Institution (SI)*, viabilizado pelo financiamento da *Comissão Fulbright no Brasil*, no âmbito do programa *Doctoral Dissertation Research Award (DDRA) 2022–2023*. Durante esse período, o foco principal esteve na consulta à coleção *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, parte do acervo do *National Anthropological Archives (NAA/SI)*. Esta coleção está dividida em 12 séries, das quais foram consultadas: 1. *Personal*, 1893-201; 3. *Research*, 1930-2011; 4. *Correspondence*, 1922-2012; 5. *Conferences and Seminars*, 1949-2010; 7. *Smithsonian Institution Amazon Ecosystem Program*, 1962-2008; 8. *National Program of Archeological Research in Brazil*, 1961-1989; 9. *Paleoindian Research: Paleoclimatology and Paleofauna Programs*, 1960-1992; 10. *Latin Archaeology Fund*, 1971-1991; 11. *Photographs*, 1937-2008.

²⁵ Alcântara, 2021.

As coleções citadas acima compõem o principal corpus analítico desta tese. Outras coleções foram consultadas, com o intuito de fornecer contextualização e suporte documental à análise. Ainda no NAA/SI, foram examinados os arquivos de Beatrice Medicine, Berta Ribeiro e James A. Ford, bem como documentos do arquivo institucional do Departamento de Antropologia do NMNH. Também foram consultadas as coleções **William F. Meggers Papers (1917–1966)** e **William F. Meggers Papers, Addition**, 1870-1973, pertencentes ao **American Institute of Physics/Center for History of Physics**, que reúne documentos do pai de Betty Meggers e ofereceram pistas relevantes sobre as influências familiares e intelectuais que moldaram sua formação científica.

No Brasil, foram acessados arquivos institucionais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), por meio da Coordenação de Arquivo e Documentação (CAD/UFBA), do Núcleo de Documentação e Informação (NDI/UFBA), da Superintendência de Meio Ambiente e Infraestrutura (SUMAI/UFBA) e do Arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH/UFBA). Além disso, consultaram-se os arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), disponíveis no repositório do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST); e o arquivo pessoal de Thales de Azevedo, gentilmente cedido por seu filho, Paulo Ormino.

Para além dos arquivos físicos, foram identificados documentos relevantes em bases de dados digitais. Entre as principais fontes consultadas estão: *Opening the Archives: Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s-80s*, fruto de uma parceria entre a Universidade Estadual de Maringá (Paraná) e a Brown University, disponível no repositório desta última;²⁶ o *National Archives Catalog*;²⁷ o *The Washington Post*;²⁸ o *Internet Archive*;²⁹ o Arquivo Nacional;³⁰ o projeto

²⁶ *Opening The Archives*, c2014.

²⁷ *National Archives*, c2009.

²⁸ *Washington Post*, c2000.

²⁹ *Internet Archive*, 2014.

³⁰ *Arquivo Nacional*, 2016.

Memórias Reveladas,³¹ o Arquivo Público Mineiro;³² e os arquivos disponibilizados na plataforma *Arquivos da UFBA*.³³

A vasta quantidade de documentos consultados integra os procedimentos metodológicos adotados, que envolveram processos de leitura crítica histórica, contemplando tanto a crítica externa quanto a interna aos documentos. A crítica externa buscou analisar a natureza dos documentos, considerando sua originalidade ou reprodução, a existência de possíveis alterações ou erros que pudessem induzir ao equívoco, bem como sua autoria e procedência. Já a crítica interna consistiu na avaliação e interpretação do valor objetivo dos documentos, por meio da análise detalhada de seu conteúdo, das intencionalidades, interlocutores e da coerência interna e com outras fontes contemporâneas.

Ao longo desta tese, a arqueologia é tratada não apenas como uma prática científica, mas como um campo de disputas, negociações e narrativas em constante construção. Cada capítulo acompanha um aspecto dessa trama, percorrendo diferentes escalas — da historiografia nacional aos bastidores das relações interpessoais, passando por instituições brasileiras, com destaque para o Instituto de Ciências Sociais da UFBA aos corredores da Smithsonian Institution. Além da Apresentação, desta Introdução e das Considerações Finais, essa tese está dividida em cinco capítulos e um epílogo, como descritos abaixo:

O primeiro capítulo, **“Escavando Narrativas: A Arqueologia e suas Historiografias no Brasil”**, oferece um panorama sobre como a arqueologia brasileira foi sendo narrada e disputada no Brasil ao longo do tempo, sobretudo no século XX. Aqui, as lentes se voltam para a construção historiográfica da disciplina, para os embates entre arqueologia, antropologia e história, bem como para os efeitos de contextos políticos, como o regime militar, nas formas de fazer e contar a arqueologia no país. O capítulo termina com uma problematização das leituras polarizadas sobre o PRONAPA, propondo um olhar mais atento às suas dimensões transnacionais e ambíguas.

O segundo capítulo, **“Clifford Evans e Betty Meggers Antes do PRONAPA”**, desloca o foco para os Estados Unidos e acompanha as trajetórias do casal que idealizou o programa. A narrativa percorre suas primeiras experiências na América Latina, a construção do método de análise cerâmica que influenciaria gerações de arqueólogos e os contatos iniciais com o Brasil.

³¹ Arquivo Nacional, 2022.

³² Arquivo Público Mineiro, 2006.

³³ Arquivos Da Ufba. 2023.

Mais do que um capítulo biográfico, trata-se de entender os caminhos pelos quais ciência, poder e diplomacia foram se entrelaçando antes mesmo da chegada oficial do PRONAPA.

No terceiro capítulo, **“Entre a Ciência e o Patrimônio: O PRONAPA e a Colaboração Brasil-USA”**, o centro da análise passa a ser a montagem institucional do programa no Brasil. São discutidos os acordos interinstitucionais, os fluxos de recursos, as negociações políticas e os desafios logísticos de implementar um programa nacional em meio a um contexto de Guerra Fria e ditadura militar. A ciência arqueológica é aqui apresentada em sua dimensão mais negociada, atravessada por interesses de diferentes ordens.

O quarto capítulo, **“O PRONAPA em Campo: Plano Nacional, Desafios Locais”**, mergulha nas práticas concretas do programa. A narrativa acompanha a formação da equipe brasileira, os deslocamentos entre os estados, a distribuição de recursos e as relações pessoais que se tornaram tão determinantes para o sucesso — ou o fracasso — das ações locais. Mais do que um inventário das atividades de campo, este capítulo busca entender como um projeto pensado em Washington foi sendo reconfigurado em cada canto do Brasil.

No quinto capítulo, **“O PRONAPA na Universidade Federal da Bahia: Valentin Calderón e o Instituto de Ciências Sociais”**, a escala se estreita para a Bahia. A trajetória de Valentin Calderón é usada como fio condutor para analisar os impactos institucionais do PRONAPA na UFBA, os conflitos internos, o isolamento vivido por Calderón e os efeitos duradouros (e ambivalentes) dessa experiência na arqueologia baiana.

Por fim, o epílogo, **“Agora Falando Sério: Política nas Relações de Evans e Meggers no Brasil”**, retoma o debate sobre ciência e política, propondo uma leitura que escapa das simplificações binárias que marcaram parte da historiografia sobre o tema. Ao invés de reforçar dicotomias entre colaboração e resistência, o epílogo convida a pensar o PRONAPA como um espaço de ambiguidade, negociação e dilemas éticos, onde ciência e política se entrelaçaram de formas, por vezes, inesperadas.

Assim, esta tese propõe uma reinterpretação do PRONAPA, à luz da história das ciências, através de seus agentes e das instituições que o tornaram possível, ou o colocaram em disputa. Ao privilegiar uma abordagem transnacional, sensível às ambiguidades dos contextos autoritários e às tramas interpessoais que atravessaram a ciência, o trabalho busca iluminar zonas ainda pouco exploradas da história da arqueologia brasileira. Mais do que oferecer respostas definitivas, pretende-se aqui deslocar certezas, provocar novas perguntas e contribuir para uma história da ciência mais complexa, situada e atenta aos seus tensionamentos.

CAPÍTULO 1: ESCAVANDO NARRATIVAS: A ARQUEOLOGIA E SUAS HISTÓRIAS NO BRASIL

“A arqueologia é a ciência da escavação e da descoberta.”³⁴ É assim que Martin Porr, um arqueólogo australiano, define a arqueologia em capítulo do recente livro “*Engaging With the Past and Present: The relationship Between Past and Present across the Disciplines*”, editado pelo historiador Paul M Dover, que busca retratar como as disciplinas científicas relacionam o passado e o presente. Para o autor “o desenvolvimento da arqueologia como um empreendimento acadêmico foi um elemento-chave nas grandes mudanças intelectuais do século XIX”.³⁵ Ele também defende que a arqueologia foi a responsável por transformar a compreensão do passado humano e do que significa ser humano. A materialidade da escavação frequentemente é investida de uma aura quase mítica. Como se o arqueólogo, munido de pincel e colher, operasse uma espécie de máquina do tempo, capaz de acessar diretamente humanidades perdidas. No entanto, essa concepção tende a ofuscar o fato de que todo acesso ao passado é mediado por práticas técnicas, escolhas interpretativas e contextos sociais específicos, desafiando a noção de neutralidade ou transparência no trabalho arqueológico.

Assim como um arqueólogo, um historiador tem acesso ao passado por meio de traços e vestígios escritos que precisam ser combinados e questionados para gerar uma história. Olhar para o passado da Arqueologia, observar a materialidade dessa história nos arquivos, com suas pastas, fichas, recortes e colagens, traz junto uma metalinguagem comum e ao mesmo tempo estranha à arqueóloga que passa por um processo de historiadora da ciência em formação. É fácil se perder nos pormenores e minúcias de assuntos e confissões, em cada disputa ou entendimentos. Por vezes as leituras nos permitem quase visualizar esse passado, mas assim como um arqueólogo não analisa a totalidade de uma cultura através de um sítio arqueológico, o historiador não consegue vislumbrar uma história completa. Nesse sentido, Marc Bloch já enunciara que olhar para o passado é sempre olhar para um fragmento dele, e é preciso ter em

³⁴ Porr, 2023, p. 143. Original em inglês: Archaeology is the science of excavation and discovery.

³⁵ *Ibidem*. Original em inglês: The development of archaeology as an academic endeavour was a key element in the great intellectual shifts of the 19th century.

mente qual é essa parte do passado a ser observada, quais perguntas serão feitas e porque é importante, salientando que essa importância se dá no presente.³⁶

Por ser uma disciplina histórica, que investiga o passado da humanidade, era de se imaginar que as pesquisas em história da arqueologia estivessem avançadas. No entanto esta não é a realidade, pelo menos em relação ao Brasil.³⁷ A história das ciências, como área do saber, possui ferramentas metodológicas que permitem abordar a construção do conhecimento científico ampliando o leque das discussões sobre elas e as implicações no hoje. Uma dessas perspectivas possibilitadas é a que considera ciência como produto da cultura humana, possibilitando a realização de trabalhos teóricos e empíricos que levam em consideração as ferramentas e as localidades físicas do fazer científico. Sobre o entendimento da ciência como cultura os historiadores das ciências Barry Barnes e Steven Shapin escrevem que:

Cada vez mais nos tornamos preparados para tratar a ciência como um aspecto de nossa cultura como qualquer outro. A intensa preocupação das gerações anteriores com o status especial da ciência e suas supostas características distintivas começou a diminuir. Sem qualquer grande proclamação ou reviravolta catastrófica no método, os estudiosos estão cada vez mais dispostos a aceitar relatos de mudanças científicas simplesmente como as técnicas de sua disciplina os revelam, e a perceber cada vez menos a necessidade de uma “reconstrução racional” do passado. Existe agora um interesse real em nosso conhecimento natural como produto de nosso modo de vida, como algo que construímos e não algo que nos foi, por assim dizer, revelado.³⁸

Entender ciência como uma das manifestações da cultura, ainda segundo os autores, permite retirar a ciência de um contexto esotérico e até mítico, no qual a verdade é simplesmente revelada ao cientista. Isso porque compreende que nenhum aspecto cultural é totalmente autônomo em relação ao contexto geral da sociedade em que pertence e, como ressalta Steven Shapin, carregam de modo discernível as marcas desses locais de produção.³⁹ Com relação ao entendimento do termo cultura, Andrew Pickering na introdução do livro *“Science as Practice*

³⁶ Bloch, 2001.

³⁷ Já que no restante do mundo, especialmente anglo-saxão, essa é uma área de pesquisa que tem se desenvolvido desde fins da década de 1980 (Moro Abadia, 2010).

³⁸ Barnes e Shapin, 1979, p. 9. Original em inglês: *Increasingly, we have become prepared to treat science as an aspect of our culture like any other. The intense concern of earlier generations with the special status of science and its allegedly distinctive characteristics has begun to ebb away. Without any great proclamation or catastrophic upheaval in method, scholars have been increasingly willing to accept accounts of scientific change simply as the techniques of their discipline reveal it to them, and to perceive less and less need for a “rational reconstruction” of the past. There is now a real interest in our natural knowledge as a product of our way of life, as something we have constructed rather than something which has been, so to speak, revealed to us.*

³⁹ Shapin, 1995.

and Culture”, oferece um entendimento amplo onde “[...] *cultura* denota o campo de recursos que os cientistas utilizam em seu trabalho, e *prática* refere-se aos atos de fazer (e desfazer) que eles realizam nesse campo”.⁴⁰ Pickering chama a atenção que:

Também pode ser útil enfatizar que meu uso de “cultura” aqui é deflacionário. Abrange todos os recursos, muitos deles humildes e mundanos, que os cientistas utilizam e transformam em sua prática. Não é uma forma de gesticular para visões de mundo grandiosas e abrangentes, por exemplo, ou para grandes correntes culturais que fluem entre a ciência e o mundo exterior – embora também não seja uma forma de negar que caracterizações unificadoras de culturas inteiras também podem ser perspicazes na ocasião⁴¹.

Essa compreensão de cultura se assemelha com a defendida por muitos teóricos em arqueologia, e que está descrita no Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural: “A Arqueologia se caracteriza como uma ciência que se debruça sobre o estudo da materialidade elaborada pelas sociedades humanas como um dos aspectos de sua cultura – em sentido amplo – sem limitar-se ao caráter cronológico.”⁴² Ao substituir *materialidade* por *ciência* nessa definição evidencia-se o quanto essas perspectivas convergem. Colin Renfrew e Paul Bahn explicam, no caso da arqueologia, esse sentido amplo como sendo ter uma imagem clara de como as pessoas viviam e como exploravam seu entorno, mas também interessa saber o porquê viviam dessa forma e como se formaram seus modos de vida e sua cultura material.⁴³ Tal abordagem ressalta que a arqueologia busca compreender tanto as dinâmicas cotidianas quanto os processos históricos mais profundos que moldaram as sociedades humanas, indo além da simples descrição de artefatos para interrogar os significados e contextos de sua produção.

Contudo esses questionamentos raramente são encaminhados para a própria ciência, ignorando ser o fazer arqueológico objeto de análise, por exemplo. Ao lidar com objetos, os arqueólogos tendem a ignorar suas próprias agências nesses objetos, ao considerar a de quem os criaram. Admitir que a arqueologia, enquanto ciência, é também parte da cultura, permite aos arqueólogos conceberem uma atuação menos incontestável e, por isso mesmo, mais acessível e relevante. Dito de outro modo, embora Alejandro Haber e Amy Roberts considerem a arqueologia “[...] uma disciplina obcecada por sua história”,⁴⁴ raramente essa historicização é

⁴⁰ Pickering, 1992. p. 3.

⁴¹ *Ibidem*, p. 3.

⁴² Saladino e Pereira, 2016, p. 1.

⁴³ Renfrew e Bahn, 2007.

⁴⁴ Haber e Roberts, 2014, p. 3411. Original em Inglês: (...) *is a discipline obsessed with its own history*.

feita de maneira crítica. O que se construiu foram narrativas que contribuíram elas próprias para a formação e institucionalização do campo de conhecimento.⁴⁵ A construção dessas narrativas, muitas vezes celebratórias, não é exclusividade da arqueologia: ela acompanha a trajetória de diversas disciplinas científicas, nas quais a história foi usada para reafirmar limites e hierarquias “naturais” entre campos de saber.⁴⁶

Ao reconhecer a arqueologia como um saber atravessado por contextos culturais, sociais e históricos, torna-se essencial examinar de que maneira sua trajetória tem sido abordada pela historiografia das ciências. A seção a seguir explora os diálogos, aproximações e tensões entre a História das Ciências e a História da Arqueologia, destacando como distintas abordagens teóricas e metodológicas têm moldado a compreensão do desenvolvimento da arqueologia no Brasil.

1.1 ENTRE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA

O modo como a arqueologia construiu sua narrativa histórica reflete as tensões entre legitimação disciplinar e crítica historiográfica. Nathan Schlanger, arqueólogo e historiador da arqueologia, observa que até a década de 1980 predominavam duas finalidades nos resgates históricos das disciplinas: mostrar como a arqueologia se desenvolveu como uma sucessão de teorias e paradigmas, constantemente equivocados, mas em evolução, até o desenvolvimento da abordagem a ser utilizada; e/ou reafirmar por meio do passado que se trata de uma disciplina científica.⁴⁷ Assim, a história da arqueologia durante muito tempo se assemelhou a um catálogo, com destaque para as principais descobertas e para os heroicos precursores (geralmente homens) que garantiram o desenvolvimento do campo.

Essa pesquisa se insere em outro contexto, o que inclui a arqueologia como objeto de estudo da História das Ciências, abordagem que vem se consolidando como área de pesquisa desde a década de 1990. Como já ressaltado, um ponto de inflexão fundamental nesse processo ocorreu com a obra de Bruce Trigger, *A History of Archaeological Thought* (História do Pensamento Arqueológico), cuja primeira edição foi publicada em 1989, e a segunda, revista e ampliada,

⁴⁵ Díaz-Andreu, 2007, p. 3

⁴⁶ Wilson, 2017.

⁴⁷ Schlanger, 2002.

em 2006 (Figura 11).⁴⁸ O livro foi traduzido para diversas línguas, incluindo o português, com as traduções publicadas em 2004 e 2011, respectivamente.⁴⁹

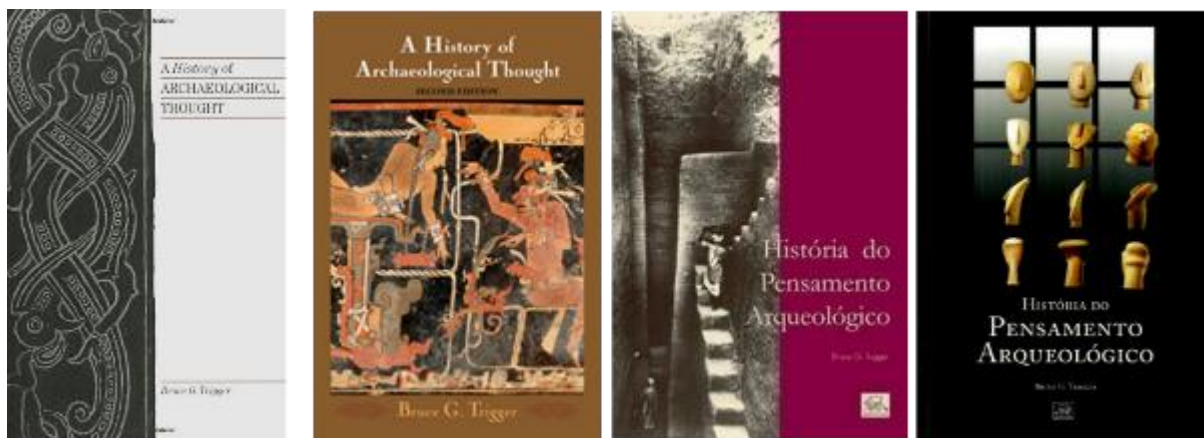


Figura 11: O livro *A History of Archaeological Thought* (*História do Pensamento Arqueológico*) em suas primeiras e segundas edições em inglês (1989 e 2006) e português (2004 e 2011).

Com seu livro, Trigger colocou em evidência o papel da sociedade e das ideias nas investigações arqueológicas, inaugurando uma História Social da Arqueologia. Esse entendimento se opunha ao de uma arqueologia homogênea e única, mais próxima da busca da ciência pura positivista. Trigger argumentou que existe uma estreita relação entre a natureza da pesquisa arqueológica e o meio social em que ela é praticada e que, portanto, ele deve ser considerado nas análises das histórias da arqueologia. De fato, ele chega a afirmar que:

[...] minha investigação me leva a acreditar que existe uma estreita relação entre a natureza da pesquisa arqueológica e o meio social em que ela é praticada. Mais especificamente, eu sugeriria que a natureza da pesquisa arqueológica é moldada em um grau significativo pelos papéis que determinados Estados-nação desempenham, econômica, política e culturalmente, como partes interdependentes do sistema-mundo moderno⁵⁰.

O fortalecimento do campo da história da arqueologia tornou-se especialmente visível a partir da obra de Trigger, sobretudo no mundo anglo-saxão. Exemplos dessa consolidação são a publicação da *Encyclopedia of the History of Archaeology*, organizada por Tim Murray e

⁴⁸Trigger, 1989; Trigger, 2006.

⁴⁹ Trigger, 2004; *Idem*, 2011.

⁵⁰*Ibidem* p. 356. Original em inglês: (...) *my investigation leads me to believe that there is a close relationship between the nature of archaeological research and the social milieu in which it is practised (sic). More specifically, I would suggest that the nature of archaeological research is shaped to a significant degree by the roles that particular nation states play, economically, politically, and culturally, as interdependent parts of the modern world system.*

composta por cinco volumes;⁵¹ a criação de uma revista dedicada ao tema — o *Bulletin of the History of Archaeology*⁵² e o estabelecimento de um grupo de pesquisa específico, o *History of Archaeology Research Network* (HARN).⁵³ Tais iniciativas refletem o processo de consolidação da história da arqueologia como um campo legítimo e em expansão. Para Nathan Schlanger, a história da arqueologia sempre desempenhou “[...] um papel edificante na garantia da identidade disciplinar e da coesão institucional, e de fato na audição de conquistas e na estimativa do ritmo das evidências arqueológicas.”⁵⁴

De acordo com o arqueólogo e historiador das ciências, Oscar Moro Abadía, o surgimento de novos paradigmas na arqueologia a partir da década de 1980 — resultado do impacto do pós-modernismo — promoveu uma revalorização significativa da história da disciplina nas últimas décadas.⁵⁵ Nesse processo, as ideias de Bruce Trigger desempenharam um papel central na consolidação de uma abordagem historiográfica mais crítica e reflexiva sobre os rumos da arqueologia. Atualmente, Moro Abadía tem se destacado como uma das principais vozes nos debates sobre quais histórias da arqueologia devem ser escritas e quais os seus possíveis usos.⁵⁶ Uma das alternativas apresentadas pelo autor é a produção de histórias *negativas* do progresso em arqueologia.⁵⁷ Ele argumenta que grande parte da historiografia arqueológica foi construída com base em um conceito positivista de ciência e, por isso, apresenta um viés ‘presentista’. Como alternativa, Abadía sugere que “[...] a história da arqueologia poderia ser contada de outra forma — não como a história das grandes conquistas científicas, mas como a longa história da luta dos arqueólogos para se livrarem dos preconceitos que impediram (e ainda impedem) o conhecimento do passado”.⁵⁸ Essa perspectiva permite reinterpretar momentos-chave da trajetória da disciplina e, ao mesmo tempo, identificar e questionar os preconceitos que historicamente a atravessaram.

⁵¹ Murray, 1999 e 2001.

⁵² *Bulletin of the History of Archaeology* c2000.

⁵³ *Histories of Archaeology Research Network Weblog: HARN*, 2008.

⁵⁴ Schlanger, 2002. p 128

⁵⁵ Moro Abadía, 2013.

⁵⁶ Moro Abadía, 2017.

⁵⁷ Moro Abadía, 2020.

⁵⁸ *Ibidem*, posição 33. Original em Francês: [...] l’histoire de l’archéologie pourrait être racontée d’une autre manière, non pas comme l’histoire des grandes conquêtes scientifiques, mais comme la longue histoire de la lutte des archéologues pour se débarrasser des préjugés qui ont entravé (et qui entravent) la connaissance du passé (grifo do autor).

Como exemplo, Moro Abadía utiliza um conceito que norteia a pesquisa arqueológica (bem como a ciência como um todo): o eurocentrismo. Arqueólogos imbuídos deste, estabeleceram os registros arqueológicos europeus como régua (e meta) pela qual as demais sociedades eram medidas. Também foram os sítios europeus que definiram os modelos explicativos desenvolvidos marginalizando outras áreas, inclusive a África (berço do homo sapiens) dos debates sobre as origens da modernidade cultural e da arte. Uma história ‘negativa’ do progresso na arqueologia permite indicar que os pesquisadores que buscavam entender a modernidade do sapiens se limitavam a sítios europeus, questionando dados que aparecessem em outros locais do mundo. Ainda segundo o autor, “[...] o conhecimento arqueológico progride destruindo antigas representações e mitos que dificultam o conhecimento do passado”.⁵⁹

É também Oscar Moro Abadía que vai questionar a abordagem extremamente externalista de Bruce Trigger, e das pesquisas que se desenvolveram utilizando os mesmos critérios.⁶⁰ Para o autor, a despeito de apresentar uma imagem menos idealizada da disciplina, “[...] o foco atual no nacionalismo e no colonialismo torna difícil imaginar que os arqueólogos também possam cooperar internacionalmente em nome da ciência.”⁶¹ O autor demonstra, acertadamente, que o internacionalismo, valor presente nas ciências, e especialmente em arqueologia pré-histórica, não é revelado, ou é legado a segundo plano, em abordagens historiográficas que tomam como principal unidade de análise o nacionalismo/colonialismo.

No caso do desenvolvimento da arqueologia no Brasil, especialmente ao longo do século XX, se faz necessário compreender as diferenças entre como a arqueologia era praticada na Europa e nos Estados Unidos da América. Embora compartilhem um mesmo objeto (o estudo das sociedades humanas por meio de seus vestígios materiais) essas práticas arqueológicas divergem profundamente em suas fundações institucionais e epistemológicas. Luiz Cláudio Symanski analisa essas distinções a partir das aproximações entre a arqueologia — especialmente a pré-histórica — e os campos da história e da antropologia.⁶² O autor destaca que, enquanto no continente europeu a arqueologia estudava os próprios povos, ou seja, sua própria história, no americano ela estava intrinsicamente ligada à antropologia e ao estudo do

⁵⁹ Ibidem, posição 35. Original em francês: [...] la connaissance archéologique progresse par la destruction des anciennes représentations et mythes qui entravent la connaissance du passé.

⁶⁰ Moro Abadía, 2009.

⁶¹ Moro Abadía, 2010. p. 227. Original em inglês: (...) the current focus on nationalism and colonialism makes it difficult to imagine that archaeologists could also cooperate internationally in the name of science.

⁶² Symanski, 2014.

outro. Essa perspectiva permanece evidente até hoje: a *American Anthropological Association* define a arqueologia como um dos quatro subcampos da antropologia, ao lado da antropologia cultural, antropologia biológica e linguística⁶³. Isso significa que, nos Estados Unidos, todo arqueólogo é também formado como antropólogo. No Brasil, o campo arqueológico foi influenciado por ambas as tradições, configurando-se como um espaço híbrido e de disputas epistemológicas e institucionais.

1.2 TIPOS DE NARRATIVAS NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A partir desse enquadramento, torna-se possível examinar de forma mais precisa como a arqueologia brasileira tem sido narrada e representada ao longo do tempo. A forma como essas histórias são construídas não apenas revela disputas em torno do que se considera legítimo como conhecimento arqueológico, mas também ilumina os vínculos entre ciência, identidade nacional e memória disciplinar. Esta seção propõe uma análise dos diferentes tipos de narrativas historiográficas sobre a arqueologia no Brasil, considerando suas funções, limites e implicações políticas

A História da arqueologia no Brasil se apresenta tal qual defendido por Thomas Kuhn, como uma ferramenta capaz de “[...] produzir uma transformação decisiva na imagem de ciência que atualmente nos domina”.⁶⁴ Mas, qual é a imagem da arqueologia do século XX que existe atualmente? Com o objetivo de responder a essa pergunta, foi realizada uma pesquisa bibliográfica voltada a identificar quais histórias da arqueologia brasileira vêm sendo escritas e quais são seus principais usos. Os resultados dessa investigação indicam que as narrativas com pretensões históricas podem ser agrupadas em três categorias principais: (1) as narrativas introdutórias e/ou cronológicas, geralmente associadas a grandes sínteses ou obras de caráter didático, como os chamados “livros-texto”; (2) as narrativas memorialistas, centradas em trajetórias individuais e experiências pessoais no campo; e (3) as pesquisas que adotam os métodos da história das ciências, com ênfase na análise crítica das condições sociais, institucionais e epistemológicas de produção do saber arqueológico.⁶⁵

⁶³ American Anthropology Association, <https://www.americananthro.org/>

⁶⁴ Kuhn, 2017, p.59.

⁶⁵ Uma versão expandida e detalhada dessa investigação está atualmente no prelo, e será publicada em uma coletânea dedicada à celebração dos 70 anos do Professor Olival Freire Junior (Alcântara, no prelo).

Nas narrativas do primeiro tipo, as introdutórias e/ou cronológicas, os dados são geralmente apresentados de forma linear e resumida, transmitindo a ideia de uma evolução inevitável e contínua da disciplina, como se cada etapa passada fosse um passo necessário rumo ao estágio atual. Frequentemente associadas a livros-texto, essas narrativas cumprem, segundo Thomas Kuhn, uma função inevitavelmente persuasiva e pedagógica, servindo como instrumento introdutório para novos leitores e estudantes.⁶⁶ Vale destacar que esse tipo de abordagem também se repete com frequência em trabalhos acadêmicos em arqueologia, nos quais, antes da apresentação dos “novos” dados, costuma-se incluir um breve levantamento histórico das pesquisas anteriores sobre o mesmo objeto de estudo — o que reforça o caráter normativo e cumulativo desse tipo de narrativa.

Há também, na bibliografia da área, registros de textos que não são introdutórios, mas que evocam a história da disciplina aproximando-se de narrativas cronológicas amplas, nas quais os “fatos” são distribuídos ao longo de uma linha do tempo extensa — dos primórdios da arqueologia até o período contemporâneo à escrita. Essas obras tendem a organizar o desenvolvimento da disciplina como uma sucessão ordenada de eventos, com pouca problematização sobre os contextos sociais, políticos ou epistemológicos que os atravessam. O principal representante desse tipo de texto é o *História da Arqueologia Brasileira*, de Alfredo Mendonça de Souza, publicado em 1991.⁶⁷

No que diz respeito aos testemunhos e textos de caráter memorialista, André Prous observa que eles se tornaram recorrentes na arqueologia brasileira a partir da década de 1980.⁶⁸ Essas narrativas têm valor documental, pois registram experiências e contextos pouco explorados por outras fontes, e podem, inclusive, servir como base para pesquisas de cunho historiográfico. No entanto, diferenciam-se significativamente dos trabalhos históricos em termos de método e abordagem. A memória, enquanto forma de narrativa, apresenta-se com uma pretensão de fidelidade, ancorada na autoridade do indivíduo que testemunhou os fatos.⁶⁹ Em geral, esses textos priorizam o relato de episódios marcantes da trajetória de uma pessoa ou instituição — especialmente em contextos comemorativos —, com ênfase em eventos pontuais em detrimento da análise de processos mais amplos.

⁶⁶ Kuhn, 2017, p. 59.

⁶⁷ Souza, 1991.

⁶⁸ Prous, 2019.

⁶⁹ Catroga, 2015.

O terceiro tipo de narrativa identificado nesta pesquisa é composto por trabalhos que utilizam ferramentas metodológicas e analíticas da História das Ciências, tendo a arqueologia como objeto central de investigação. No Brasil, observou-se um aumento expressivo na produção sobre a história da arqueologia nas últimas duas décadas. Contudo, esse crescimento tem ocorrido de maneira relativamente dispersa, muitas vezes restrito a pesquisas de pós-graduação, cujos autores, após a conclusão de seus trabalhos finais, frequentemente abandonam o tema. Essa descontinuidade compromete a consolidação do campo, resultando em uma limitada articulação entre os estudos e na ausência de aprofundamento crítico mais sistemático. Como consequência, persistem lacunas significativas na compreensão do desenvolvimento histórico da arqueologia no país, bem como na análise das influências institucionais, políticas e epistemológicas que moldaram sua configuração como disciplina científica.⁷⁰

O reconhecimento dos diferentes tipos de narrativas permite avançar para uma análise mais detalhada do desenvolvimento institucional e das disputas que marcaram a arqueologia no Brasil ao longo do século XX. A próxima seção parte da bibliografia para examinar os principais atores, escolas e políticas que influenciaram a consolidação da disciplina, destacando as tensões entre modelos europeus e norte-americanos e os desafios impostos pelo contexto político nacional.

1.3 O SÉCULO XX: INSTITUIÇÕES, PERSONAGENS E DISPUTAS

A primeira metade do século XX, raramente é objeto de análises mais profundas na História da Arqueologia. Muitas narrativas que abordam esse período reproduzem versões do pensamento de Pedro Paulo Funari, para quem “[...] o fim da monarquia levou ao declínio da arqueologia durante a República Velha (1889–1930)”.⁷¹ Ou André Prous, que sustenta que “[...] a arqueologia brasileira da primeira metade do século XX foi praticada por amadores, pertencentes a profissões diversas, que coletavam achados superficiais e registravam a existência de inscrições rupestres”.⁷² Os “amadores”, mencionados por Prous, incluem engenheiros como Theodoro Sampaio e José Anthero Pereira Jr. Contudo, o autor não esclarece o que exatamente define esses pesquisadores como amadores, especialmente considerando que, naquele momento, a prática arqueológica ainda carecia de um caminho formativo claro. Além

⁷⁰ Alcântara, no prelo.

⁷¹ Funari, 2013a, p. 23.

⁷² Prous, 2019. p. 21.

disso, tanto Sampaio quanto Pereira Jr. publicaram trabalhos relevantes sobre arqueologia no Brasil, o que desafia uma visão simplista acerca de sua atuação.⁷³

Apesar das afirmações anteriores, pesquisas mais recentes indicam que a primeira metade do século XX foi palco de intensos debates acerca da arqueologia, especialmente a partir da década de 1930. Conforme ressalta Adélia Ribeiro, esse foi um período marcado pela forte influência do positivismo, no qual “[...] homens públicos – e algumas poucas mulheres – enfatizavam o desenvolvimento científico como condição *sine qua non* da soberania nacional”.⁷⁴ Destacam-se dois debates interligados: a definição do lugar da arqueologia em relação à etnologia e à história natural, e as políticas voltadas para a preservação do patrimônio nacional. Entre os protagonistas dessas discussões figuram nomes como Heloísa Alberto Torres, Mário de Andrade, Paulo Duarte, Luís de Castro Faria e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sobre o patrimônio, tem grande destaque na literatura o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 que funda o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do presidente Getúlio Vargas.⁷⁵ Além de ser uma lei em vigor a quase 90 anos, sua construção tem revelado um apelo histórico estratégico, com forte carga simbólica, como definiu a historiadora Márcia Chuva, na pessoa do pensador modernista e Mário de Andrade.⁷⁶

Chuva aponta que uma primeira versão da história da proteção do patrimônio, publicada em 1980, foi responsável pela disseminação da “[...] ideia de que o anteprojeto apresentado, em 1936, por Mário de Andrade [...] havia sido matricial para a consolidação do texto do decreto-lei 25/1937, proposto no ano seguinte por Rodrigo Melo Franco de Andrade”.⁷⁷ Contudo, ainda segundo a autora, é possível inferir que apesar da inegável influência do poeta, admitir uma visão linear obscurece outros atores e processos que implicaram na constituição do decreto-lei.

A história do conceito de patrimônio e de seus instrumentos legais é um campo a parte e que tem uma série de análises, incluindo sobre a autoria do tal anteprojeto e a criação da Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e sobretudo no que diz respeito ao patrimônio arquitetônico. O decreto-lei 25/1937 previu como primeiro livro de tomo o “Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico” onde seriam escritas “[...]

⁷³ Sampaio, 1922; Pereira Jr, 1967.

⁷⁴ Miglievich-Ribeiro, 2019, p. 28.

⁷⁵ Brasil, 1937.

⁷⁶ Chuva, 2012.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 148

as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular”.⁷⁸ Segundo Danton Sala, para Mário de Andrade “[...] arte é uma palavra geral que, nesse seu sentido geral significa a habilidade com que o engenho humano se utiliza das ciências, das coisas e dos fatos”.⁷⁹

Contudo, embora o conceito de arte utilizado por Andrade seja abrangente, definir os objetos arqueológicos e etnográficos como artísticos os afasta do conceito de ciência. Em 1936, essa era a preocupação principal de Heloísa Alberto Torres, na época vice-diretora do Museu Nacional, que a manifestou em resposta à consulta sobre o anteprojeto encaminhada por Rodrigo Melo Franco de Andrade, futuro diretor do SPHAN, como demonstraram Ana Lúcia de Abreu Gomes e Maria Margaret Lopes:⁸⁰

Naquela carta de 9 de maio de 1936, Heloisa Alberto Torres agradece a consulta solicitada por Rodrigo Melo Franco e expõe de maneira clara sua discordância em relação à proposta. No caso do Museu Nacional, a situação mais sensível dizia respeito às coleções de Arqueologia e Etnografia. Para Heloisa, a separação das coleções da seção de Etnografia daquelas do Museu Nacional teria implicações seríssimas para o desenvolvimento dos estudos sobre o tema: “Nada aconselha, na situação atual dos estudos etnográficos entre nós, – situação que provavelmente se prolongará por muitos anos ainda – o afastamento dos laboratórios de etnografia dos de qualquer ramo de estudo da história natural”. Um pouco mais adiante em sua correspondência, Heloisa Alberto Torres acrescenta: “Por tal forma está a pesquisa etnográfica ligada às ciências naturais que a sua instalação em laboratórios distantes só lhe poderia ser prejudicial.”⁸¹

Dona Heloísa, como ficou conhecida já possuía mais de 10 anos como efetiva no Museu Nacional e como chefe da Seção de Antropologia e Etnografia; foi vice-diretora do Museu de 1935 a 1937 e diretora de 1938 a 1955.⁸² Alberto Torres também foi chefe do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (1933-1968). Através da trajetória de Dona Heloisa é possível vislumbrar o protagonismo que o Museu Nacional possuiu nesse período em relação à arqueologia, tanto na autorização das pesquisas como nos debates sobre gestão do patrimônio.

⁷⁸ Brasil, 1937.

⁷⁹ Sala, 1990, p. 21.

⁸⁰ Gomes e Lopes, 2019.

⁸¹ *Ibidem*, p. 89.

⁸² *Ibidem*.

Mariza Corrêa discorre sobre o papel de *Dona Heloisa* na antropologia, apesar da ausência de publicações.⁸³ Corrêa ressalta que na extensa lista de contatos de Dona Heloisa que incluía Franz Boas, Ralph Linton, Paul Rivet, Alfred Métraux, parece ter destaque os americanos, na pessoa de Charles Wagley. Nas palavras deste:

[...] usando seu prestígio e ampla rede de amizades, dona Heloisa guiava os pesquisadores visitantes através da intrincada burocracia, que exigia o registro de estrangeiros e uma permissão especial para realizar expedições científicas no país, além de vários outros documentos oficiais [...] A Universidade de Columbia mantinha um acordo informal com o Museu Nacional do Rio de Janeiro para copatrocinar estudos etnológicos no Brasil⁸⁴.

Em São Paulo, Mário de Andrade atuava como chefe do Departamento de Cultura do município, e contava com a ajuda do advogado e jornalista Paulo Duarte que, por sua vez, fez parte do movimento que culminaria a criação da Universidade em São Paulo (USP) em 1934.⁸⁵ Através daquele departamento, Mario de Andrade foi um dos financiadores, em 1938, da expedição que o “[...] jovem antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), professor da recém-inaugurada USP, conduziu no Mato Grosso do Sul como seu primeiro trabalho etnográfico” onde foi acompanhado por Luiz de Castro Faria, recém-contratado do Museu Nacional.⁸⁶ Já Paulo Duarte, opositor ao governo Vargas, com a instalação do Estado Novo (1937), partiu para o exílio na França, onde atuou no *Musée de l’Homme*, com o americanista Paul Rivet.

Em estudo sobre a arqueologia paulista entre 1930 e 1950, Rafael Abreu de Souza destaca a presença significativa de missões arqueológicas estrangeiras, em especial as francesas e japonesas na década de 1930, além da participação de arqueólogos italianos e alemães no cenário paulista.⁸⁷ O autor também chama atenção para as atividades da Sociedade de Ethnografia e Folclore (1937–1941), coordenada por Mário de Andrade, que contou com a colaboração do casal Lévi-Strauss e de Ruy Tibiriçá.⁸⁸ Este último, dentista de profissão, publicou entre 1935 e 1936 reflexões sobre “processos de hibridismo cultural” em torno do que denominou “cerâmica cabocla”. Segundo Souza, Tibiriçá propôs uma das primeiras interpretações para a cerâmica de produção local e regional, antecipando, décadas antes, a

⁸³ Corrêa, 1997.

⁸⁴ Wagley, 1988 *apud* Corrêa, 1997, p. 13.

⁸⁵ Mendes, 1994.

⁸⁶ Simão, 2009. p. 424.

⁸⁷ Souza, 2014.

⁸⁸ *Ibidem*. p. 265.

formulação da chamada “tradição neobrasileira” pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).⁸⁹ Souza destaca ainda a fundação, em 1936, da Sociedade Arqueológica Brasileira de Amadores (SABA), formada por imigrantes japoneses, que conduziu escavações em antigos montículos funerários associados aos Kaingang, contribuindo para a produção de conhecimento arqueológico fora das instâncias institucionais hegemônicas.

Ainda na década de 1930, no estado do Paraná, José Loureiro Fernandes (um médico antropólogo tal como definido por Thales de Azevedo)⁹⁰ assumia a direção do Museu Paranaense e a cátedra de Antropologia na Universidade do Paraná, criada em 1938.⁹¹ É ele que vai escavar, a partir de 1945, a primeira casa bandeirista, o Sítio Santo Antônio, São Roque/SP. Segundo Rafael Abreu de Souza, essas escavações representaram iniciativas de vanguarda tanto no campo da arqueologia quanto no da restauração arquitetônica. Souza também destaca a atuação pioneira de Loureiro Fernandes na defesa da arqueologia enquanto patrimônio, especialmente com a promulgação do Decreto nº 7.468, de 31 de julho de 1947, voltado à proteção legal dos sambaquis.⁹² Anos mais tarde, Loureiro Fernandes aprofundaria sua formação no Museu do Homem, em Paris, reforçando os vínculos entre sua prática arqueológica e os debates internacionais da época.

No fim da década de 1940 o casal Betty Meggers e Clifford Evans esteve no Brasil pela primeira vez para realizar as pesquisas de doutorado, e esta expedição foi alvo de análise da historiadora das ciências Mariana Sombrio.⁹³ Através da leitura dos diários de campo de Meggers (com alguns comentários de Evans), a autora buscou reconhecer discursos publicados por Meggers em seus livros, ressaltando a riqueza de detalhes com a qual a pesquisadora preenchia seus diários, contando com nomes de inúmeros brasileiros que fizeram parte de algum modo das pesquisas, os “anônimos” da pesquisa arqueológica. Contudo a autora não faz comentários precisos sobre a atuação de Meggers na segunda metade do século XX, e a criação do PRONAPA, apesar de mencionar brevemente:

[...] Betty Meggers circulou pela América Latina. Entre 1952 e 1957, Meggers e Evans também realizaram pesquisas na Guiana, no Equador e na Venezuela. Mais tarde, em

⁸⁹ Mesmo nos textos que não abordam diretamente o PRONAPA, como é o caso do texto de Souza, o programa costuma ser utilizado como marco cronológico ou epistemológico, funcionando como um divisor de águas na historiografia da arqueologia brasileira.

⁹⁰ Azevedo, 1979.

⁹¹ Guérios, 2021.

⁹² *Ibidem.* p. 273

⁹³ Sombrio, 2014.

1967, retornariam ao Brasil com apoio de José Loureiro Fernandes, à época coordenador do Centro de Ensino e Pesquisa em Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, para ajudarem a fundar o PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, implementado entre 1965 e 1970. Fernandes conseguiu financiamento para trazê-los de volta ao Brasil para que pudessem ministrar um curso sobre temas ligados a técnicas de campo, análise, classificação e interpretação cerâmica.⁹⁴

Em artigo publicado em 2018, de Mariana Sombrio e Camilo de Mello Vasconcellos, intitulado *O legado de Betty Meggers na constituição de acervos museológicos no Brasil*, os autores sugerem que, de forma contrária a países como México e Peru cujos vestígios arqueológicos são monumentais, a arqueologia no Brasil “[...] mesmo com todo o avanço teórico e relevância alcançada nos últimos vinte anos – segue como prática acadêmica apartada da maioria da população”.⁹⁵ Chama atenção que nos escritos de Sombrio, ou de quem escreva sobre Meggers, não seja estabelecido um lugar para Clifford Evans, que geralmente aparece como elemento acessório na narrativa.

Na segunda metade do século XX, a arqueologia no Brasil vivenciou um período de significativo crescimento e transformação. A anterior criação da Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), através do Decreto-Lei nº 25/1937, o estabelecimento de instituições acadêmicas dedicadas à arqueologia, bem como a criação de leis de proteção ao patrimônio arqueológico, como o a lei 3.924/1961 e a Constituição de 1988, desempenharam um papel fundamental na promoção da disciplina. Também é nesse período, nas décadas de 1960 e 1970, que vão se instalar no Brasil as duas principais escolas arqueológicas, que formataram a prática no país: a americana e a francesa.

Nos anos de 1950, segundo Rafael Souza, há um aumento considerável de notícias que permitem notar a efervescência da Arqueologia na cidade de São Paulo no que concerne a pluralidade de sujeitos e locais de pesquisa e fala. “O período é marcado pelo fortalecimento da profissionalização, acompanhada do crescimento da atuação governamental e das missões estrangeiras em pesquisas com forte abordagem histórico-cultural.”⁹⁶

Em termos de congressos científicos havia uma efervescência nesse período na área das ciências humanas. A primeira reunião de antropologia brasileira teve lugar em São Paulo, seguida pela de Salvador, em 1955 que funda a Associação Brasileira de Antropologia. Essas reuniões foram

⁹⁴ Ibidem p. 135-136

⁹⁵ Sombrio e Vasconcellos, 2018. p. 71

⁹⁶ Souza, 2014, p. 275.

intercaladas pelo Congresso de Americanistas de 1954, que comemorava também o quarto centenário da cidade de São Paulo. Sobre esses congressos não há na literatura pesquisas históricas que tenham como foco seus desenvolvimentos, embora as pesquisas que focam atores como Paulo Duarte, Loureiro Fernandes e Luiz Castro Faria. façam referência a participação destes.⁹⁷

Paulo Duarte cria em 1952, a Comissão de Pré-História de São Paulo e, em 1959, o Instituto de Pré-História e Etnologia.⁹⁸ Em 1956, Loureiro Fernandes funda o Centro de Pesquisas Arqueológicas na Universidade do Paraná (CEPA/UFPR) e assim, este estado vai ser tornar o protagonista na implantação das escolas arqueológicas no Brasil.⁹⁹ Em sua pesquisa de mestrado, Roseli Ceccon, demonstra o papel central de Loureiro Fernandes tanto na institucionalização do ensino de arqueologia no Brasil, como na construção de uma arqueologia brasileira amparada no que seria, à época, os mais relevantes métodos científicos.¹⁰⁰

De fato, é a partir da atuação (e da insistência) de Loureiro Fernandes que vão se instalar essas duas escolas arqueológicas no Brasil: a francesa representada pelo casal Joseph Empereire e Annette Laming-Empereire; e a americana, representada pelo casal Clifford Evans e Betty Meggers, com a morte dos homens dos casais bem anterior às mulheres, as escolas ficaram associadas majoritariamente a elas:

Dessa forma ao atribuir uma função predicativa a essas duas damas da Arqueologia Brasileira logo se encontra uma associação, que se pode salientar como uma identificação primordial; as escolas. Ou seja, Betty Jane Meggers estaria como sujeito do objeto que seria a Escola Americana e Annette Laming-Empereire como sujeito da Escola Francesa.¹⁰¹

Ceccon demonstra que José Loureiro Fernandes possuiu, a partir da década de 1950, um projeto para a arqueologia brasileira que incluía “[...] conhecer técnicas diferentes de escavação e pesquisa, que pudessem contribuir para os problemas locais e permitissem que o arqueólogo praticasse seus conhecimentos”.¹⁰² Além dos casais já citados, Loureiro Fernandes viabilizou a interlocução com Adam Orssich de Slávetich, arqueólogo Iugoslavo radicado no Brasil em

⁹⁷ Alcântara, 2008; Ceccon, 2011; Simão, 2009.

⁹⁸ Alcântara, 2008.

⁹⁹ Ceccon, 2011.

¹⁰⁰ *Ibidem.*

¹⁰¹ Santos, 2012.

¹⁰² Ceccon, 2011.

1951 e Wesley Hurt. Fernandes também financiou estudantes em estágios no exterior, incentivando-os a realizarem contatos com pesquisadores em seus países de estágio, a identificar e conseguir bibliografia e instrumentos científicos, como Oldemar Blasi nos Estados Unidos e Aryon Rodrigues, na Alemanha.¹⁰³

Joseph e Annette Empeaire trabalhavam junto a Paul Rivet, no *Musée de l'Homme*, e “[...] tiveram seus contatos com a Universidade do Paraná aproximados primeiro através da Comissão de Pré-história de São Paulo, por intermédio de Paulo Duarte”.¹⁰⁴ O primeiro trabalho no Brasil de Joseph Empeaire foi em 1954, nos sambaquis da Baixada Santista, após a participação de Rivet no Congresso de Americanistas.¹⁰⁵ Entre 1955-1958, Joseph volta ao Brasil, desta vez acompanhado de Annette para pesquisas nos Sambaquis de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com a morte de Joseph em um sítio arqueológico no Chile (1958), as pesquisas brasileiras foram continuadas por Annette Laming-Empeaire.¹⁰⁶

No Brasil, eles desenvolvem pesquisas de campo através das missões francesas. Contudo, Cristiana Barreto chama a atenção que:

Apesar do seu caráter decisivo para a arqueologia brasileira, as missões arqueológicas francesas no Brasil não foram tão numerosas, sendo algumas apenas emanção de outras operações. A chegada de Joseph Empeaire ao Brasil fez parte, portanto, da extensão da “Missão Etnográfica Francesa do Sul do Chile, arquipélagos da Patagônia Ocidental e Terra do Fogo”, que ele coordenou entre 1946 e 1958 (ano de sua morte) e continuou por sua esposa Annette Laming (de 1959 a 1965).¹⁰⁷

A autora explicita que as missões francesas efetuadas no Brasil eram reconhecidas pelo governo brasileiro como missões diplomáticas e eram financiadas por órgãos do governo francês (Centro Nacional de Pesquisas Científicas-CNRS e pela Comissão de Escavações) e brasileiro (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Museu Nacional, a Universidade Federal do Paraná -UFPR e a Universidade de São Paulo -USP).

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*. p. 90.

¹⁰⁵ Barreto, 2022.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*, posição 38. Original em francês: *Onobstant leur caractère décisif pour l'archéologie brésilienne, les missions archéologiques françaises au Brésil ne furent pas si nombreuses, certaines n'étant d'ailleurs qu'une émanation d'autres opérations. La venue de Joseph Empeaire au Brésil s'inscrivait ainsi dans le prolongement de la « Mission ethnographique française du Chili austral, archipels de Patagonie occidentale et Terre de Feu », qu'il avait coordonnée entre 1946 et 1958 (l'année de sa mort) et que poursuivit son épouse Annette Laming (de 1959 à 1965).*

Através das missões cujos objetivos eram escavações de sítios arqueológicos e dos cursos ministrados por Annette Laming-Emperaire em 1959, 1966 e 1973, deu a implantação da corrente francesa na arqueologia brasileira. Roseli Ceccon destaca que essas missões permitiram realizar pesquisas sistemáticas do zero, geralmente buscando sítios antigos, algumas em locais nunca estudados, além de propiciarem a adaptação dos métodos franceses à realidade brasileira, bem como testar novas metodologias, como a adaptação de escavações de grandes superfícies para os sambaquis.¹⁰⁸

Além da aproximação com o casal francês, Loureiro Fernandes inicia em 1954 o contato com o casal de arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers, associados à *Smithsonian Institution*. Roseli Ceccon evidencia que:

Se nos casos precedentes o contato com arqueólogos estrangeiros foi feito relativamente próximo do período de contratação e vinda ao Brasil, o caso dos Evans foi diferente, pela longa insistência de Loureiro Fernandes. Quando Loureiro se comunica com Blasi, em 1957, menciona em “os nossos conhecidos Betty e Clifford”. Em 1954, por exemplo, o casal Evans apresentou resultados no 31º Congresso Internacional de Americanistas (EVANS; MEGGERS, 1955: 761), onde provavelmente tenha Loureiro estabelecido o primeiro contato direto com eles.¹⁰⁹

A efetivação do curso em 1964 se deu graças a esforços de Fernandes junto à *Fulbright Commission* - que financiou a viagem dos pesquisadores americanos - e à CAPES - que financiou a participação de estudantes de outros lugares do Brasil. Roseli Ceccon pondera que

Loureiro, possivelmente, recebeu dentro do pedido das bolsas uma cláusula que estipulava a contemplação de estudantes de várias universidades, pois ele pede ao reitor da Universidade do Paraná, José Nicolau dos Santos, que encaminhasse divulgações para alunos das Universidades de Minas Gerais e Pernambuco.¹¹⁰

De forma diferente das atividades executadas pelos franceses, a metodologia ensinada pelo casal americano foi publicada em um manual que “[...] é indicado como um guia para a prospecção e coleta de amostragem desses sítios arqueológicos [*lowlands*], não pretendendo abordar o problema de escavações extensivas e profundas”.¹¹¹ Como resultado direto do curso, foi implementado no Brasil o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) em 1965. Coordenado pelo casal Clifford Evans e Betty Meggers, o PRONAPA

¹⁰⁸ Ceccon, 2011, p. 103.

¹⁰⁹ *Ibidem*. p. 132.

¹¹⁰ *Ibidem*. p. 137

¹¹¹ Evans; Meggers, 1965: VIII *apud* Ceccon 2011, p. 126.

contou com cinco anos de trabalhos de campo (1965-1970), quatro seminários (1965, 1968, 1970 e 1973) e a participação de doze arqueólogos brasileiros sediados em nove estados e um argentino.

O PRONAPA é ao mesmo tempo extremamente citado e pouco analisado na literatura. Peter Hilbert, em seu artigo intitulado *Cave canem!': cuidado com os 'Pronapianos'!* *Em busca dos jovens da arqueologia brasileira*, comenta:¹¹²

Observei, nos trabalhos das arqueólogas, referências a uma linha divisória importante na arqueologia brasileira marcada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), sumariamente questionado pelas autoras como uma forma tradicional e antiga de fazer arqueologia. É interessante notar como, nos últimos anos, a memória desse programa de pesquisas arqueológicas ganhou o privilégio de uma permanente manutenção. Em artigos, livros, dissertações, teses, relatórios ou projetos acadêmicos, popularizou-se a constante lembrança do PRONAPA. Mesmo depois de 40 anos, permanece um signo poderoso e polissêmico. É evidente, também, que esse passado teórico e metodológico da arqueologia brasileira continua preocupando os arqueólogos brasileiros.¹¹³

Neste texto, Hilbert comenta os trabalhos de Adriana Schmidt Dias, Denise Schaan, Fabíola Andréa da Silva e Gislene Monticelli apresentados em um simpósio sobre fronteiras territoriais, identidades socioculturais e os significados da variabilidade artefactual, publicados no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Humanas.¹¹⁴ Em 1995, Dias já havia escrito um artigo, mais diretamente sobre o programa, intitulado *‘Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA’*, que oferece uma análise que pode ser chamada de internalista.¹¹⁵ Segundo a autora:

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), implementado entre 1965 e 1970, pode ser considerado um marco na arqueologia brasileira. Por um lado, suas pesquisas revelaram um quadro complexo para a ocupação pré-colonial do país, cuja amplitude espaço temporal era desconhecida até então. Por outro, sua sistemática de trabalho definiu uma identidade para arqueologia no Brasil, exercendo forte influência sobre o entendimento que hoje possuímos quanto a nossa pré-história.¹¹⁶

Entre as realizações do PRONAPA a autora inclui um salto quantitativo e qualitativo nas pesquisas arqueológicas no Brasil. “A partir das pesquisas do PRONAPA [...] pode-se perceber

¹¹² Hilbert, 2007.

¹¹³ *Ibidem*, P. 117.

¹¹⁴ Dias, 2007; Schaan, 2007; Silva, 2007; e Monticelli, 2007.

¹¹⁵ Dias, 1995.

¹¹⁶ *Ibidem*. p. 25

amplitude, antiguidade e complexidade da ocupação humana no Brasil.”¹¹⁷ Contudo, Dias pontua que:

[...] as propostas metodológicas do programa extrapolaram seu sentido inicial, assumindo conotações paradigmáticas para um número significativo de pesquisadores brasileiros [...]. Em boa parte, esta situação configurou-se devido à falta de uma postura crítica quanto às limitações da abordagem teórica subjacente ao método seguido pelo PRONAPA.¹¹⁸

A autora extravasa essa sua crítica para toda a arqueologia brasileira, deixando a entender que sob influência do PRONAPA, “[...] consolidou-se a ideia de que sua (da arqueologia) neutralidade científica estaria garantida pela ausência de qualquer debate de ordem teórica”. Dias conclui dizendo que a importância dada ao método na abordagem pronapiana desencorajava discussões teóricas explicativas e, com elas, um entendimento mais completo da pré-história brasileira.

Com outra proposta historiográfica, incluindo aspectos sócio-políticos no entendimento da história da arqueologia, Pedro Paulo Funari analisa em seus artigos a influência exercida pela sociedade, especialmente dos regimes governamentais, na arqueologia no Brasil, ao longo de vários períodos incluindo o PRONAPA.¹¹⁹ Em seu artigo com Lucio Menezes, diz que:

Ao contrário dos relatos internalistas anteriores da arqueologia, a história da disciplina tem sido cada vez mais situada nas mudanças nas circunstâncias sociais, culturais e políticas da sociedade como um todo. Esta abordagem inovadora considera as condições históricas que permitiram a existência da disciplina, bem como as circunstâncias em que o conhecimento foi produzido.¹²⁰

Na historiografia sobre o desenvolvimento da arqueologia no Brasil, os textos que abordam o período da ditadura militar tendem a dar eco ao argumento de Pedro Paulo Funari de que o PRONAPA está intimamente relacionado com a Ditadura Militar. Embora, sem focar unicamente o PRONAPA, esse discurso publicado desde o começo da década de 1990,¹²¹ se repete como pode ser constatado nos trechos abaixo. Em 1994, Funari escreve que:

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 35

¹¹⁸ *Ibidem* p 35-36

¹¹⁹ Funari, 1989, 1991, 1992, 1994a, 1994b, 1995, 1997; 1998, 1999, 2002a, 2002b, 2003, 2008, 2013a, 2013b, 2015; Funari e Ferreira, 2006;

¹²⁰ Funari e Ferreira, 2006.

¹²¹ Funari, 1989, 1991, 1992, 1994a, 1994b, 1995, 1997; 1998, 1999, 2002a, 2002b, 2003, 2008, 2013a, 2013b, 2015.

Para os que passaram a controlar o poder estatal a partir do Golpe de Estado de 1964, tratava-se e trata-se de controlar, marginalizar, reprimir ou suprimir vozes discordantes [...] o regime colonial-facista brasileiro submetia-se a uma política elaborada segundo a perspectiva de Washington, na primeira fase da Guerra Fria. [...] parece descrever, com grande precisão, a política dos militares quanto à Arqueologia em nosso meio. De fato, enquanto as autoridades governamentais e universitárias brasileiras negavam verbas à Arqueologia humanista proposta por Paulo Duarte, implantava-se um Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), comandado por norte-americanos ligados ao Departamento de Estado EEUU e à CIA. Segundo a insuspeita e bem informada arqueóloga norte-americana Anna C. Roosevelt, além da importação de um modelo determinista primário, este projeto procurou opor obstáculos aos trabalhos arqueológicos que escapassem do seu controle e que tentassem se contrapor aos seus pressupostos, conservadores politicamente e ultrapassados cientificamente.¹²²

Em 2002 é publicada outra crítica, desta vez em língua inglesa, sob título “*Class Interests in Brazilian Archaeology*”.¹²³¹²⁴. Segundo o autor durante o período, “[...] os únicos intelectuais aceitos pelas autoridades eram os que colaboravam ideologicamente com a ditadura”¹²⁵. E ele segue dizendo:

O bando de locais formados pelo novo Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, implantado pelo Smithsonian Institution (PRONAPA), incluía tanto estudantes reacionários dispostos a colaborar com o regime quanto ingênuos entusiastas. É irônico e sintomático que estrangeiros montem esse programa *nacional*. A pesquisa patrocinada pelo Estado exige que, para funcionar, seja preciso conduzir uma pesquisa que o Estado financie adequadamente ou considere importante. No contexto do regime militar, os estudiosos podem ter tido pouca escolha, mas sempre se pode optar por rejeitar fazer parte de uma ideologia que ignora e pode potencialmente apagar as histórias nativas. Vários estudiosos o fizeram e sofreram restrições como resultado. No entanto, os praticantes do PRONAPA seguiram a linha oficial, e a maioria deles aproveitou a oportunidade para se consolidarem no poder. O resultado foi a constituição de um acervo arqueológico de pouca relevância científica, produzindo poucas publicações, em grande parte não interpretativas, de caráter autoritário. Os interesses de classe desses arqueólogos eram muito claros e pouca atenção foi dada para esconder seu envolvimento com os costumes da classe alta. É interessante notar que nas publicações da Smithsonian Institution desse período há muitas fotos que mostram uma situação colonial típica: arqueólogos brancos de um lado e negros, nativos e mestiços como servidores de campo. Isso nos lembra as velhas fotos de Mortimer Wheeler, “ainda cavando” e governando nativos subordinados do subcontinente indiano (Wheeler, 1955; cf. Funari, 1992). A diferença, porém, é que os arqueólogos brasileiros locais estavam treinando para se tornarem, em poucos anos, os governantes “brancos” dos “nativos” (cf. Meggers, 1992). Durante o período

¹²² *idem.* 1994b, p. 156-157.

¹²³ *idem.* 2002a.

¹²⁴ Esse texto de Funari, gerou um pedido de resposta dos pesquisadores que se julgaram ofendidos diretamente, entre eles a própria Betty Meggers e dois participantes do PRONAPA (Igor Chmyz e Ondemar Dias). O direito de resposta fora publicado no ano seguinte, em 2003, incluindo uma nota do coeditor se desculpando por ter deixado o texto ser publicado com algumas afirmações taxativas sem provas, mas incluía também uma nota do próprio Funari reforçando seu ponto de vista (Delle, 2003; Chmyz, 2003; Dias, 2003; Lima 2003; Funari 2003).

¹²⁵ *Ibidem* p. 212. Original em inglês: (...) only intellectuals accepted by the authorities were those in ideological collaboration with the dictatorship.

militar, vários outros arqueólogos obtiveram acesso a fundos graças à estreita cooperação com as autoridades militares.¹²⁶

Em 2013, Funari publica outra versão do mesmo raciocínio, agora em francês, em artigo intitulado *L'archéologie brésilienne au cours des vingt dernières années*, onde é possível ler¹²⁷:

Logo após o golpe militar de 1º de abril de 1964, foi fundado em Washington, D.C. o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), em estreita coordenação com as novas autoridades militares brasileiras e sob a égide do Smithsonian Institution, bem como de arqueólogos americanos Clifford Evans e Betty Meggers. O Pronapa lançou um programa de vigilância ativa em todo o país, visando nomeadamente áreas estratégicas, a fim de contribuir para o esforço de controle do território no contexto da Guerra Fria. Os princípios empíricos e teóricos subjacentes eram maioritariamente reacionários e anti-humanistas, baseados na ideia de que os nativos eram preguiçosos e constituíam a periferia pobre do país devido às condições climáticas (Noelli, Ferreira, 2007). Os primeiros cinco anos, de 1965 a 1970, foram seguidos por um segundo período na bacia amazônica (Pronapaba), onde os guerrilheiros contra a ditadura encontraram refúgio. Sob este longo reinado da ditadura, uma rede de arqueólogos formada nestas terríveis circunstâncias, contrárias aos valores da liberdade e do humanismo, deixou a sua marca na disciplina.¹²⁸

¹²⁶ *Ibidem*, p. 212. Original em inglês: *The bunch of locals trained by the new National Program of Archaeological Research, set up by the Smithsonian Institution (PRONAPA), included those reactionary students happy to collaborate with the regime, as well as naive enthusiasts. It is ironic and symptomatic that foreigners set up this national program. State sponsored research requires that to work one must conduct research that the State will adequately fund or considers important. themselves in power. The result was the constitution of an archaeological establishment that had little scientific relevance, producing few, largely noninterpretive publications of an authoritarian character. The class interests of these archaeologists were very clear and little attention was paid to conceal their engagement with upper class mores. It is interesting to note that in Smithsonian Institution publications from this period there are a lot of pictures showing a typical colonial situation: white archaeologists on the one hand and Blacks, natives and people of mixed complexion as field servants. It reminds us of old Mortimer Wheeler pictures, "still digging" and ruling subordinate Indian subcontinent natives (Wheeler, 1955; cf. Funari, 1992). The difference though is that local Brazilian archaeologists were training to become themselves, in a few years time, the "White" rulers of "natives" (cf. Meggers, 1992). Several other archaeological practitioners gained access to funds during the military period thanks to their close cooperation with the military authorities.*

¹²⁷ *Idem*. 2013b.

¹²⁸ *Ibidem*, posição 7. Original em francês: *Peu après le coup d'État militaire du 1er avril 1964, le Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa) fut fondé à Washington, D.C., en étroite coordination avec les Nouvelles autorités militaires brésiennes et sous l'égide de la Smithsonian Institution, ainsi que des archéologues américains Clifford Evans et de Betty Meggers. Le Pronapa lança un programme de surveillance active dans tout le pays, en particulier ciblé sur des zones stratégiques afin de contribuer à l'effort de contrôle du territoire dans le contexte de la guerre froide. Les principes empiriques et théoriques qui le sous-tendaient étaient pour la plupart réactionnaires et antihumanistes, reposant sur l'idée que les indigènes étaient paresseux et composaient la frange pauvre du pays en raison des conditions climatiques (Noelli, Ferreira, 2007). Les cinq premières années, de 1965 à 1970, furent suivies d'une seconde période dans le bassin amazonien (Pronapaba), où des combattants de la guérilla contre la dictature avaient trouvé refuge. Sous ce long règne de la dictature, un réseau d'archéologues formés dans ces terribles circonstances, contraires aux valeurs de liberté et d'humanisme, laissa son empreinte sur la discipline.*

A crítica de Funari tem muitas camadas e será necessário dissecá-las na última seção do capítulo. Isso porque, à primeira vista, a associação feita pelo autor parece, inclusive, óbvia. Especialmente se tivermos em consideração o sentimento antiamericano que se espalhou no país durante a ditadura e persiste, justamente pelo alinhamento político dos EUA com o regime ditatorial vigente no Brasil à época.¹²⁹ A visão de Funari sobre o PRONAPA e a corrente americana na arqueologia também foi alimentada e retroalimentou o debate sobre a disputa de influências entre franceses e americanos na arqueologia brasileira. Além da aproximação com as disciplinas fundantes (história e antropologia) como já demonstrado por Luiz Cláudio Symanski, a disputa ganhou ares políticos e de resistência a um dos piores episódios da política brasileira.¹³⁰ Contudo, a análise do pesquisador possui uma série de incoerências que merecem mais atenção, especialmente por se tratar do programa objeto nesta pesquisa.

Após o fim do PRONAPA, a *Smithsonian Institution* continuou a colaboração com instituições brasileiras, e desenvolveu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA). Este programa é tratado apenas como uma continuidade do PRONAPA, sem características próprias e sem precisão com relação à duração. Contudo apesar de ser coordenado pelo Casal Evans, contava com uma co-direção de um arqueólogo brasileiro, Mário Simões, além de objetivos distintos daquele.

Em relação à influência francesa na arqueologia, as missões seguiram acontecendo na década de 1970, chefiadas por Annette Laming-Emperaire até a sua morte em 1977, como demonstrou Cristiana Barreto.¹³¹ A partir de 1973, Niède Guidon inicia a missão franco-brasileira no Piauí, como demonstra a dissertação de mestrado de Josimar Rocha.¹³² Pedro Paulo Funari destaca que a busca por evidências da presença humana mais antiga nas Américas foi conduzida, nesse período, por duas pesquisadoras de perfis bastante distintos: Conceição Beltrão e Niède Guidon, ambas nascidas em 1933.¹³³ Esta última obteve maior sucesso institucional no Brasil, ao estabelecer a missão francesa na região da Serra da Capivara, no sertão do Piauí. Segundo o autor:

[...] quando duas propostas antigas foram criadas por duas mulheres de perspectivas muito diferentes: Conceição Beltrão (n.1933) e Niède Guidon (n.1933). Esta última

¹²⁹ Fares, 2011.

¹³⁰ Symanski, 2014.

¹³¹ Barreto, 2022.

¹³² Rocha, 2020.

¹³³ Funari, 2013.

foi bem sucedida no ambiente brasileiro. Nas profundezas do nordeste brasileiro, na mais pobre e atrasada área de sertão do país, Niède Guidon levou a Missão Francesa (1) para um charmoso paraíso natural, a Serra da Capivara, uma região serrana. A Missão Francesa foi para lá estudar arte rupestre, mas um dos primeiros resultados surpreendentes do trabalho de campo nos anos 1970 foi a datação muito antiga de carbono de fogueiras, talvez associadas a vestígios humanos.¹³⁴

O autor então enaltece as pesquisas de Guidon e seu êxito em ocupar os espaços escolares. “Hoje em dia, meras três décadas passadas, todos os livros escolares brasileiros se referem a esse sítio muito antigo, a Serra da Capivara. Não é apenas o tema arqueológico mais popular, mas o único bem conhecido por todas as crianças e muitos adultos.”¹³⁵

Outros eventos importantes da arqueologia brasileira na segunda metade do século XX permanecem pouco explorados pela literatura especializada. Entre eles, destaca-se a criação, em 1975, do primeiro curso superior de Arqueologia no país, oferecido pela Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon. O curso oferecia 60 vagas por vestibular e esteve envolvido em diversas polêmicas, que ainda carecem de uma análise historiográfica mais aprofundada. Também merecem atenção a fundação da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), em 1980 — marco importante na consolidação institucional da área —, e a criação, no mesmo ano, dos primeiros programas de pós-graduação em Arqueologia, na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).¹³⁶ Esses marcos foram fundamentais para a formação de quadros especializados e para a profissionalização da disciplina, embora ainda careçam de tratamento sistemático no campo da História da Arqueologia.

A compreensão das dinâmicas institucionais e das disputas paradigmáticas no século XX prepara o terreno para abordar um dos temas mais controversos da historiografia arqueológica brasileira: a relação entre o PRONAPA e o regime militar. Na próxima seção, será revisada criticamente as interpretações predominantes sobre o programa, problematizando leituras polarizadas e propondo uma análise que valorize as ambiguidades e negociações características do período.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 24.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 24.

¹³⁶ Sobre o curso de Arqueologia e Museologia ver artigo de Souza (1991); sobre a SAB a coletânea de artigos organizada por Schaan e Bezerra (2009).

1.4 O PRONAPA E A HISTORIOGRAFIA SOBRE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

A análise das relações entre o PRONAPA e o regime militar brasileiro tem sido fortemente marcada por leituras que tendem à polarização, muitas vezes desconsiderando a complexidade das práticas científicas em contextos autoritários. Nesta subseção, proponho uma revisão crítica dessas interpretações, com especial atenção à forma como Pedro Paulo Funari consolidou uma narrativa influente, embora frequentemente sustentada por generalizações e ausências documentais. Ao contrapor esse discurso às contribuições de autores como Rodrigo Patto Sá Motta, James Green e Carlos Fico, procuro iluminar zonas de ambiguidade, agência e negociação que escapam às oposições rígidas entre colaboração e resistência. A partir desse contraponto, argumento que uma abordagem transnacional, capaz de reconhecer redes e mediações, oferece uma chave analítica mais fecunda para compreender o PRONAPA enquanto experiência científica situada na confluência entre interesses institucionais, pressões políticas e trajetórias pessoais.

Os antecedentes ao golpe de 1964 devem ser compreendidos no contexto da Guerra Fria, como analisa Rodrigo Patto Sá Motta.¹³⁷ Segundo o autor, esse ambiente geopolítico aproximou o Brasil dos Estados Unidos, especialmente nos primeiros anos do regime militar, que viria durar vinte e um anos. Também ressalta que esse novo governo, desde sua instalação pretendia ser um governo de exceção. Esse período é amplamente conhecido na historiografia como um momento de privação de direitos, censura e protestos, especialmente por parte da sociedade acadêmica. Freire e Silva explicam que nessa conjuntura muitos cientistas brasileiros foram perseguidos devido à origem de seus diplomas.¹³⁸ Alguns foram obrigados a se aposentar, outros foram expulsos das universidades ou presos. Essa situação favoreceu o que os autores chamaram de ‘exílio voluntário’, em que os cientistas procuraram locais seguros onde pudessem viver e desenvolver suas pesquisas, inclusive os Estados Unidos, se fosse possível.

Pesquisas desenvolvidas pelo professor James Green, demonstram, no entanto, que não é possível assumir um alinhamento automático entre os cidadãos norte-americanos e seu governo. Alguns, inclusive, não só discordavam, como lutaram contra a ditadura brasileira.¹³⁹ Em seu

¹³⁷ Motta, 2021.

¹³⁸ Freire Junior e Silva, 2019.

¹³⁹ Green, 2009.

livro, *Apesar de Vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos 1964-1985* (publicado no ano seguinte em inglês com o título *We Cannot Remain Silent: Opposition to the Brazilian Military Dictatorship in the United States*), Green destaca que longe de ser uma unanimidade em solo americano, ao contrário, houve resistência e luta por parte de cidadãos americanos em relação à ditadura no Brasil e ao apoio dado pelo seu governo.¹⁴⁰ Green também chama a atenção que o sentimento antiamericanista era comum da elite intelectual do Brasil, “[...] numa atmosfera que desdenhava as políticas norte-americanas em todo o mundo, a maioria das pessoas acreditava que os cidadãos daquele país concordavam com as iniciativas do *establishment* de Washington no exterior”.¹⁴¹ Assim, formou-se uma opinião influente na elite acadêmica brasileira, onde governo e cidadãos americanos fundiram-se em uma entidade única que apoiava o *status quo* no Brasil e na América Latina, embora Green demonstre ser isso uma falácia.

A análise de Funari, já demonstrada sobre o PRONAPA, cai em generalizações que são precisamente como as denunciadas por James Green. O autor acusa o PRONAPA de colaborar com o regime autoritário, e de criar justamente um *establishment* na arqueologia brasileira, como parte de um objetivo maior da aliança dos governos brasileiro-americano. Sem referências a fontes primárias, a única relação entre os dois acontecimentos revelada pelos textos de Funari, é a que ocorreram no mesmo período e foram financiados pelos Estados Unidos.

Contudo, a simultaneidade temporal entre os eventos não deve ser automaticamente interpretada como evidência de colaboração, tampouco deva ser ignorada. Tal situação requer uma análise mais qualificada e documentada. Com relação às circunstâncias das universidades no período da ditadura militar, Rodrigo Patto Sá Motta, vem desenvolvendo uma série de pesquisas que propõe uma tipologia capaz de iluminar as relações entre os meios universitários e a ditadura militar brasileira: adesão, acomodação e resistência. Sua principal publicação é o livro *As Universidades e o Regime Militar*.¹⁴² Em artigo sobre o mesmo tema, Patto Sá Motta diz:

É mais correto dizer que alguns grupos participaram, apoiaram ou aderiram ao regime militar que não era força externa nem resultado de derrota militar, mas, uma construção política considerada legítima por setores sociais significativos. Além disso, muitos comportamentos não podem ser classificados nas opções extremas, de

¹⁴⁰ *idem*, 2010.

¹⁴¹ Green, 2009, p. 7.

¹⁴² Motta, 2014.

modo que reduzir as atitudes diante da ditadura a resistência ou colaboração é simplificação grosseira.¹⁴³

Rodrigo Patto Sá Motta argumenta que a tríade adesão, acomodação e resistência sintetiza as principais posturas adotadas pela comunidade acadêmica diante da ditadura instaurada em 1964, ressaltando que algumas pessoas e instituições demonstraram ações que se encaixam em dois ou até mesmo nos três tipos, tanto de forma sequencial quanto simultânea. A definição e identificação de ações de acomodação ao regime militar brasileiro, dentro das universidades é a principal colaboração do autor às pesquisas sobre o período. Com a utilização deste termo, Patto Sá Motta ressalta que, para os líderes e outros integrantes da comunidade acadêmica, existiam alternativas intermediárias entre os extremos da resistência e da adesão.

Muitos procuraram maneiras de se acomodar ao novo sistema de poder, sem que isso significasse, a seus olhos, qualquer compromisso com a ditadura. Pessoas que não desejavam aderir, por não partilhar os valores dominantes, mas que também não tinham intenção de resistir frontalmente ao Estado autoritário – por medo da punição ou por achar inútil –, buscaram estratégias de conviver com ele, inclusive como forma de reduzir os efeitos da repressão. Desse ponto de vista, tratava-se de explorar possibilidades abertas pelo próprio regime militar para atenuar o autoritarismo, aproveitando as “brechas” disponíveis, sobretudo as oferecidas por paradoxos e contradições da ditadura.¹⁴⁴

A identificação de ações de acomodação permite reconhecer os agentes históricos ambíguos e ambivalentes, diante do Estado autoritário, adotando posições tanto de apoio quanto de oposição ao regime. Contudo, Motta destaca que é crucial perceber a existência de paradoxos e ambiguidades também no Estado autoritário, ou seja, a existência de autoridades com quem era possível dialogar e negociar, realizando concessões para que esse arranjo se sustentasse. O autor argumenta que os jogos de acomodação fazem parte do repertório da cultura política brasileira, e que demonstram uma flexibilidade, tanto dos agentes como do regime.¹⁴⁵ Como será visto no próximo capítulo, a instalação do PRONAPA durante o regime militar exigiu dos agentes envolvidos a utilização dessa flexibilidade do regime, bem como de uma ambiguidade dos personagens participantes, brasileiros e americanos.

Retomando a crítica de Funari ao PRONAPA, como mencionado acima, o autor afirma que nas publicações da Smithsonian Institution referentes ao período do programa, haveria diversas

¹⁴³ *idem*, 2016, p. 11.

¹⁴⁴ *idem*, 2014, p. 209.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

fotografias que retratam uma “situação colonial típica”.¹⁴⁶ Segundo ele, essas imagens mostrariam arqueólogos brancos de um lado e negros, nativos e mestiços atuando como servidores de campo, remetendo às célebres fotografias de Mortimer Wheeler escavando no subcontinente indiano, cercado por auxiliares locais subordinados (Figura 12). No entanto, essa afirmação carece de respaldo empírico mais consistente, parecendo pautada por um enquadramento interpretativo prévio, sem documentação iconográfica que a sustente diretamente. Além disso, é importante observar que a arqueologia, como outras ciências da época, era uma prática elitista e excludente, marcadamente inacessível a amplas parcelas da população. A configuração descrita por Funari não era exclusividade da Smithsonian Institution ou do PRONAPA. O mesmo tipo de composição hierárquica pode ser observado, por exemplo, em fotografias de escavações coordenadas por Paulo Duarte (Figura 13), revelando que tal estrutura era um traço mais geral da prática arqueológica do período. Como agravante, a referência de Betty Meggers utilizada por Funari não contém qualquer imagem que possibilite a leitura proposta, conforme já havia sido pontuado pela própria autora (Figura 14).

A afirmação de que “nas publicações do Smithsonian Institution deste período há muitas imagens que mostram uma situação colonial típica”, supostamente documentadas em Meggers 1992, ignora o facto de que não existem tais ilustrações em nenhum dos capítulos constituintes daquele ou de qualquer outra publicação da Smithsonian.¹⁴⁷

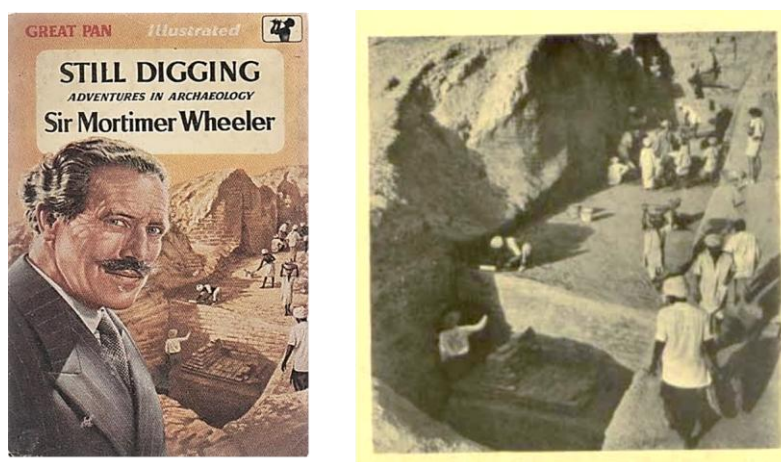


Figura 12: Capa e imagem do livro autobiográfico de Mortimer Wheeler, arqueólogo inglês, referenciado por Funari (2002a). Fonte: Wheeler, 1955.

¹⁴⁶ Funari, 2002a, p. 213 Original em inglês: [...] *a typical colonial situation*.

¹⁴⁷ Meggers, 2003, p. 232. Original em inglês: The assertion that “in Smithsonian Institution publications from this period there are a lot of pictures showing a typical colonial situation,” supposedly documented in Meggers 1992, overlooks the fact that there are no such illustrations in any of the constituent chapters of that or any other Smithsonian publication.



Rivet e P. Duarte no Sambaqui "Maria Rodrigues", quase totalmente explorado para fins comerciais (adubo e alimento de animais).

Figura 13: Pesquisa arqueológica no sambaqui Maria Rodrigues, Cananéia, Arquivo Paulo Duarte. Nota-se a presença de um nativo, na segunda foto sem destaque. Fonte: Alcântara, 2008.



Figura 14:Imagens da publicação de Betty Meggers referenciada em Funari (2002). Fonte: Meggers, 1992.

Ainda em relação às imagens que Funari classifica como representações de uma situação “colonial típica”, sua crítica levanta um questionamento importante: será que no Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da UNICAMP (fundado e coordenado pelo próprio Funari), essa configuração era de fato diferente? Ou será que, nas primeiras escavações realizadas sob sua liderança, também se repetia a lógica hierárquica de campo, com a divisão entre sujeitos produtores do conhecimento e aqueles relegados às funções operacionais? Tais indagações apontam para a necessidade de uma reflexão mais ampla e autorreflexiva sobre as estruturas de poder que atravessam a prática arqueológica — inclusive aquelas sustentadas por quem, hoje, se propõe a criticá-las. A denúncia de uma suposta colonialidade nas imagens do PRONAPA não pode se eximir do exame das condições concretas e históricas em que outras instituições nacionais também operaram, reproduzindo, ainda que involuntariamente, lógicas excludentes e assimétricas de produção do saber.

Falando em Paulo Duarte, chama a atenção que Funari sempre o coloca como completamente oposto à arqueologia desenvolvida pelo PRONAPA, como sendo mutuamente excludentes. Para compreender essa crítica, é importante ter em mente que Funari, professor da Unicamp, se considera herdeiro de Paulo Duarte e de seu humanismo francês. Paulo Duarte é conhecido pela sua atuação política e científica, especialmente na colaboração de pesquisadores franceses graças a sua relação com Paul Rivet e o *Musée de l’Homme*,¹⁴⁸. Duarte foi uma pessoa determinante para a legitimação da arqueologia no Brasil.¹⁴⁹ A relação dele com a Unicamp se iniciou em 1970, quando envia uma correspondência para o então Reitor Zeferino Vaz oferecendo a venda de sua biblioteca pessoal.¹⁵⁰ No ano anterior, Paulo Duarte fora vítima do AI5 e da nova leva de expurgos realizados pela ditadura, que o aposentou compulsoriamente do cargo de docente efetivo da USP.¹⁵¹ Em 1984, a Unicamp recebe seu arquivo pessoal. Funari, após a conclusão de sua formação na USP,¹⁵² se tornou professor do Departamento de História, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 1992.

¹⁴⁸ Funari e Ferreira, 2006.

¹⁴⁹ Alcântara, 2008.

¹⁵⁰ Descrição do Fundo Paulo Duarte, 2021.

¹⁵¹ Teixeira, 2015.

¹⁵² Com sua formação inteira na USP, iniciada em 1977 e concluída em 1990, suas pesquisas de mestrado e doutorado versaram sobre arqueologia clássica e foram orientadas pela Professora Haiganush Sarian, que por sua vez teve sua formação na França.

No editorial da Revista Arqueologia Pública, intitulado *A arqueologia na Unicamp e a Revista de Arqueologia Pública: Trajetória e perspectivas*,¹⁵³ Funari deixa claro que considera a arqueologia da Unicamp (e, portanto, sua própria arqueologia) herdeira de Paulo Duarte quando diz:

Tudo isto se refletiu no surgimento precoce do interesse da Universidade por uma Arqueologia relevante para a sociedade. Enquanto práticas e abordagens reacionárias e conservadoras eram predominantes e espíritos críticos eram silenciados, como no caso notável do fundador da USP e pioneiro da Arqueologia humanista Paulo Duarte (1899 – 1984), expulso da Universidade de São Paulo, em 1969, a Unicamp abria-se para práticas e abordagens libertárias. Acolheu o acervo de Paulo Duarte e trouxe a Professora Niède Guidon, a quem Duarte havia aberto as portas para aprender com os arqueólogos pré-historiadores mais renomados e amantes da liberdade, para atuar no Núcleo de Pesquisas Arqueológicas – Nipar (1986 – 1991). Aberta essa seara, a Arqueologia na Unicamp desenvolveu-se nos aspectos constitutivos tanto da Universidade, como da disciplina, em termos mundiais: em interação com a ciência mundial, em perspectiva transdisciplinar, engajada com a sociedade e em luta pela liberdade e pelo respeito à diversidade.¹⁵⁴

As narrativas construídas pelo autor vêm sistematicamente estabelecendo posições antagônicas às influências estrangeiras e seus respectivos correspondentes na arqueologia brasileira. Na qual, os franceses e Paulo Duarte ocupam o lado “bom” da história: humanistas, fazedores da “boa ciência” e por isso perseguidos pela ditadura militar. Enquanto os norte-americanos e os arqueólogos que executaram o PRONAPA ocupam o lado oposto: sendo autoritários, com pouca relevância científica e coniventes com os absurdos cometidos pelo governo no período. Em 1997 ele chegou a literalmente desenhar, construindo um esquema em que aponta as diferenças entre a intitulada por ele Arqueologia humanista de Paulo Duarte e o PRONAPA (Figura 15).¹⁵⁵

Ao apresentar o arquivo pessoal de Duarte em 1994, em texto intitulado *Paulo Duarte e o Instituto da Pré-História: Documentos Inéditos*, Funari apresenta o projeto arqueológico de Duarte em oposição ao PRONAPA, seguido da transcrição de documento do Arquivo Paulo Duarte intitulado “Pela Dignidade Universitária” onde não é possível ver nenhuma referência ao PRONAPA, a *Smithsonian Institution*, a Betty Meggers e Clifford Evans ou qualquer outro arqueólogo brasileiro participante do programa. O texto de Duarte fala da extinção do Instituto

¹⁵³ Funari, 2015.

¹⁵⁴ *Ibidem* p. 2.

¹⁵⁵ *idem*. 1997.

de Pré-história da USP, da renomeação do Museu de Artes e Arqueologia para Museu de Arqueologia e Etnologia e da reforma universitária executada em 1970.¹⁵⁶

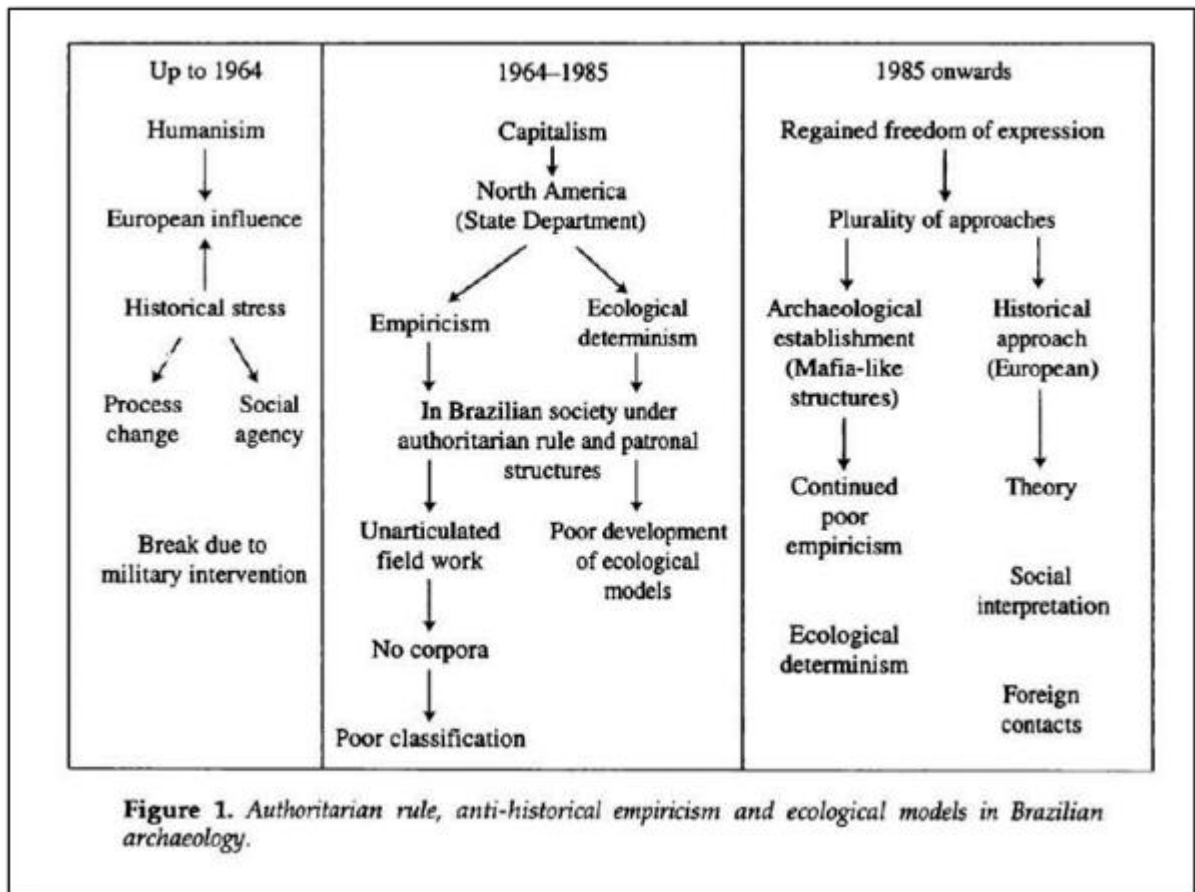


Figura 15: Esquema comparativo das arqueologias produzidas no Brasil em três períodos históricos: Até 1964, entre 1964 e 1985 e após 1985. Fonte: Funari, 1997.

Outro ponto contraditório que merece ser desvelado na narrativa construída por Funari diz respeito à forma desigual como ele aplica julgamentos sobre a atuação de arqueólogos durante o regime militar.¹⁵⁷ De maneira taxativa, o autor tende a associar automaticamente a atuação acadêmica no período da ditadura a uma postura de apoio ou conivência com o regime, especialmente no caso dos pesquisadores vinculados ao PRONAPA. No entanto, essa mesma lógica não é aplicada aos arqueólogos franceses que atuaram no Brasil durante o mesmo período. Funari omite sistematicamente a continuidade das missões arqueológicas francesas nos

¹⁵⁶ *idem* 1994.

¹⁵⁷ Funari, 1989, 1991, 1992, 1994a, 1994b, 1995, 1997; 1998, 1999, 2002a, 2002b, 2003, 2008, 2013a, 2013b, 2015.

anos de chumbo.¹⁵⁸ Quando essa presença se torna impossível de ignorar — como no caso da Missão Franco-Brasileira liderada por Niède Guidon —, o autor rapidamente a vincula à figura de Paulo Duarte.¹⁵⁹ Essa associação parece funcionar como um mecanismo de isenção, livrando Guidon (e por extensão os franceses) de qualquer implicação política mais direta com o contexto autoritário. A contradição revela uma operação seletiva na crítica, que parece menos orientada por uma análise histórica sistemática do que por um posicionamento político e identitário dentro do campo arqueológico contemporâneo.

A premissa proposta por Funari vem sendo sistematicamente reiterada pelo autor, por seu grupo de pesquisa e outros adeptos, dominando amplamente a discussão na literatura que aborda a história da disciplina naquele período. Isso levou a uma espécie de “ecossistema analítico” no qual determinadas interpretações sobre o PRONAPA são continuamente reafirmadas. Esse circuito de validação mútua consolidou uma leitura hegemônica sobre o período, que associa quase automaticamente a atuação arqueológica à colaboração com o regime militar, muitas vezes sem base empírica robusta ou sem considerar as complexidades do contexto histórico.

Essa lógica aparece, por exemplo, no artigo de Francisco Noelli e Lúcio Menezes Ferreira, *A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira*, no qual os autores, ainda que com cautela, sugerem que as pesquisas do PRONAPA teriam sido realizadas com o apoio e incentivo da ditadura.¹⁶⁰ Da mesma forma, no texto de Rafael Souza sobre a arqueologia em São Paulo, lemos que “[...] pós-1960, a Arqueologia sofre alguma estagnação, relacionada, para Pedro Funari, à repressão militar sobre o mundo acadêmico”.¹⁶¹ Em outro trecho, o autor afirma que, após a efervescência dos anos 1950, a arqueologia vai

[...] depois percorrer um longo caminho de obscuridade pós-anos 1960, momento que necessita de um mergulho detalhado a fim de compreender qual a relação, entre a ditadura cívico-militar, a Arqueologia e o fortalecimento de instituições oficiais que ganham, ou tomam para si, o direito de fazer Arqueologia.¹⁶²

¹⁵⁸ Barreto, 2022.

¹⁵⁹ Funari, 2015.

¹⁶⁰ Noelli e Ferreira, 2007.

¹⁶¹ Souza, 2014, p 258.

¹⁶² *Ibidem*. p. 275

Um exemplo significativo — vindo de fora do círculo acadêmico diretamente vinculado a Pedro Paulo Funari — que evidencia o alcance e a influência de suas formulações no imaginário arqueológico brasileiro, é a análise feita por André Luis Ramos Soares sobre a atuação do PRONAPA em relação aos grupos Guarani, no sul do Brasil.¹⁶³ Em sua crítica, Soares sustenta que Betty Meggers e Clifford Evans, mesmo reconhecendo que a tradição arqueológica se sobrepunha aos dados etnohistóricos, teriam deliberadamente negado a relação entre os achados arqueológicos e os grupos indígenas identificados nas fontes históricas. Para sustentar essa afirmação, Soares recorre ao artigo *Las Tierras Bajas de Suramérica y las Antillas*, publicado em 1977, alegando que os autores expressam "claramente" essa negação. No entanto, uma leitura atenta do referido texto não confirma as declarações atribuídas ao casal.¹⁶⁴ O argumento de Soares se ancora, de modo explícito, em uma chave interpretativa que ecoa diretamente as teses de Funari: “Os motivos que levaram a esta conduta podem ser buscados no momento político dos anos 1960, no atrelamento e subserviência da pesquisa nacional à americana ou ainda à incipiente arqueologia científica no país.”¹⁶⁵ A ausência de evidência textual direta, combinada ao uso de categorias analíticas previamente moldadas demonstra como o paradigma funariano tem operado como filtro interpretativo, muitas vezes ofuscando a análise documental mais rigorosa e reduzindo a complexidade das escolhas metodológicas do período à lógica binária de submissão política.

É possível afirmar que se constituiu, na arqueologia brasileira das décadas seguintes, uma resistência *a priori* a tudo que estivesse relacionado ao PRONAPA. A força do discurso de Pedro Paulo Funari contribuiu para a cristalização de uma narrativa crítica homogênea sobre o programa, dificultando abordagens mais nuançadas. Poucas vezes se levantaram para problematizar os limites dessa perspectiva. Uma dessas vozes é a de Cristiana Barreto, que embora não negue os argumentos centrais de Funari, chama atenção para a ausência de uma análise mais robusta dos elementos internos à ciência arqueológica em seu discurso.¹⁶⁶ Para a autora, o julgamento empreendido por ele “é marcado por uma preocupação bastante doutrinária em identificar agendas políticas e ideológicas no discurso de determinados grupos na história da arqueologia brasileira”,¹⁶⁷ negligenciando o papel das teorias arqueológicas e de

¹⁶³ Soares, 1996.

¹⁶⁴ Meggers e Evans, 1977.

¹⁶⁵ Soares, 2012, p. 770.

¹⁶⁶ Barreto, 1999.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 203.

suas implicações epistemológicas na construção das interpretações sobre o passado. A crítica de Barreto aponta para a necessidade de reequilibrar a balança analítica, considerando tanto os contextos políticos quanto os fundamentos teóricos e metodológicos que moldaram a prática arqueológica no país.

A crítica mais contundente ao discurso de Funari veio justamente de Betty Meggers, principal alvo de suas acusações. Em 1993, ao resenhar para a revista *Latin American Antiquity* o livro organizado por Gustavo Politis “*Arqueologia em América Latina Hoy*”, no qual Pedro Paulo Funari possui o artigo *La arqueologia en Brasil: Política y Academia em uma Encrucijada*, escreve:

O capítulo sobre o Brasil de Funari afasta-se do caráter acadêmico do volume ao fornecer um relato seletivo, agressivo e distorcido. Ele ridiculariza os arqueólogos brasileiros por sua ênfase no *empirismo* e pela negligência do método e da teoria, o que ele atribui à opressão política e à dominação estrangeira. A sua acusação de que o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas foi criado “em estreita relação com as autoridades militares” é infundada, e o seu único exemplo de perseguição é um jornalista rico sem qualificações arqueológicas. Ele repreende seus colegas por não interagirem com arqueólogos de fora do Brasil e por não adotarem a perspectiva da arqueologia social. Politis, no entanto, observa que esta perspectiva “influenciou poucos pesquisadores latino-americanos apesar de seus quase 20 anos de existência”, em parte devido às dificuldades em aplicá-la.¹⁶⁸

Em 2002, já mencionado e polêmico artigo *Class Interests in Brazilian Archaeology*, assinado por Pedro Paulo Funari, provocou uma série de reações na comunidade arqueológica.¹⁶⁹ Suas afirmações contundentes ensejaram respostas de arqueólogos que se sentiram pessoalmente atacados. Um grupo que incluiu Betty Meggers solicitou ao *International Journal of Historical Archaeology* o direito de resposta, que foi concedido e publicado no ano seguinte. Na seção *Views and Commentaries*, foram incluídas as réplicas de Igor Chmyz, Ondemar Ferreira Dias, Tania Andrade Lima e da própria Meggers, antecedidas por um comentário editorial assinado

¹⁶⁸ Meggers, 1993, p. 388. Original em inglês: *The chapter on Brazil by Funari departs from the scholarly character of the volume by providing a selective, aggressive, and distorted account. He derides Brazilian archeologists for their emphasis on empirismo and neglect of method and theory, which he attributes to political oppression and foreign domination. His acusatation that the programa Nacional de Pesquisas Arqueologicas was created “en estrecha relacion con las autoridades militares” is unfounded, and his Only example of persecution is a wealthy journalist with no archaeological qualifications. He chastises his colleagues for their failure to interact with archeologists outside Brazil and to adopt the perspective of social archaeology. Politis, however, notes that this perspective “ha influido sobre pocos investigadores latinoamericanos a pesar de sus casi 20 años de existência”, in part because of difficulties in applying it.*

¹⁶⁹ Funari, 2002.

por James A. Delle, coeditor da revista.¹⁷⁰ O conjunto de respostas foi encerrado com uma tréplica de Funari.¹⁷¹ O episódio evidenciou a profundidade das divisões no campo arqueológico brasileiro, bem como o peso simbólico do PRONAPA nos debates sobre memória disciplinar, ideologia e legitimidade científica.

James A. Delle destaca em seu comentário que os textos referentes ao direito de resposta e à tréplica de Funari não passaram por processo de edição ou revisão por pares. Ele conclui ressaltando que:

As questões [...] embora focadas especificamente no Brasil, implicam todos nós que trabalhamos em países governados por governos que podem ser considerados desagradáveis. [...] Todo arqueólogo deve tomar uma decisão pessoal e política sobre para onde viajará para trabalhar. Também devemos tomar decisões sobre de quem aceitaremos financiamento. Será, por exemplo, aceitar uma subvenção da *National Science Foundation* um ato de colaboração com a administração de George W. Bush? Será que aqueles arqueólogos que trabalhavam no Iraque antes da guerra estavam colaborando com o regime baathista de Saddam Hussein? Estas são perguntas difíceis de responder, mas talvez necessárias¹⁷².

Uma leitura despreziosa revela que o teor pessoal das respostas, junto ao comentário final de Funari reafirmando seu ponto de vista, carrega um tom típico de quem evita assumir uma responsabilidade que lhe cabe. Por exemplo, no primeiro comentário respondendo Funari, Igor Chymz, arqueólogo paranaense e participante do PRONAPA diz que:

[...] as atividades arqueológicas no Paraná sempre foram realizadas em conjunto com órgãos públicos locais, primeiro o Museu Paranaense e posteriormente a Universidade do Paraná (Chmyz, 2000). A seleção de candidatos para cursos e escavações nunca favoreceu “aristocratas brancos” em detrimento de “negros, nativos ou mestiços”. Um dos arqueólogos da Universidade, aluno dos primeiros cursos ministrados por Emperaire e Laming, é afro-brasileiro.¹⁷³

¹⁷⁰ Chmyz, 2003; Dias, 2003; Lima, 2003; Meggers, 2003; Delle, 2003.

¹⁷¹ Funari, 2003.

¹⁷² Delle, 2003. Original em inglês: *The issues (...) while focused specifically on Brazil, implicate all of us who work in countries ruled by what might be considered unsavory governments. Every archaeologist must make a personal and political decision about where they will travel to work (...). We also must make decisions on from whom we will accept funding. Is, for example, accepting a National Science Foundation grant an act of collaboration with the George W. Bush administration? Were those archaeologists working in prewar Iraq collaborating with the Baathist regime of Saddam Hussein? These are questions difficult to answer, but perhaps necessary to ask.*

¹⁷³ Chmyz, 2003, p 226. Original em inglês: *(...) archeological activities in Paraná have always been conducted in conjunction with local public organizations, first the Museu Paranaense and later the Universidade do Paraná (Chmyz, 2000). The selection of candidates for courses and excavations never favored “White aristocrats” over “Blacks, natives, or mestizos.” One of the archaeologists in the University, a student in the earliest courses given by Emperaire and Laming, is Afro-Brazilian.*

Contudo, uma análise atenta identifica, nas respostas, pormenores que tornam insustentáveis muitas das alegações de Funari. Tanto Igor Chmyz quanto Ondemar Dias ressaltam que a proposta de criação de um programa voltado à formação de arqueólogos brasileiros teve origem antes mesmo do regime militar, sendo idealizada por José Loureiro Fernandes ainda nos anos 1950.¹⁷⁴ Ondemar Dias vai além e diz que:

[...] baseando-se apenas no fato de o PRONAPA ter sido organizado no mesmo ano do golpe militar, e sem fornecer qualquer prova documental, [Funari] equiparou estes dois acontecimentos, ignorando a realidade de que o Seminário de Estudos e Pesquisas em Jazidas Cerâmicas, oferecido por Meggers e Evans em 1964 foi planejado quase uma década antes.¹⁷⁵

O próximo capítulo desta tese aborda, com mais detalhes, a história da criação do PRONAPA. De todo modo, já é possível afirmar que a alegação de que o programa teria sido concebido durante o regime militar não se sustenta historicamente. Além de o convite de José Loureiro Fernandes a Betty Meggers tenha ocorrido em 1954, ele foi aceito em 1962, ainda sob um contexto democrático, o que torna exagerada a ideia de que o programa tenha sido “criado em estreita relação com as autoridades militares”, como afirma Funari. Além disso, Ondemar Dias conta que:

[...] [Funari] diz que o PRONAPA “incluía os estudantes reacionários felizes em colaborar com o regime, bem como os entusiastas ingênuos”. Isto é contrariado, no meu caso, pelo fato de ter sido preso duas vezes pelas autoridades militares enquanto conduzia escavações, uma vez sob a mira de uma arma. Na realidade, a época em que iniciei meus estudos universitários foi para mim e para muitos outros um período de vigilância, perda de liberdade, insegurança e angústia que nós que permanecemos no Brasil tentamos sobreviver sem fazer concessões ideológicas. O PRONAPA proporcionou a oportunidade de fazer ciência sob a orientação de dois norte-americanos conhecidos por sua oposição à interferência de seu país na política cultural da América Latina.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Chymz 2003, Dias 2003.

¹⁷⁵ Dias, 2003, p. 228. Original em inglês: *Based solely on the fact that the PRONAPA was organized in the same year as the military coup, and without supplying any documentary evidence, he has equated these two events, ignoring the reality that the Seminário de Estudos e Pesquisas em Jazidas Cerâmicas given by Meggers and Evans in 1964 was planned nearly a decade earlier.*

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 228. Original em inglês: *He says that the PRONAPA “included those reactionary students happy to collaborate with the regime, as well as naive enthusiasts.” This is contradicted in my case by the fact that I was imprisoned twice by military authorities while conducting excavations, once at gunpoint. In reality, the epoch during which I began my university studies was for me and many others a period of vigilance, loss of freedom, insecurity, and anguish that those of us who remained in Brazil tried to survive without making ideological concessions. The PRONAPA provided an opportunity to do science under the orientation of two North Americans known for their opposition to their country’s interference in the cultural politics of Latin America.*

Sobre o posicionamento político do casal Betty Meggers e Clifford Evans, Dias enfatiza o quanto ambos são respeitados por profissionais competentes através de toda a América do Sul, ressaltando que:

Esquerdistas renomados têm orgulho de colaborar com eles e se tornaram bons amigos daqueles que participaram do PRONAPA, entre eles Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Mario Sanoja, Luis Lumbreras, Alberto Rex González e Lautaro Núñez.¹⁷⁷

Darcy e Berta Ribeiro faziam, desde 1954, parte do círculo de amizades de Betty Meggers e Clifford Evans. Foi Meggers quem traduziu o primeiro livro de Darcy publicado em língua inglesa concomitantemente com a portuguesa, o Processo Civilizatório (*The Civilizational Process*), publicado pela Editora da *Smithsonian Institution*.¹⁷⁸

Em seu comentário ao texto de Funari, Betty Meggers explica que “toda a colaboração do Smithsonian foi com o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as Instituições participantes” e não com os militares¹⁷⁹. Apesar dos órgãos supracitados fazerem parte do governo, percebe-se uma tática de acomodação, tal como conceituada por Patto Sá Motta. Meggers continua ressaltando o papel de instituições e pesquisadores brasileiros:

Em vez de “estudantes reacionários felizes em colaborar com o regime, bem como entusiastas ingênuos”, eles eram os principais arqueólogos do Brasil naquela época e representavam universidades no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Norte, além do Museu Paulista e do Museu Goeldi. O Smithsonian financiou o trabalho de campo, as instituições participantes pagaram seus salários, custos laboratoriais e outras despesas locais, e o CNPq publicou os resultados anuais através do Museu Goeldi. O julgamento de que “o resultado foi a constituição de um estabelecimento arqueológico de pouca relevância científica” ignora o fato de que até ao final do PRONAPA já tinha sido criado um enquadramento tempo-espacial para a faixa costeira [...] vários novos

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 228. Original em inglês: *Well-known leftists are proud to collaborate with them and have become good friends of those who participated in the PRONAPA, among them Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Mario Sanoja, Luis Lumbreras, Alberto Rex González, and Lautaro Nuñez.*

¹⁷⁸ Ribeiro, 1968a e 1968b.

¹⁷⁹ Meggers, 2003, p. 232. Original em inglês: *All Smithsonian “collaboration” was with the Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), the Patrimonio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), and the participants’ institutions.*

empregos foram criados e a arqueologia tornou-se uma disciplina científica reconhecida nacionalmente.¹⁸⁰

Funari pode não gostar do PRONAPA e de seus resultados, mas não pode dizer que o programa é insignificante. Ademais, por que um programa irrelevante teria sido alvo de tantos textos, críticas contundentes e esforços reiterados para desqualificá-lo? A centralidade do PRONAPA na história da arqueologia brasileira é evidenciada não apenas pela sua dimensão institucional, mas também pela força simbólica que passou a carregar no debate historiográfico. A repercussão chegou inclusive ao cenário internacional, chamando a atenção do historiador da arqueologia David L. Browman, que publicou, em 2004, um comentário intitulado *Mid-20th Century Development of Brazilian Archaeology (1964–1985)*, no *Bulletin of the History of Archaeology*. No texto, Browman destaca:

As décadas de 1960 e 1970 foram uma época tumultuada nos círculos acadêmicos brasileiros, e pode ser necessário um pouco mais de distância para elaborar uma história mais imparcial da história do desenvolvimento da arqueologia brasileira durante esse período. Mas, ao fazê-lo, os comentários dos vários intervenientes principais acima mencionados serão componentes críticos da eventual avaliação. Certamente o cenário político brasileiro era, em parte, um microcosmo das agendas mais amplas que influenciaram a política da “guerra fria” durante esse período, e a comunidade acadêmica era parte integrante do tecido nacional.¹⁸¹

Essa avaliação externa reforça a ideia de que, goste-se ou não de seus desdobramentos, o PRONAPA foi um marco no processo de profissionalização e institucionalização da arqueologia no Brasil.

¹⁸⁰ *Ibidem*. p. 232. Original em inglês: *Rather than “reactionary students happy to collaborate with the regime, as well as naive enthusiasts,” they were the leading archaeologists in Brazil at that time and represented universities in Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, and Rio Grande do Norte, as well as the Museu Paulista and the Museu Goeldi. The Smithsonian funded the fieldwork, the participants’ institutions paid their salaries, laboratory costs, and other local expenses, and the CNPq published the annual results via the Museu Goeldi. he judgment that “the result was the constitution of an archaeological establishment that had little scientific relevance” overlooks the fact that by the end of the PRONAPA a time-space framework had been created for the coastal strip, (...) several new jobs had been created, and archaeology had become a nationally recognized scientific discipline.*

¹⁸¹ Browman, 2004, p. 22 Original em inglês: *The 1960s and 1970s were a tumultuous time in Brazilian academic circles, and it may take a bit more distance to work out a more dispassionate story of the history of the development of Brazilian archaeology during this period. But in doing so, commentaries of the various major players above will be critical components of the eventual assessment. Certainly the Brazilian political scene was in part a microcosm of the larger agendas influencing the politics of the ‘cold war’ during this time, and the academic community was an integral part of the national fabric.*

1.5 PARA UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL DA ARQUEOLOGIA

A crítica formulada pelo historiador Carlos Fico sobre a historiografia da ditadura militar no Brasil ecoa de maneira contundente quando confrontamos o discurso de Funari sobre o PRONAPA. Fico afirma:

Tenho dito que “não devemos reduzir a história do Brasil entre 1964 e 1985 à história da ditadura militar”. Essa frase é apenas um jogo de palavras com o qual, não obstante, tenho tentado chamar atenção para o fato de que nem tudo o que aconteceu naqueles anos decorre da circunstância de ter havido uma ditadura militar”.¹⁸²

Essa observação é particularmente relevante para pensar a arqueologia brasileira no período. O autor complementa seu pensamento com a frase: “[...] não deveríamos dividir os agentes históricos entre mocinhos e bandidos, pois haveria sempre posições nuançadas, ambivalentes”. Essa perspectiva convida à superação de leituras simplificadas ou moralizantes da história da arqueologia no Brasil. Levando em consideração essa perspectiva de Fico, busca-se reconhecer a complexidade dos contextos institucionais, das relações internacionais e das escolhas individuais dos agentes envolvidos, e de compreender o PRONAPA não como uma entidade homogênea, mas como um campo em disputa, atravessado por interesses políticos, científicos e pessoais.

Do ponto de vista da política a nível global, países como o Brasil constituíam locais de disputa pelas narrativas políticas e culturais em um mundo pós Segunda Guerra Mundial polarizado entre os interesses representados pelos EUA e a URSS que caracterizaram a Guerra Fria. Também se configuravam como espaços de disputas de influências entre o “Velho Mundo”, ou seja, os países europeus e os Estados Unidos, um país do “Novo Mundo” que emergiu da Segunda Guerra Mundial como nova potência mundial. Essas disputas ofereciam oportunidades de negociar, questionar e adaptar os resultados das interações aos próprios interesses.

É importante destacar que as análises e textos que abordam o PRONAPA, como os de Pedro Paulo Funari, Cristiana Barreto e Adriana Dias tendem a enfatizar uma perspectiva de imposição metodológica por parte dos arqueólogos americanos. Em nenhum dos trabalhos citados há um esforço de nomear ou compreender o programa pelos olhos de seus executores diretos — os arqueólogos brasileiros —, o que acaba por apagar parte significativa das

¹⁸² Fico, 2017. p.30.

trajetórias, escolhas e negociações locais que conformaram a experiência do PRONAPA no país. Em comum, as interpretações dos autores acima atribuem o papel de vilões aos arqueólogos norte-americanos, ao mesmo tempo em que desconsideram as ações, escolhas e resistências dos brasileiros implicados no programa.

Chama atenção, nesse contexto, que as análises produzidas na história da arqueologia brasileira até aqui adotem como principal recorte as fronteiras nacionais. Como observa Oscar Moro-Abadía, esse viés nacionalista ecoa a perspectiva de Bruce Trigger, que valorizou a análise das peculiaridades regionais na constituição de tradições arqueológicas.¹⁸³ No entanto, esse modelo tende a obscurecer dinâmicas transnacionais essenciais para compreender a arqueologia como prática científica e cultural conectada globalmente.

O livro *As Ciências na História das Relações Brasil-EUA*, organizado por Magali Romero Sá, Dominichi Miranda de Sá e André Felipe Candido da Silva, reúne uma série de estudos que demonstram como as relações científicas entre os dois países foram marcadas por acordos formais, convênios de cooperação, alianças políticas temporárias e intensos intercâmbios técnicos.¹⁸⁴ Além das estruturas institucionais, os artigos evidenciam a importância das redes informais compostas por grupos e indivíduos que compartilharam ideias, tecnologias, recursos financeiros e experiências formativas.

Os organizadores destacam, ainda, que:

No Brasil, o exame da história das relações com os Estados Unidos foi muito influenciado pelo debate em torno do imperialismo. No cenário de polarização ideológica do regime militar, a partir da década de 1960, o perfil de ação dos EUA no Brasil e nos demais países da América Latina foi enquadrado como padrão clássico de imperialismo tal como concebido pelo marxismo, ou seja, como estratégia de dominação destinada a favorecer o acúmulo de capital nas formações sociais do eixo Norte Atlântico. Por isso, essas relações foram vistas como iniciativas de dominação econômica, militar e política. Segmentos nacionalistas, por sua vez, que contavam entre eles com grupos militares locais, encararam o imperialismo dos EUA como um antagonista.¹⁸⁵

Um artigo que elucidava como essas adaptações, nas relações Brasil-EUA podem ser entendidas do sob o ponto de vista da história transnacional é o de Olival Freire Jr. e Indianara Silva na coletânea editada por John Krige, *How Knowledge Moves – Writing the Transnational History*

¹⁸³ Moro Abadia, 2010.

¹⁸⁴ Sá, Miranda de Sá e Silva, 2020, p. 7.

¹⁸⁵ *Ibidem* p. 9.

of Science and Technology.¹⁸⁶ O argumento defendido pelos autores é que esses cientistas, sobretudo físicos, estavam profundamente envolvidos com a norma do internacionalismo científico, em diálogo com as oportunidades e restrições geradas pelas políticas externas de ambos os governos, mas não restrita a elas. Freire Jr. e Silva demonstram que os acadêmicos por vezes agiram num movimento contrário às políticas externas de seus países, demonstrando lealdade ao *ethos* científico.

A desconstrução dos argumentos de Funari é, portanto, um passo necessário para revisitar criticamente o entendimento que se cristalizou na historiografia da arqueologia brasileira sobre o PRONAPA. Mesmo entre autores que contestam suas conclusões, observa-se uma dificuldade em propor alternativas interpretativas que escapem às categorias dicotômicas que o autor ajudou a sedimentar. A leitura predominante sobre o PRONAPA permanece, assim, ancorada em oposições rígidas — entre colaboracionismo e resistência, centro e periferia, ciência colonial e ciência emancipadora — que pouco contribuem para uma análise histórica mais matizada. Para superar essas limitações, esta pesquisa adota uma abordagem transnacional, capaz de iluminar as redes de colaboração, conflito, mediação e ambiguidade que atravessaram a constituição do programa. Ao deslocar o foco da análise para além do Estado-nação como unidade explicativa, essa perspectiva permite observar os múltiplos níveis de agência — institucionais, interpessoais, epistemológicos — que moldaram a ciência arqueológica em tempos de autoritarismo e Guerra Fria.

A análise historiográfica apresentada até aqui demonstra que o PRONAPA não pode ser adequadamente compreendido à luz de categorias simplificadoras, como colaboração automática com o regime. Ao contrário, sua constituição e operação, revelam tensões, negociações e ambiguidades que só emergem plenamente quando examinadas em chave transnacional e multiescala. É nesse sentido que, nos próximos capítulos, serão mobilizadas fontes primárias e trajetórias individuais para reconstruir os contextos e agentes que deram forma ao PRONAPA.

Isto posto, construir o PRONAPA como um objeto da história das ciências utilizando a abordagem transnacional, se apresenta como uma possibilidade de compreender o programa para além das rígidas oposições das categorias “centro” e “periferia”. Ao incluir categorias como circulação, circuitos, adaptação, recepção e criatividade, essa abordagem permite colocar pessoas em evidência, bem como suas relações interpessoais e institucionais e suas opiniões

¹⁸⁶ Freire Junior, e Silva, 2019.

políticas. Esta abordagem busca articular diferentes dimensões de circulação e negociação, oferecendo uma leitura mais complexa e contextualizada da relação entre ciência e política no período. Nesse contexto, os cientistas e instituições brasileiras não atuaram apenas como receptores, mas também como agentes ativos, que negociaram, adaptaram e, por vezes, resistiram às influências externas. Compreender iniciativas como o PRONAPA, através de uma chave analítica transnacional, permite reconhecer a complexidade das trocas envolvidas e o protagonismo local na conformação dos rumos da arqueologia no Brasil.

Nesse sentido, o avanço da historiografia da arqueologia exige maior investimento acadêmico e institucional em pesquisas dedicadas ao tema, a criação de programas de formação interdisciplinares e o fortalecimento de espaços para a divulgação de estudos históricos sobre essa ciência. Além disso, é fundamental que a história da arqueologia seja integrada à formação dos profissionais da área e que seu valor seja reconhecido como parte constitutiva da prática arqueológica contemporânea.

Preencher lacunas na compreensão do passado da arqueologia brasileira não apenas enriquece o conhecimento sobre a trajetória da disciplina, mas também possibilita refletir criticamente sobre os processos históricos que moldaram suas práticas e discursos. Tal reflexão pode habilitar os arqueólogos a tomar decisões mais informadas e éticas no presente, promovendo uma arqueologia mais consciente de seu enraizamento histórico e cultural.

Diante disso, parece necessário propor um olhar mais atento à circulação de pessoas, métodos e recursos entre diferentes países e instituições. Uma abordagem transnacional da história da arqueologia permite situar o PRONAPA num campo de influências recíprocas, negociações e apropriações que não podem ser descritas apenas como “imposição externa” ou “subordinação colonial”. Ao reconhecer a agência dos arqueólogos brasileiros — sejam eles críticos ou entusiastas do programa —, amplia-se a compreensão sobre as ambivalências que marcaram a formação do campo arqueológico no país e sobre como suas práticas e discursos se conectaram às transformações globais da disciplina.

Nos capítulos seguintes, esta pesquisa examina essas tensões a partir de fontes primárias, com atenção especial às vozes, escolhas e estratégias dos diferentes agentes envolvidos. A proposta é, assim, contribuir para uma história da arqueologia no Brasil que não seja prisioneira de oposições binárias (como nacional versus estrangeiro, progressista versus reacionário, colonizador versus colonizado), mas que reconheça as zonas cinzentas e os arranjos complexos que estruturaram seu percurso.

CAPÍTULO 2: CLIFFORD EVANS E BETTY MEGGERS ANTES DO PRONAPA

A despeito da crítica direcionada ao PRONAPA, pode-se dizer – sem correr o risco de exagerar – que esse programa mudou a paisagem da arqueologia brasileira. Para que ele pudesse ter sido executado, existiram circulações e fluxos de ideias e de pessoas que criaram uma realidade onde o programa se tornou possível. Assim, nesta seção, a narrativa amparada nas fontes primárias, é utilizada como recurso para delinear os fluxos transnacionais que antecederam o desenvolvimento do PRONAPA, com foco em reconhecer como as relações foram construídas de modo a permitir a idealização, confecção e execução do projeto.

2.1 UM CASAL DAS TORRES PARA SMITHSONIAN: NOTAS BIOGRÁFICAS DE BETTY MEGGERS E CLIFFORD EVANS

Os personagens que movimentam essa narrativa, nesse momento, são os arqueólogos americanos Clifford Evans (1920-1981) e Betty Meggers (1921-2012). O texano criado na Califórnia Evans e a washingtoniana Meggers tinham suas próprias trajetórias antes de formarem um casal, já em seus doutorados na Universidade de Columbia (New York-NY), em 1946. Portanto, parece importante que suas trajetórias sejam brevemente abordadas tanto individualmente, quanto como um casal de cientistas no século XX.

Com relação a escrita de biografias na história das ciências, é importante levar em consideração que “requer cuidados que extrapolam em muito o eventual interesse público na vida e na obra do biografado”, como enfatizou Olival Freire Jr.¹⁸⁷ Tendo em vista as ressalvas apontadas pelo autor, o texto aqui apresentado busca se afastar tanto das hagiografias quanto do risco de excesso de sentido característico da ilusão biográfica, tal como denunciado por Pierre Bourdieu.¹⁸⁸ Assim como Freire Jr fez em relação a David Bohm, as narrativas biográficas a seguir, mesmo que introdutórias, pretendem levar em consideração hesitações, ansiedades e

¹⁸⁷ Freire Junior, 2020. p. 41.

¹⁸⁸ Bordieu, 2006.

frustrações tanto com as ciências (especialmente arqueologia e antropologia), como com a política em geral de Betty Meggers e Clifford Evans.

Além dos desafios já mencionados na escrita de biografias, a construção de uma narrativa sobre Meggers e Evans acrescenta uma camada adicional de complexidade: trata-se de um casal de cientistas que atuavam na mesma área, o que implica lidar, inevitavelmente, com dinâmicas distintas para ambos tanto no campo profissional como no pessoal. Pesquisadoras de diferentes campos têm se dedicado a investigar o lugar das mulheres na ciência e os modos como as relações sociais impactaram o desenvolvimento de suas trajetórias profissionais. Londa Schiebinger, por exemplo, afirma que “[...] talvez a pior coisa que uma mulher que exerce uma carreira pode fazer é casar-se com um homem que exerce uma carreira”.¹⁸⁹ A autora afirma que além das exigências próprias da atividade científica, mulheres casadas frequentemente acumulam o trabalho doméstico e a responsabilidade pela criação dos filhos, como resultado de uma divisão sexual do trabalho historicamente desigual. Diante disso, a narrativa a seguir está atenta para os atravessamentos de gênero para ambos - mas sobretudo para Betty - e para as implicações de se tratar de um casal que compartilha o mesmo campo de atuação.

O livro *Creative Couples in the Sciences*, editado por Helena Pycior, Nancy Slack e Pnina Abir-Am, argumenta que a existência de casais de cientistas é “[...] um fenômeno importante na história da ciência e do gênero”.¹⁹⁰ Uma das justificativas apresentadas é que a intimidade conjugal pode ser o alicerce para um tipo distinto de criatividade, algo que nenhum dos cônjuges alcançaria sozinho e que, possivelmente, só emerge em uma relação entre gêneros e, especificamente, em um vínculo conjugal. Além disso, a coleção mostra que o casamento científico frequentemente ampliava as chances de uma mulher realizar pesquisas relevantes, mas nem sempre garantia que ela recebesse o devido reconhecimento por esse trabalho, especialmente quando realizado em colaboração.

Betty Meggers e Clifford Evans formaram um casal notável na arqueologia americana. Sua parceria chegou a ser publicada em dois livros de divulgação científica ainda na década de 1960: *Scientists who worked outdoors*, do casal Lynn e Gray Poole;¹⁹¹ e *Partners in Science* de Alma Smith Payne,¹⁹² no qual foram representados na capa (Figura 16).

¹⁸⁹ Schiebinger, 2002, p. 181.

¹⁹⁰ Pycior, Slack & Abir-Am, 1996, p. 5. Original em inglês: (...) is an important phenomenon in the history of science and gender.

¹⁹¹ Poole e Poole, 1965.

¹⁹² Payne, 1968.

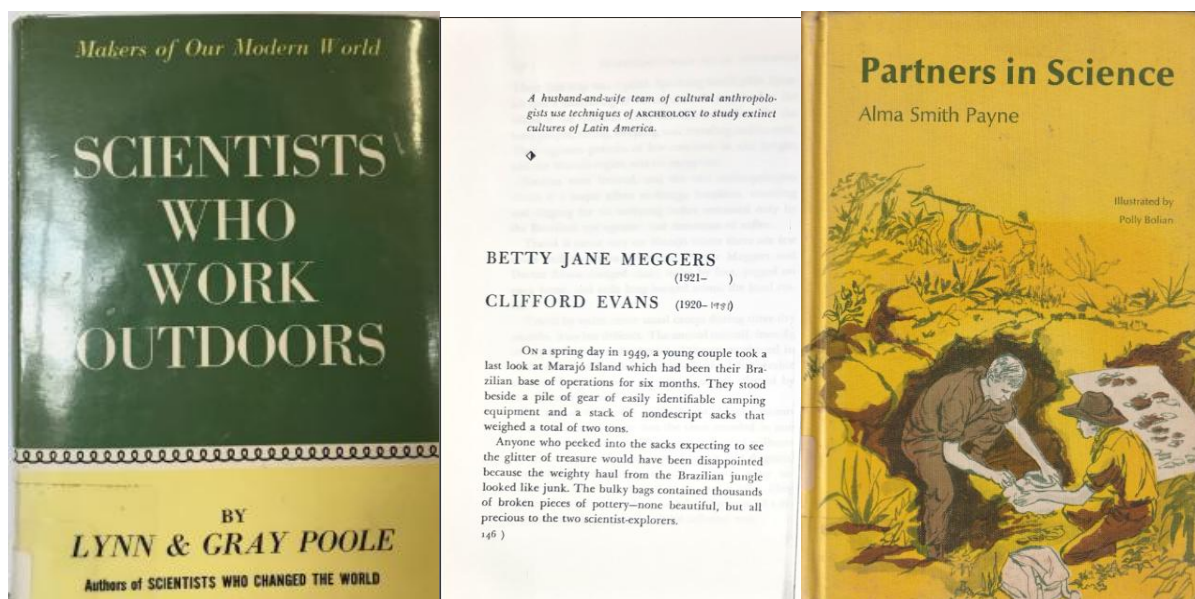


Figura 16: Capa do livro ‘Scientists who work outdoors’ (Poole e Poole, 1963); página do capítulo no mesmo livro dedicado a Betty Meggers e Clifford Evans; Capa do livro Partners in Science, com um desenho do casal de arqueólogos. Fonte: Poole e Poole, 1963; Payne, 1968.

2.1.1. *Simplesmente Betty Meggers: ciência, gênero e persistência*

Betty J. Meggers foi uma arqueóloga cuja trajetória científica e política atravessou fronteiras e despertou interpretações distintas sobre seu papel e legado, gerando intensas controvérsias. Reconhecida por sua dedicação à arqueologia e à antropologia na América Latina, ela foi simultaneamente exaltada e questionada. Nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, chegou a ser acusada de “criptomarxista”, devido ao seu enfoque crítico sobre a relação entre sociedade e ambiente, herdado de seu orientador de mestrado Leslie White.¹⁹³ No Brasil, também enfrentou críticas políticas, contudo no sentido oposto, sendo percebida como uma representante de visões imperialistas e chegando a ser acusada de aliada à ditadura militar, como ficou demonstrado no capítulo anterior, apesar de ser reconhecida por como “o nome mais influente da arqueologia amazônica”, como pontuou recentemente Bernardo Esteves.¹⁹⁴

Essa ambiguidade política reflete as complexas camadas de sua influência e os contrastes nas formas como seu trabalho foi recebido em diferentes contextos culturais e ideológicos. Apesar

¹⁹³ Para mais informações sobre o assunto, ver o artigo *Un-American Anthropological Thought: The Opler-Meggers Exchange* de David Price e William Peace (2003).

¹⁹⁴ Esteves, 2023, posição 3643.

de nutrir amizades duradouras, como as mantidas com Darcy e Berta Ribeiro, foi a oposição que colecionou ao longo de sua vida – com críticos como Donald Lathrap, Anna Roosevelt e até Martin Opler – que consolidou sua reputação como uma figura polêmica. No decorrer da narrativa, serão apresentados alguns equívocos disseminados largamente na literatura sobre Betty Meggers e o quanto a criação e manutenção desses se devem ao fato de ela ser uma mulher na ciência.

Essa hipótese se sustenta no fato de que, apesar de ter sua trajetória voltada para a ciência, para a antropologia e, sobretudo para a arqueologia, não falta na literatura autores que buscam diminuir sua importância para o desenvolvimento da ciência, principalmente no Brasil, fenômeno que não encontra paralelos para Clifford Evans. Um exemplo claro disso pode ser lido na dissertação de mestrado de Cássia Rosa: “O que se costuma dizer é que Betty Meggers no Brasil tem sua atuação científica enormemente valorizada, mas nos EUA ela é *simplesmente* Betty Meggers.”¹⁹⁵ Essa dualidade, reflete não apenas os contrastes na recepção de seu trabalho, mas também as tensões entre ciência, gênero, política e poder em sua trajetória.

Betty Jane Meggers foi a primeira filha do casal William Frederick Meggers e Edith Raddant Meggers, nascida em em 05 de dezembro de 1921, na capital dos Estados Unidos da América - Washington D.C (Figura 17). Seus pais eram ambos descendentes de alemães da região da Pomerânia, nascidos em Winsconsin nos Estados Unidos: seus avôs paternos, Jonh e Bertha Bork Meggers imigraram antes de 1872 para a área rural de Clintonville, onde William nasceu já seu avô materno, Carl Raddant, emigrou em 1881 para a o condado de Shawano, onde se casou com a americana Albertina Braatz, tendo Edith em 2 de fevereiro de 1892.¹⁹⁶

Apesar da coincidente origem, tanto de além-mar quanto em terras americanas, William e Edith se conheceram em Washington D.C, quando ele presta concurso civil para o *National Bureau of Standard (NBS)*, local onde Edith trabalhava. William F. Meggers havia se formado em física pelo *Ripon College* em 1910, e se tornado instrutor de física no *Carnegie Institute of Technology* em 1912. Foi lá que William Meggers tomou conhecimento da explicação de David Bohr sobre o espectro de hidrogênio, que o levou a se dedicar a espectroscopia no NBS. Ele conclui sua formação na *John Hopkins University (JHU)*, em 1916 o mestrado, e em 1917 o doutorado.

¹⁹⁵ Rosa, 2008. p. 63, Grifo meu.

¹⁹⁶ William F. Meggers Papers, Addition, 1870-1973. American Institute of Physics, Niels Bohr Library, College Park, MD 20740, USA

Eles se casam em nove de julho de 1920, mesmo ano que William Meggers se torna chefe da Seção de Espectroscopia do *NBS*, função que vai exercer até sua aposentadoria em 1958.

Graças a estabilidade dada pelo importante emprego de William Meggers, a casa onde Betty Meggers cresceu parece não ter sofrido gravemente com as dificuldades econômicas. Como enfatiza Cássia Rosa: “[...] pouco se conta e se sabe sobre a infância de Betty Meggers, o fato é que ela aconteceu durante o período de depressão econômica e, [...] parece não ter afetado muito a situação financeira da família que cresceu com mais dois filhos, William Jr. e John.”¹⁹⁷



Figura 17: Betty Jane Merggers em Washington D.C. em 2 de abril 1924. Fonte: William Meggers Archives, American Institute of Physics.

O lar Meggers na capital federal estado-unidense, foi um espaço onde o conhecimento e a ciência eram supervalorizados. Betty Jane e seus dois irmãos, puderam explorar hobbies diversos enquanto cresciam, sempre incentivados por seus pais. Como resultado, a família criou o “Museu Meggers de Ciência e Civilização” em sua garagem, “[...] literalmente uma

¹⁹⁷ Rosa, 2008. p. 43.

Smithsonian Institution Junior”, como fora denominado em matéria no *The NBS Standard – Official Employee Bulletin* de 1957.¹⁹⁸ “Segundo Dr. William Meggers, cada um de seus filhos teve pelo menos uma dúzia de hobbies diferentes enquanto crescia.”¹⁹⁹ Um entusiasmo por colecionar e experimentar que resultou, ao longo dos anos, em um acervo de curiosidades tão vasto que ocupava o sótão e a garagem da casa, tornando possível a criação de um verdadeiro museu doméstico em 1942.

Um dos interesses de William Meggers era justamente a arqueologia, levando Betty ainda criança para conhecer o sítio arqueológico *Serpent Mound*, em Ohio.²⁰⁰ Como resultado desse ambiente doméstico a jovem Betty Meggers cresceu almejando posições acadêmicas. Ainda no ensino médio, aos 16 anos, se voluntariou como estagiária na *Smithsonian Institution* no Departamento de Antropologia, onde trabalhou na reconstituição de cerâmicas escavadas no sítio arqueológico Pueblo Bonito, no Novo Mexico.²⁰¹ Após essa experiência, Betty decidiu que seria uma arqueóloga e que, portanto, faria faculdade de Antropologia (já que arqueologia é uma subárea da antropologia nos EUA) e seguiu visitando sítios quando possível (Figura 18).

¹⁹⁸ The NBS Standard – Official Employee Bulletin de 1957. Meggers Museum. Sept 20, 1942. *William F. Meggers Papers, 1917-1966*. American Institute of Physics. Center for History of Physics. College Park, Maryland, USA.

¹⁹⁹ *Ibidem*. Original em ingles: Dr. William Meggers (...) said his children – a girl and two boys – each had an least a dozen different hobbies while they were growing up, and the results show it.

²⁰⁰ Bennicoff, 2017.

²⁰¹ Memorandum para Dr. Wetmore. In: Meggers- Research Associate, 1954-1991. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.



Betty Jane Meggers
budding archaeologist

Ancient Buried City
Sept. 3, 1937

Figura 18: Betty Meggers, com 17 anos, no sítio arqueológico Ancient Buried City, em 3 de setembro de 1937. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans, NAA/SI.

Segundo a própria, a Universidade da Pennsylvania foi a escolhida “[...] porque era a instituição mais próxima de casa que oferecia antropologia como formação (meus pais não queriam que sua filha, tão jovem, fosse para muito longe de casa!)”.²⁰² É possível notar que a vida de Betty Meggers reforça o entendimento trazido por Londa Shiebinger sobre as mulheres que permanecem na ciência no século XX: “[...] elas vêm de famílias mais ricas e com maior escolaridade do que os homens que estudam ciência naquelas instituições. Elas também, tipicamente, vêm de famílias com pais em profissões científicas ou técnicas”.²⁰³ Outro ponto em comum com a vida de Betty Meggers e a premissa de Shiebinger é que, segundo a autora, “[...] as mulheres que têm êxito na ciência tendem, também a ser graduadas de escolas femininas”²⁰⁴, que era justamente o caso da Universidade da Pennsylvania.

Logo após a conclusão da graduação em 1943, Betty Meggers escolheu a Universidade de Michigan para fazer o mestrado em museologia, que concluiu em 1944. Ela diz que não tinha pretensões em ir além desse nível, contudo fora influenciada por seu orientador, o reconhecido

²⁰² Entrevista para Diana Flax. *In*: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: [...] because it was the closest university to my home that offered anthropology as a major (my parents didn't want their young daughter to go too far from home!).

²⁰³ Schiebinger, 2001, p. 126.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 126-127.

antropólogo Leslie White, na teoria que vai ser sua maior bandeira por toda a vida: a Evolução Cultural. Foi também em Michigan onde começou seu interesse pela arqueologia da região sul-americana, após analisar uma pequena coleção cerâmica da Ilha de Marajó.²⁰⁵ Os objetos fazem parte da coleção de Joseph Beal Steeres, um naturalista que entre os anos de 1870 e 1875 viajou por vários lugares do mundo (Brasil, Peru, China, Taiwan, Filipinas, Ilhas Molucas, Cingapura, Suez, Marselha e Londres) coletando espécimes para a Universidade de Michigan.

Steere coletou principalmente espécimes biológicos. Ele também coletou artefatos e objetos arqueológicos feitos e usados pelos povos que encontrou. A chegada a Ann Arbor de cerca de 60.000 pássaros, moluscos, insetos, peixes e samambaias, além de mais de 800 objetos culturais, levou a Universidade a construir seu primeiro prédio dedicado ao museu, inaugurado em 1881.²⁰⁶

A ilha de Marajó está localizada na foz do rio Amazonas, no estado do Pará. Os sítios arqueológicos mais comuns da ilha são aterros artificiais acima do terreno, criando montes, chamados de Tesos - ou *mounds* – que se destacam na paisagem na estação seca.²⁰⁷ O mais conhecido deles é o Pacoval, um dos sítios onde Steere e Domingos Ferreira Penna recolheram os artefatos para a coleção da Universidade de Michigan em 1871. Anyone Costa, em seu *Introdução a Arqueologia Brasileira*, menciona essa como a primeira exploração deste sítio.²⁰⁸ Além deste, Steere e Ferreira Penna também coletaram artefatos do sítio Ilha dos Bichos. Os objetos incluíam “[...] quinze vasos inteiros ou quase completos, dezesseis grandes cacos e vasos fragmentários, doze partes de estatuetas e adornos, e cinco tangas e fragmentos”.²⁰⁹ Essa análise lhe rendeu seu primeiro artigo, publicado em 1945 na “*Papers of the Michigan Academy of Science, Arts, and Letters*”, em uma edição que contava também com um artigo de Leslie White (Figura 19).

Nesse artigo, Meggers publica a classificação tipológica que fez dos objetos marajoara da coleção Steere. A partir desta classificação, ela produziu uma série de categorias a fim de,

²⁰⁵ Meggers, 1945.

²⁰⁶ University of Michigan, 2017. Original em inglês: *Steere mainly collected biological specimens. He also collected archaeological artifacts and objects made and used by the peoples he encountered. The arrival in Ann Arbor of some 60,000 birds, mollusks, insects, fishes, and ferns, and more than 800 cultural objects, led the University to construct its first dedicated museum building, which opened in 1881.*

²⁰⁷ Neves, 2006.

²⁰⁸ Costa, 1938.

²⁰⁹ Meggers, 1945, p. 195. Original em Inglês: “(...) includes fifteen whole or nearly complete vessels, sixteen large sherds and fragmentary vessels, twelve figurine parts and adornos, and five tangas, and fragments. [...]”.

determinar a distribuição espacial e cronológica das ocupações, a partir dos acabamentos de superfície “[...] sendo o critério primário o engobo e, o secundário, os modos de decoração”.²¹⁰

Também em 1945, Betty escreveu o artigo “*Recent Trends in American Ethnology*”, publicado na *American Anthropology* em 1946. Nesse artigo ela lamentou a falta de pesquisas que levassem em consideração aspectos evolucionistas, ao passo em que a antropologia boasiana se fortalecia no mesmo período. Este artigo demarcou o posicionamento de Meggers ao lado de White e gerou uma polêmica que reverberaria anos mais na frente na acusação velada de marxista em pleno período de Guerra Fria, como apontado por David Price e William Peace.²¹¹ O criticismo de Meggers fica claro no parágrafo seguinte:

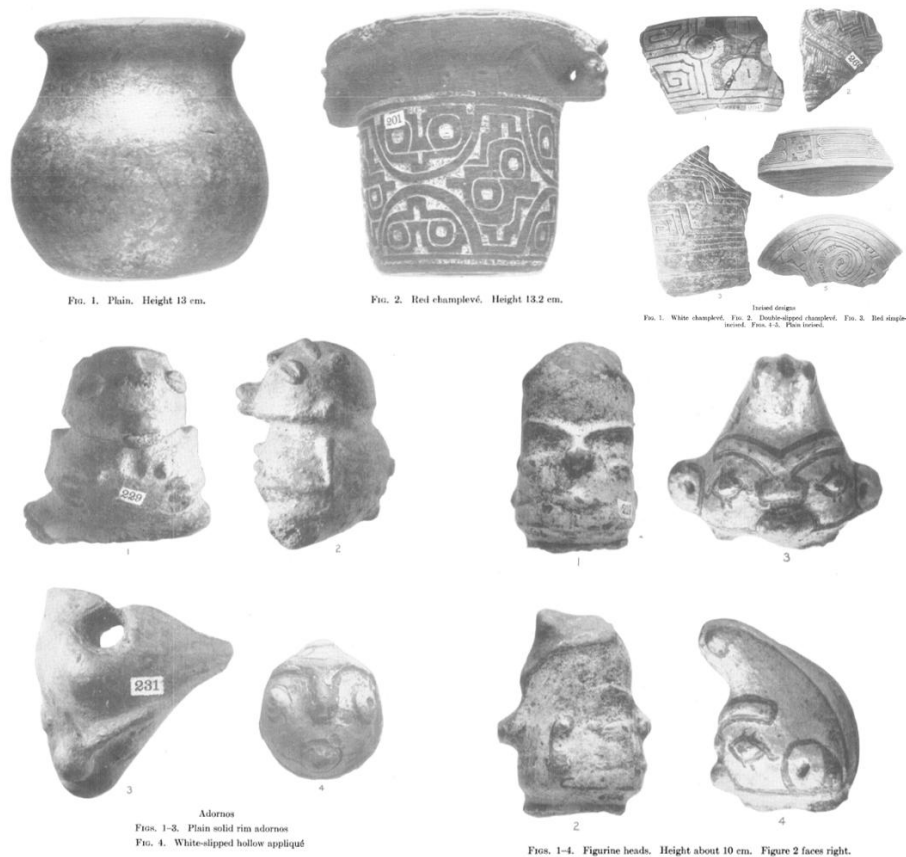


Figura 19: Imagens dos objetos publicados por Meggers em seu primeiro artigo científico. Fonte: Meggers, 1945.

²¹⁰ Meggers, 1945, p. 195. Original em inglês: “(...) the primary criterion being slip, the secondary one, mode of decoration.”

²¹¹ Price e Peace, 2003.

Quase não temos concepção da magnitude da contribuição que um estudo sistemático da cultura como tal poderia fazer para nossas vidas. ... Se o objetivo [da antropologia] é a fusão da antropologia com a psicologia e a sociologia, fizemos progresso. Se o objetivo é fazer da antropologia uma ciência independente, retrocedemos muito da posição alcançada na primeira metade [deste] século.²¹²

Segundo David Price e William Peace, Marvin Opler teria se ofendido com a forma como seu trabalho foi caracterizado por Meggers como pertencente ao campo da psicologia.²¹³ Ainda segundo os autores, ele também se ressentiu da conclusão de que a dimensão cultural era desconsiderada tanto em suas pesquisas quanto nas de outros pesquisadores. Quando o artigo fora finalmente publicado, em 1946, Meggers já havia inclusive concluído os pré-requisitos para o doutorado na *Columbia University*, em Nova York, onde fora admitida no ano anterior. Na Columbia, Meggers conheceu Clifford Evans, que viria a ser seu marido e seu principal colaborador de pesquisa.²¹⁴

2.1.2. Clifford Evans Jr.: “Um homem com pressa”²¹⁵

Nascido em 1920 na cidade de Dallas, no Estado do Texas, Clifford Evans Jr mudou-se com a família para San Bernadino, na Califórnia, após a morte do pai em 1926. Desde criança queria ser arqueólogo: segundo Betty Meggers desde os 7, segundo Earl Stadtman (seu amigo da escola) desde os 9. Em seu ensino médio, na Escola San Bernadino, participou de clubes com teor intelectual, como o Clube de Alemão – *Das Deutsche Verei*; o clube de debate e argumentação, *National Forensics*, onde ganhou vários prêmios por debate. Também participou da *The periclan Society* e do *California Scholarship Federation* (Figura 20).²¹⁶

²¹² Meggers 1945, p.196. Original em ingles: *We have almost no conception of the magnitude of the contribution that a systematic study of culture as such could make to our lives. ... If the goal [of anthropology] is the merging of anthropology with psychology and sociology, we have made progress. If the goal is to make anthropology an independent science, we have retrogressed far from the position achieved in the first half [of this] century.*

²¹³ Price e Peace, 2003.

²¹⁴ Entrevista para Diana Flax. *In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. Betty Meggers and Clifford Evans Papers.* National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²¹⁵ Payne, 1968, p 17. Original em ingles: “A young man in a hurry.”

²¹⁶ San Bernardino High School Yearbook, 1937.

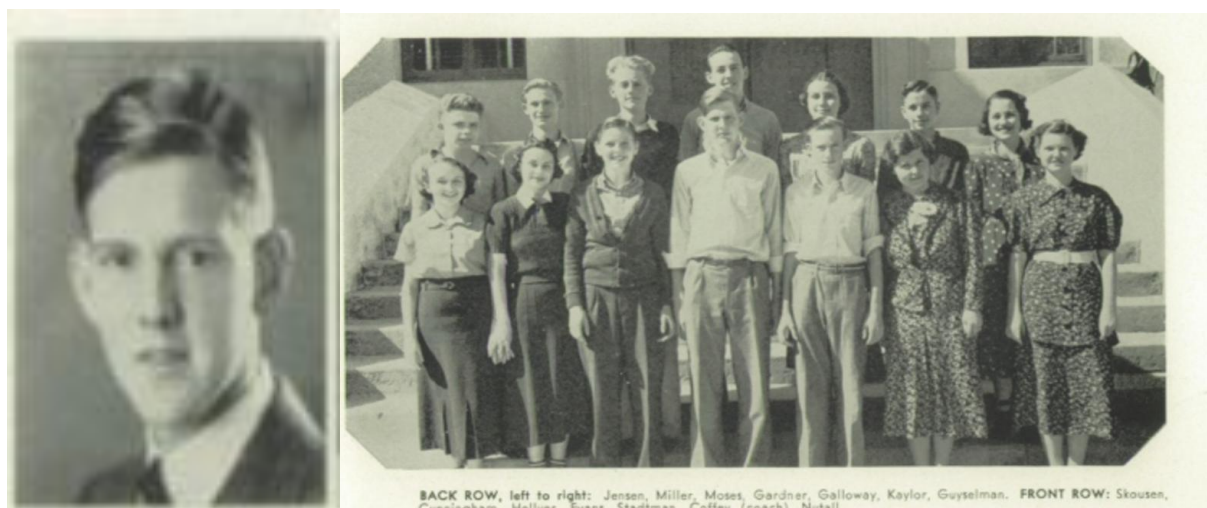


Figura 20: Clifford Evans e Earl Stadman no Clube de Debate National Forensic. Fonte: San Bernardino Sun, Volume 43, 11 June 1937.

Ao terminar o ensino médio, no verão de 1937, participou de um debate intitulado “Você e as máquinas”, como exercício para a conclusão do curso.²¹⁷ Na ocasião, Clifford Evans foi o único concluinte que falou sobre o lado positivo das ‘máquinas’, tratando-as como um benefício para a civilização: “Isto criou novas indústrias, nos forneceu maiores confortos, e estabelecemos mais momentos de lazer do que até então conhecido pelo homem.”²¹⁸ A formatura foi coberta pela edição de 11 de junho de 1937, do jornal ‘San Bernadino Sun’ que também registrou que entre os ganhadores dos prêmios estava Evans:

Clifford Evans recebeu a bolsa de estudos de mérito fundo de \$100, que foi estabelecida pela falecida Sra. Louise Miriam Rodgers, que deixou todo o seu patrimônio em um fundo fiduciário para o apoio de alunos para frequentam a *faculdade júnior*²¹⁹ de San Bernardino Valley²²⁰.

Após a conclusão da *faculdade júnior*, Cliff ganhou uma bolsa na Universidade de Southern California (USC), onde concluiu o curso de Antropologia no dia 7 de junho de 1941. Neste

²¹⁷ San Bernardino Sun, Volume 43, 11 June 1937.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 20. Original em inglês: *It has created new industries, supplied us with greater comforts, and established more leisure time than hitherto know to man, he said.*

²¹⁹ Nos EUA, a faculdade júnior (*junior college*) oferece cursos de dois anos que podem ser equivalentes aos dois primeiros anos de uma graduação. Muitos alunos o usam como um caminho mais acessível para entrar em uma universidade de quatro anos. Eles fazem os dois primeiros anos no junior college (que é mais barato) e depois transferem os créditos para uma universidade.

²²⁰ San Bernardino Sun, Volume 43, 11 June 193, p. 20. Original em inglês: *Clifford Evans received the merit fund scholarship of \$100, which was established by the late Mrs. Louise Miriam Rodgers, who left her entire estate in trust for the support of students attending San Bernardino Valley junior college.*

mesmo mês, no dia 13, ele completou 21 anos. No ano anterior, em 16 de setembro, o presidente dos EUA Franklin D. Roosevelt havia sancionado a “Lei de Treinamento e Serviço Seletivo”, que ficou conhecido como o primeiro recrutamento em tempos de paz.²²¹ Esta lei exigiu que todos os homens entre 21 e 45 anos se registrassem para o recrutamento. Assim, no dia se alistou no serviço militar na Army Air Corps, o equivalente a aeronáutica nos EUA, em 1 de julho de 1941, Clifford Evans se alista no serviço militar (Figura 21).²²²

RACE		HEIGHT (APPROX.)	WEIGHT (APPROX.)	COMPLEXION	
White	<input checked="" type="checkbox"/>	6-1	145	Sallow	
Negro		Blue	Blonde	Light	<input checked="" type="checkbox"/>
		Gray	Red	Buddy	
Oriental		Hazel	Brown	Dark	
		Brown	Black	Freckled	
Indian		Black	Gray	Light brown	
			Bald	Dark brown	
Filipino				Black	

Other obvious physical characteristics that will aid in identification.....

I certify that my answers are true, that the person registered has read or has had read to him his own answers, that I have witnessed his signature or mark and that all of his answers of which I have knowledge are true, except as follows:

Registrant for Local Board: 150 (Number) BARBANK (City or county) (State) CALIF

Date of registration: JULY 1 1941 LOCAL BOARD NO. 101

4343 La Crescenta Ave.

La Crescenta of Los Angeles Co. (City or county) (State)

(The stamp of the Local Board having jurisdiction of the registrant shall be placed in the above space)

U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE 16-21530

Figura 21: Registro do alistamento militar de Clifford Evans Jr. Em 1 de julho de 1941. Fonte: California, United States Registros, FamilySearch.

Esse também foi o ano que ficou marcado como o ano da entrada dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial, após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro. Evans foi convocado e serviu na guerra, embora no arquivo pessoal da Smithsonian tenha pouquíssimas referências a esse momento de sua vida, a recuperação de informações em arquivos online permitiu contar um pouco dessa história.

Ele se tornou Segundo Tenente e tripulante do avião de guerra *B-17 Flying Fortress*. Construído pela Boeing, o B-17 foi uma aeronave icônica utilizada para bombardeios pesados na Europa, especialmente em missões estratégicas durante a Segunda Guerra Mundial. Cada B-17 contava com uma tripulação de 10 pessoas, cada uma com funções específicas e essenciais para o

²²¹ Vergun, 2020.

²²² California, United States Registros, FamilySearch.

sucesso das missões (Figura 22). Clifford Evans foi o Bombardeiro da sua equipe, que era capitaneada pelo piloto Marl R Dunkel.

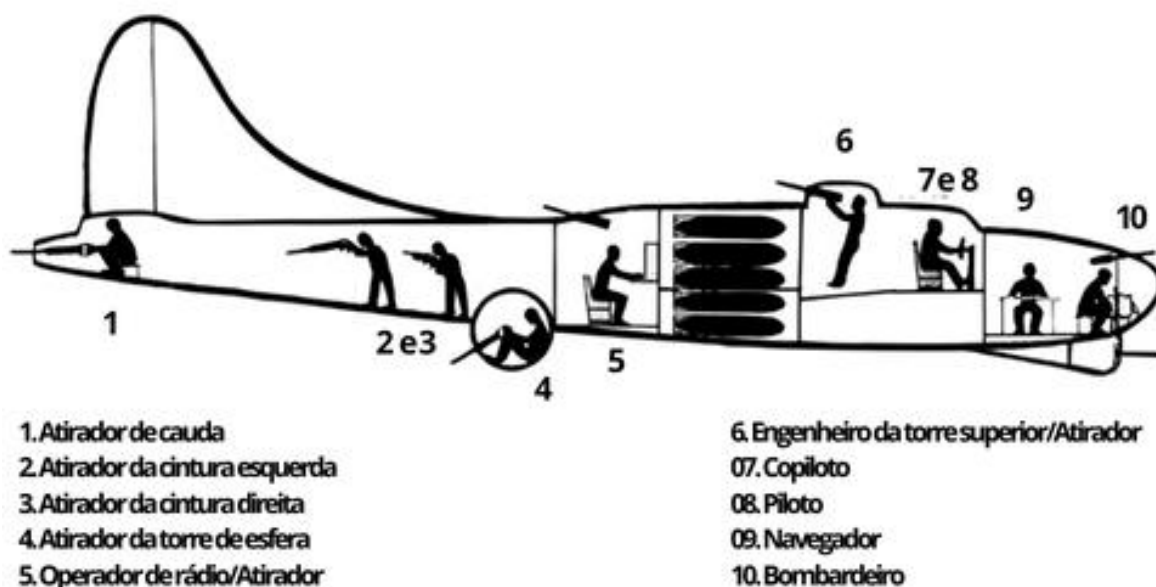


Figura 22: Representação da tripulação em um Boeing B-17 Flying Fortress. Fonte: Adaptado de *B-17 Bomber Flying Fortress – The Queen Of The Skies*.

No dia 28 de maio de 1944 eles chegaram à Base de Ridewell, na Inglaterra, onde compuseram o 381º Grupo de Bombardeio, no esquadrão 533.²²³ Segundo o Diário de Guerra do esquadrão 533, o primeiro registro de missão incluindo a tripulação liderada pelo piloto Mark R. Dunkel foi no dia 12/06/1944, quando atacaram um aeródromo na cidade de Lille, na região Norte da França, seguida de uma missão em Bor, também na França (no dia 13/06/1944). No dia 14 de junho Evans recebeu sua primeira *Air Medal* concedida por atos de heroísmo ou mérito, fato que se repetiria nos dias seguintes, com as missões de 15/06 em Merignac/França; 18/06 em Hamburgo, Alemanha; 19/06 em Merignac e aquela que seria a última missão aérea de Clifford Evans e sua equipe em 20/06, novamente em Hamburgo, na Alemanha (Figura 23).

²²³ 533rd Bomb Squadron War Diary.

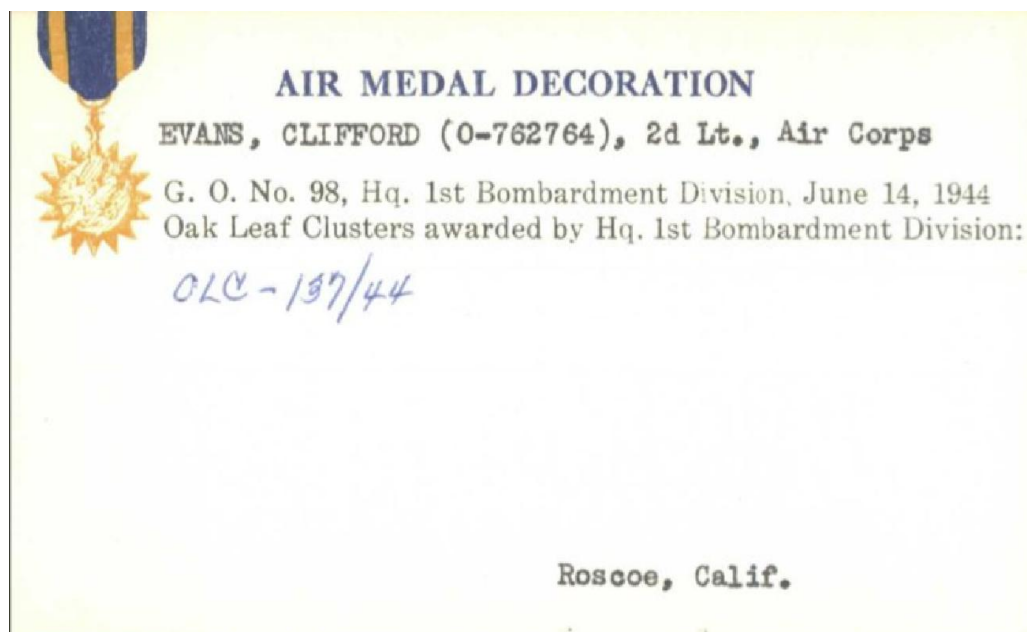


Figura 23: Cartão de condecoração de Medalha Aérea de Clifford Evans. Fonte: National Archives Catalog.

O alvo era a área portuária e as refinarias de petróleo da cidade, ponto estratégico para derrota dos países do Eixo. Naquela ocasião, a equipe do piloto Dunkel estava inaugurando um avião recém-chegado à Ridgewell, o B-17 43-37612 “Old Iron Gut.” (Figura 24).²²⁴



Figura 24: B-17A Old Irongut em Ridgewell, 10 de março de 1944. Fonte: ASISBIZ. 42-37969 B-17G Fortress.

²²⁴ B17 Flying Fortress.

Ao alcançar o alvo, por volta de 09:30 da manhã, a aeronave fora gravemente atingida três vezes pela artilharia antiaérea alemã, o que ocasionou sua explosão imediata, pois ainda estava com sua carga de bombas a bordo.²²⁵ Apenas 3 tripulantes escaparam com vida (Figura 25), dois dos atiradores da porção traseira da aeronave e Clifford Evans, pois era o único trajando o paraquedas de costas, como ele admitiu em relato após o fim da guerra:

O B-17 recebeu três rajadas diretas de flak, causando explosão instantânea, explodindo o avião em pedaços, da torre de esfera para a frente. Eu, o bombardeiro, fui lançado no ar com apenas meu paraquedas restante nas costas, a explosão tendo arrancado o traje de proteção contra flak, óculos de proteção, capacete e máscara de oxigênio. Não houve tempo para se preparar para uma emergência. Eu era o único membro da tripulação que usava um paraquedas tipo P3B nas costas e essa é a única razão de eu estar vivo hoje. Os outros membros da tripulação se recusaram a usar esse tipo de paraquedas porque achavam que era muito desajeitado e muito pesado. Os outros dois membros salvos, o atirador de cauda Sgt Rober Beaman e o atirador de cintura Sgt Theodore Schmidt, estavam na parte do avião que não foi completamente destruída e tiveram tempo de prender pelo menos um gancho de seus paraquedas mochilas de peito, antes de deixar a parte em queda do avião. [...] Mais evidências da terrível explosão que demoliu completamente o avião no ar podem ser oferecidas pelo fato de que a carga de bombas ainda não havia sido liberada. Os alemães mais tarde me disseram que encontraram os fragmentos dos corpos dos seguintes homens, identificados por pulseiras de proteção e dogtags; Piloto Tenente Mark R. Dunkel, Tenente Frank L. Kelly, Sgt William Stoll e Sgt John L. Pillotti. Eles não mencionaram, nem eu nunca vi nenhuma das posses do Tenente Kenneth Roehr e do Sgt Aaron Kochel.²²⁶

²²⁵ 533rd Bomb Squadron War Diary.

²²⁶ B17 Flying Fortress. Original em inglês: *The B-17 took three direct bursts of flak, causing instantaneous explosion, blowing the plane apart into bits, from the ball turret forward. I, the bombardier, was blown into mid-air with only my parachute remaining on my back, the explosion having ripped off the flak suit, goggles, helmet and oxygen mask. There was no time to prepare for an emergency. I was the only member of the crew who wore a back type P3B parachute and that is the sole reason for my being alive today. The other members of the crew had refused to wear this type of chuts because they thought it was too awkward and too heavy. The other two members saved, the tail gunner Sgt Rober Beaman and waist gunner Sgt Theodore Schmidt, were in that part of the plane which was not blown completely apart and had time to fasten at least one hook of their chest packs, before leaving the falling part of the airplane. While descending in my chute, large portions of the wing, a complete landing strut and wheel, thousands of fragments, a fully inflated dingy and debris and an opened parachute with none in it passed me up. Further evidence of the terrific explosion which completely demolished the plane in mid-air might be offered in the fact that the bomb load had not as yet been released. The Germans later told me they had found the fragments of bodies of the following men, identified by crash bracelets and dogtags; Pilot Lt. Mark R. Dunkel, Lt Frank L. Kelly, Sgt William Stoll and Sgt John L. Pillotti. They did not mention, nor did I ever see any of the possessions of Lt Kenneth Roehr and Sgt Aaron Kochel.*

**Meldung über den Abschluß eines
US-amerikanischen Flugzeuges**

Abschuß-Nr. KU 827 A

Abschußtag und Zeit: 20.6.44 - 9.30

Abschußort: Hamburg

Flugzeugtyp: _____

Meldende Dienststelle: Uttersen

Besatzung:

Name und Vornamen: Geburtstag und -ort:	Dienst- grad	Erk.- Marke:	Verbleib:	
			gef.: verw.: tot:	welches Lager Art d. Verwundung Grablage
EVANS Clifford jr.	2.Lt.	0-762764	gef.	Dulag-Luft
SCHMIDT Theodore Edward	Sgt.	39695962	gef.	Dulag-Luft
BEAMAN Roger L.	Sgt.	39045941	gef.	Dulag-Luft

Figura 25: Documento alemão que comprova a prisão de Clifford Evans, após o B-17 Old Iron Gut ter sido abatido nos arredores de Hamburgo. Fonte: German captured documents collection, 1766-1945; Library of Congress. Box 364, Folder KU 827A

Um dos atiradores, Theodore Schimdt, conseguiu pousar seu paraquedas em local seguro. Já Clifford Evans e Robert Beaman, foram brutalmente atacados pela população alemã quando atingiram o chão. Ambos foram resgatados pelo exército alemão, que os levaram para prisão, juntamente com Schmidt, para serem interrogados e aplicaram alguns primeiros socorros. Evans inclusive foi submetido a uma cirurgia plástica para arrumar uma “[...] pálpebra gravemente ferida”.²²⁷

[...] Clifford, em sua maneira caracteristicamente objetiva, observou que, a partir de seu treinamento em arqueologia e antropologia, ele podia entender bem o comportamento irado dos camponeses que o cercavam; era apenas uma reação natural das pessoas a um ataque que ameaçava sua sociedade.²²⁸

²²⁷ Earl Stadtman for Clifford Evans Memorial - transcript *In: Memorial Ceremony - Ttranscript*, 1981. Betty meggers e Clifford Evans papers. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *to mend a badly damaged eyelid.*

²²⁸ *Ibidem.* (...) *Clifford, in his characteristically objective manner, noted that from his training in archaeology and anthropology he could well understand the irate behavior of the peasants that attached him; it was only a natural reaction of people to an onslaught that threatened their society.*

Após serem interrogados, os sobreviventes do “Old Iron Gut” foram encaminhados para o campo de prisioneiros de guerra Dulag-Luft. Evans foi transferido diversas vezes devido ao avanço das forças Aliadas sobre a Alemanha, até que em 29 de abril de 1945, em Moosburg, foi finalmente libertado pelo comando do General George Patton, junto com outros quase 50.000 prisioneiros.²²⁹

“Em 3 de junho daquele ano, Cliff foi dispensado do serviço em *Staten Island*, Nova York, e no outono ingressou na Universidade de Columbia para perseguir seu objetivo de vida de se tornar um arqueólogo.”²³⁰ A essa altura Clifford Evans estava com muita pressa para recuperar sua formação em arqueologia, interrompida pela guerra. Apesar da pressa ele não consideraria pegar atalhos para “[...] completar o os requisitos para um cobiçado título de Doutor em Filosofia, com habilitação em antropologia cultural e sobretudo em arqueologia”.²³¹

Sua entrada na Columbia foi facilitada pela lei *G.I. Bill of Rights*.²³² Esta lei é conhecida como *Servicemen’s Readjustment Act of 1944*, criada para oferecer auxílio federal aos veteranos da Segunda Guerra Mundial.²³³ Sancionada pelo presidente Franklin D. Roosevelt em 22 de junho de 1944, a lei tinha como objetivo principal facilitar a reintegração dos veteranos à vida civil, oferecendo oportunidades de educação entre outras facilidades.

A experiência da guerra marcou profundamente Evans, que desenvolveu uma opinião crítica sobre o ambiente militar americano. Em correspondência pessoal, chegou a afirmar que os soldados alemães o trataram com mais humanidade nos campos de prisioneiros de guerra do que os próprios americanos durante o treinamento.²³⁴

²²⁹Fowler, Van Beek, e Sanoja. 1982.

²³⁰ *Ibidem*, p. 546. Original em Inglês: *By June 3 of that year Cliff was being mustered out of the service at Staten Island, New York and in the fall he entered Columbia University to pursue his lifelong aim of becoming an archaeologist.*

²³¹ Payne, 1968, p. 17. Original em inglês: (...) complete the requirements for a coveted Doctor of Philisiphy degree.

²³² Carta de Clifford Evans para Professor Floyd House, em 14 de junho de 1949. *In*: Univ. of Virginia Job Data, Correspondence, etc., 1949 – 1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²³³ U.S. National Archives and Records Administration. Servicemen’s Readjustment Act (GI Bill) [site]. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/servicemens-readjustment-act>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

²³⁴ Carta de Clifford Evans para o arqueólogo alemão Dr. Adolf Rieth em 15 de junho de 1978. *In* Vita- Clifford Evans, 1981-2004. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

2.1.3. Um casal de feito nas torres destinado à Smithsonian Institution

Em 1945, Betty Meggers e Clifford Evans estavam ambos na cidade de New York focados em concluir suas formações como antropólogos/arqueólogos na *Columbia University*. Foi quando ambos estagiavam no *American Museum of Natural History* que suas trajetórias finalmente se cruzaram. Evans analisava cerâmica arqueológica, enquanto Betty Meggers analisava o mesmo tipo de material dois andares abaixo. “Em pouco tempo, a amizade deles se aprofundou em um romance *nas torres*, como eles se referiam ao Museu Americano de História Natural.”²³⁵

Columbia era conhecida como “[...] a cidadela da antropologia boasiana”.²³⁶ Isso porque o Departamento de Antropologia fora fundado em 1902 pelo alemão Franz Boas, que “[...] trouxe para a Columbia seu amplo e profundo treinamento em ciências e sua visão de uma nova ciência da antropologia, unindo antropologia cultural, antropologia física e linguística, com o devido respeito pela arqueologia”²³⁷ e ditou a antropologia em todo o país por muitos anos. É importante pontuar que a antropologia boasiana se desenvolveu em oposição ao determinismo cultural e evolucionista derivado da aplicação das teorias de Darwin para estudos humanos no século XIX. Esse entendimento “violentamente antievolucionista”²³⁸ dominava a antropologia na Columbia, personalizada por Ruth Benedict, ex-aluna de Boas, e era diretamente oposto ao desenvolvido por Leslie White em Michigan, que havia fincado suas raízes em Betty Meggers.

A relação de Meggers e Evans evoluiu para um noivado em 1946, duas semanas antes dele partir para um campo de 8 meses com Dr. William Strong, seu mentor, no Peru. Esse campo fazia parte de um grande programa de pesquisa unificada, desenvolvida por antropólogos e um geógrafo. “O objetivo que unificou a pesquisa do projeto foi a coordenação de várias fases da pesquisa antropológica em torno de um problema central, o estudo de um longo continuum de

²³⁵Payne, 1968, pg. 20. Original em inglês: *Before long their friendship deepened into a "romance in the towers", as they referred to their American Museum of Natural locale.*

²³⁶ Wolf, 2003, p. 61.

²³⁷ *Ibidem*, p. 61.

²³⁸ Entrevista para Diana Flax. *In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. Betty Meggers and Clifford Evans Papers.* National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: [...] *violently anti-evolutionist.*

crescimento cultural em uma área limitada onde o meio ambiente foi um fator constante em todos os períodos”.²³⁹

Além do Dr Strong, os outros idealizadores deste projeto foram Julian H. Steward e F W McBryde, do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution, Gordon Willey, do Bureau of American Ethnology, também da Smithsonian e Wendell Bennet, fundador do departamento de antropologia na Yale University. Outros pesquisadores se juntaram ao programa, incluindo James A. Ford, bolsista da Guggenheim e Evans, como orientando de Dr. Strong. A estrutura desse projeto foi baseada em cinco pontos principais, e se repetiria nos programas que seriam coordenados por Evans e Meggers, como veremos nos próximos capítulos: 1- Mapas detalhados da área; 2- Análise de laboratório e discussão com a equipe; 3- Excelência técnica em desenhos e fotografias; 4- Transporte; 5- Publicações.²⁴⁰ O programa estava fortemente baseado no Evolucionismo Cultural, cujo entendimento aproxima a arqueologia, a etnologia e a antropologia social.

Em 1946, Julian Steward é incorporado ao quadro acadêmico da Columbia, o que trouxe uma mudança na tendência teórica da universidade:

[...] a chegada de Julian Steward representava [uma] tendência oposta. Para além de questionar “totalidades” a priori assumidas e se dispor a entender as estruturas em termos relacionais, sua ‘ecologia cultural’ salientava a necessidade de entender o significado da inserção do trabalho – isto é, das relações sociais de produção – no tecido societário.²⁴¹

Naquela altura, a antropologia da Columbia era conhecida por seu posicionamento político à esquerda, também herdada de Boas. “A perspectiva intelectualmente de esquerda em Columbia continuou após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, com a entrada no departamento de um grupo de veteranos e da geração que sofreu com a Grande Depressão.”²⁴² Segundo Julian Stewart, “[...] foi durante os anos trinta que Columbia se tornou uma célula comunista muito mais do que as pessoas sabiam, e curiosamente, muitos adotaram as orientações políticas e

²³⁹ Willey, Gordon. 1946, p. 225. Original em inglês *Acta americana: The unifying research objective of the project was the coordination of various phases of anthropological research around a central problem, the study of a long continuum of culture growth in a limited area where the natural environment has been a constant factor at all periods.*

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 226.

²⁴¹ Feldman-Bianco e Ribeiro, 2003, p. 15.

²⁴² Lewis, 2013, p. 127. Original em inglês: *The intellectually left perspective at Columbia was continued after World War II, in 1946, with the entry into the department of a group of veterans, mostly New Yorkers who had grown up with the deprivations of the Great Depression.*

econômicas, mas permaneceram relativistas completos em seu trabalho antropológico”.²⁴³ Junto com Steward, chegava à Columbia uma geração de antropólogos que estavam dispostos a assumir um posicionamento mais político em seus trabalhos.

Uma semana após o retorno de Clifford Evans do trabalho de campo no Vale do Virú, ele e Betty Meggers se casaram, em 13 de setembro de 1946. Ao comentar sobre sua relação com Evans, Meggers destacou que teve “[...] a sorte de conhecer um homem que não se sentiu ameaçado por uma mulher inteligente enquanto eu era estudante de pós-graduação”.²⁴⁴ Durante seu doutorado, contudo, Meggers não acompanhou seu orientador em atividades de campo, como Evans. Este dado ganha relevo à luz dos depoimentos recentes de outras arqueólogas americanas, que relataram que, antes da década de 1970, mulheres frequentemente não eram autorizadas, nem sequer convidadas, a participar de pesquisas de campo.²⁴⁵ Em muitos casos, elas só conseguiam ir a campo quando realizavam investigações para suas próprias teses de doutorado. Ainda que as fontes consultadas não indiquem explicitamente que esse tenha sido o caso de Meggers, o fato de ela não ter ido a campo até coordenar sua própria pesquisa sugere uma experiência alinhada com as dificuldades de gênero relatadas por outras profissionais da arqueologia no período.

Após o casamento, eles se mudaram para Shanks Village, localizado no Condado de Rockland, Nova York, um campo militar que foi convertido em moradias, sobretudo para veteranos que cursavam faculdades na cidade de Nova York e suas famílias.²⁴⁶ Shanks Village contava com pouca infraestrutura, mas o casal enfrentava as dificuldades com um humor peculiar. Observavam o cotidiano com um olhar antropológico, o que conferia leveza à vida diária (Figura 26).

²⁴³ Price e Peace, 2003. Original em inglês: *It was during the thirties that Columbia became a communist cell far more than people knew, and curiously, many adopted the political and economic orientations yet remained thorough-going relativists in their anthropological work.*

²⁴⁴ Entrevista para Diana Flax. *In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. Betty Meggers and Clifford Evans Papers.* National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *I was fortunate to encounter a man who did not feel threatened by an intelligent woman while I was a graduate student.*

²⁴⁵ Moholy-Hagy, 2012; Chase, 2021; Kehoe, 2022; Villon 2023;

²⁴⁶ The Columbia Gazetteer of North America. 2000.

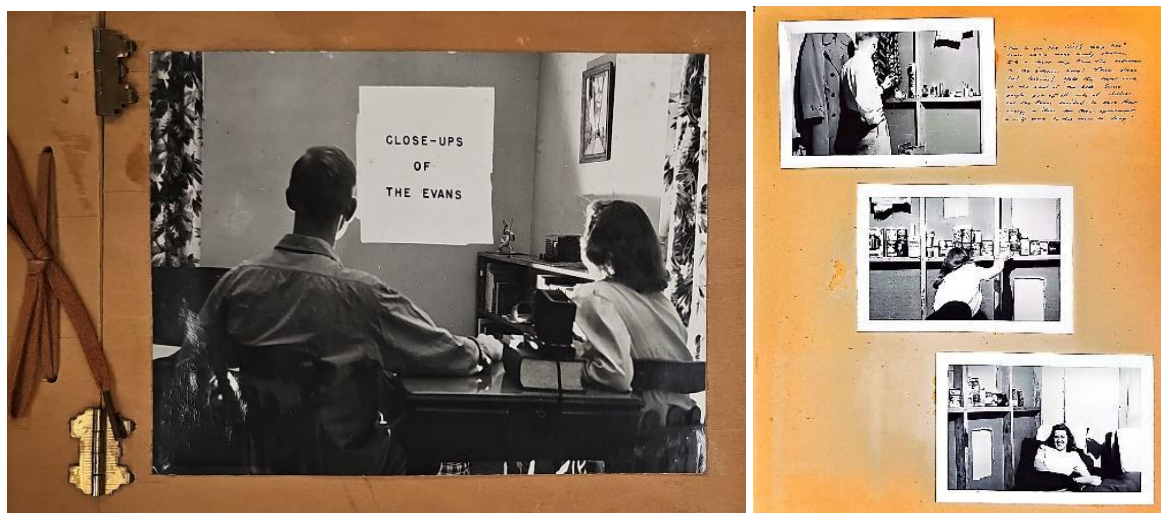


Figura 26: Capa e página do album de fotografias ‘Close-ups of the Evans’. Fonte: Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Com o casamento, teve início também, de forma oficial, a parceria acadêmica entre Mr. e Mrs. Evans. Contudo, decidiram que Betty manteria o sobrenome de solteira em suas publicações — o nome de seu pai, Meggers. À época, Betty já acumulava algumas publicações, incluindo um artigo sobre a cerâmica da Ilha de Marajó, fruto de sua pesquisa de mestrado na Universidade de Michigan, que havia despertado seu interesse pela Amazônia. Assim, após concluírem os créditos do doutorado e com o retorno de Evans de uma excursão ao Peru, partiram juntos para um ano de trabalho de campo na Amazônia brasileira, uma região ainda pouco explorada pela arqueologia, o que coincidia com a aversão de Evans a “áreas de pesquisa sobrecarregadas”.²⁴⁷

A excursão intitulada “*Marajó, Mexiana, Caviana and Territory of Amapá, Brazil*” ocorreu entre julho de 1948 e julho de 1949, com financiamento da Columbia University Cutting Traveling Fellowship e de um *Grant-in-Aid* da Wenner-Gren Foundation.²⁴⁸ Durante esse período, Betty Meggers e Clifford Evans pesquisaram sítios arqueológicos em diferentes regiões da Amazônia brasileira. Contudo, o foco de suas investigações não se limitava aos contornos políticos do território nacional. Seu principal interesse estava em compreender a Amazônia como unidade ecológica e cultural, buscando identificar padrões de ocupação humana e desenvolvimento sociocultural a partir da interação com o meio ambiente.²⁴⁹

²⁴⁷ Poole e Poole, p. 151. Original em inglês: (...) *aversion to overworked research areas*.

²⁴⁸ Lower Amazon expedition: Prospectus, letter of award, and expense accounts, 1947-1950. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁴⁹ *Ibidem*.

O trabalho de Mariana Sombrio oferece um panorama detalhado dos acordos institucionais e diplomáticos necessários para a realização da expedição no Brasil.²⁵⁰ À época, as pesquisas científicas estrangeiras eram regulamentadas pelo Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE), então sob a responsabilidade de Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional. Segundo Sombrio, a presença do casal Meggers-Evans mobilizou uma série de negociações entre instituições brasileiras e estadunidenses, revelando as redes de poder e mediação que sustentavam a presença científica estrangeira no país. A atuação de Heloísa Alberto Torres foi central nesse processo, tanto como autoridade reguladora quanto como articuladora dos interesses brasileiros diante das expedições internacionais.

Nesse cenário de negociações diplomáticas e institucionais, para a autora Betty Meggers destacou-se por ocupar uma posição muito distinta daquela comumente atribuída às “esposas assistentes” em expedições científicas do período. Como aponta Mariana Sombrio, “[...] distante do papel da tradicional assistente esposa, Betty Meggers era indiscutivelmente a cientista desta expedição, trabalhando o tempo todo em colaboração com Clifford Evans”.²⁵¹ A autora ainda ressalta que o fato de não ter adotado o nome do marido a levou a ficar conhecida nos círculos científicos por seu nome próprio.

Meggers participou ativamente das escavações e empenhou-se para que as decisões metodológicas e interpretativas fossem tomadas da maneira mais criteriosa possível. Sua atuação evidencia não apenas uma prática científica autônoma e rigorosa, mas também a complexidade das relações de gênero dentro da arqueologia internacional no pós-guerra. Ao afirmar sua presença como pesquisadora em uma expedição financiada por instituições norte-americanas e regulada por autoridades brasileiras, Meggers tensionava o lugar social e epistêmico reservado às mulheres na ciência, ao mesmo tempo em que contribuía para consolidar uma agenda arqueológica marcada por modelos explicativos centrados em premissas ecológicas e difusionistas aplicadas ao “ambiente amazônico”.

Também coube a Meggers assumir o registro minucioso da expedição em seus diários, por vezes “[...] complementados por pequenos comentários de seu marido nas últimas linhas ou no pé das páginas”.²⁵² A autora ressalta que o nível de detalhamento dos diários produzidos por Betty, ampliam as possibilidades de reflexão por, entre outras coisas, registrar as pessoas

²⁵⁰ Sombrio, 2022.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 161.

²⁵² *Ibidem*. p. 160

geralmente invisibilizadas nas narrativas científicas: “[...] os inúmeros participantes do trabalho de pesquisa que ela coordenou e que aparecem em seu relato são muito importantes para esta história”.²⁵³

Enquanto ainda estavam no Brasil, Clifford Evans recebeu uma carta de seu professor Julian Steward, informando que alguém da Virginia University havia entrado em contato pedindo indicações para ocupar uma vaga de professor no Departamento de Sociologia e que gostariam de empregar uma pessoa com inclinações para arqueologia.²⁵⁴ O casal Evans queria iniciar sua vida profissional, assim a indicação de Steward foi muito bem recebida. Clifford Evans respondeu prontamente e aceitou a proposta de dar cursos referentes a dois semestres (nove meses) como instrutor de antropologia, no departamento de sociologia, enquanto ainda estava no Brasil.²⁵⁵ O ofício confirmando a contratação, enviado dia 15 de julho, estava esperando por ele no endereço dos pais de Betty Meggers poucos dias depois.²⁵⁶

Em agosto de 1949, no início do ano letivo americano, Evans já estava na cidade de Charlottesville, na Virginia University, ensinando duas disciplinas de antropologia, uma de sociologia e escrevendo sua tese. Suas disciplinas eram ofertadas também para alunos de pós-graduação, o que gerou uma preocupação por parte da universidade já que ele ainda não tinha completado seu doutorado. Essa situação deve ter motivado Clifford Evans a concluir rapidamente a monografia de sua tese sobre o Território do Amapá, a guiana Brasileira. Com a defesa da tese e as mudanças das regras da universidade, Evans obteve seu grau de doutor em 10 de abril de 1950.²⁵⁷ A carreira de Clifford Evans como professor não duraria muito, no entanto. No ano seguinte recebeu uma proposta de ser *Associate Curator* das coleções da

²⁵³ *Ibidem.* p. 163.

²⁵⁴ Carta de Julian Steward para Clifford Evans e Betty Meggers, sem data. *In* Univ. of Virginia Job Data, Correspondence, etc., 1949 – 1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁵⁵ Carta de Clifford Evans para o diretor da Escola de Sociologia da Virginia University Professor Floyd House em 25 de junho de 1949. *In* Univ. of Virginia Job Data, Correspondence, etc., 1949 – 1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁵⁶ Ofício de 15 de julho de 1949 da Universidade da Virginia nomeando Clifford Evans como Instrutor de Sociologia. *In* Univ. of Virginia Job Data, Correspondence, etc., 1949 – 1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁵⁷ Carta de Clifford Evans Jr para Dean Ivey Foreman Lewis em 17 de abril de 1950. *In* Univ. of Virginia Job Data, Correspondence, etc., 1949 – 1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

América Latina na *Smithsonian Institution*, posição que além de mais bem remunerada, traria mais visibilidade, tanto nacional como internacional.

A passagem de Meggers pelo ensino foi marcada por obstáculos que Evans jamais enfrentou. Em abril de 1950, candidata a uma vaga de professor de antropologia no Departamento de Sociologia da American University, na cidade onde nasceu, ela se deparou com um julgamento que extrapolava sua formação ou competência. Para o chefe do departamento não incomodava sua falta de experiência, como tampouco importou para Evans, “[...] mas ele disse que o fato de você ser mulher pode ser contra você, já que o reitor Douglass não está entusiasmado com mulheres como membros do corpo docente”.²⁵⁸ E continua:

Temos dois professores titulares em nosso corpo docente agora que são mulheres, uma delas chefe do maior departamento, dois ou três outros membros em tempo integral e várias mulheres em meio período dando aulas, então não acho que seja muito sério! Um ponto para você é que você poderia dar aulas durante o dia; pessoas qualificadas em meio período geralmente estão livres apenas à noite, e o departamento gostaria de oferecer antropologia.²⁵⁹

Betty foi contratada e, durante um semestre, ofereceu duas disciplinas de antropologia: uma no período diurno e outra à noite. No semestre seguinte, ainda lecionava uma disciplina quando soube que um professor — homem — seria contratado para ocupar seu lugar no ano seguinte, de forma permanente. Meggers não aceitou essa substituição sem questionar. Escreveu ao reitor da universidade solicitando explicações: por que estava sendo trocada sem aviso prévio, sem que houvesse qualquer reclamação sobre seu trabalho?²⁶⁰ Entretanto, ela não recebeu uma resposta direta. Em vez disso, o diretor do Departamento de Sociologia lhe enviou uma carta

²⁵⁸ Carta de Barney para Betty Meggers, em 12 de abril de 1950. *In American University Job Data, 1950-1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: [...] but he said that your being a woman might be against you, as President Douglass was not enthusiastic about women as faculty members!*

²⁵⁹ *Ibidem*. Original em inglês: *We do have two full professors on our faculty now that are women, one of them head of the largest department, two or three other full-time members and several part-time women lectures, so I don't think it is too serious! One point for you is that you could teach in the daytime; qualified part-time people are usually free only at night, and the department would like to offer anthropology*”

²⁶⁰ Carta de Betty Meggers para Dr. Paul F. Douglass, em 16 de maio de 1951. *In American University Job Data, 1950-1951. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.*

informando que, apesar de seu bom desempenho, a única coisa que ele poderia fazer era fornecer-lhe uma carta de recomendação para futuros trabalhos.²⁶¹

Anos depois, ao relembrar a experiência, Meggers resumiu: havia ensinado por “[...] alguns anos, mas não gostei, e a maior parte da minha renda ia para impostos”.²⁶² O descontentamento tinha fundamento: sua remuneração foi significativamente inferior à de Evans, para executar o mesmo trabalho, durante o mesmo período. Enquanto ele havia sido contratado por nove meses, com salário de US\$ 3.600,00, o contrato de Meggers era por disciplina — US\$ 150,00 para as diurnas e US\$ 300,00 para a noturna —, totalizando apenas US\$ 600,00. A frase de Meggers parece ser uma metáfora para o custo alto de ser mulher em um ambiente acadêmico dominado por homens. Ao contrário do que sugeriu mais tarde, as fontes indicam que Meggers gostava de ensinar e tinha a aprovação dos alunos. O que ela não suportava era o tratamento institucional desigual — o abismo entre o respeito na sala de aula e o preconceito institucional que minava sua carreira. Esse episódio expõe o machismo estrutural que restringiu sua trajetória e limitou seu reconhecimento acadêmico.

Com a entrada de Clifford Evans na *Smithsonian Institution*, em 1951, e a conclusão da tese de Betty Meggers em 1952 (com um manuscrito com o dobro do tamanho do de Evans, centrado na cerâmica da Ilha de Marajó), o casal vislumbrou a possibilidade de viver com o salário de Evans e compartilhar tanto a vida quanto o trabalho científico. Esse arranjo tornou viável a implementação do ambicioso plano do casal de vinte anos de pesquisa arqueológica na América do Sul, desenvolvido em parceria.²⁶³ Contudo, as condições institucionais que permitiram essa colaboração revelam também os limites impostos às mulheres na ciência naquele contexto.

Em 1954, Meggers foi afiliada à *Smithsonian Institution* como *Research Associate* — uma posição não remunerada e que precisava ser renovada a cada três anos.²⁶⁴ Meggers ocupou essa posição até os anos 1980, quando Clifford Evans faleceu repentinamente. Para manter seu

²⁶¹ Carta de Austin Van der Slice, Chairman do Departamento de Sociologia, para Betty Meggers em 25 de maio de 1951. In: American University Job Data, 1950-1951. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁶² Respostas de Betty Meggers ao questionário de Rebecca Smith, sem data. In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *I taught for a couple of years, but din't like it, and most of my income went for taxes.*

²⁶³ Entrevista para Diana Flax. In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Institution.

²⁶⁴ Application for Federal Employment. In: Meggers- Research Associate, 1954-1991 *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Institution.

vínculo com a instituição, Meggers foi nomeada *Expert*, um título igualmente honorífico sem remuneração. Mesmo sendo reconhecida como uma das principais especialistas em arqueologia amazônica, sua inserção institucional permaneceu, durante toda a sua vida, atrelada a vínculos informais e à mediação de figuras masculinas.²⁶⁵ O cargo de “Expert”, limitava seu trabalho a um número restrito de dias por ano o que exigia que ela renovasse continuamente sua vinculação como *Research Associate* a cada três anos por toda a sua longa vida, até seu falecimento aos 91 anos, em 2012.

Com o plano de longo prazo em execução, Betty Meggers e Clifford Evans tomaram uma decisão que refletia o compromisso com a carreira científica que haviam idealizado: optar por não ter filhos. Consideravam essa escolha necessária para dar conta da rotina de trabalho de campo, viagens constantes e intensa dedicação à pesquisa. Em entrevista, Meggers foi direta ao afirmar: “Admiro mulheres que conseguem conciliar família e carreira, mas acho que eu não conseguiria.”²⁶⁶ A decisão evidencia não apenas o grau de envolvimento do casal com o projeto intelectual conjunto, mas também as tensões vividas por mulheres que buscavam inserção plena no campo científico, frequentemente à custa de expectativas sociais associadas à maternidade.

Apesar de não constituírem uma família nos moldes tradicionais, Meggers e Evans construíram uma vida profissional pautada por projetos ambiciosos e aspirações diversas. Uma de suas primeiras tarefas, após a consolidação do vínculo com a Smithsonian Institution, foi assumir a responsabilidade de reformular uma ala da exposição permanente do *National Museum of Natural History*.²⁶⁷ O objetivo era criar um espaço dedicado à arqueologia e antropologia da América Latina, conferindo maior visibilidade aos contextos sul-americanos no interior de uma das instituições mais prestigiadas da ciência norte-americana. A iniciativa não apenas fortaleceu o protagonismo do casal no debate arqueológico continental, mas também inseriu a América Latina como objeto central de produção e exibição do saber antropológico nos Estados Unidos. A exposição permaneceu em cartaz por várias décadas, tornando-se ponto de parada quase

²⁶⁵Memorandum de Betty Meggers para Anita Buffaloe em 3 de setembro de 1992. In: Meggers, B.J. Expert, 1981-1992. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Institution.

²⁶⁶ Respostas de Betty Meggers ao questionário de Rebecca Smith, sem data. In: Vita- Betty J, Meggers, 1973-2010. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *I admire women who can combine family and career, but I don't think I could have done so.*

²⁶⁷ The Smithsonian TORCH. In: Vita- Clifford Evans, 1981-2004. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

obrigatório para diplomatas latino-americanos que visitavam Washington, reforçando, assim, seu papel simbólico nas relações culturais e científicas interamericanas (Figura 27).



Figura 27: Embaixador do Equador e Clifford Evans Visitando a ala sobre arqueologia dos Andes, em 1975. Fonte: Vita- Clifford Evans, 1981-2004. Betty Meggers e Clifford Eans Papers, NAA/SI.

Na Smithsonian Institution, Clifford Evans e Betty Meggers desenvolveram não apenas seus talentos profissionais, mas também aprofundaram a parceria intelectual que os unia desde o início de suas carreiras. Evans ascendeu ao cargo de diretor do Departamento de Antropologia, enquanto Meggers consolidava sua produção bibliográfica, publicando livros e artigos que a tornaram uma referência na arqueologia sul-americana. Juntos, passaram a receber e orientar pesquisadores de diversos países latino-americanos e criaram o *Latin America Archeology Fund*, uma iniciativa voltada ao fomento de pesquisas na região.²⁶⁸ Com isso, contribuíram significativamente para o fortalecimento da arqueologia nas Américas, tanto por meio da produção científica quanto da articulação institucional.

A Smithsonian tornou-se, no período de atuação do casal, um importante polo de circulação de saberes arqueológicos sobre a América Latina, mediado em grande parte por ele. No entanto, esse protagonismo também reproduzia hierarquias geopolíticas do conhecimento, na medida em que

²⁶⁸ Betty meggers and Cliffor Evans papers finding aid. NAA 2013-01.

colocava a Amazônia e outras regiões latino-americanas como objetos privilegiados de investigação sob a liderança de uma instituição norte-americana. Ainda assim, o engajamento com a formação de jovens pesquisadores e o incentivo a projetos locais indicam que a atuação de Evans e Meggers não se deu de forma unilateral, mas em constante interlocução com cientistas latino-americanos, ainda que marcada por assimetrias estruturais.

2.2 ANTECEDENTES DO PRONAPA: PRIMEIROS CONTATOS

Em 1954 o casal volta ao Brasil, agora como importantes representantes da *Smithsonian Institution*, para o Congresso de Americanistas em São Paulo.²⁶⁹ Este evento foi (e ainda é) um importante espaço de institucionalização dos estudos do chamado “Novo Mundo” e teve sua origem na França oitocentista. Alice Fletcher explica que, tendo a Sociedade Americana da França como patrona, desde a primeira edição, realizada na cidade de Nancy (em julho de 1875), o congresso buscou reunir “[...] as pessoas envolvidas no estudo da América, na interpretação dos seus monumentos e nos escritos etnográficos sobre as raças da América.”²⁷⁰ Após dez edições no continente europeu, “[...] o Décimo Primeiro Congresso se reuniu na Cidade do México em 1895, e pela primeira vez se reuniu no continente que era o campo de estudo especial e de interesse dos membros.”²⁷¹ Na décima terceira sessão, em Paris – no ano de 1900, decidiu-se que o evento deveria acontecer a cada dois ou três anos e alternar sua sede entre os chamados velho e novo mundo.

São Paulo foi a escolhida para o encontro de 1954, se tornando a segunda cidade brasileira a receber o congresso.²⁷² Segundo seu organizador, Herbert Baldus, a candidatura foi motivada pelas comemorações dos 400 anos da cidade.²⁷³ O evento ocorreu na entre os dias 23 e 24 de agosto, na Biblioteca Municipal de São Paulo, e foi dado “[...] ênfase aos estudos brasileiros e

²⁶⁹ Carta do Secretário da Smithsonian Institution Leonard Carmichael para Leonard Vance em 3 de fevereiro 1954. Alpha-Subject Files (1928-1963). *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁷⁰ Fletcher, 1913, p. 529. Original em inglês: (...) *persons engaged in the study of America, the interpretation of its monuments, and the ethnographical writings on the races of America.*

²⁷¹ *Ibidem*, p. 532. Original em inglês: *The Eleventh Congress met in the City of Mexico in 1895, and for the first time assembled on the continent which was the field of special study and interest to the members.*

²⁷² A sessão de 1922 ocorreu no Rio de Janeiro, em homenagem ao centenário da Independência do país (Baldus, 1955).

²⁷³ Baldus, 1955.

considerando, ao lado do índio, também o negro, bem como aspectos etno-sociológicos do país em geral. [...] Prestamos atenção, ainda, à Pré-História do Brasil, estabelecendo uma secção especial de estudos de sambaquis”.²⁷⁴

A sessão especial sobre os sambaquis, ocorreu na manhã do dia 24 no auditório principal do evento, o da Biblioteca Municipal. Presidida por Paulo Duarte e Luiz de Castro Faria, contou com nomes como Adam Orssich, José Loureiro Fernandes e Joseph Empeaire entre os comunicadores. No dia seguinte, outra sessão especial ocupou o mesmo espaço, desta vez dedicada a Arqueologia Brasileira e presidida por duas cientistas austríacas Etta Becker Donner e a Grete Mostny. Coube a Betty Meggers iniciar as discussões do tema, seguida por seu marido Clifford Evans, em sequência uma apresentação conjunta de Fernando Altenfelder Silva e Oldemar Blasi e, por fim, Peter Paul Hilbert. O casal americano também participou das duas sessões de Arqueologia Sul-Americana do evento, apresentando suas pesquisas na Guiana, além de um panorama da arqueologia no subcontinente.

O Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo foi essencial na consolidação de Meggers e Evans como especialistas em arqueologia sul-americana e brasileira. Na ocasião firmaram parcerias com pesquisadores brasileiros da área da antropologia e da arqueologia, como Luís Castro Faria (Museu Nacional), José Loureiro Fernandes e Oldemar Blasi (Universidade do Paraná) e Fernando Altenfelder (da extinta Faculdade de Filosofia de Rio Claro, São Paulo), inclusive Paulo Duarte (Universidade de São Paulo)²⁷⁵, além dos também casais Darcy e Berta Ribeiro e Eduardo e Clara Galvão, com quem os Evanses mantiveram uma longa amizade (Figura 28).

²⁷⁴ *Ibidem*, p. xlix.

²⁷⁵ A relação entre Paulo Duarte e o casal Evans não parece corresponder ao abismo sugerido por Funari. Na coleção do Departamento de Antropologia há uma pasta com o nome de Duarte que inclui, entre outros documentos, um convite enviado por ele ao casal, convidando-os a participar do Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo em 1961.



Figura 28: Darcy Ribeiro, Betty Meggers, Berta Ribeiro Clara e Eduardo Galvão no Congresso de Americanistas em São Paulo 1954. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

As participações de Meggers e Evans no congresso, seguramente impressionaram José Loureiro Fernandes. Após a criação do Centro de Pesquisas Arqueológicas (CEPA) na Universidade do Paraná, em 1956, Fernandes iniciou contato com o casal, convidando-os para realizarem alguma atividade no novo centro de pesquisa, informando sua preferência para a realização de um curso. Segundo Roseli Ceccon, Loureiro Fernandes possuiu um papel central tanto na institucionalização do ensino de arqueologia no Brasil, como na construção de uma arqueologia brasileira amparada nos mais relevantes métodos científicos da época.²⁷⁶

Oldemar Blasi (1920-2013) possuía formação em História e Geografia e atuava junto à Loureiro Fernandes em pesquisas arqueológicas, sendo considerado um dos pioneiros da arqueologia no Paraná. Em 1957, foi para os Estados Unidos da América, como bolsista *do Committee on International Exchange of Persons (Smith-Mundt Program)*, por um período de 9 meses, na Universidade de South Dakota, sob orientação de Wesley Hurt.²⁷⁷ Roseli Ceccon informa que Hurt havia estado no Brasil em 1956, a convite de Loureiro Fernandes, para escavações na região de Lagoa Santa, estendendo a estada a Curitiba, Paranaguá e Ilha das Ratas.²⁷⁸

²⁷⁶ Ceccon, 2011.

²⁷⁷ *Ibidem.*

²⁷⁸ *Ibidem.*

Após o fim da bolsa em 18 de setembro, Blasi iniciou um circuito de visitas a instituições museais e de pesquisa, custeada pela Universidade do Paraná, incluindo cidades como Chicago, Detroit, Boston e Washington D.C, pagas pelo Departamento de Estado, e a estada por ele.²⁷⁹ Para esta última o plano era um pouco diferente e Blasi escreveu, de próprio punho, uma carta ao casal Meggers e Evans perguntando se poderiam recebê-lo para um estágio de um mês, que seria financiado pelo recém-criado Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e pelo Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná.²⁸⁰

A essa carta, os Evanses responderam prontamente dando sinal positivo para o estágio de Blasi, citando inclusive que Luís Castro Faria (do Museu Nacional) havia comentado sobre ele quando esteve na cidade, reforçando a aproximação entre os pesquisadores e as instituições.²⁸¹ Durante o estágio, Blasi trabalhou na classificação e análise do material coletado na região do Rio Napo, Equador, escavado em 1954 e 1955 pelo casal em parceria com o arqueólogo Equatoriano Emilio Estrada.²⁸²

Durante o estágio de Oldemar Blasi, Clifford Evans e Betty Meggers quiseram dotar o CEPA de material didático para o ensino e pesquisa em arqueologia, como slides coloridos de locais variados no hemisfério Oeste e réplicas de artefatos museais. Para isso enfrentaram uma longa negociação com a embaixada e consulados americanos buscando caminhos que permitissem encaminhar para a Universidade do Paraná os recursos oferecidos pela *Smithsonian* e outras fontes norte-americanas. Em carta a Philip Raine, cônsul americano em São Paulo, Clifford Evans diz que o CEPA está fazendo excelentes pesquisas e ensino e que:

[...] seu principal problema agora é que tanto o professor Blasi quanto seu colega Dr. Loureiro Fernandes carecem de certo material didático para levar alguns dos melhores dados antropológicos e geográficos aos estudantes brasileiros. Especificamente, eles precisam de cópias de slides coloridos para ilustrar a geografia e o meio ambiente de várias partes do Hemisfério Ocidental, mas especialmente dos Estados Unidos, e

²⁷⁹ *Ibidem*.

²⁸⁰ Carta de Oldemar Blasi a Clifford Evans em 19 de agosto de 1957. *In*: Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁸¹ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a Oldemar Blasi em 23 de agosto de 1953. *In*: Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁸² *Ibidem*.

slides coloridos para demonstrar alguns dos importantes sítios arqueológicos e históricos do Novo Mundo.²⁸³

O uso da expressão Novo Mundo não foi ao acaso. Em oposição ao do Velho Mundo, no caso das pesquisas desenvolvidas na Europa, África e Ásia, uma arqueologia do Novo Mundo teria como líder incontestado os Estados Unidos, como legítimo representante deste. O desenvolvimento de uma arqueologia própria para o Novo Mundo certamente aproximaria a prática arqueológica do Brasil da dos Estados Unidos, e distanciaria da francesa, embora tenha sido este país do Velho Mundo que fundou o Congresso Internacional de Americanistas, ainda em 1875.²⁸⁴ Em vários momentos os Evanses reforçam seu posicionamento neste assunto, como será visto oportunamente.

Ainda nesta mesma carta, Evans diz:

Phill, parece-nos estranho que um pedido tão pequeno não possa ser resolvido no escritório da USIA em Washington ou no Departamento de Estado ou no programa de Intercâmbio Internacional de Pessoas, mas esgotei (as possibilidades em) Washington D.C até o fim e todas as partes envolvidas indicam que pequenos problemas deste tipo devem ter origem no país em causa. Esperamos que você possa nos ajudar, pois temos certeza de que você percebe o alcance dos benefícios.²⁸⁵

Após muita negociação que testou as habilidades diplomáticas dos Evanses, especialmente de Clifford Evans, os materiais chegaram ao CEPA. O que acarretou um agradecimento especial

²⁸³ Carta de Clifford Evans a Philip Raine em 7 de outubro de 1957. In: Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *their main problem now is that both Professor Blasi and his colleague Dr. Loureiro Fernandes lack certain teaching material to bring some of the best anthropological and geographical data before the Brazilian students. Specifically, they need copies of color slides to illustrate the geography and environment of various parts of the Western Hemisphere, but especially the United States, and color slides to demonstrate some of the important archaeological and historical sites of the New World.*

²⁸⁴ Sobre a história do Congresso Internacional de Americanistas ver Alice Fletcher (1913) e Leoncio López-Ocón (2003).

²⁸⁵ Carta de Clifford Evans a Philip Raine em 7 de outubro de 1957. In Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Phill, it seems odd to us that such a small request cannot be solved in the Washington office of USIA or the Dept. of State or the International Exchange of Persons program, but I've exhausted the Washington D.C end and all parties concerned indicate that small problems of this sort must originate in the country concerned. Hope you can help us for we are sure that you realize how far reaching the benefits will be.*

do Professor Brasil Pinheiro de Machado, diretor do instituto de pesquisas da Universidade do Paraná, reforçando e gratificando a aproximação entre as instituições.²⁸⁶

No fim de 1959, Loureiro Fernandes expressa sua frustração para Clifford Evans via carta, ressaltando que mesmo após cinco anos decorridos do encontro de americanistas em São Paulo, ainda não havia realizado o desejo de ter o casal no Paraná.²⁸⁷ Nesta carta, Loureiro Fernandes passa a nomear todos os avanços que a Universidade do Paraná vem desempenhando para as pesquisas em Antropologia e Arqueologia e da recorrência de sítios cerâmicos na margem direita do rio Paraná. Conclui o breve relato perguntando: “Quando poderemos contar com a presença dos Evans no Brasil? O Centro favorecer-lhes-ia a vinda e trabalhos no Paraná.”²⁸⁸ A esses esforços o casal sempre respondia agradecendo, mas negando a oportunidade por razões variadas: porque a casa que eles moravam tinha sido demolida para construir uma avenida,²⁸⁹ porque Betty Meggers assumiu o trabalho de secretária na *American Anthropological Association* entre outras.²⁹⁰

Durante o primeiro decênio de atuação na instituição americana, o casal acreditava que receber colegas latino-americanos e incentivar intercâmbios com outras universidades americanas era o caminho para dotar a arqueologia latina da profissionalização e cientificidade que a americana possuía.²⁹¹ Nesse período Clifford Evans e Betty Meggers receberam, pela *Guggenheim Foundation* os seguintes pesquisadores: Carlos Ángulo, da Colômbia (entre fevereiro a dezembro de 1958), Juan Munizaga, do Chile (entre janeiro de 1952 a janeiro de 1953) e José Arboleda, também da Colômbia (entre outubro de 1962 e maio de 1963); Com bolsas da

²⁸⁶ Carta de Brasil Pinheiro de Machado a Clifford Evans em 3 de junho de 1958. In Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁸⁷ Carta de José Loureiro Fernandes a Clifford Evans em 23 de dezembro de 1959. In Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Oldemar Blasi em 1 de dezembro de 1958. In Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁹⁰ Carta de Clifford Evans a José Loureiro Fernandes em 11 de março de 1960. In Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

²⁹¹ Historical Background and Philosophical Justification for a Research-Training Program in Latin American Archaeology. In: Original Memo to SOA Ad Hire Investigating Committee, 1967. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Organization of American States Fellowship receberam Trinidad N. Pino Triana, de Cuba (entre abril e novembro de 1959) e Mario Sanoja da Argentina (entre setembro de 1962 a janeiro de 1963); e com a bolsa da *National Science Foundation*, receberam Peter Paul Hilbert, arqueólogo e etnólogo alemão que atuava no Brasil no Museu Goeldi, entre março e julho de 1958.²⁹²

O casal não chegou a receber ninguém do CEPA. Nas correspondências com Oldemar Blasi e José Loureiro Fernandes, contudo, é possível perceber que mantiveram o canal aberto, especialmente para jovens estudantes “[...] através dos vários programas de bolsas, se você tiver bons alunos tenho certeza de que podemos conseguir bolsas para eles estudarem nos Estados Unidos ou no México”.²⁹³

2.2.1. Um Novo Método de Seriação para a Cooperação Panamericana: O Curso de Barranquilla

Se durante a década de 1950, Meggers e Evans estavam focados em receber pesquisadores latino-americanos na *Smithsonian* com o objetivo de treiná-los na arqueologia americana científica, na década seguinte eles mudaram a abordagem porque “[...] logo se tornou evidente que este método era muito lento para atender à necessidade crescente em toda a América Latina”.²⁹⁴ Em 1959 eles iniciaram as tratativas com Carlos Ângulo, da Universidade do Atlântico, na cidade de Barranquilla na Colômbia, para oferecer um curso de estabelecimento cronológico através de técnicas de classificação. O curso seria financiado e incentivado pela Seção de Ciências Sociais do Departamento de Assuntos Culturais da União Panamericana.

Os dados disponíveis nas fontes pesquisadas não permitem identificar de quem partiu a iniciativa para o curso, se foi da *Pan American Union* ou do casal Evans, ambas as possibilidades se sustentam com os documentos consultados. Em carta a Robert Randall, responsável pela divisão de Desenvolvimento científico da *Pan American Union*, eles

²⁹² *Ibidem.*

²⁹³ Carta de Clifford Evans a José Loureiro Fernandes em 11 de março de 1960. In: Blasi, Oldemar and Jose Loureiro Fernandes, 1957-1976. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: (...) *through the various fellowship programs, if you have good students I am sure we can get scholarships for them to study either in the United States or in Mexico.*

²⁹⁴ Historical Background and Philosophical Justification for a Research-Training Program in Latin American Archeology. In: Original Memo to SOA Ad Hire Investigating Committee, 1967. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *it soon became evident that this method was too slow to meet the growing need throughout Latin America.*

encaminham o projeto para o curso, enfatizando a dificuldade de escrevê-lo sem incluir a palavra ‘arqueologia’, o que parece ter sido uma requisição do próprio Randall.²⁹⁵ Por outro lado, em uma carta em resposta à um dos avaliadores, Dr. Robert Wauchope, Diretor do *Middle American Research Institute*, Clifford Evans afirma que “Betty e eu tivemos essa ideia, com o apoio da Pan Am. e a cooperação de Ford e acreditamos que funcionará. Espero que sim”.²⁹⁶

O Ford mencionado pelo qual Evans ansiava pela cooperação era James Alfred Ford (1911-1968), curador de arqueologia do *American Museum of Natural History*, na cidade de Nova York, ou simplesmente Jim, como era chamado pelos amigos. Ford ficara conhecido pelo estabelecimento de cronologia cerâmica em sítios arqueológicos ao longo do vale do Rio Mississippi,²⁹⁷ e a ele coube a escrita de um manual explicando o método de análise que seria ensinado no curso, manual que viria a ser publicado em 1962 tanto em inglês como em espanhol também pela União Panamericana (Figura 29).²⁹⁸ Este método ficaria conhecido e difundido, inclusive por Betty e Clifford, como método Ford de seriação.

Cabe aqui um breve parêntese para esclarecer o que é seriação e delinear em linhas rápidas um pouco da história deste método para a arqueologia. Antes do estabelecimento das datações absolutas e seus usos para posicionar os objetos arqueológicos dentro de uma escala de tempo possível, os arqueólogos desenvolveram outros métodos para sanar essa necessidade de informação. Chamados de métodos de datação relativa, em oposição aos métodos físico-químicos de datação absoluta. Um desses métodos é a seriação cujo objetivo é estabelecer uma sequência a partir das frequências das características dos artefatos, como atributos ou tipos.

²⁹⁵ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a Robert Randall em 25 de junho de 1959. *In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar*, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives.

²⁹⁶ Carta de Clifford Evans a Robert Wauchope em 26 de abril de 1960. *In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar*, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. Original em inglês: “*Betty and I dreamed up this idea with the support of Pan Am. and Ford’s cooperation and we believe it will work. Hope so*”.

²⁹⁷ Ford, Phillips e Griffin, 2003.

²⁹⁸ Ford, 1962.

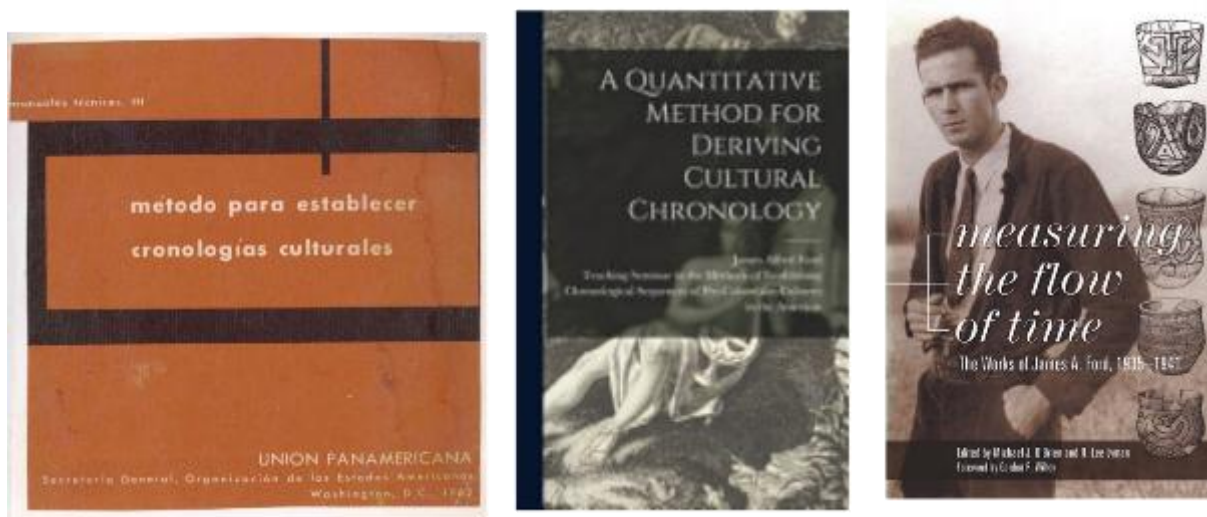


Figura 29: Livros de classificação cerâmica de James A. Ford em espanhol e inglês, e livro sobre o arqueólogo e como ficou conhecido por medir o fluxo do tempo.

Para David Kendall o primeiro a usar o método da seriação foi Sir Flinders Petrie, ainda em 1886.²⁹⁹ Petrie analisou material cerâmico coletado ao longo de quinze anos em diversos túmulos, no Egito. A partir da definição de tipos, baseados na forma, material e decoração; observou a frequência desses tipos nos túmulos e estabeleceu uma cronologia com base no que ele denominou “princípio de concentração”.

No artigo intitulado *Seriation, Superposition, and Interdigitation: A History of Americanist Graphic Descriptions of Culture Change*, os autores R. Lee Lyman, Steve Wolverson e Michael J. O’Brien, fazem um resgate histórico dos métodos de seriação e de sua importância para a arqueologia americana.³⁰⁰ Para os autores, o primeiro paradigma da arqueologia americana, o histórico-cultural, tinha como objetivo estabelecer uma cronologia para o fenômeno arqueológico, e a seriação se apresentava como solução pois permitia tanto utilizar dados provenientes de estratigrafia, como artefatos coletados apenas em superfície, unindo diferentes tipos de classificação e análise estatística (Figura 30).

²⁹⁹ Kendall, 1964.

³⁰⁰ Lyman; Wolverson, e O’Brien, 1998.

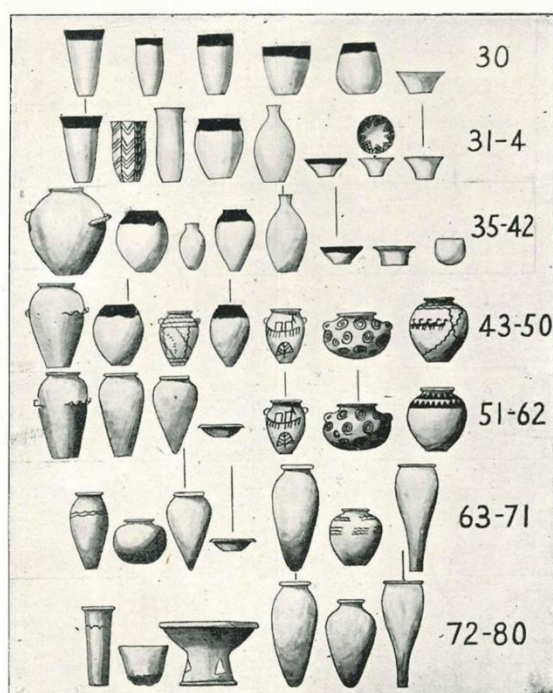


FIG. 1.—Types of pottery of seven successive stages, the sequence dates of each being at the right. In each stage are shown forms which are peculiar to that stage, together with two forms which pass through into an adjacent stage. It will be readily seen how impossible it would be to invert the order of any of these stages without breaking up the links between them. At the left ends of the five lower rows is the wavy-handled type, in its various stages; the degradation of this type was the best clue to the order of the whole period.



Figura 30: Exemplos de datação sequencial de cerâmica, estabelecido por Petrie para achados em túmulos da cultura pré-dinástica no Alto Egito. Fontes: Petrie 1899 e 1901.

De acordo com Michael J. O'Brien e R. Lee Lyman na introdução do livro editado por eles *Measuring the Flow of Time: The Works of James A. Ford, 1935-1941*: “Sob qualquer ponto de vista, James A. Ford ainda é reconhecido como uma das principais figuras no desenvolvimento da arqueologia americanista, especialmente a arqueologia do sudeste dos Estados Unidos”.³⁰¹ Sua principal contribuição, segundo Gordon Willey, em artigo sobre a vida de Ford após sua morte, foi estabelecer um método quantitativo para estabelecimento de cronologia cerâmica, intimamente ligado a teoria cultural evolucionista com uma guinada determinista.³⁰² Ainda segundo Willey: “Para ele, a arqueologia (e a antropologia) era uma ciência, e era seu desejo expresso torná-la cada vez mais quantitativa e empírica possível.”³⁰³

Esse também era o modo de ver a arqueologia de Meggers e Evans. Eles apresentavam o “método Ford”, como passaram a chamar, como um sistema impessoal e objetivo, em oposição

³⁰¹ O'Brien e Lyman, 1999, p. xv. Original em inglês: *By any measure, James A. Ford is still recognized as one of the leading figures in the development of Americanist archaeology, especially the archaeology of the southeastern United States.*

³⁰² Willey, 1969.

³⁰³ *Ibidem.* p.67. Original em inglês: *To him, archaeology (and anthropology) was a science, and it was his expressed desire to make it ever more so in a quantitative and empirical way.*

às seriações altamente pessoais e subjetivas feitas até então.³⁰⁴ Segundo os Evanses, a apresentação que o método Ford dispensa aos artefatos torna fácil demonstrar as relações, tanto dentro dos sítios arqueológicos como interrelacionando com outros sítios e regiões.³⁰⁵ Evans e Meggers defendiam que esse método não era utilizado em análises arqueológicas na América Latina porque além de novo, não existia ainda um manual explicativo ou instituições fora dos Estados Unidos que o ensinassem. O curso financiado pela *Organization of American States*, objetivava mudar esse cenário com duas semanas de intensa instrução, focado especialmente na prática, sem muitos apontamentos teóricos.³⁰⁶

Foram convidados jovens assistentes, representantes de países Latino-americanos com destaque para os jovens, por “muitas razões”. O casal acreditava que seria mais frutífero o curso se focado em jovens acadêmicos com algum background em arqueologia que “precisariam” dessa informação dada de forma intensa, que em líderes e chefes de museus.³⁰⁷ Certamente, ensinar um novo jeito de fazer arqueologia seria mais frutífero em mentes menos acostumadas com os métodos utilizados previamente. Contudo a exigência da formação prévia se justifica para além da necessidade de se ter algum conhecimento prévio em arqueologia para entender o curso. Jovens recém-formados também ofereciam aos Evanses a possibilidade de serem futuros colaboradores, ou pesquisadores visitantes, visto que o Smithsonian, diferente de uma universidade, não possui cursos de formação, aumentando assim a área de influência científica do casal.

Também revela alguma rivalidade entre os pesquisadores americanos. Essa inferência se sustenta na negativa que encaminharam para Loureiro Fernandes sobre a indicação de Oldemar Blasi para participar do curso. Clifford Evans escreveu que o comitê do curso decidiu por não aceitar a indicação de Blasi, porque ele já teria tido experiências completas de treinamento com arqueólogos americanos, citando seu estágio com Wesley Hurt na Universidade de South

³⁰⁴ Teaching Seminar in the methods of Establishing Chronological Sequences of Pre-columbian Cultures in The Americas *In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar*, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁰⁵ *Ibidem*.

³⁰⁶ *Ibidem*.

³⁰⁷ *Ibidem*.

Carolina.³⁰⁸ De fato, Blasi a esta altura já contava inclusive com uma publicação em com co-autoria de Hurt, que ensinou uma resenha escrita por Clifford Evans na *American Antiquity*.³⁰⁹

O leitor notará que Blasi, até então essencial na ligação entre Smithsonian e CEPA, não aparecerá mais na narrativa. Estranhamente, pois em uma primeira lista o indicado para representar o Brasil era o próprio, com um espaço para mais um. Posteriormente, em um rascunho, escrito à mão (cuja letra é possível reconhecer como a de Clifford Evans) é possível ler os nomes de Blasi e Altfender (Figura 31).

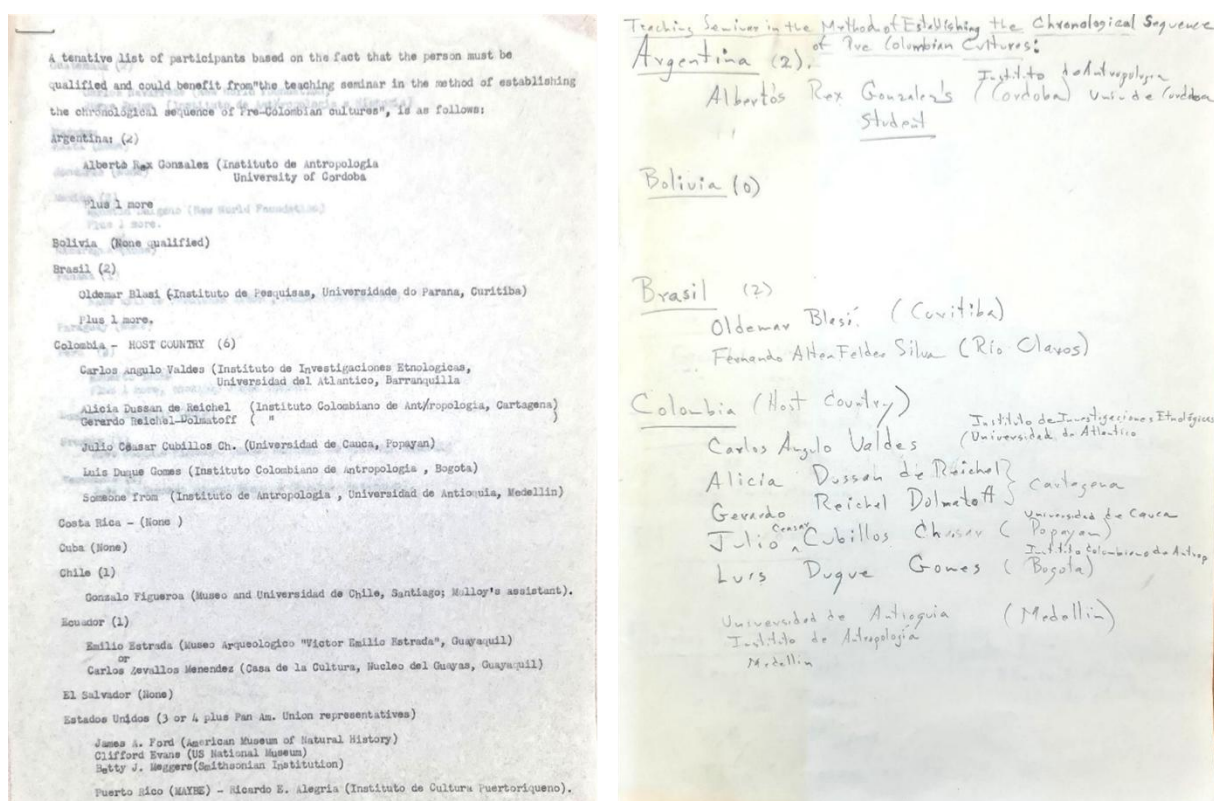


Figura 31: A esquerda Primeira Lista de participantes onde consta o nome de Blasi e um espaço para mais um. A direita lista escrita à mão com nome de Blasi e Altfender. Fonte: Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Ao fim, fora encaminhada uma carta para Loureiro Fernandes, pedindo a indicação de um jovem para participar do curso, à qual ele respondeu indicando Blasi, que foi rejeitado, alegando

³⁰⁸ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a Oldemar Blasi em 13 de março de 1961. In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁰⁹ Evans, 1961.

experiência anterior com americanos, como explicitado acima. Pela análise da documentação não foi possível encontrar justificativas sobre o porquê deixou de exercer papel central na relação com os pesquisadores americanos.³¹⁰

Com alguma dificuldade e mudanças no plano inicial, ficou decidido quais seriam os países representados e quem seriam os representantes.³¹¹

- * Para a Argentina o indicado foi Victor Nuñez Regueiro (1934-2009). Aluno de Rex Gonzalez (1919-2012), na Facultad de Filosofía y Letras de Rosario onde este criou a orientação em antropologia no curso de História,³¹²
- * O representante do Chile foi Gonzalo Figueroa (1932-2008), que já havia representado o país em 1955 na famosa expedição arqueológica a Rapa Nui (Ilha de Páscoa), capitaneada pelo arqueólogo norueguês Thor Heyerdahl (1914-2002);³¹³
- * Cuba foi representada por Manuel Rivero de la Calle, doutor em Ciências Naturais pela Escuela de Ciencias da Universidad de La Habana, inclusive com um livro publicado em 1960;³¹⁴
- * Para a Guatemala o representante foi Carlos Navarrete (1931-). Navarrete estudou História e literatura na Universidad de San Carlos de Guatemala e arqueologia no México, na Escuela Nacional de Antropología e Historia entre 1952 e 1957;³¹⁵
- * Para representar o Panamá foi escolhida Olga Linares (1936-2014), que no momento fazia pós-graduação em antropologia em Havard. O casal não incluiu os custos para Linares participar do treinamento pois segundo eles “[...] esta pessoa pode pagar suas próprias despesas, pois é de uma família muito rica;”³¹⁶

³¹⁰ Essa ausência também é percebida nos arquivos de Betty Meggers e Clifford Evans, com um espaçamento da correspondência trocada entre eles. Também é possível notar que Blasi não possui uma pasta exclusiva, enquanto outros pesquisadores chegam a ter 10 pastas.

³¹¹ Bolívia, Costa Rica, Haiti, Honduras, Nicaragua, Paraguai e República Dominicana não foram qualificados para participar.

³¹² Sempé, 2009.

³¹³ Ramirez-Aliaga, 2008.

³¹⁴ Rivero de La Calle, 1960.

³¹⁵ Guatemala.com, 2023.

³¹⁶ Chronological Methodology Conference for LatinAmericans (bilingual or Espanish only). *In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar*, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *this person can pay her own way as she is from a very wealthy Family.*

- * O Peru foi representado por Luis Lumbreras (1936-). Lumbreras concluiu seu bacharelado em Artes e Humanidades em 1959; e o doutorado em Artes com menção especial em arqueologia em 1960, ambos na Universidad Nacional Mayor de San Marcos.³¹⁷
- * O Uruguai por Jose Joaquim Figueira, do Museo Nacional de Historia Natural de Montevideo;³¹⁸
- * México por Roberto Gallegos (1932-); arqueólogo da Escuela Nacional de Antropología e Historia, na cidade do México.³¹⁹
- * Venezuela por Mario Sanoja (1934-2022) licenciado em Etnologia pela Universidade de Sorbona, Paris (1961);³²⁰
- * Brasil acabou sendo representado apenas por Fernando Altfelder (1916-1993), professor titular de Antropologia da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.³²¹

Chama a atenção que Altfelder, assim como Blasi, possuía experiência com pesquisadores americanos, tendo sido contemplado com uma bolsa pelo *Viking Fund* ainda em 1949, além de ter participado do projeto do São Francisco de levantamento de dados antropológicos, desenvolvido pelo conhecido antropólogo norte-americano Donald Pierson.³²² Ao observar a biografia dos participantes é possível reconhecer que a maioria se destaca como militantes de esquerda, para além de cientistas. Em outra lista dos possíveis participantes, é possível ver que o casal Evans considerou incluir um participante indicado por Darcy Ribeiro ou Eduardo Galvão, dois antropólogos brasileiros notadamente de esquerda (Figura 32).

³¹⁷ Tantaleán, 2014.

³¹⁸ Victoriano, c2000.

³¹⁹ Rodriguez, 2012.

³²⁰ Borrás, 2022.

³²¹ Ceccon, 2011.

³²² Oliveira, 2010.

Chronological Methodology Conference for Latin Americans
(Bilingual or Spanish only)

Proposed dates - 11 days in June, 1961, preferably beginning on a Sunday (late) and continuing daily.

Proposed seat - Museum of Instituto de Investigaciones Etnológicas
Universidad del Atlantico, Apartado 495
Barranquilla, Colombia
Director of the Institute - Carlos Angulo Valdés

Proposed minimum participants:

	Transp.	Per Diem	Total
Argentina: Assistant of Alberto Rex Gonzales (to be named by Gonzales) Barranquilla - Buenos Aires RT, T \$ 639.00 11 days @ \$12.00		\$ 132.00	\$ 771.00
Bolivia: No delegate qualified.			
Brazil: Fernando Altenfelder Silva Dept. de Antropologia Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro Rua 10, No. 2527, Caixa Postal 178 Rio Claro, Estado de Sao Paulo Brasil Barranquilla - São Paulo, RT 11 days @ \$12.00	644.00	132.00	776.00
Or second choice: Someone named by Darcy Ribeiro or Eduardo Galvão.			
Colombia: (Host Country - No outside subsidy required for transportation or per diem) Probably a minimum of 6 would attend: Carlos Angulo Valdés Alicia Dussan de Reichel Gerardo Reichel-Dolmatoff Julio Cesar Cubillos Ch. Luis Duque Gomez Graciliano Arcila Vélez			
Costa Rica: No qualified delegate.			
Cuba: No qualified delegate.			
Chile: Gonzalo Figueroa Centro de Estudios Antropológicos Universidad de Chile Santiago, Chile Barranquilla - Santiago, RT 11 days @ \$12.00	594.40	132.00	726.40

Figura 32: Lista de Participantes com referência a indicação por Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão. Fonte: Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

De volta ao curso, além dos participantes oficiais ele contou também com sete “observadores” (ouvintes), Ricardo Alegria de Porto Rico, J. M. Cruxent da Venezuela e cinco colombianos: Luis Duque Gómez, Gerardo Reichel-Dolmatoff, Graciliano Arcila Vélez, Julio César Cubillos e Eliécer Silva Celis. O curso aconteceu entre 26 de junho a 6 de julho de 1961, do lado colombiano a organização ficou a cargo de Dr. Carlos Ângulo Valdéz, Diretor do Instituto de Investigações Etnológicas da *Universidad del Atlantico* (Figura 33).³²³

No primeiro dia de atividades do curso foram realizadas aulas expositivas, em espanhol e inglês (ou espanglês). Os professores explanaram sobre os objetivos da arqueologia, com ênfase em demonstrar que poderia ir além da descrição, e oferecer uma reconstrução da história cultural. Nessas aulas também fora exposta a necessidade que Meggers, Evans e Ford identificaram de

³²³ Teaching Seminar in the methods of Establishing Chronological Sequences of Pre-columbian Cultures in The Americas. In: *New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar*, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

estabelecer uma padronização da linguagem e de definições exatas dos termos utilizados no contexto da ciência arqueológica, com significados definidos em relação ao tempo e ao espaço.³²⁴ A abordagem teórica proposta no curso, e defendida pelos arqueólogos norte-americanos, propunha para as cerâmicas arqueológicas um olhar afastado dos objetos de arte, baseado na classificação tipológica, a partir de vários elementos para além da decoração.³²⁵

Já no segundo dia iniciou-se o que seria o principal foco do curso: a aplicação na prática. Já com o material cerâmico se analisaria os atributos como densidade, tratamento de superfície, antiplásticos adicionados a argila. Também teriam que classificar e comprovar sua classificação, isso com os conhecimentos adquiridos na prática. Dois dias foram reservados para as discussões interpretativas focadas no entendimento das mudanças de um sítio arqueológico ao longo do tempo através do gráfico produzido pela seriação, e como incluir esse sítio em uma sequência maior. Assim, para os arqueólogos americanos, seria possível dar conta das transformações históricas dentro de uma cultura e identificar interações com outras culturas.



Figura 33: Foto dos Participantes do Curso e capa do programa do curso. New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

³²⁴ Essa necessidade também pode ser indicada no curso feito no Paraná, cuja publicação resultante foi uma espécie de *thesaurus* arqueológico.

³²⁵ *Teaching Seminar in the methods of Establishing Chronological Sequences of Pre-columbian Cultures in The Americas. In: New Methods for Establishing Chronological Sequence in Pre-Columbian: Cultures seminar, Barranquilla, Columbia: Correspondence and planning documents, 1960-1961, 1979. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.*

Em relatório sobre suas atividades como representantes do Smithsonian, Evans e Meggers ressaltaram o caráter científico do seminário, reforçando que não houve problemas em trocas de ideias “[...] a despeito de sentimentos nacionalistas de alguns países representados”.³²⁶ O casal era forte adepto do internacionalismo científico, e acreditavam que apenas cooperando internacionalmente a arqueologia latina poderia prosperar. Também reforçaram, com alguma surpresa, que a troca de conhecimento funciona em mais de uma direção, constatando que aprenderam novas coisas, embora sem especificar quais, com esses “[...] jovens arqueólogos Latino-Americanos”.³²⁷

2.2.2. Os Evanses Finalmente no CEPA: O curso do Paraná

Desde o contato inicial estabelecido por Oldemar Blasi em 1957, a Smithsonian Institution e o CEPA desenvolveram uma relação profícua de trocas científicas, que incluía o encaminhamento de publicações recentes e o apoio a pesquisadores. Por exemplo, em 1962, Loureiro Fernandes ofereceu suporte ao Dr. Alex Krieger durante sua estada no Paraná, enquanto Evans e Meggers ofereceram suporte a Wilson Rauth, em sua bolsa Guggenheim nos Estados Unidos. Contudo, essa última colaboração não foi concretizada, pois Rauth não concluiu seus estudos na América.³²⁸

Loureiro Fernandes, desde antes da criação do CEPA em 1956, buscava “experimentar as vantagens de técnicas de escavação modernas”, como demonstrou Roseli Ceccon em relação à contratação do arqueólogo iugoslavo Adam Orssich em 1952.³²⁹ A autora argumenta que “Loureiro buscava vários pesquisadores mundiais a fim de obter a maior quantidade de opiniões

³²⁶ Report to Leonard Carmichael about research grants 201D-223 and 201D-205. In: Memos Reporting on Detail, 1957 – 1964. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *with no problems of interchange of ideas, in spite of the nationalistic feelings of some countries represented at the teaching seminar.*”

³²⁷ *Ibidem*. Original em inglês: (...) *young Latin American archeologists.*

³²⁸ Em carta a José Loureiro Fernandes enviada em 9 de fevereiro de 1962, Clifford Evans solicitou, no entanto, de Loureiro Fernandes uma descrição dos problemas enfrentados por Rauth nos EUA, ao qual Loureiro atendeu com uma carta detalhada, confidencial, enumerando os desafios que Wilson enfrentou ao viver isolado em uma cidade pequena, sem completo domínio da língua, em carta do dia 22 de janeiro de 1962. In: Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

³²⁹ Ceccon, 2011, p. 63.

e visões de ciência, para que observasse aquelas que fizessem mais sentido à realidade brasileira”.³³⁰

Após o curso de Barranquilla, Loureiro Fernandes ficou mais esperançoso de que Clifford Evans e Betty Meggers pudessem oferecer um curso semelhante nas dependências do CEPA. Fernandes chega a escrever:

Quando Fernando (Altenfelder) em 1961 regressou do “Seminário sobre métodos para estabelecer as sequências cronológicas das culturas pré-colombianas” (Barranquilla-Colombia), escrevi-lhe, pedindo notícias dos amigos de Washigton, foi quando vim a saber que estavam em Barranquilla e não viriam ao Brasil. Não será possível acertarmos um curso intensivo em arqueologia pré-histórica em 1965, sob orientação dos Professores Evans, na Universidade do Paraná?³³¹

Nessa mesma carta, Fernandes informa aos Evanses que ainda naquele ano, Madame Annette Laming-Emperaire (1917-1971), arqueóloga francesa, ministraria um curso de três meses no CEPA. Embora seja difícil traçar uma relação direta entre essas informações, mas também foi em 1962 o ano em que os Evanses mudaram de opinião com relação a ministrar um curso em solo brasileiro. Em carta resposta a Loureiro Fernandes, eles indicam que no ano seguinte eles conseguiriam finalmente atender a demanda do professor brasileiro, unindo à outras demandas na América meridional, como visitas técnicas a museus e coleções na Argentina e outro evento, parecido com o de Barranquilla, no Chile, acatando a uma solicitação da Panamerican Union, embora tal evento não viria ocorrer.³³²

Com a confirmação do interesse por parte do casal Meggers e Evans, José Loureiro Fernandes entrou em contato com Tude de Souza, então diretor da Comissão Fulbright no Brasil (criada em 1957) que prometeu o apoio da instituição para viabilizar a vinda dos pesquisadores ao país.³³³ Simultaneamente, Loureiro também articulou com a CAPES a concessão de bolsas para professores e arqueólogos de outras regiões do Brasil, com o objetivo de garantir a participação no curso que seria oferecido no Paraná. No entanto, o afastamento de Tude de Souza da direção da Fulbright ainda em 1962, por motivos de saúde, aliado aos atrasos na comunicação e à

³³⁰ *Ibidem*, p. 71

³³¹ Carta de José Loureiro Fernandes para Clifford Evans em 22 de janeiro de 1962. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³³² Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a Loureiro Fernandes em 14 de fevereiro 1962. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³³³ Fulbright Brasil, c2012.

ausência de garantias quanto ao financiamento, inviabilizaram a realização do curso no ano de 1963.³³⁴

De fato, Clifford Evans explicou a Loureiro em carta datada em 8 julho de 1963, com alguma cautela, que mesmo que Fernandes garantisse o financiamento, deveria comunicá-los com antecedência de vários meses, ou não conseguiriam autorização da Smithsonian a tempo. Também demonstraram algum incômodo ,pois souberam através de várias fontes que havia “rumores” sobre sua estada no Paraná:³³⁵

Como não tivemos notícias suas, presumimos que você não havia conseguido o financiamento e, portanto, o seminário de ensino foi adiado para algum tempo futuro. Mesmo que você tenha organizado os aspectos financeiros da viagem, a menos que você nos avise com pelo menos vários meses de antecedência, não poderemos participar do programa. Não é falta de interesse da nossa parte, aparentemente é falta de comunicação que pode causar algum problema grave.³³⁶

Ao analisar a correspondência, fica visível que os Evanses delegaram a responsabilidade de viabilização do curso a Loureiro Fernandes e ele contava com o apoio da Comissão Fulbright no Brasil, de onde não recebia notícias desde o adocimento e posterior morte de seu secretário-executivo Tude de Souza. A Comissão Fulbright do Brasil oferecia um caminho seguro para norte-americanos que desejavam realizar pesquisas no Brasil. A esse respeito, Clifford Evans chegou a recomendar a Leonard Ellison Arnaud, professor da universidade de South Dakota, que através de Blasi requereu conselhos sobre desenvolver sua pesquisa em solo brasileiro: “Como você não deseja ir ao Brasil antes de 1959, sugerimos que você espere até que o Brasil assine o acordo Fulbright e então se inscreva neste programa.”³³⁷ O impasse viria a se resolver

³³⁴ Carta de José Loureiro Fernandes a Clifford Evans em 17 de setembro de 1962. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³³⁵ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a José Loureiro Fernandes em 8 de julho de 1963. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³³⁶ *Ibidem*. Original em inglês: *When we had not heard from you it was our assumption that you had not been able to arrange the financing and therefore the teaching seminar was delayed for some future time. Even if you have arranged for the financial aspects of the trip, unless you give us at least several months. Notice we cannot participate in the program. It is not a lack of interest on our part, it is apparently a lack of communication that can cause some severe problems.*

³³⁷ Carta de Clifford Evans a Leonard Ellison Arnaud em 1 de novembro de 1957. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Since you do not desire to go to Brazil until 1959, may we suggest that you wait until Brazil sing the Fulbright agreement and then apply under this program.*

com a nomeação, ainda em 1963, de Artur Hehl Neiva (1909-1967), “[...] pessoa de minhas relações” como enfatizou Fernandes ao informar ao casal que a ausência de novidades não decorria da falta de interesse pelo assunto.³³⁸

Artur Hehl Neiva, filho do conhecido médico e sanitarista baiano Artur Neiva, compartilhou com o pai alguns encargos da vida pública, quando este assumiu em 1931 a interventoria no estado da Bahia. Guilherme Marques, em artigo sobre a trajetória político-social de Hehl Neiva, o denomina como “[...] um dos artífices do Brasil [...] [que] fez parte de uma geração de intelectuais e agentes públicos que atuaram em diferentes espaços de poder no país, em um momento de grandes transformações políticas e institucionais.”³³⁹ Isso porque Hehl Neiva teve atuação determinante no Conselho de Imigração e Colonização (CIC) que lidava com a seleção de refugiados após a Segunda Guerra Mundial.³⁴⁰

Após deixar o cargo no CIC, Neiva continuou sua carreira como assessor da Presidência da República, entre os anos de 1951 e 1952. Logo depois, devido a sua vasta experiência com o tema, assumiu o posto de conselheiro do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME) para a América Latina (1952-1956), e ainda: foi professor (1958-1966) e vice-diretor (1959-1963) da Escola de Sociologia e Política da PUC-RJ; secretário executivo da Comissão Fulbright no Brasil (1963-1967); organizador da 3ª seção, “Migrações Internas”, da Conferência Mundial de População em Belgrado, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas-ONU (1965). Dois anos depois em 9 de outubro de 1967, Hehl Neiva veio a falecer no Rio de Janeiro.³⁴¹

Sobre a atuação de Arthur Hehl Neiva na Comissão Fulbright no Brasil nos três anos (1963-1967) há poucas referências disponíveis. É possível encontrar nota sobre sua indicação no boletim informativo da CAPES (Figura 34), foto de um encontro de secretários executivos da América Latina e o senador Fulbright em Washington D.C, em 1964 (Figura 35); e os anais de uma Mesa Redonda em 1965, em Nova York, onde participou de um seminário sobre como as migrações internacionais afetam a América Latina, junto com Louis Ducoff.³⁴²

³³⁸ *Ibidem*. Carta de José Loureiro Fernandes a Clifford Evans em 19 de julho de 1963. In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³³⁹ Marques, 2023, p. 23.

³⁴⁰ Sobre esse assunto há extensa literatura recente disponível como os artigos de Svetlana Ruseishvili (2020) e o de Jesiani Debastiani (2018), além da tese de Guilherme Marques (2023) e da dissertação de mestrado de Lara Machado (2021).

³⁴¹ Machado, 2021, p. 56.

³⁴² Neiva, 1965.

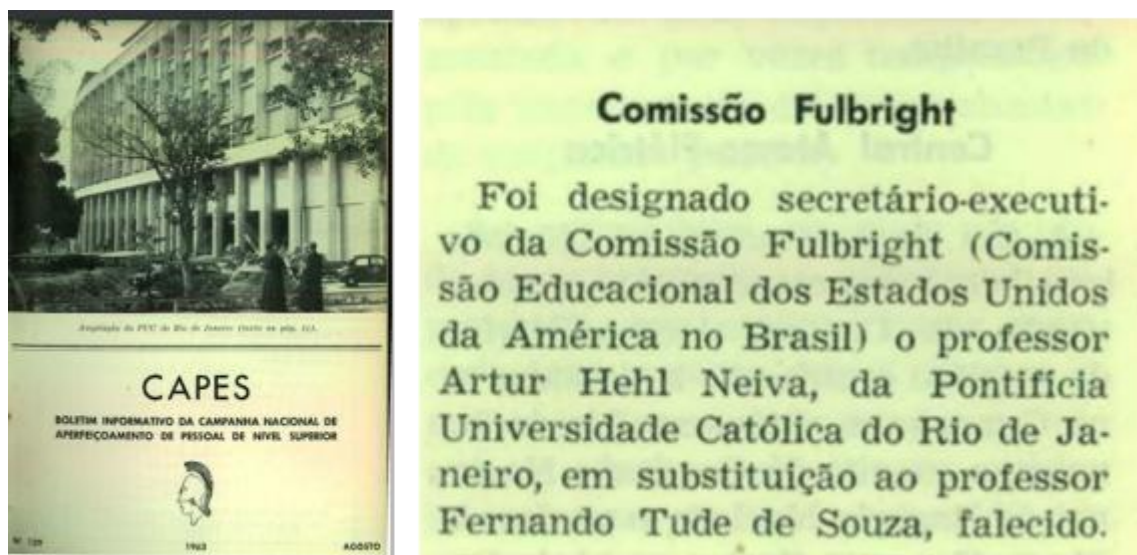


Figura 34: Capa do Boletim Informativo da CAPES de agosto de 1963 (à direita) com nota página 12 informando a indicação de Arthur Hehl Neiva para secretário executivo da Comissão Fulbright no Brasil (à esquerda). Fonte: Boletins Informativos/Memória Capes.

Se para outros contextos não é possível inferir muito sobre os três anos que Artur Hehl Neiva respondeu pela Comissão Fulbright no Brasil, para a arqueologia, sua atuação foi decisiva. Informado por Loureiro Fernandes da vontade da Universidade do Paraná receber o casal de arqueólogos americanos Hehl Neiva organizou as etapas que deveriam ser seguidas para aprovação do projeto pela Fulbright, situação que não estava bem elucidada até então^{343 344}. Sua atuação foi tão apreciada por Evans e Meggers, que posteriormente fora convidado a exercer o papel de *liaison officer* entre as instituições envolvidas para desenvolvimento do PRONAPA, como ficará mais claro no próximo tópico.

³⁴³ Em carta enviada para Neiva, cuja cópia fora encaminhada para os Evanses, Fernandes deixa claro que também entrou em contato com Alan Brettell, representante do Adido Cultural do Consulado dos Estados Unidos, demonstrando que não poupou esforços, tampouco poupou contatos, para realização do curso. Carta de José Loureiro Fernandes para Artur Hehl Neiva em 13 de dezembro de 1963. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.*

³⁴⁴ Carta de Artur Hehl Neiva a Clifford Evans e Betty Meggers em 23 de janeiro de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.*



Figura 35: Artur Hehl Neiva e sua esposa Beatriz Neiva (à esquerda), em reunião com diretores executivos de comissões binacionais da América Latina e o senador americano William Fulbright (ao centro) em Washington, D.C., 22 de maio de 1964. Também estão na fotografia (da esquerda para direita) Luis Valverde Lopez, do Equador; Renee Abaracon, Uruguai; Dr. Pedro David, Argentina; Senador Fulbright; Dr. Joaquin Pineros Corpas, Colômbia; Teresa Vial de Guzman, Chile; e Dr. Eduardo F. Indacochea, Peru. Foto: John N. Richards; Fotografia do Departamento de Estado. Fonte: The Fulbright Program, 1946-1996: An Online Exhibit.

De volta ao curso de análise cerâmica no Paraná, ao fim de 1963. Loureiro Fernandes já havia tomado as providências preliminares que julgou necessárias, para a enfim realização do curso em 1964. Fernandes foi informado por Hehl Neiva que necessitava uma formalização do pedido à Fulbright pelo casal, e que a comissão arcaria com os custos da viagem, se a Universidade do Paraná se responsabilizasse pelos custos da estadia de Evans e Meggers.³⁴⁵ O curso contou também com 10 bolsas cedidas pela CAPES, para que profissionais de outros estados do Brasil participassem do curso.³⁴⁶ Além de cópias do “[...] Manual técnico III: Cronologias Culturales

³⁴⁵ Carta de José Loureiro Fernandes para Clifford Evans, manuscrita, em 6 de janeiro de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁴⁶ Carta de Loureiro Fernandes a Clifford e Betty Evans em 14 de julho de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

em número suficiente, graças à interferência do Adido Cultural do Consulado dos Estados Unidos, em Curitiba”, também articuladas por Fernandes.³⁴⁷

Era intenção do casal aproveitar a viagem ao Brasil e visitar coleções e museus na porção meridional da América Latina, incluindo algumas instituições brasileiras. Contudo, após a carta enviada por Artur Hehl Neiva em 23 de janeiro de 1964 e sua visita em maio aos EUA em razão do encontro com o senador Fulbright, os planos mudaram e as visitas ficaram focadas no Brasil. Provavelmente em decorrência da seguinte informação enviada por Neiva:³⁴⁸

Assim que suas bolsas forem aprovadas, podemos providenciar seu transporte, a rota que você solicitou para Curitiba via Caracas e Belém sem problemas. No entanto, devido a determinados regulamentos de transporte recentes, não seria possível à Comissão enviá-lo de volta a Washington através da Argentina e do Chile.³⁴⁹

No mês de julho de 1964, Loureiro Fernandes encaminha aos Evanses a lista de possíveis atendentes ao curso.³⁵⁰ E Artur Hehl Neiva encaminha o cronograma de viagem.³⁵¹ É possível ver alguma sobreposição nos lugares que seriam visitados e os possíveis atendentes do curso (Rio de Janeiro - antigo estado Guanabara, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Natal e Belém), mas também lugares que não tinham representantes no curso como Fortaleza e Brasília (Figura 36).

³⁴⁷ Carta de José Loureiro Fernandes à Clifford Evans e Betty Meggers em 12 de junho de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁴⁸ Carta de Artur Hehl Neiva para Clifford Evans e Betty Meggers em 24 de janeiro de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁴⁹ *Ibidem*. Original em inglês: *Once your grants are approved, we can arrange your transportation, the route you requested to Curitiba via Caracas and Belém Offering no problem. However, due to certain recent transport regulations, it would not be possible for the Comission to send you back to Washington via Argentina and Chile.*

³⁵⁰ Carta de José Loureiro Fernandes a Clifford e Betty Evans em 14 de julho de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁵¹ Carta de Arthur Hehl Neiva para Clifford Evans e Betty Meggers em 17 de julho de 1964. *In: Neiva, Arthur Correspondence, 1981, 1964-1975. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

Estados	Nomes-Candidatos	Credenciais
Paraná	Maria Sines -	Museu Goeldi: Trab. publicados
Rio G. de Norte	Mansur Antonio S. Nasser -	Universidade
Behia	o Valentin Calderon	Universidade. Trab. publicados
Guanabara	Maria da Conceição Becker -	Museu Nacional
Guanabara	o Odenar Ferreira Dias	Trab. publicados
São Paulo	Fernanda A. Silva -	Faculdade. Trab. publicados (Rio Cla)
Santa Catarina	- Fernanda Walter Piazza	Universidade
Santa Catarina	Pe. José Alfredo Rehr -	Trab. publicados
Rio G. de Sul	Pe. Pedro Ignacio Schmitz -	Universidade. Trab. publicados
Rio G. de Sul	o José P. P. Brechade	Universidade.
Paraná	Jose Wilson Rauth -	Faculdade de Paranaíba
Paraná	o Ghislene Hudziak	Museu Paranaense
Paraná	o Helena Mueller	Departamento
Paraná	o Maria L. F. da Rocha	Departamento
Paraná	Igor Chmyz -	Departamento

COMISSÃO EDUCACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO BRASIL "FULBRIGHT COMMISSION"						
Rio/S. Paulo	Oct.1	Ponte		9:30		
S. Paulo/Curitiba	Oct.1	VASP	123	11:30 - 12:20) 30 days	
Curitiba/P. Alegre	Oct.31	VASP	123	12:50 - 14:00		
P. Alegre/S. Paulo	Nov.3	VASP	122	14:40 - 17:10) 3 "	
S. Paulo/Rio	Nov.4	Ponte		10:30) 1 "	
Rio/Brasília	Nov.7	Ponte		11:00) 3 "	
Brasília/Salvador	Nov.9	VASP	124	15:50 - 18:30) 2 "	
Salvador/Recife	Nov.11	VASP	128	13:00 - 14:30) 2 "	
Recife/Natal	Nov.13	VASP	128	15:00 - 15:40) 2 "	
Natal/Fortaleza	Nov.15	VASP	128	16:00 - 17:00) 2 "	
Fortaleza/Belém	Nov.17	VASP	106	6:30 - 10:30) 2 "	
Belém/N. York	Nov.22	FAA	220	7:30 - 18:00) 5 "	
N. York/Washington	Nov.22	TWA	501	19:40 - 21:10		

Figura 36: Acima: Lista de alunos encaminhada por Loureiro Fernandes, com estado e credenciais. Abaixo cronograma encaminhado por Artur Hehl Neiva para Clifford Evans e Betty Meggers. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Além da bolsa da Fulbright, do financiamento pela Universidade do Paraná, da CAPES e do apoio do Adido Cultural do Consulado dos Estados Unidos em Curitiba, Clifford Evans solicitou ao *Fluid Reserch Fund* (Fundo de Pesquisa Fluido, em tradução livre) da Smithsonian, fundos para pagar pela estadia nas outras cidades brasileiras.³⁵² Em relatório, Clifford Evans confessa que eles já planejavam o estabelecimento de um grande Projeto a nível Nacional, mesmo antes desta visita ao Brasil.³⁵³ Contudo, em documentos da época a justificativa utilizada era a de uma “*inspection tour*” em departamentos de antropologia em universidades e

³⁵² Um fundo que poderia ser acessado por funcionários para despesas variadas.

³⁵³ Report of official detail to Brazil, October- November, 1964; em 4 de Janeiro de 1965. In Clifford Evans [Travel Authorization]. *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

museus brasileiros para determinar as necessidades e o potencial para desenvolver programas de arqueologia.³⁵⁴

O curso do Paraná, não contou com a participação do Dr. James Ford, apesar de utilizar seu manual para estabelecimento de tipologias e cronologia de artefatos cerâmicos, doados em quantidade suficiente para os estudantes, mas contou com a presença de Arthur Hehl Neiva. Outra diferença para o curso de Barranquilla, é que no Brasil ele iria durar o dobro do tempo: 4 semanas (de 05 a 30 de outubro de 1964). Clifford Evans e Betty Meggers misturaram o português com espanhol para ensinar métodos aos arqueólogos que atuavam no Brasil, incluindo análise de artefatos, classificação, apresentação quantitativa dos dados, interpretação (aspecto não muito abordado na Colômbia) e reconstrução de sequências histórico-culturais de ‘culturas aborígenes’.³⁵⁵

Com uma mistura de português com espanhol, Clifford Evans e Betty Meggers ensinaram análise de artefatos cerâmicos, classificação, apresentação quantitativa dos dados e reconstrução de sequências histórico-culturais aos seguintes arqueólogos brasileiros (Figura 37):

- * Mário Simões, vinculado ao Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG), no Pará. A participação de Simões no curso fora solicitada pelo casal Evans,
- * Nássaro Nasser, da Universidade do Rio Grande do Norte; Nasser também teve sua inclusão no curso solicitada por Meggers e Evans: “[...] não conhecemos pessoalmente o Sr. Nasser, mas ele escreve de forma inteligente e está localizado em uma área onde muito pouco trabalho foi feito, de modo que parece valer a pena incentivá-lo.”³⁵⁶
- * Ondemar Dias, do Rio de Janeiro. Indicado por Darcy Ribeiro (antropólogo);
- * Valentin Calderón, da Universidade da Bahia;

³⁵⁴ Progress report, 1971, 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁵⁵ Termo utilizado ainda em 1964 pelo casal em relatório à Fulbright Comissão. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution *Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA, Smithsonian Institution*.

³⁵⁶ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans, para Loureiro Fernandes em 20 de junho de 1964. *In Training seminar at the University of Parana, Brazil: Correspondence: Fernandes, Jose, 1962-1964. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: “[...] we are not personally acquainted with Sr. Nasser but he writes intelligently and is located in na área Where very little work has been done, so that de seems worth encouraging.

- * Maria Heloisa Fenelon Costa, do Museu Nacional, estado Guanabara (Rio de Janeiro); indicada por Castro Faria, do Museu Nacional.
- * Fernando Altenfelder Silva, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio Claro, no estado de São Paulo;
- * Igor Chymz, da Universidade do Paraná;
- * João Alfredo Rohr (Padre Rohr), do Colegio Catarinense, Santa Catarina e
- * Walter Piazza da Universidade de Santa Catarina.

Também participaram do curso, como ouvintes, as alunas de graduação Helena Mueller, Maria Rocha e Ghislina Hudziak.³⁵⁷ Como as bolsas oferecidas pela CAPES aos alunos, não eram suficientes para que eles custeassem a estadia de um mês em Curitiba, Dr. Loureiro Fernandes mudou a sede do curso para a cidade de Paranaguá, no Museu de Arqueologia e Artes Populares.

Em Paranaguá, a rotina do curso ficou mais intensa, com os participantes almoçando e jantando juntos todos os dias. Em relatório Evans e Meggers descreveram a programação do curso de segunda a sábado: De manhã, o foco era em teoria arqueológica e atualizações sobre a arqueologia do Novo Mundo, seguido por duas horas de almoço juntos no Museu; de tarde era o tempo destinado para sessões práticas de classificação cerâmica com o estabelecimento de tipos cerâmicos e suas características e a criação de sequências seriadas. O jantar também era no Museu e a noite era o momento de discussão dos problemas da Arqueologia Brasileira, planejamento de trabalhos de campo, organização de temas comuns de estudo e apresentação no congresso de Americanistas em Buenos Aires, em 1966.

O foco principal do curso foi o de apresentar o “método Ford de seriação” como quantitativo e objetivo, que – por esta razão, mais científico e menos suscetíveis a subjetividades. Se ampliarmos a lente de análise, é possível também reconhecer no discurso dos Evanses, nuances da disputa do chamado Americanismo entre europeus (mais precisamente franceses), do Velho Mundo e Americanos, que segundo eles, compreendem a especificidade dos dados arqueológicos do Novo Mundo. Isso fica claro quando eles dizem que:

³⁵⁷ Evans, Clifford; Meggers, Betty. Report of Activities in Brazil, October and November 1964. In: Training seminar at the University of Parana, Brazil Progress report, 1971, 1964. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.



Figura 37: Cenas do Curso de análise cerâmica em Paranaguá. À esquerda Igor Chmyz (Paraná), Valentin Calderón (Bahia) e Betty Meggers (Smithsonian). À direita o casal Betty Meggers e Clifford Evans. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA, Smithsonian Intitution.

O contato do Brasil com a arqueologia fora da introdução dos métodos científicos da arqueologia pelos Drs. Evans e Meggers em 1948-49 na Amazônia, estiveram apenas com a “Escola Francesa” sob a direção da Professora Annette Laming e do falecido Dr. José Emperaire em suas escavações de sambaquis no sul do Brasil. Essa influência deixou muitos brasileiros sem uma apreciação das culturas cerâmicas e com um método subjetivo de classificação de artefatos de pedra, em vez dos métodos quantitativos e objetivos usados pela maioria dos arqueólogos americanos e alguns latinos.³⁵⁸

Foi nesse espírito de “cientificização” e padronização da arqueologia, que durante o curso, o casal estimulou a criação de um *thesaurus* para a arqueologia brasileira, a fim de estabelecer um controle de termos utilizados e, portanto, produzir dados comparáveis a nível nacional. Publicado pela primeira vez em 1966 com o título de *Terminologia arqueológica Brasileira para a Cerâmica*, em sua nota explicativa é possível ler que:

Durante a manipulação de várias coleções cerâmicas, sentiram, os participantes do Seminário, a necessidade de uniformização dos termos técnicos. As diversas

³⁵⁸ Executive Inventory Record, 1970 – 1977. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Brazil’s contact in archeology outside the introduction of scientific methods of archeology by Drs. Evans and Meggers in 1948-49 in the Amazon, had been only with the “French School” under the direction of Professora Annette Laming and the late Dr. José Emperaire in their excavations of shell middens in south Brazil. This influence had left many of the Brazilians without an appreciation of pottery-bearing cultures and with a subjective method of classification of stone artifacts instead of the quantitative and objective methods used by most United States and some Latin archeologists.*

denominações cerâmicas já em uso pelos arqueólogos brasileiros foram apreciadas e novos termos criados, procurando-se defini-los de maneira clara e completa.³⁵⁹

Essa publicação impactou de tal modo a arqueologia brasileira, que mobilizou inclusive os representantes da “corrente francesa”, a padronizar as nomenclaturas e modos de estudo, especialmente das indústrias líticas. Dessa forma, o próximo manual de arqueologia publicado pela Universidade do Paraná, foi o *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul* de Annette Laming-Emperaire, em 1967. A série de manuais publicada pela UFPR encerrou em 1969 com a publicação da *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica: Parte II*.

Após a conclusão do curso, Meggers e Evans seguiram sua agenda de visitas a instituições brasileiras, iniciando pelo Rio Grande do Sul. No mês de novembro, o casal realizou uma série de visitas técnicas (*inspection tours*) a universidades e museus para “[...] determinar as necessidades e potenciais dos programas de pesquisa arqueológica”.³⁶⁰ As viagens em território brasileiro também foram financiadas pela Fulbright, através da agência de Artur Hehl Neiva. Importa destacar que a conexão viabilizada por Fernandes, entre o casal Meggers e Evans e Hehl Neiva se estendeu para além dos ditames burocráticos de financiamento das viagens. Além de garantir financiamento para as passagens, o diretor da Fulbright entrou em contato com pessoas chave em todas as instituições a serem visitadas pelo casal, garantindo que fosse trançado um tapete de boas-vindas para o casal e seus objetivos. Entre as pessoas contactadas por Neiva estão: Messrs Schinck e Padre Rohr, do Instituto Anchieta em Porto Alegre; Herbert Baldus em São Paulo; Eduardo Galvão (“ou seja lá quem esteja em seu lugar”) em Brasília; Thales de Azevedo em Salvador; René Ribeiro em Recife; Cabral de Carvalho em Natal; Hesíodo Facó ou José Ferreira de Alencar em Fortaleza e Dalcy Albuquerque no Museu Goeldi em Belém; sendo ele próprio o contato do casal na cidade do Rio de Janeiro.³⁶¹

Concluída a etapa do curso/viagem em 1964, ao fim de sua viagem, o grupo de trabalho formado pelo casal já era identificado como “os irmãos de Paranaguá” e já estava decidido que eles

³⁵⁹ Chymz, 1976, p. 119.

³⁶⁰ Progress report, 1971, 1964. In *Training seminar at the University of Parana, Brazil. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em ingles: [...] *to determine the needs and potential for archeological research program*.

³⁶¹ Carta de Artur Hehl Neiva a Clifford Evans e Betty Meggers em 24 de janeiro de 1964. In: Neiva, Beatriz: *Correspondence, 1981, 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

procurariam realizar um projeto de arqueologia a nível nacional, com os participantes do curso e outros profissionais prospectados durante as visitas, notadamente no Rio grande do Sul (José Proenza Brochado e Eurico Miller). Chegava o momento de planejar como seriam os próximos anos da arqueologia no Brasil. O principal resultado direto desta visita de dois meses ao Brasil, foi a implementação, em 1965, do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Com objetivo de realizar um amplo levantamento de sítios arqueológicos no território nacional, o ponto forte do programa, para Meggers e Evas, era o fato de que os arqueólogos, e suas equipes, utilizariam a mesma linguagem arqueológica (metodologia de coleta, de análise e interpretação de dados) o que possibilitaria comparação dos dados, gerando uma compreensão ampla dos dados arqueológicos, situação declarada pelo casal como inédita no mundo àquela altura.³⁶²

Em relatório na década de 1970, Clifford Evans confessa que já fazia parte do planejamento, antes da visita, o estabelecimento de um grande projeto como o PRONAPA.³⁶³ Sabendo disso, fica fácil entender as correspondências trocadas, ainda em solo brasileiro, com pessoas e instituições nos EUA, buscando garantir o financiamento de tal programa. Não será possível abordar, por uma limitação de espaço, os fluxos percorridos pelo projeto do programa, e pelo direcionamento dado a ele, sobretudo por Clifford Evans, mas, por vezes, por Betty Meggers, nas instituições de fomento à pesquisa americana. Importa, nesse momento, saber que o programa foi financiado pelo *Smithsonian Research Awards*, no total de USD30.00,00 por ano, ao invés dos USD45.550,00 solicitados. Apesar do corte, o financiamento estava garantido. Portanto, era necessário oficializar o programa junto as instituições brasileiras. A construção desse acordo foi trabalhosa, cuidadosa e com concessões em todos os lados, como será demonstrado no próximo capítulo.

³⁶² Evans, Clifford. Report of official detail to Brazil, October – November, 1964. January 4, 1965. Clifford Evans Papers 1952-1975. *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁶³ Clifford Evans [Travel Autorization]. *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

CAPÍTULO 3: ENTRE A CIÊNCIA E O PATRIMÔNIO: O PRONAPA E A COLABORAÇÃO BRASIL-USA³⁶⁴

Esse capítulo analisa a implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA (1965-1973). O argumento defendido aqui é que, apesar de nomeado “*Nacional*”, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas fora criado na base de fortes conexões transnacionais, desenvolvendo estratégias e relações que vão “[...] além das fronteiras territoriais”.³⁶⁵ Também é defendido aqui que essas relações podem ser percebidas ao debruçar sobre as táticas empregadas pelas pessoas envolvidas, na adaptação do aporte institucional nacional e internacional para garantir a implantação do PRONAPA. A hipótese de trabalho é a de que os entendimentos de arqueologia, de ciência e de patrimônio divergiam entre os países envolvidos, mas foram acomodados a partir da construção dessas conexões, para viabilizar a execução do projeto.

Para atingir esse objetivo o capítulo se divide em duas partes: A primeira parte explorará uma narrativa com base nas fontes primárias, sobretudo as acessadas no *National Anthropological Archives (National Museum of Natural History – Smithsonian Institution)* com o objetivo de delinear os fluxos transacionais que antecederam o PRONAPA, focando em reconhecer como as relações foram construídas de modo a permitir a confecção e execução do projeto.³⁶⁶ A segunda seção apresenta os arranjos que foram necessários para que o programa acomodasse tanto instituições como pesquisadores brasileiros e americanos, assim como a organização e o desenvolvimento do PRONAPA.

A proposta deste estudo é realizar uma análise fundamentada nas fontes, capaz de captar nuances até então negligenciadas, adotando uma perspectiva menos antagônica sobre esse período crucial para o desenvolvimento da arqueologia. Busca-se, assim, reconhecer papéis distintos daqueles tradicionalmente atribuídos aos atores americanos e brasileiros, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de negociar, resistir e promover interesses

³⁶⁴ Uma versão deste capítulo vai fazer parte da coletânea *Ciência, Desenvolvimento E Democracia: Estudos Históricos Sobre O Caso Brasileiro (1945-2000)*, organizada por Olival Freira Jr, Silvia Figueroa, Margaret Lopes e Augusto Videira, a ser publicado pela Editora da Fiocruz (Alcantara, no prelo).

³⁶⁵ Armitage, 2015.

³⁶⁶As fontes utilizadas aqui são majoritariamente das coleções *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers* e *Department of Anthropology Records*, ambas pertencentes ao National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

comuns e individuais por meio do PRONAPA. Como demonstram os tópicos a seguir, os argumentos de Funari carecem de sustentação, uma vez que o autor desconsidera que a colaboração dos Evans com o Brasil e a América Latina remonta à década anterior ao golpe militar e persiste mesmo após a abertura política. Além disso, ele minimiza a relevância das disputas de influência entre arqueólogos americanos e franceses no Brasil, ao simplificar dicotomias que categorizam os primeiros como “vilões” e os segundos como “heróis”.

3.1 COLOCANDO O PLANO EM PRÁTICA

Ainda em 1964, o casal Evans iniciou as tratativas para estabelecimento desse projeto, que envolvia um arranjo delicado entre pessoas e instituições, tanto brasileiras quanto americanas. Para melhor entender como se deu esse processo, a narrativa será focada nas instituições envolvidas, evidenciando quais agentes foram mobilizados para resolução dos problemas.

Através da análise documental, o PRONAPA se revelou um programa montado e executado à base das relações pessoais, que se valia do prestígio dado pelas instituições nas quais pessoas envolvidas estavam afiliadas. Este subtópico demonstra como Betty Meggers e Clifford Evans buscaram construir relações pessoais com os arqueólogos e com a rede institucional que envolvia cada um ao longo dos anos que o programa esteve ativo. De antemão, esta hipótese se apoia no fato de que o casal fazia questão de um *liaison officer*, ou seja, um elemento de ligação, brasileiro, que compartilhasse com o casal entendimentos acerca do programa e dos recursos políticos que deveriam ser utilizados. A escolha da pessoa que viria ocupar esse espaço se deu, também, utilizando o fator pessoal como principal determinante, como será melhor abordado mais à frente. De início, é importante destacar que durante viagem para a *inspection tour*, Arthur Hehl Neiva já atuou como esse elemento de ligação contactando pessoas em todas as cidades em que o casal passaria, o que facilitou o acesso de Betty Meggers e Clifford Evans às instituições brasileiras. Entre as pessoas contactadas por Neiva estão Messrs Schinck e Padre Rohr, do Instituto Anchieta em Porto Alegre; Herbert Baldus em São Paulo; Eduardo Galvão (“ou seja lá quem esteja em seu lugar”) em Brasília; Thales de Azevedo em Salvador; René Ribeiro em Recife; Cabral de Carvalho em Natal; Hesíodo Facó ou José Ferreira de Alencar em

Fortaleza e Dalcy Albuquerque no Museu Goeldi em Belém; sendo ele próprio o contato do casal na cidade do Rio de Janeiro.³⁶⁷

Concluída a etapa do curso/viagem em 1964, chegava o momento de planejar como seriam os próximos anos da arqueologia no Brasil. O casal antevia a possibilidade do crescimento da arqueologia científica de maneira exponencial, visto que planejavam um programa de arqueologia a nível nacional, onde todos os arqueólogos utilizassem a mesma metodologia para coleta, análise e interpretação de dados, situação declarada por eles como ainda inédita no mundo àquela altura.³⁶⁸

Ainda durante o curso no Paraná, Clifford Evans, de posse de seu cargo de Arqueólogo Sul-americana da *Smithsonian Institution*, iniciou as articulações diplomáticas para que o programa se tornasse possível. Naquele momento, ele buscava financiá-lo através dos fundos da *Public Law 480*, que se tornou conhecida como “*Foods for Peace*” a partir de 1959.³⁶⁹ Ele já inicia uma carta a William Warner, Assistente Especial em Assuntos Internacionais da *Smithsonian Institution* dizendo: “Apenas uma nota do Brasil para informar como está indo o programa de treinamento Fulbright para arqueólogos brasileiros e como é importante aproveitar parte desse dinheiro do PL 480 para a arqueologia brasileira.”³⁷⁰ Em seus argumentos para convencer Warner ele declara a competência dos onze arqueólogos brasileiros participantes e o fato de que “[...] eles ainda não estariam contaminados com alguns dos sistemas crescentes em algumas escolas de pensamento em vários centros europeus e certas universidades nos EUA, então é fácil colocá-los no caminho certo da interpretação via classificação sistemática”.³⁷¹

³⁶⁷ Cartas de Artur Hehl Neiva a cada um dos contactados enviadas em 27 de agosto de 1964. In Neiva, Beatriz: Correspondence, 1981, 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁶⁸ Detail from June 21-October 1, 1961: Research Grants 201D-223 and 201D-205. In Clifford Evans Papers 1952-1975. *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

³⁶⁹ Sobre a PL 480 e seu impacto no Brasil ver Hall, 1980.

³⁷⁰ Carta de Clifford Evans a William Warner em 7 de outubro de 1964. In Neiva, Beatriz: Correspondence, 1981, 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Just a note from Brasil to let you know how the Fulbright training program for Brazilian archeologists is coming and how important it is to latch-onto some of that PL 480 money for Brazilian archeology.*

³⁷¹ *Ibidem*. Original em inglês: *[...] they also aren't contaminated by some of the systems growing out of some of the schools of thought in various European centers or certain Universities in UD so it is easy to get them on the right road to interpretation via systematic classification.*

No início de janeiro de 1965, Clifford Evans aproveitou um relatório encaminhado simultaneamente ao Smithsonian Institution e à Comissão Fulbright do Brasil para reforçar sua intenção de estabelecer um curso de formação em arqueologia no país:

Como o futuro da pesquisa arqueológica no Brasil é muito brilhante, uma cópia deste relatório está sendo enviada diretamente ao Sr. William Warner, Assistente Especial de Atividades Internacionais, na esperança de que planos detalhados possam ser feitos para aproveitar o uso do excesso de moeda do Brasil num futuro próximo.³⁷²

William Warner tinha ficado sabendo, extraoficialmente, através de um contato, que

[...] o Brasil faria a categoria de excesso durante o ano fiscal de 1966 e que poderíamos querer ter isso em mente no planejamento do nosso programa. Quando os Evans terminaram o primeiro rascunho da sua proposta, recebemos a notícia chocante de que os brasileiros estavam atolados no seu acordo de excedente agrícola e que, por esta e outras razões misteriosas, o país tinha saído do quadro do excesso.³⁷³

Com o dinheiro do PL 480 fora de questão já que “[...] o Brasil não será declarado país com excesso de moeda no ano fiscal de 1966”,³⁷⁴ Warner encorajou os Evanses em tentar os próprios recursos do Smithsonian já que para ele “[...] o projeto pode se sustentar em seus próprios méritos e não apenas na conveniência de um tipo específico de financiamento”.³⁷⁵

A próxima tentativa seria obter fundos a partir do *National Science Foundation* (NSF). Em maio de 1965, Betty Meggers escreve uma carta para Allan Smith, da NSF como resultado de

³⁷² Report to Smithsonian, 1965. In: Clifford Evans Papers 1952-1975. *Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Since the future for archeological research in Brazil is very bright, a copy of this report is being sent directly to Mr. William Warner, Special Assistant on International Activities, in hopes that detailed plans can be made to take advantage of use of excess currency in Brazil in the near future.*

³⁷³ Memorando de William Warner para Mr. Ripley em 18 de maio de 1965. In “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Brazil would make the excess category during FY 1966 and that we might want to bear this in mind for our program planning. By the time the Evanses had finished the first draft of their proposal, we received the jolting News that the Brazilians had bogged on their agricultural surplus agreement and that for this and Other arcane reasons, the country had plunged right out of the excess picture.*

³⁷⁴ Memorandum from Clifford Evans e Betty Meggers para-Dillon Ripley em 13 de maio de 1965. In “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *Brazil will not be declared an excess currency country for Fiscal 1966.*

³⁷⁵ Memorando de William Warner para Mr. Ripley em 18 de maio de 1965. In “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *the project can stand on its own merits and not just in the convenience of a particular kind of funding.*

suas articulações para ver se ela “como um honorário membro não assalariado da equipe *Smithsonian Institution*” poderia submeter o projeto em seu nome.³⁷⁶ Nos arquivos consultados não foi possível identificar respostas a essa carta, mas em outra a Neiva, Betty Meggers e Clifford Evans, dizem: “Se recebermos parte ou nada do dinheiro aqui, temos outro ângulo com a *National Science Foundation*. Isto atrasaria o início do projeto até perto do final do ano, mas poderia ser uma solução”.³⁷⁷

Um dos aspectos ressaltados na fase de levantamento de fundos, foi que a cooperação das instituições brasileiras era vital para funcionamento do projeto, já que lidava com uma quantidade não usual de instituições locais. Mas, Warner acreditava que isso não seria um problema por muitas razões que ele descreve:

Primeiro, os Evanses realizaram um enorme trabalho de campo e de fortalecimento institucional no Brasil. Em segundo lugar, e mais importante, o seminário de treinamento em métodos arqueológicos que eles ministraram a convite da Comissão Fulbright brasileira e as visitas a um grande número de departamentos de antropologia universitária e museus no Brasil que eles fizeram durante os últimos outubro e novembro tiveram o efeito combinado de construir um quadro de arqueólogos interessados que falem a mesma linguagem profissional (o que é raro na América Latina!) e de criar um tapete nacional de boas-vindas para a SI. Essa, pelo menos, é a impressão que tenho de fontes externas.³⁷⁸

Intitulado *Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil*, o projeto foi submetido inicialmente para um período de três anos-fiscais, ao invés dos cinco anos pensados anteriormente.³⁷⁹ Nos argumentos em busca de financiamento, foi elencado que, graças ao curso

³⁷⁶ Carta de Betty Meggers a Allan Smith em 24 de maio de 1965. In “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: as an honorary non-salaried member of the Smithsonian Institution staff.

³⁷⁷ Carta de Betty e Clifford Evans a Artur Hehl Neiva em 01 de junho de 1965. In: Neiva, Beatriz Correspondence, 1981, 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *If we receive part or none of the Money here, we have another angle with the National Science Foundation. This would delay beginning the project until near the end of the year, but might be a solution.*

³⁷⁸ Memorandum de William Warner para Mr. Ripley em 18 de maio de 1965. In: “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *First, the Evanses have done an enormous amount of field work and institution-building in Brazil. Second, and more important, the training seminar in archaeological methods which they gave at the invitation of the Brazilian Fulbright Commission and the visits to a great many university anthropology departments and museums in Brazil which they made during last October and November have had the combined effect of building up a cadre of interested archeologists speaking the same professional language (which is a rare thing in Latin America!) and of creating a national welcome-mat for the SI. This, at least, is the impression I get from outside sources.*

³⁷⁹ O *Fiscal Year* (Ano Fiscal) é iniciado em julho e encerrado em junho do ano seguinte.

ministrado por ambos na Universidade do Paraná, os pesquisadores envolvidos no projeto estavam “[...] todos em estreita ligação com os pesquisadores principais”.³⁸⁰ Também argumentaram que o Brasil apesar de “[...] ocupar metade da área continental da América do Sul [...] é em 99% *tierra incógnita* do ponto de vista arqueológico”.³⁸¹ Essa situação ofereceria a oportunidade de um programa de investigação arqueológica em escala nacional, sistemático, que poderia ser usado como modelo para países com situação arqueológica similar ao Brasil, como também serviria de base para programas pontuais, sobre problemas mais específicos em um futuro não distante.

Os Evanses justificavam o projeto utilizando o ensejo que um programa nacional também daria suporte e estímulo à arqueologia, uma “disciplina emergente” no país. “A participação em tal programa também aumentaria a estatura desses indivíduos aos olhos dos administradores e do público em geral, proporcionando um mercado de trabalho mais seguro no Brasil do que o existente atualmente”.³⁸² O projeto já previa os métodos para escolha das áreas a serem exploradas sistematicamente, também a compra de equipamentos, incluindo carros 4x4 que possibilitassem o transporte para as regiões escolhidas.

Em memorando em suporte ao projeto de Evans e Meggers, enviado para Dillon Ripley, Secretário do Smithsonian, Richard Woodbury, diretor do departamento de Antropologia, escreve:

Para além da importância intrínseca da investigação arqueológica planejada, esta proposta parece-me ter um mérito particular na continuação e fortalecimento da esplêndida cooperação que os Drs. Evans e Meggers tem criado entre o *Smithsonian Institution* e várias instituições sul-americanas. A estreita colaboração científica que desenvolveram ao longo dos anos pode ser valiosa para todo o corpo científico da Instituição em trabalhos futuros na América Latina. Os méritos desta proposta são tais que peço respeitosamente o maior apoio possível.³⁸³

³⁸⁰ Memorando de William Warner para Mr. Ripley em 18 de maio de 1965. *In*: “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *all in close association with the principal investigators*.

³⁸¹ *Ibidem*. Original em inglês: *Occupies half of the continental area of South America (...) is 99 percent tierra incognita from an archaeological standpoint*.

³⁸² *Ibidem*. Original em inglês: *Participation in such a program would also enhance the stature of these individuals in the eyes of administrators and the general public, providing a more secure job market in Brazil than is now extant*.

³⁸³ Memorando para Dillon Ripley de Richard Woodbury, em 14 de maio de 1965. *In*: *Research Statements, Proposals and Awards, 1961-77. Department of Anthropology Records*, National Anthropological Archives,

O projeto contava com um orçamento detalhado por ano, por estado e custos administrativos. Estava previsto a compra de um carro 4x4 para cada pesquisador, além de aluguel de barcos, equipamento para fotografia, para trabalho de campo, combustível, ajudante de laboratório e despesas diversas, incluindo kit de primeiros socorros. O orçamento era previsto em cruzeiros e dólares, o que prescindia de um acompanhamento constante da moeda brasileira (Figura 38). No orçamento também estavam previstas as viagens de Betty Meggers e Clifford Evans no primeiro dos três anos, para acompanhar os trabalhos e conferir o material. Além de, no último ano, os custos de todos da equipe (inclusive com excesso de bagagem), para um encontro no Museu Goeldi para análise e interpretação dos dados.

Budget			C. Summary for program - fiscal year 1965-1966, by project (Alphabetically Arranged):		
A. Average costs for a project unit (single party), figured on 60 days of actual fieldwork per project.			Cruzeiros U.S. Dollars		
	Cost in Cruzeiros	Cost in U.S. Dollars*		Cruzeiros	U.S. Dollars
Per diem for investigator in field for food and lodging. 60 days at Cr 4000 (\$2.18) per day	Cr 240,000.	\$ 130.00	<u>Beliz:</u> Calderon Field project	Cr 4,000,000.	\$ 2175.00
Laborers for field excavation and local guide service. 4 men at Cr 3000 (\$1.53) per day for 60 days	720,000.	392.00	<u>Guianabara and Rio de Janeiro:</u> Dias Field project	4,000,000.	2175.00
Boat rental	700,000.	351.00	Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
Film and film equipment	184,000.	100.00	<u>Pará:</u> Stades Field project	4,000,000.	2175.00
Expendable supplies for archeological fieldwork	184,000.	100.00	<u>Paraná:</u> Chays Field project	4,000,000.	2175.00
Basic field equipment and tools	368,000.	200.00	Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
Gasoline and oil for vehicle or boat	920,000.	500.00	South Field project	4,000,000.	2175.00
Transportation of specimens from field	184,000.	100.00	<u>Rio Grande do Norte:</u> Nasser Field project	4,000,000.	2175.00
Helper to wash and number specimens - Cr 150,000 (\$1.50) x two months	300,000.	163.00	Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
Miscellaneous, first aid materials, etc. or to allow variation in local costs or additional laborers	200,000.	109.00	<u>Rio Grande do Sul:</u> Brochard or Schmitz Field project	4,000,000.	2175.00
Total field costs per project	Cr 4,000,000	\$ 2,175.00	Miller Field project	4,000,000.	2175.00
			Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
			<u>Santa Catarina:</u> Finazzo Field project	4,000,000.	2175.00
			Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
			<u>São Paulo:</u> Silva Field project	4,000,000.	2175.00
			Vehicle-Jeep	6,440,000.	3500.00
			Totals: 1965-1966		
			Field projects	Cr 40,000,000.	\$ 21,750.00
			Vehicles	Cr 38,840,000.	\$ 21,000.00
			Coordination project of principal investigators		\$ 2,800.00
			Grand Total - First Year		\$45,550.00

* Converted at present rate of 1840.00 Cruzeiros per 1.00 dollar.

Figura 38: Orçamentos de campo. A) orçamento detalhado C) orçamento completo para o primeiro ano. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans, NAA/SI.

Smithsonian Institution. Original em inglês: *Beyond the intrinsic importance of the archeological research planned, this proposal strikes me as having particular merit in continuing and strengthening the splendid cooperation that Drs. Evans and Meggers have created between the Smithsonian Institution and various South American institutions. The close scientific collaboration they have developed over the years can be valuable to all the Institution's scientific staff in future work in Latin America. The merits of this proposal are such that I respectfully urge as full support as possible*

O projeto foi aprovado com um corte no orçamento. Ao invés dos 40.000 dólares estimado para o primeiro ano, o *Smithsonian Research Awards* concedeu 30.000, “[...] devido a razões econômicas (mais pedidos de subsídios com o SI que fundos)”.³⁸⁴ Não ficou claro com as fontes consultadas porque o projeto não foi submetido a NFS a fim de completar o orçamento previsto. Apesar do corte, o financiamento estava garantido, agora era necessário oficializar o programa junto às instituições brasileiras, utilizando aquele “tapete de boas-vindas” para construir um ainda maior, que garantisse a execução do projeto. A construção desse novo “tapete” foi trabalhosa, cuidadosa e precisou de muitas mãos e algumas concessões em todos os lados.

3.2 TRANÇANDO ACORDOS COM AS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Desde a volta do casal para Washington D.C., eles deram continuidade ao contato com atores e instituições brasileiras. Artur Hehl Neiva disse “eu sei que vocês estão agindo em assuntos brasileiros porque recebi uma carta de Mário Ferreira Simões contando sobre uma bela carta que vocês lhe enviaram³⁸⁵”. Essa carta, possivelmente, foi a enviada a Mário Simões em 13 de abril de 1965, onde o casal pergunta o interesse de Simões e do Museu Goeldi de participar do programa, e é possível perceber algumas das ressalvas que o casal tinha em relação às instituições brasileiras. Em um trecho, é possível ler:

Como você pode perceber, contamos com a sua permanência em Belém por mais alguns anos. Neiva diz que você e Dalcy estão cansados de brigar, mas pelo que sabemos de outras instituições no Brasil as coisas estão piores. Pelo menos você e Dalcy podem administrar o museu do jeito que quiserem, com o mínimo de interferência. Você não tem um reitor ou reitor “traidor” como Piazza tem³⁸⁶.

³⁸⁴ Carta de Betty e Clifford Evans a Artur Neiva em 26 de junho de 1965. *In*: Neiva, Beatriz: Correspondence, 1981, 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *due to economy reasons (more grant applications within the SI than funds)*.

³⁸⁵ Carta de Artur Hehl Neiva a Betty Meggers e Clifford Evans em 25 de maio de 1965. *In*: Neiva, Beatriz: Correspondence, 1981, 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *I know you are acting on Brazilian matters because I received a letter from Mário Ferreira Simões telling about a nice letter you have sent him.*

³⁸⁶ *Ibidem*. Original em inglês: *As you can see, we are counting on you staying in Belem a few more years. Neiva says you and Dalcy are getting tired of fighting, but from what we know of other institutions in Brazil things are worse. At least you and Dalcy can run the museum the way you want to, with minimum interference. You don't have a dean or reitor "double-crossing" you like Pizza has.*

Lidar com essas questões no nível das universidades e museus seria uma realidade, mas inicialmente seria preciso oficializar o programa a nível nacional. Chama atenção nesse projeto que o primeiro apoio institucional no Brasil procurado pela *Smithsonian Institution* tenha sido o do Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil (CNP, atual CNPq) – a ciência - e não a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN, atual IPHAN) – o patrimônio – órgão responsável pela preservação no Brasil. Muitos fatores podem explicar esse movimento, mas o principal deles é a atuação Arthur Hehl Neiva. Em junho de 1965, eles escrevem uma carta para Arthur dizendo: “Estamos mais do que nunca convencidos de que a sua ideia de colaboração com o Conselho Nacional de Pesquisas é importante e gostaríamos que você discutisse essa possibilidade com o diretor”.³⁸⁷

Assim, apesar de ser um programa financiado e coordenado por instituições dos EUA, ele foi negociado e definido por um brasileiro, Artur Hehl Neiva, que exerceu importante papel diplomático na composição do acordo entre o Smithsonian e o CNPq. Em julho de 1965, Neiva escreve uma carta para os Evanses informando, como prometido, ter escrito um rascunho do acordo entre o Smithsonian e o CNPq e o submetido a Antônio Moureira Couceiro que, por sua vez o submeteu ao Conselho Deliberativo do CNPq.

[...] o consenso deste conselho foi favorável à ideia em princípio, mas eles discordaram quanto à forma, afirmando que o acordo não deveria ser feito entre o Smithsonian e o Conselho Nacional de Pesquisa porque qualquer acordo envolvendo este último, de acordo com as leis brasileiras, requer aprovação prévia do Presidente da República e isso leva tempo. Em vez disso, sugeriram que o acordo fosse feito entre o Smithsonian e uma das agências do Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil, como o Museu Goeldi, que está autorizado a celebrar acordos sem precisar da aprovação do Presidente da República.³⁸⁸

³⁸⁷ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Artur Hehl Neiva em 1 de junho de 1965. In: Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *We are more than ever convinced that your idea of a collaboration with the Conselho Nacional de Pesquisas is important, and would appreciate your discussing this possibility with the diretor.*

³⁸⁸ Carta de Artur Hehl Neiva a Betty Meggers e Clifford Evans em 29 de julho de 1965. Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: (...) *the consensus of this board was favorable to the idea in principle but they disagreed as to the form, stating that the agreement should not be made between Smithsonian and the National Research Council because any agreement involving the latter, according Brazilian laws, requires prior approval of the President of the Republic and this takes time. Instead, they suggested that the agreement should be made between the Smithsonian and one of the agencies of the Brazilian National Research Council, such as Museu Goeldi who is authorized to enter into agreements without needing the President of the Republic's approval.*

Essa foi uma solução tida como muito feliz, que facilitava questões políticas já que para os Evans “[...] o nacionalismo muitas vezes levantou sua cara feia em questões de pesquisa no Brasil, especialmente quando foi feito por americanos”, e dispensava a aprovação do presidente, no momento Castelo Branco (1964-1967).³⁸⁹

Outro fator que parece ter favorecido ser o CNPq o órgão escolhido, foi um alinhamento estratégico por ele, justamente, representar a ciência, visto que o programa fazia parte do esforço de Betty Meggers e Clifford Evans na cientificização, via análise ecológica, da arqueologia no Brasil. Portanto, sendo o CNPq o co-patrocinador do programa, reforçaria esse caráter científico. Alguns anos mais tarde, em 1970, uma carta do casal enviada a Ondemar Dias corrobora esse entendimento, além de deixar implícita também uma crítica ao modo francês de fazer arqueologia, muito mais próximo da história que o americano, diretamente associado à antropologia. Quando comunicados sobre as novas regulações para arqueologia, eles dizem:

Uma coisa que é lamentável – e é obviamente um resultado da tradição histórica na burocracia brasileira – é que a arqueologia é “rotulada” como arte e não como ciência ao ser removida do Conselho para o Patrimônio. Isto é lamentável não só para a imagem da arqueologia, mas também porque é pouco provável que os diretores do DPHAN sejam cientistas que apreciem os problemas científicos dos arqueólogos. Este é um problema que você e outros arqueólogos poderão ter de enfrentar no futuro, e poderá ser necessário algum dia divorciar a arqueologia da história e transferi-la para a ciência. Como nós interpretarmos a divisão, a etnologia e a antropologia física permanecem sob a responsabilidade do Conselho. Se assim for, trata-se de mais um aspecto lamentável da atual situação administrativa.³⁹⁰

De volta ao PRONAPA no CNPq, apesar dos arranjos garantirem sua aprovação sem o endosso do presidente, parece ingênuo acreditar que os militares “[...] não estavam cientes da existência do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)”, como alegado por Betty

³⁸⁹ Carta de Artur Hehl a Clifford Evans e Betty Meggers em 11 de agosto de 1965. In Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *a nationalism has often raised its ugly head in matters of research in Brazil, especially when it was done by Americans.*

³⁹⁰ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Ondemar Dias em 20 de janeiro de 1970. In: Dias, Ondemar Correspondence, 1964-1977. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution Original em Inglês: *One thing that is unfortunate – and it is obviously a result of the historical tradition in Brazilian bureaucracy – is that archaeology is “labeled” art rather than science by being removed from the Conselho to the Patrimônio. This is unfortunate not only for the image of archeology, but also because the directors of the DPHAN are unlikely ever to be scientists who will appreciate the scientific problems of archaeologists. This is a problem that you and other archeologists may have to face in the future, and it may be necessary someday to divorce archeology from history and move it over science. As we interpret the division, ethnology and physical anthropology remain under the Conselho. If so, it is another unfortunate aspect of the present administrative situation.*

Meggers 2003), ao se defender das acusações de colaboração com o governo militar publicadas por Funari (2002).³⁹¹ Isso porque o presidente do CNPq, Antônio Moureira Couceiro, foi nomeado em 1964, após o golpe, por Castelo Branco, e a instituição convertida em uma “[...] fundação de direito privado vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República”.³⁹² Assim, o CNPq, e com ele Couceiro, estavam ligados diretamente ao presidente. Manoel Domingos enfatiza que “[...] durante a ditadura o CNPq se firma como instituição de apoio ao desenvolvimento da ciência”.³⁹³ Segundo o autor, o órgão alcança uma estabilidade administrativa no período, sendo justamente Couceiro o gestor que permaneceu por mais tempo na função (1964-1970). Domingos também ressalta que Couceiro mantinha entendimentos diretos com o general Castelo Branco e que defendia essa ligação para os membros do Conselho Deliberativo: “[...] a *vantagem* de a presidência da República garantir o controle da instituição: se realmente a pesquisa científica é a *arma* para promover, dirigir e acelerar o desenvolvimento, deve *estar sob o domínio e sob o controle do governo*”.³⁹⁴

No entanto, o CNPq não parece ter se valido especificamente do PRONAPA como *arma*. Esse ponto de vista é reforçado pelo fato de que o programa não consta na lista de programas desenvolvidos pelo órgão no período, e quase não há registro dele nas atas do Conselho no período. A exceção é o registro da 786ª sessão do Conselho Deliberativo do CNPq, realizada em 27 de julho de 1965, onde Couceiro informa ter recebido “[...] um documento confidencial que retrata a arqueologia e a antropologia brasileiras, e apresenta proposta que julgo desinteressante”.³⁹⁵ E continua:

Trata-se de convênio entre o Conselho e a Smithsonian Institution destinado ao custeio conjunto de programa nacional de pesquisas arqueológicas. Nêle há um item em que o Conselho escolheria sete delegados e a Smithsonian indicaria um delegado, mas o Conselho ouviria aquela Instituição para indicar os seus sete delegados. Contudo, o documento que é básico para o programa integrado de arqueologia e antropologia informa que, no momento, o melhor grupo de arqueologia é o do Museu Goeldi. Refere que grupos de São Leopoldo, de Pôrto Alegre, de Paranaguá, de Florianópolis, de Curitiba, de Rio Claro, São Paulo e do Rio são aqueles menos recomendados.

³⁹¹ Meggers, 2003, p. 232. Original em inglês: (...) *there is no evidence that they were aware of the existence of the*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

³⁹² Brasil, 1964.

³⁹³ Domingos, 2011, p.27.

³⁹⁴ *Ibidem*, p. 27.

³⁹⁵ 786ª sessão do Conselho Deliberativo do CNPq, realizada em 27 de julho de 1965. In: Fundo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Zenith – Arquivo de História da Ciência. Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Minha sugestão é no sentido de convenio com Smithsonian Institution ser estudado pelo museu Goeldi, ouvidos outros centros de pesquisa arqueológicas³⁹⁶.

A leitura do trecho acima permite concluir que Meggers e Evans evitaram, desde o princípio, incluir os centros mais consolidados em arqueologia, como São Paulo (Museu Paulista) e Rio de Janeiro (Museu Nacional). Também é possível inferir que, aos olhos do CNPq, o acordo do Smithsonian fora feito de fato com o Museu Goeldi, embora Couceiro tenha emitido um documento atestando a parceria, o que levou os coordenadores a sustentarem, orgulhosamente, a parceria com o Conselho.

Naquele momento, o vínculo entre CNPq e Goeldi não era definitivo, ao contrário era frágil e indireto, dependente do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), este sim órgão do CNPq criado em 1952. O Museu, fundado em 1866, pertencia ao Governo do Estado do Pará. Em meados do século XX, a instituição sofreu: “Sem verbas, praticamente sem técnicos, com seu material quebrando-se em caixotes [...] há vários anos abandonado, deixando de servir à cultura do Estado e do país”, como denunciou Mário Barata em Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.³⁹⁷

No fim de 1954, o governo paraense firma um convênio com o INPA, a partir do qual a instituição (e com ela o CNPq) assumiu a “direção científica e a administração do museu [...] com ampla e total autonomia”, sem deixar de pertencer ao governo do Estado, no entanto.³⁹⁸ Este vínculo garantiu ao MPEG verbas federais, o que impulsionou a melhoria dos recursos físicos, técnicos e contratação de pessoal qualificado, entre eles Eduardo Galvão que inaugurou a divisão de antropologia no Museu, a partir da qual se desenvolveram várias pesquisas arqueológicas³⁹⁹ e viabilizou a parceria com a *Smithsonian Institution*.⁴⁰⁰

³⁹⁶ *Ibidem*.

³⁹⁷ Barata, 1952/1965, p. 157

³⁹⁸ Termo de Acordo entre o Governo do Estado do Pará e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. 7 de dezembro de 1954. In: Fundo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Zenith – Arquivo de História da Ciência. Museu de Astronomia e Ciências Afins.

³⁹⁹ Barreto, 1992.

⁴⁰⁰ A história deste vínculo frágil ainda está para ser escrita. Na década de 1970 diversos veículos questionaram a efetividade do convênio, o papel do INPA e um possível apagamento do MPEG que chegou a ser denominado INPA-Belém. O imbróglgio parece ter se resolvido definitivamente só pelo Decreto n° 3.567, de 17 de agosto de 2000, quando o MPEG aparece como uma das unidades de pesquisa do CNPq, no mesmo nível do INPA.

Contudo, nenhuma das instituições do arranjo CNPq-INPA-MPEG-Governo do Estado do Pará era a responsável no Brasil pelos sítios arqueológicos. Nem o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE), responsável pela aprovação das pesquisas de Meggers e Evans na década de 1940.⁴⁰¹ Desde a promulgação da lei 3.924 em 1961, a autorização e fiscalização dos trabalhos arqueológicos passa a ser atribuição do órgão do patrimônio, o DPHAN. Assim, é de se imaginar que uma organização de um programa de pesquisas arqueológicas a nível nacional, sem prévia autorização ou sequer comunicação a este órgão, causaria alguma estranheza. O que pode ser visto nas palavras de seu diretor, Rodrigo Melo Franco de Andrade:

Tendo verificado, entretanto, que Vossas Senhorias elaboraram aquêlo programa, juntamente com as instituições brasileiras aludidas em sua carta sem tomarem na consideração necessária as disposições da Lei no 3.924, de 26 de julho de 1961, que estabeleceu normas especiais para autorização de escavações de monumentos arqueológico no Brasil. [...] Em face das determinações da mesma lei, solicito a Vossas Senhorias queiram encaminhar a esta Diretoria cópia do programa a que se refere sua carta de 1º de novembro.⁴⁰²

Rodrigo M. F. de Andrade encaminha, junto com a carta, duas cópias da referida lei, onde é possível ler no Capítulo II, artigo 8º, que “[...] o direito de realizar escavações para fins arqueológicos [...] constitui-se mediante permissão do Governo da União através da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁴⁰³”. Com muita habilidade diplomática, Betty Meggers e Clifford Evans enviam uma carta resposta agradecendo as cópias da lei, afirmam que estão cientes dela (obviamente) e que são a favor de todos os esforços feitos para torná-la efetiva. Atendem à requisição de Andrade ao encaminhar cópia do projeto, para avaliação, com a ressalva de que o orçamento foi diminuído e precisariam reorganizar as ações no programa embora o objetivo geral permanecia o mesmo. Apesar do tom conciliador, o casal se defende:

Tivemos a impressão, entretanto, de que como todos os arqueólogos brasileiros participantes deste projeto vêm realizando trabalhos arqueológicos há vários anos, todos estão autorizados a fazê-lo sob o Patrimônio. É por esta razão que não percebemos que poderia ser necessária permissão adicional [...]. Esperamos que você entenda que não é nosso desejo burlar o Patrimônio; pelo contrário, estamos ansiosos

⁴⁰¹ Sombrio, 2014.

⁴⁰² Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Clifford Evans e Betty Meggers em 21 de dezembro de 1965. In: “Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 1961-1970”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁰³ BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Brasília/DF: 1961. Em Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Clifford Evans e Betty Meggers em 21 de dezembro de 1965. In: “Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 1961-1970”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

por cooperar tão plenamente quanto possível na prossecução dos seus objetivos e do seu trabalho.⁴⁰⁴

Como já vimos, Betty Meggers e Clifford Evans não planejavam incluir todos os arqueólogos brasileiros, especialmente os mais consolidados na área, mas nem por isso gostariam de desagradá-los. Assim debateram com Artur Hehl Neiva possibilidades de “[...] pacificar os grandes nomes que foram excluídos do programa.”⁴⁰⁵ Inclusive, chegando a cogitar o estabelecimento de um Conselho Consultivo para o programa. Na carta em que comenta as reações de Antônio Moreira Couceiro ao projeto do PRONAPA, Hehl Neiva diz que ele “[...] aprovou também a ideia da criação do Conselho Consultivo e riu muito dos [grandes] nomes de Castro Farias, Pompeu Sobrinho etc.”⁴⁰⁶

Artur Hehl Neiva é quem escreve o rascunho do acordo a ser assinado, e através deste, é possível vislumbrar como ele concebia o Programa. Composto por dez tópicos, a sugestão de Hehl Neiva caracterizava o acordo como binacional, posicionando o CNPq e a Smithsonian como iguais já no primeiro tópico: “O Conselho e a Smithsonian patrocinarão, em conjunto, todas as pesquisas arqueológicas subordinadas ao presente convênio”.⁴⁰⁷ Hehl Neiva também dá destaque para a função do *liasson officer*, chamado no acordo como Representante Permanente, papel que ele sabia que exerceria. Composto por dez tópicos, os termos estão definidos abaixo:

- I- O Conselho e a Smithsonian patrocinarão, em conjunto, todas as pesquisas arqueológicas subordinadas ao presente convênio.
- II- O Plano Anual dessas pesquisas arqueológicas, compreendendo a indicação precisa das áreas a serem pesquisadas, a época da realização dos trabalhos de campo e o tempo de sua duração, a designação das equipes arqueológicas por elas

⁴⁰⁴ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers a Rodrigo Melo Franco de Andrade em 27 de dezembro de 1965. In: “Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 1961-1970”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *It was our impression, however, that since all of the Brazilian archeologists participating in this project have been doing archeological work for several Years, all were authorized to do so by the Patrimônio. It is for this reason that we did not realize that additional permission might be necessary. (...) We trust that you will understand that it is not our desire to circumvent the Patrimônio; on the contrary, we are anxious to cooperate as fully as possible in furthering its aims and it work.*

⁴⁰⁵ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Artur Hehl Neiva em 3 de agosto de 1965. In: “Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *pacify the “big names” who were excluded from the program.*

⁴⁰⁶ Carta de Artur Hehl Neiva a Betty Meggers e Clifford Evans em 07 de julho de 1965. In: “Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *He also approved the idea of setting up the Advisory Council and chuckled mightily at the names of Castro Farias, Pompeu Sobrinho etc.*

⁴⁰⁷ Carta de Artur Hehl Neiva a Betty J Meggers e Clifford Evans em 29 de julho de 1965. In: “Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

responsáveis e o orçamento detalhado de cada projeto será elaborado de comum acordo, ao nível técnico, entre os arqueólogos brasileiros e os especialistas da Smithsonian, devendo ser aprovado tanto pelo Conselho quanto pela Smithsonian para que sua execução possa ter início.

III- A elaboração do plano anual a que se refere a cláusula anterior deve ficar concluída, ao nível técnico, até a data de de cada ano; e tanto o Conselho quanto a Smithsonian comprometem-se a aprová-lo em definitivo até 60 (sessenta) dias após essa data.

IV- A Smithsonian compromete-se a fornecer os recursos financeiros necessários à execução do Plano Anual e de sua administração, e o Conselho a dar todo o apoio indispensável à sua realização, credenciando os pesquisadores e articulando-se com as autoridades brasileiras para facilitar a sua execução.

V- O Conselho, ouvida a Smithsonian, designará uma Comissão Consultiva de 7 membros, escolhidos entre antropólogos brasileiros de grande nomeada, preferivelmente de diversas regiões do país, que serão solicitados a opinar, por escrito, sobre o Plano Anual, especialmente nos projetos relativos às suas regiões respectivas. As funções dos Membros dessa Comissão Consultiva serão exercidas gratuitamente, porém consideradas de alta relevância técnica e científica

VI- A Smithsonian, ouvido o Conselho, designará um seu Representante Permanente, brasileiro para supervisionar e administrar a execução do Plano Anual. Para tal, o Representante Permanente será investido de amplos poderes de administração e gerência, recebendo, distribuindo e controlando a aplicação dos recursos financeiros referidos na cláusula IV conforme as determinações do Plano Anual, contabilizando-os e deles prestando contas anualmente, em relatório circunstanciado, acompanhado do parecer de auditor externo, tanto à Smithsonian quanto ao Conselho. O Representante Permanente será remunerado pró-labore e suas atribuições e deveres serão especificados e aprovados conjuntamente pela Smithsonian e pelo Conselho.

VII- Tanto o Conselho quanto a Smithsonian facilitarão o intercâmbio de arqueólogos americanos e brasileiros para aperfeiçoamento de seus conhecimentos técnicos mediante a realização de visitas, estágios, cursos e seminários.

VIII- Tanto a Smithsonian quanto o Conselho promoverão a rápida publicação dos resultados das pesquisas arqueológicas levadas a efeito no Brasil pelos meios adequados, e cooperação no possível para assegurar a presença dos arqueólogos brasileiros em conferências internacionais desse campo.

IX- O Conselho e a Smithsonian concordam em dirimir qualquer dúvida oriunda da execução deste convenio submetendo a questão a um juízo arbitral. Cada uma das partes nomeará um árbitro e estes, de comum acordo, um desempatador, que não poderá ser brasileiro nem norte-americano e cuja decisão, a ser formulado dentro de 30 (trinta) dias, ambas as partes se comprometem desde já a acatar.

X- O presente convenio é válido pelo prazo de anos, podendo ser denunciado pelo Conselho ou pela Smithsonian 90 (noventa) dias antes do seu término. Não havendo denúncia expressa por escrito dirigida pela parte denunciante à outra por intermédio do Representante Permanente, presume-se prorrogado nas mesmas condições por igual prazo. A terminação efetiva do Convênio só ocorrerá depois de encerradas as atividades do Plano Anual em Execução por ocasião da denúncia. O Conselho e a Smithsonian, em caso de término do convênio, darão instruções ao Representante Permanente para a liquidação do acervo existente.⁴⁰⁸

Em resposta à sugestão de Neiva, os Evanses escrevem uma longa carta enumerando tudo o que não concordavam. Como pode ser visto acima, o Conselho Consultivo, descrito no item V, passa a ter outra face, que foi duramente questionada pelo casal americano. Escreveram que se

⁴⁰⁸ Carta de Artur Hehl Neiva a Betty J Meggers e Clifford Evans em 29 de julho de 1965. Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975". *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

o Conselho Consultivo não servisse à função prevista (a de pacificar os grandes nomes excluídos do programa), eles não viam necessidade de ter tal conselho. Argumentam que “[...] além dos participantes, que já estão sendo consultados, não há ninguém competente para aconselhar”.⁴⁰⁹ Acrescentam também:

Se tivermos de esperar 60 dias por ano para ouvir as opiniões de pessoas irrelevantes, será outra desvantagem. Estávamos preparados para aceitar a sua sugestão, uma vez que tinha algum propósito diplomático, mas a presente alternativa não tem qualquer propósito. Na verdade, se precisarmos de representantes do Instituto Achietano (*sic*), do Museu Nacional e de outras organizações semelhantes, compostas por indivíduos totalmente inconscientes da abordagem que defendemos para a arqueologia, não será nada além de problemas. Além disso, estamos eliminando estas pessoas e instituições da proposta, dando-lhes razões adicionais para serem negativas.⁴¹⁰

Além de discordarem da forma que o Conselho Consultivo foi caracterizado no rascunho escrito por Neiva, outros itens foram motivo de discordância, que o casal demonstrou sistematicamente item a item. Chama a atenção o cuidado em que eles recusam as proposições de Neiva, sempre adicionando outros sujeitos para além deles próprios, evitando assim que a rejeição tomasse um caráter pessoalizado. Em relação ao item II, por exemplo, que prevê que um Plano Anual seria escrito e aprovado por todos os envolvidos com antecedência e descrição minuciosa e precisa de onde, quando e com que dinheiro para as pesquisas de campo aconteceriam, o casal se vale dos participantes quando escreve que:

A consulta aos vários participantes já revelou que o programa só poderá ser bem-sucedido se for mantida a máxima flexibilidade. [...] As circunstâncias locais são muito diversas, as áreas são pouco conhecidas, os compromissos dos participantes com outras atividades (ensino, etc.) são muito variados para planejar tudo isto com antecedência e cumprir o plano. O único programa viável é delinear um quadro geral, como fizemos para cada pessoa e cada estado, e permitir-lhes “tocar de ouvido”⁴¹¹.

⁴⁰⁹ Carta de Betty J Meggers e Clifford Evans a Artur Hehl Neiva em 3 de agosto de 1965. *In*: Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975”. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *Aside from participants, who are already being consulted, there is no one competent to advise.*

⁴¹⁰ *Ibidem*. Original em Inglês: *If we have to wait for 60 days each year to hear opinions of irrelevant people, it is another handicap. We were prepared to accept your suggestion since it had some diplomatic purpose, but the present alternative has no purpose at all. In fact if we must have representatives from the Instituto Achietano (sic), Museu Nacional and other such organizations that are staffed by individuals totally unaware of the approach we are advocating to archaeology, it will be nothing but trouble. Also, we are eliminating these people and institutions from the proposal, giving them extra reason for being negative.*

⁴¹¹ *Ibidem*. Original em inglês: *Consultation with the various participants has already brought out the fact that the program can only be successful if the maximum flexibility is maintained. (...) Local circumstances are too diverse, the areas to poorly know, the commitments of the participants to other activities (teaching, etc.) too varied to plan all this in advance and stick to the plan. The only feasible program is to outline a general program as we have done for each person and each state, and allow them to “play it by ear”.*

Ainda sobre esta cláusula, Evans e Meggers marcam o papel que almejavam exercer na realização do Programa quando dizem que “[...] esperávamos que cada pessoa mantivesse contato próximo conosco, nos avisasse de quaisquer desvios importantes do plano geral e os justificasse”.⁴¹² Também é possível identificar uma preocupação com tamanha burocracia, além das disputas em território brasileiro, quando relatam que:

A exigência de ter a aprovação de um grupo de brasileiros, além do participante e de nós mesmos, seria um obstáculo que significaria que nenhum trabalho poderia ser feito. [...] O que esperamos é a permissão do Conselho para realizar este programa de três anos, tal como delineado de forma geral. Qualquer coisa mais específica prejudicará o trabalho de campo.⁴¹³

Outra preocupação do casal com essa cláusula é expressa da seguinte forma:

Há outro problema que também surge aqui. Para conseguir o dinheiro, tivemos que submeter uma proposta ao Smithsonian. Esta foi a base para a atribuição dos fundos. Qualquer alteração exigirá revisão e possível retirada do prêmio. Se quisermos ser restringidos em ambos os extremos, o projeto poderá muito bem ser abandonado agora, antes que enlouqueçamos a tentar contornar as restrições.⁴¹⁴

Entre as outras queixas de Betty Meggers e Clifford Evans ao convênio rascunhado por Neiva, eles questionam como poderia constar no acordo a facilitação de intercâmbio, apesar de eles próprios serem simpáticos à ideia, eles alegam que “[...] isso não tem nada a ver com o trabalho de campo e não pode ser financiado pelos nossos recursos⁴¹⁵”. Eles também alegam que não tem como garantir que os resultados sejam divulgados imediatamente, porque não têm como garantir que cada arqueólogo faça o trabalho de laboratório assim que chegue do campo. Com relação à cláusula IX, onde está prevista a mediação de conflitos eles dizem que não acreditam

⁴¹² *Ibidem* Original em inglês: *We had expected each person to keep in close touch with us, to advise us of any major deviations from the general plan, and to justify them.*

⁴¹³ *Ibidem*. Original em inglês: *The requirement of having approval of a group of Brazilians in addition to to participant and ourselves, would be an obstacle that would mean no work could be done. (...) What we would hope for is permission from the Conselho to carry out this three year program as generally outlined. Anything more specific will jeopardize the field work.*

⁴¹⁴ *Ibidem*. Original em Inglês: *There is another problem that comes in here also. To get the money, we had to submit a proposal to the Smithsonian. This has been the basis of award of the funds. Any change will require review, and possible withdrawl of the award. If we are to be restricted at both ends, the project might as well be abandoned now, before we all go crazy trying to circumvent the restrictions.*

⁴¹⁵ *Ibidem*. Original em inglês: *(...) it has nothing to do with the fieldwork, and cannot be financed from our grant.*

que chegariam a esse ponto com nenhum participante, mas que se chegassem “[...] vamos simplesmente recuar e deixar o campo para os brasileiros”.⁴¹⁶

Meggers e Evans encerram a carta informando o tipo de acordo que imaginavam: uma simples declaração do Conselho Nacional de Pesquisas autorizando o trabalho de campo proposto para os três anos seguintes, reconhecendo o Museu Goeldi como instituição intermediária e designando Artur Hehl Neiva como Representante Permanente — termo utilizado pelo próprio Neiva. Segundo os pesquisadores, “[...] isso nos dará a estrutura na qual todos poderemos trabalhar com a máxima flexibilidade”.⁴¹⁷

Dada a reação um tanto emocional dos Evanses ao acordo rascunhado por ele, Neiva cuidadosamente chamou a atenção do casal para aspectos operacionais e institucionais da proposta, ressaltando a necessidade de compatibilizar as expectativas dos pesquisadores com as exigências formais das instituições envolvidas. Essa mediação foi crucial para que o projeto avançasse, indicando o papel estratégico de Neiva não apenas como interlocutor brasileiro, mas como articulador político-administrativo entre os diferentes atores e interesses. Neiva enfatiza que:

[...] **é essencial** que qualquer tipo de acordo, especialmente com o Conselho, dê a impressão de que existe uma reciprocidade total. Reciprocidade, neste caso, não significa contribuição monetária igual, como bem sabem, mas alguma possibilidade de dizer isso, ou aprovação, ou acordo com quaisquer planos que sejam feitos fora do país, mas que devam ser executados dentro do país.⁴¹⁸

Em 11 de Agosto de 1965, Neiva envia um novo rascunho para o acordo, muito mais suscinto, seguindo as orientações encaminhadas. Ao invés de um contrato com cláusulas, o acordo agora seria representado por uma carta a ser enviada pelo representante da Smithsonian ao do CNPq, cuja resposta Neiva também rascunhou, para alívio e pronta aprovação dos arqueólogos americanos. Em defesa de sua visão, Helh Neiva argumenta que o rascunho anterior

⁴¹⁶ *Ibidem*. Original em inglês: (...) *we will Simply back out and leave the field to the Brazilians.*

⁴¹⁷ *Ibidem*. Original em inglês: (...) *this will give us the framework in which we can all work with maximum flexibility.*

⁴¹⁸ Carta de Artur Hehl Neiva para Betty Meggers e Clifford Evans, em 11 de Agosto de 1965. Original em inglês: (...) **essential** *that any sort of agreement, especially with the Council, should give the impression that theres is a full reciprocity. Reciprocity in this case does not mean equal monetary contribution as you are very well aware of, but some possibility of say-so, or approval of, or agreement with any plans that are made outside the country but should be executed within the country* (Grifos do autor).

representava “[...] um belo equilíbrio de reciprocidade entre o Smithsonian e o Conselho”.⁴¹⁹ Embora ele não tenha definido como “bela”, é possível identificar a manutenção do equilíbrio da reciprocidade na redação do novo acordo: Cabendo ao Conselho “[...] designar uma das Instituições do Conselho Nacional de Pesquisa como agente com o qual deverão ser discutidos detalhes caso surjam problemas de natureza científica ou técnica”.⁴²⁰ E a Smithsonian “[...] designar uma personalidade brasileira como Representante Permanente no Rio como oficial de ligação para a resolução de quaisquer problemas oficiais que possam surgir”.⁴²¹

Artur Hehl Neiva reconhece seu papel como protagonista na articulação para implementação do programa. Assim, solicita que a carta a ser enviada pelo Smithsonian ao Conselho, acompanhada do projeto, deveria ser enviada a ele (com ênfase) “[...] para que eu possa entregá-la pessoalmente ao Couceiro e obter a resposta o mais rápido possível”.⁴²² Nota-se que os modelos de acordo enviados por Artur Hehl Neiva foram, em grande medida, seguidos com poucas alterações em relação à proposta inicial (Figuras 39 e 40). Na segunda metade de 1965, os representantes institucionais da Smithsonian (S. Dillon Ripley) e do CNPq (Couceiro) trocam correspondências, baseadas nos rascunhos de Neiva, oficializando finalmente o programa em 27 de outubro de 1965. É importante destacar também que Artur Hehl Neiva se ausenta do país por 45 dias (de 23 de agosto a 10 de outubro de 1965), é significativo da relevância deste personagem, que a resposta de Couceiro à Smithsonian tenha ocorrido após sua volta ao Brasil.⁴²³

A narrativa apresentada demonstra que Artur Hehl Neiva teve um papel definitivo na instalação do PRONAPA, embora não seja mencionado em nenhum histórico escrito anteriormente. Graças a Hehl Neiva e sua influência diplomática, o projeto foi aprovado sem necessidade de

⁴¹⁹ Carta de Artur Hehl Neiva a Clifford Evans e Betty Meggers em 11 de agosto de 1965. In: Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *It represented a beautiful balance of reciprocity between the Smithsonian and the Council.*

⁴²⁰ *Ibidem.* Original em inglês: designate one of the Institutions of the National Research Council as the agent with which details should be discussed if problems of a scientific or technical nature should arise.

⁴²¹ *Ibidem.* Original em inglês: designate a Brazilian personality as Permanent Representative in Rio as liaison officer for the resolution of any official problems that may arise.

⁴²² *Ibidem.* Original em inglês: so that I can hand it personally to Couceiro and get the answer as quickly as possible.

⁴²³ Carta de Artur Hehl Neiva a Clifford Evans e Betty Meggers em 29 de julho de 1965. In Beatriz Neiva Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

assinatura do Presidente da República, com expressa reciprocidade entre as instituições americana e brasileira.

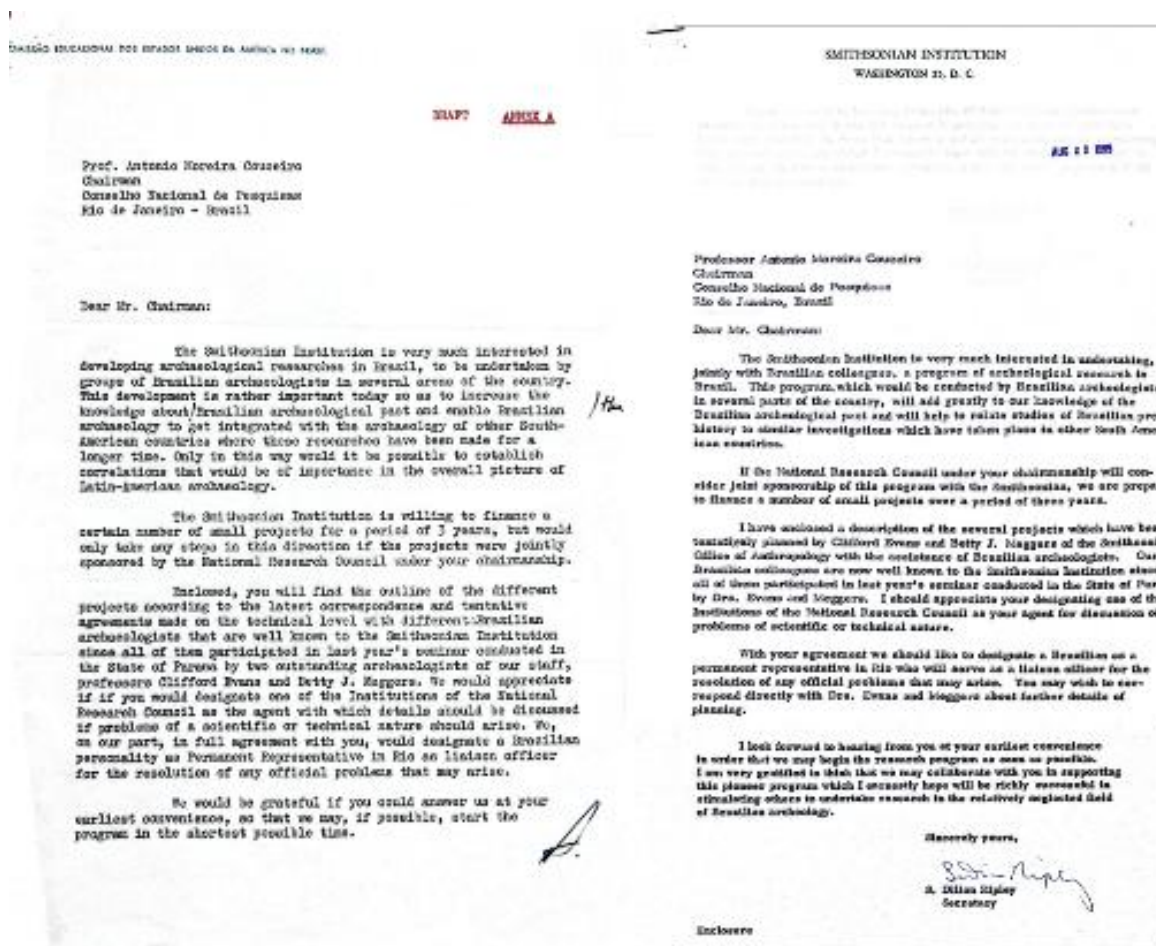


Figura 39: A esquerda, modelo enviado por Arthur Hehl Neiva aos Evanses em 11 de agosto de 1965 e a direita carta pedindo para oficializar a parceria entre a Smithsonian e o CNP, enviada pelo secretário da primeira, Dillon Ripley, em 23 de agosto de 1965. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

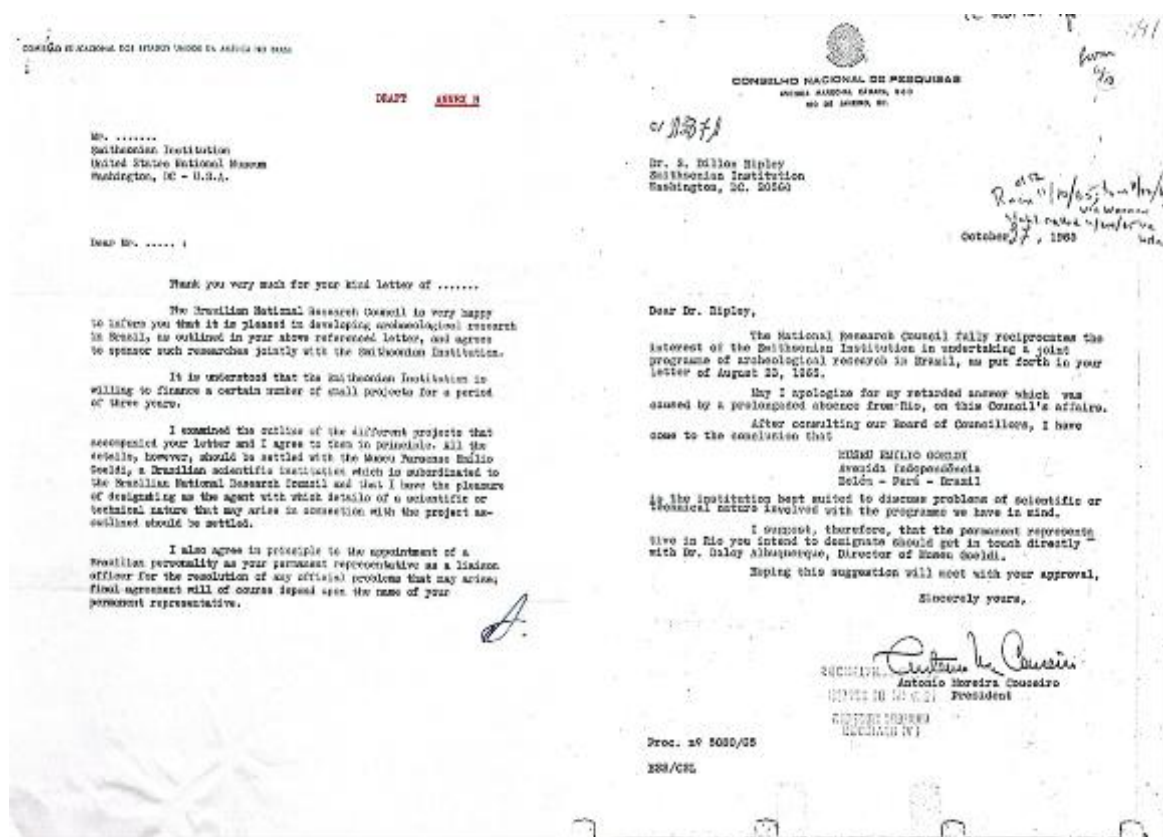


Figura 40: A esquerda, modelo enviado por Arthur Hehl Neiva aos Evanses em 11 de agosto de 1965 e a direita carta de Antonio Couceiro ao Smithsonian em 27 de outubro de 1965 concordando com o projeto. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Esses documentos e a narrativa apresentada, mostram que Artur Hehl Neiva teve um papel definitivo na instalação do PRONAPA, embora não seja mencionado em nenhum histórico escrito anteriormente. Graças a Neiva e sua influência diplomática, o projeto foi aprovado sem necessidade de assinatura do Presidente da República. De fato, como será apresentado no próximo capítulo o CNPq deu mais o nome que um verdadeiro apoio ao projeto, este ficando a cargo do Museu Goeldi.

O papel de Neiva não se encerrou com a aprovação do programa. Como elemento de ligação ele teve papel atuante e importante nas etapas administrativas do PRONAPA, até a sua morte por hepatite em 1967. Ao retornar às fontes primárias, este capítulo convida a um novo olhar sobre o PRONAPA, revelando trajetórias silenciadas, como a de Artur Hehl Neiva, bem como dimensões ignoradas de um programa cuja relevância para a institucionalização da arqueologia brasileira resiste às críticas que lhe foram dirigidas.

CAPÍTULO 4: O PRONAPA EM CAMPO: PLANO NACIONAL, DESAFIOS LOCAIS

De Belém a Taquara, passando por Salvador e São Paulo, o PRONAPA saiu do papel e prospectou milhares de metros nas superfícies e nos solos do Brasil afora. Colocar o programa em prática exigiu mais do que mapas e cronogramas: envolveu disputas por recursos, negociações institucionais e tensões entre agendas locais e internacionais. A arqueologia deixou os gabinetes e ganhou o campo — carregando consigo uma mochila cheia de métodos padronizados, fichas para análises cerâmicas, caminhonetes 4x4, e expectativas de controle científico. Mas o campo não era neutro. Ele era moldado por desigualdades regionais, fragilidades institucionais e por vozes que nem sempre se harmonizavam.

Um elemento fundamental para compreender a execução do PRONAPA no Brasil é o perfil de seus participantes. O curso e o programa se desenvolveram com objetivo claro de atrair pesquisadores novos, a maioria de fora dos centros que dominavam a arqueologia no Brasil, a saber: o Museu Nacional, no Rio de Janeiro e o Museu Paulista em São Paulo. O grupo era formado, em grande parte, por pesquisadores que não faziam parte desses grandes centros institucionais, seja por disputas políticas, falta de alinhamento metodológico ou por trajetórias acadêmicas periféricas. Essa figuras, por estarem às margens dos grandes centros, poderiam se mostrar mais dispostas a aderir às propostas da Smithsonian e a aplicar os métodos padronizados de seriação cerâmica defendidos por Evans e Meggers, como sugerem as correspondências enviadas por Eurico Miller, no Rio Grande do Sul, nas quais manifesta entusiasmo pelas metodologias propostas e pela possibilidade de acesso a recursos internacionais.⁴²⁴ Esse dado confere ao PRONAPA uma ambiguidade estrutural: ao mesmo tempo em que pretendia centralizar e normatizar a arqueologia brasileira, ele era operado por sujeitos periféricos, cujas trajetórias revelam tensões entre ciência, prestígio e oportunidade.⁴²⁵

Com o financiamento de cinco anos de pesquisa de campo, um total de doze arqueólogos brasileiros, um argentino e dois projetos especiais, o programa causou uma intensa movimentação, mudando drasticamente a paisagem da arqueologia no país. Um programa dessa

⁴²⁴ Carta de Eurico Miller para Clifford Evans e Betty Meggers em 28 de fevereiro de 1965. *In* Miller, Eurico Correspondence, 1964-1973. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴²⁵ No capítulo 5 esse assunto é abordado com mais profundidade, ao ser analisada a trajetória de Valentin Calderón, representante do PRONAPA no estado.

envergadura, envolvendo diversas instituições e um número expressivo de pesquisadores, deu origem a múltiplas histórias, muitas delas entrelaçadas às dinâmicas locais, às trajetórias individuais e às conjunturas políticas de seu tempo. Embora a maioria dos envolvidos não figurasse entre os nomes mais renomados da arqueologia naquele momento, a diversidade de agentes e contextos levou o programa a assumir contornos distintos em cada estado e em cada projeto. Essas variações refletiram tanto especificidades regionais quanto disputas institucionais e diferentes formas de apropriação dos recursos e diretrizes gerais.

Cada arqueólogo participante trouxe consigo não apenas técnicas e perspectivas teóricas distintas, mas também trajetórias pessoais e intelectuais que refletiam as complexidades da disciplina em um contexto de expansão científica e tiveram trajetórias distintas dentro do programa também. Mesmo dentro de um mesmo programa, eles vivenciaram percursos divergentes, que foram influenciados por seus contextos e suas personalidades. Essa diversidade de experiências revela como o PRONAPA funcionou simultaneamente como um espaço de consolidação metodológica e de tensionamentos teóricos, espelhando os desafios de se construir uma arqueologia sistemática em um país continental como o Brasil. Embora seja impossível esgotar nestas páginas as nuances dessas histórias individuais, é fundamental reconhecer que elas existem. O legado do PRONAPA não se resume a seus levantamentos e catalogações, mas também às redes de saber e às disputas interpretativas que moldaram a arqueologia nacional nas décadas seguintes. A influência do PRONAPA torna-se evidente quando se considera que, segundo Francisco Noelli, cerca de 95% das publicações em arqueologia produzidas entre 1960 e 1992 adotaram procedimentos metodológicos oriundos desse programa.⁴²⁶

O PRONAPA não foi apenas um esforço logístico e técnico, mas também um campo de disputa epistemológica e política. Estava em jogo a definição de qual arqueologia deveria prevalecer no Brasil: uma ciência moldada a partir dos parâmetros da ecologia cultural americana, seguindo modelos franceses ou uma prática ancorada nas especificidades locais, mesmo que fragmentada, diversa e menos “disciplinada”? Ao seguir essa trilha, o PRONAPA revelou-se não apenas como um projeto de levantamento arqueológico, mas como uma arena de negociação entre diferentes formas de pensar, organizar e legitimar o conhecimento sobre o passado. Essa complexidade dificulta a reconstrução linear de sua história e exige recortes

⁴²⁶ Noelli, 1993, p. 1.

analíticos que deem conta, ao menos em parte, da riqueza e da diversidade das experiências vividas em sua implementação.

Este capítulo propõe uma leitura multifacetada da execução do PRONAPA, com base em três eixos analíticos: (1) os agentes e estados envolvidos no PRONAPA; (2) a infraestrutura material e simbólica mobilizada; e (3) as relações pessoais desenvolvidas e estimuladas ao longo de sua implementação. Mais do que reconstituir o andamento cronológico do programa, busca-se compreender as formas pelas quais ciência e política, cooperação e controle, se entrelaçaram na prática arqueológica dos anos 1960, no contexto das relações entre Brasil e Estados Unidos.

A escolha desses eixos analíticos não pretende esgotar a complexidade do programa, mas oferecer uma chave interpretativa que permita visualizar como seus objetivos foram perseguidos em meio a desafios institucionais, logísticos e políticos. A partir dessa abordagem, procura-se evidenciar tanto os esforços voltados à institucionalização da arqueologia no país — em regiões distantes dos centros hegemônicos que tradicionalmente dominavam a disciplina — quanto as tensões e ambiguidades que marcaram sua execução.

Ao reconstituir a trajetória do PRONAPA em suas múltiplas dimensões, o capítulo vai além de um balanço historiográfico: oferece subsídios para análises futuras que explorem outros aspectos da pesquisa arqueológica do período. A diversidade de experiências individuais aqui recuperadas — entre adesões entusiásticas, adaptações críticas e resistências às diretrizes oficiais — aponta para a necessidade de investigar como essas variações repercutiram tanto na produção acadêmica quanto nas políticas patrimoniais das décadas seguintes. Mais do que esgota o tema, esta abordagem panorâmica visa lançar as bases para investigações mais aprofundadas sobre as complexas relações entre ciência, Estado e sociedade na arqueologia brasileira do século XX.

4.1 “QUEM NÃO TEM INIMIGOS NÃO MERECE TER AMIGOS”: A EQUIPE BRASILEIRA NO PRONAPA

A formação da equipe brasileira do PRONAPA não foi um processo neutro ou meramente técnico. Ao contrário, ela refletiu uma combinação de critérios científicos, institucionais e políticos que expressavam tanto os objetivos do programa quanto as estratégias de seus coordenadores, Clifford Evans e Betty Meggers.⁴²⁷ Desde os primeiros contatos com instituições brasileiras, passando pelo curso de análise cerâmica realizado em Paranaguá, até os memorandos iniciais trocados a partir de Washington, observa-se um esforço sistemático para identificar e selecionar arqueólogos considerados confiáveis, produtivos e, sobretudo, alinhados aos pressupostos metodológicos e diplomáticos do PRONAPA — ao mesmo tempo em que garantiam cobertura de uma ampla área do território nacional. Paralelamente, era preciso lidar com a exclusão de profissionais reconhecidos, mas que não correspondiam ao perfil desejado. Este subcapítulo examina quem foram esses representantes brasileiros, como se deu sua seleção e o que essa composição revela sobre as dinâmicas de cooperação, de adaptação e controle científico entre Brasil e Estados Unidos no contexto da Guerra Fria.

O título deste subtópico — *“Quem não tem inimigos, não merece ter amigos”* — foi extraído de um cinzeiro com essa frase, que Clifford Evans e Betty Meggers mantinham em sua sala no NMNH.⁴²⁸ Essa frase expressa, de forma emblemática, o clima de disputas, alianças e exclusões que marcou a formação da equipe brasileira do programa. Mais do que uma observação retórica, revela a consciência, por parte dos coordenadores do projeto, de que a construção de redes científicas internacionais envolvia inevitavelmente a definição de critérios de pertencimento e, portanto, também de afastamento. Nesse contexto, fazer parte do PRONAPA não era apenas uma questão de mérito técnico, mas de alinhamento institucional, metodológico e político. O título busca, portanto, capturar este espírito, no qual a cooperação científica coexistia com mecanismos de controle e delimitação de confiabilidade.

⁴²⁷ A exclusão de nomes já consolidados como Padre Rohr e Oldemar Blasi ilustra como critérios de confiança e alinhamento político pesavam tanto quanto a competência científica.

⁴²⁸ Alroino Eble fala sobre o cinzeiro com a frase em carta para Clifford Evans e Betty Meggers em 30 de Novembro de 1970. In Eble, Alroino Correspondence, 1969-1977. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

4.1.1. Os Escolhidos: Os irmãos de Paranaguá

Desde o curso de análise cerâmica e as visitas às universidades e museus brasileiros, Clifford Evans e Betty Meggers mantinham contato constante com alguns alunos. Em fevereiro de 1965 o programa, ainda em formação, ganha ares formais através do primeiro memorando, onde os futuros coordenadores atestavam o recebimento dos projetos de pesquisa dos “Irmãos de Paranaguá”, a saber, Mário Simões, Nássaro Nasser, Valentin Calderón, Igor Chymz, Ondemar Dias, Fernando Altenfelder Silva e Walter Piazza.⁴²⁹

Em abril do mesmo ano, chegou às mãos dos arqueólogos brasileiros um extenso memorando com a primeira versão do plano de trabalho do PRONAPA. Nesse documento, já não se fazia referência apenas aos chamados “Irmãos de Paranaguá”, pois a equipe havia sido ampliada com a inclusão de arqueólogos do Rio Grande do Sul, que não haviam participado do curso no Paraná: José Proenza Brochado e Pedro Ignacio Schmitz — considerados uma unidade, ou seja, responsáveis por um único subprojeto — e Eurico Miller, todos do Rio Grande do Sul. Betty Meggers e Clifford Evans conheceram esses arqueólogos durante a *inspection tour* realizada no Rio Grande do Sul após o curso. O estado foi considerado importante para o desenvolvimento do PRONAPA devido ao seu potencial de pesquisa, sua posição geográfica estratégica para estudos regionais na América do Sul, a presença de pesquisadores locais competentes que já iniciaram trabalhos significativos e a esperança de desenvolvimento institucional na área. Com essas adições, o plano passou a contemplar um total de dez subprojetos, sendo oito considerados regulares e dois classificados como projetos especiais.⁴³⁰

Assim, a equipe final na proposição do programa foi composta por oito estados e dez arqueólogos (Figura 41). Nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul além do projeto regular do PRONAPA, também estavam previstos dois projetos especiais: um sobre os sambaquis desenvolvido por Wilson Rauth no Paraná; e um sobre ocupações antigas, que eles denominaram paleoindígena (*PaleoIndians*), desenvolvido por Eurico Miller no Rio Grande do Sul.⁴³¹

⁴²⁹ Memorandum de 8 de fevereiro de 1965 (XIII1162). *Arquivo Histórico de Valentin Calderón*. MAE/UFBA. Original em inglês: *Matter of mutual interest*.

⁴³⁰ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers para J. Fonseca Milano, Reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, em 2 de dezembro de 1964. In Miller, Eurico Correspondence, 1964-1973. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴³¹ Para fins analíticos, considera-se a Guanabara integrada ao estado do Rio de Janeiro, apesar de sua separação administrativa à época.



Figura 41: Mapa do Brasil demonstrando áreas a serem pesquisadas no PRONAPA: Arquivo do IPHAN, Série Histórica.

A decisão de investir em projetos especiais no âmbito do PRONAPA foi, desde o início, cuidadosamente fundamentada por Clifford Evans e Betty Meggers. Eles reconheciam que os sambaquis ocupavam uma posição central na arqueologia brasileira, sendo talvez os sítios mais escavados e debatidos desde o século XIX.⁴³² Evans e Meggers estavam plenamente cientes desse histórico. Em seus relatórios, observaram que diversos sambaquis já haviam sido testados estratigraficamente, alguns deles com datações obtidas por carbono-14. Somados a estudos sobre a localização dos sítios em relação às linhas costeiras antigas e atuais, esses dados permitiam vislumbrar uma sequência cultural — ainda que provisória — para os grupos construtores de sambaquis”.⁴³³

⁴³² Francisco Adolfo de Varnhagen, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, empreendeu suas primeiras explorações. A essa tradição somam-se ainda os inúmeros relatos sobre sambaquis já registrados no período colonial, como mostram Alves e Gaspar (2023).

⁴³³ Archeological Research Proposal. Abril de 1965. In: “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Ainda assim, eles chamavam atenção para o fato de que “[...] a natureza da cultura sambaquieira tem sido matéria de muita especulação sem fundamentos”.⁴³⁴ Foi com esse diagnóstico que argumentaram a favor de uma nova etapa de pesquisas: alguns sítios, selecionados justamente por sua capacidade de preencher lacunas interpretativas nessa sequência, deveriam ser submetidos a investigações sistemáticas. Os trabalhos conduzidos por Empereire, Laming, Hurt e Rauth já apontavam nessa direção, servindo de referência para justificar um projeto especial voltado especificamente aos sambaquis.

No caso do Rio Grande do Sul, a justificativa para a criação de um projeto especial surgiu a partir das pesquisas conduzidas por Eurico Miller em uma região marcada por uma escarpa calcária paralela à linha da costa, onde se localizavam diversos abrigos rochosos. Esses abrigos apresentavam evidências de ocupações pré-cerâmicas e, em um deles, Miller identificou vestígios arqueológicos que chamaram atenção por sua semelhança com os encontrados na caverna Intihuasi, no noroeste da Argentina — um sítio já consagrado pela relevância dos seus achados paleoíndigenas.⁴³⁵ Para Evans e Meggers, tratava-se de um feito inédito: era o primeiro relato de restos atribuíveis a grupos paleoíndigenas no sul do Brasil. Segundo Evans e Meggers, a descoberta era tão significativa, “[...] que merece investigação adicional intensiva, tanto na forma de pesquisa para localizar sítios adicionais quanto de escavação estratigráfica de depósitos promissores”.⁴³⁶

Tabela 1: Primeiro esboço do Pronapa, com projetos e verbas: nove projetos regulares e dois especiais.

Estado	Arqueólogo	Jeep	Orçamento (USD)
Bahia	Valentin Calderón	Não	2175,00
Guanabara e Rio de Janeiro	Ondemar Dias	Sim	5675,00
Pará	Mário Simões	Não	2175,00
Paraná	Igor Chmyz	Sim	5675,00
Paraná	Wilson Rauth	Não	2175,00
Rio Grande do Norte	Nássaro Násser	Sim	5675,00
Rio Grande do Sul	José Proenza Brochado ou Pedro Ignácio Schmitz	Não	2175,00
Rio Grande do Sul	Eurico Miller	Sim	5675,00
Santa Catarina	Walter Piazza	Sim	5675,00
São Paulo	Fernando Altenfelder Silva	Sim	5675,00
Coordenadores			2800,00
		TOTAL	45550,00

⁴³⁴ *Ibidem*. Original em inglês: (...) *the nature of the culture has been the subject of much baseless speculation; systematic investigation should be supported.*

⁴³⁵ *Ibidem*.

⁴³⁶ *Ibidem*. Original em inglês: (...) *deserve intensive additional investigation, both in the form of survey to locate additional sites and of stratigraphic excavation of promising deposits.*

Para tentar atenuar os futuros conflitos e promover um ambiente colaborativo, Meggers e Evans incentivavam os arqueólogos a se tratarem como “irmãos”, buscando construir uma espécie de irmandade entre os participantes. A ideia de fraternidade visava criar laços de confiança e solidariedade, estimulando o sentimento de pertencimento a um coletivo em construção. Meggers e Evans, no entanto, ocupavam uma posição de liderança técnico-científica e administrativa que os distanciava dos demais integrantes, embora eles tenham tentado mitigar esse sentimento, listando os participantes do programa em ordem alfabética nas publicações, por exemplo.

Mas, para que o programa tivesse continuidade e êxito, não bastavam apenas bons planos de identificação de sítios e pesquisadores engajados: era essencial garantir o suporte institucional das universidades às quais os arqueólogos estavam vinculados. Evans e Meggers demonstravam preocupação com a sustentabilidade administrativa do PRONAPA desde sua origem. As instruções fornecidas aos futuros membros do programa eram claras: tratativas sobre o projeto deveriam ser feitas apenas com as pessoas apropriadas, evitando qualquer divulgação precipitada. O objetivo era, antes de tudo, mapear as posturas dos superiores acadêmicos, “[...] pode ser continuado por muitos anos, seu suporte de longo prazo é essencial”.⁴³⁷ Cabia às instituições os salários de seus funcionários, além de “[...] dar a oportunidade e permissão para fazer o trabalho de campo, fornecer espaço para classificação e análise dos fragmentos e outros materiais arqueológicos e tornar possível a publicação dos resultados”.⁴³⁸

Contudo, o projeto não foi aprovado pela via originalmente planejada, já que o Brasil não dispunha de recursos excedentes naquele ano. O financiamento acabou sendo obtido diretamente junto à *Smithsonian Institution*, o que ocasionou um corte orçamentário superior a 30%, reduzindo o montante para USD 30.000,00. Esse corte forçou o casal Evans-Meggers a

⁴³⁷ Archeological Research Proposal. Abril de 1965. In: “Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil”. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: (...) *may be continued for many years, their long-term support is essential.*

⁴³⁸ *Ibidem.* Original em inglês: *[the university] it must give you the opportunity and permission to do the fieldwork, provide space for classification and analysis of the shreds and other archeological material, and make possible publication of the results.*

ajustar os custos, diminuindo o orçamento anual de cada arqueólogo de USD 2.000,00 para USD 1.380,00. Segundo eles, era “[...] melhor do que eliminar um terço dos projetos”.⁴³⁹

No primeiro ano-fiscal, foram para campo pelo PRONAPA os seguintes arqueólogos: Valentin Calderon e Nássaro Nasser, juntos no estado da Bahia; Igor Chymz e José Wilson Rauth no Paraná, cada um em seu projeto; Ondemar Dias Jr na Guanabara; Eurico Miller no Rio Grande do Sul; Walter Piazza e Mário Simões no estado do Amazonas.

Tabela 2: Primeiro ano de campo do Pronapa,

Estado	Arqueólogo	Jeep
Bahia	Valentin Calderón e Nássaro Nasser	Sim
Guanabara e Rio de Janeiro	Ondemar Dias	Sim
Amazônia Legal	Mário Simões	Não
Paraná	Igor Chmyz	Sim
Paraná	Wilson Rauth	Não
Rio Grande do Sul	Eurico Miller	Sim
Santa Catarina	Walter Piazza	Sim
São Paulo	Fernando Altenfelder Silva	Sim

Essas pesquisas foram marcadas por ajustes significativos, tanto em decorrência da redução orçamentária quanto de intercorrências logísticas. Entre problemas envolvendo a representação do programa junto à Embaixada americana no Rio de Janeiro e o roubo do veículo adquirido com recursos do PRONAPA de Valentin Calderón, esse período inicial funcionou, em certo sentido, como um teste.⁴⁴⁰ Foi testada, nesse contexto, não apenas a viabilidade operacional do programa, mas também o grau de comprometimento dos envolvidos.

O principal critério para a permanência dos arqueólogos no programa parece ter sido a capacidade de manter um fluxo contínuo e confiável de informações com a coordenação do PRONAPA: Artur Hehl Neiva (até sua morte em 1967) e, sobretudo, Betty Meggers e Clifford Evans. Mais do que simplesmente realizar a prospecção, esperava-se que os pesquisadores comunicassem regularmente suas atividades de campo, os resultados preliminares das análises e as prestações de contas dos recursos empregados. Essa exigência não era meramente

⁴³⁹ Memorando de 23 de agosto de 1965. *In: Memorandums, 1965-1976. Betty Meggers and Clifford Evans Papers. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *Rather than eliminate one-third of the projects**

⁴⁴⁰ O caso do roubo da Rural e Calderón foi citado por Betty Meggers (2007)

burocrática: tratava-se de um mecanismo essencial de controle e avaliação à distância, indispensável para a manutenção da estrutura do programa.

O caso de Fernando Altenfelder Silva, da Universidade de Letras de São Carlos, que atuava no estado de São Paulo, ilustra claramente essa dinâmica. Desligado do PRONAPA antes de receber o dinheiro referente ao segundo ano de atividades, sua exclusão foi atribuída, justamente, à ausência de comunicação frequente com a coordenação — o que comprometia a confiança necessária para a continuidade do apoio institucional.⁴⁴¹ Silva chegou a publicar sua contribuição nos resultados preliminares do primeiro ano, intitulado *Informes preliminares sobre a arqueologia de Rio Claro*. Mas depois de seu desligamento, ele não vai ser mais citado nos documentos do PRONAPA, nem nos relatórios finais.

Fica claro, portanto, que não bastava ser arqueólogo e aplicar o método Ford de classificação cerâmica, ou ter participado do curso do Paraná para ser um arqueólogo representante do programa. Um exemplo nítido é o fato de o Padre Rohr, atuante no estado de Santa Catarina, não estar incluído desde o primeiro rascunho do projeto. Duas possibilidades analíticas, que não se excluem mutuamente, podem ser mobilizadas para explicar a ausência de Rohr no projeto. A primeira é que Rohr, embora tivesse interesse genuíno pelo método científico, não estava plenamente alinhado aos objetivos estratégicos do PRONAPA — que envolviam não apenas a aplicação das técnicas ensinadas no curso, mas também a construção de uma rede institucional internacional, fortemente ancorada na cooperação com os Estados Unidos. Padre Rohr já era naquela altura uma pessoa com autoridade reconhecida na arqueologia brasileira e que já tinha financiamento abundante pelos órgãos brasileiros, como CNPq e IPHAN.⁴⁴² A segunda hipótese diz respeito às redes de confiança e legitimidade que estavam sendo construídas pelos idealizadores do programa. Mais do que domínio técnico, ser integrado ao PRONAPA parecia exigir a flexibilidade de uma possível inserção em determinados círculos de credibilidade científica e política, liderados pelos coordenadores americanos. Assim, a ausência de Rohr pode indicar não uma rejeição de sua competência técnica, mas sim o

⁴⁴¹ Em cartas para Artur Helh Neiva o casal Evans ressalta que não conseguem mais arrumar desculpas para o comportamento de Silva. Em 17 de outubro de 1967, eles encaminharam uma carta para Silva informando seu desligamento do programa. *In: Silva, Fernando Correspondence, 1964-1967*. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁴² Em diversas cartas a Betty Meggers e Clifford Evans, Padre Rohr indica que os financiamentos para suas pesquisas por parte do CNPq e do IPHAN são generosos, inclusive permitiram que ele criasse o Museu do Homem do Sambaqui. *In: Rohr, João Alfredo*. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

delineamento cuidadoso de quem poderia representar o Brasil em um projeto de cooperação sensível, que envolvia interesses acadêmicos e diplomáticos.

A exclusão de figuras como o Padre Rohr, embora ele mantivesse boas relações com os coordenadores, é reveladora. Sugere a existência de critérios de confiança e controle que iam além da competência científica. Algo similar ocorreu com Oldemar Blasi, que também foi mantido à margem do programa, mas apoiado pontualmente pelo *Latin American Archeology Fund*, criado pelo casal Evans no Smithsonian.

Esse aspecto das relações interpessoais no PRONAPA também chama atenção por outro motivo: os arqueólogos brasileiros envolvidos no programa, em sua maioria, não provinham das instituições já consolidadas na arqueologia nacional, como o Museu Nacional ou o Instituto de Pré-História da USP. Eram pesquisadores em formação, ligados a universidades emergentes ou a projetos regionais, e que viam no PRONAPA uma oportunidade rara de inserção em redes científicas internacionais e acesso a recursos técnicos. Isso contribuía para uma dinâmica relacional em que a autoridade dos coordenadores dificilmente era questionada. Ao mesmo tempo, a ausência de pessoas com autoridade já consolidada no campo nacional favorecia o esforço dos Evanses de moldar um grupo mais coeso.

Embora não tenha sido incluído formalmente no PRONAPA, Rohr não foi excluído da rede de contatos dos Evanses. Ao longo de todo o tempo em que durou o programa, ele manteve uma troca frequente e cordial de cartas, pelas quais dava notícias a Betty Meggers e Clifford Evans do andamento de suas pesquisas.⁴⁴³ Algo similar aconteceu com Oldemar Blasi, no Paraná, que embora não tenha sido incluído no PRONAPA, contou com alguns financiamentos pelo *Latin American Archeology Fund*, criado pelo casal. Tais atitudes reforçam a hipótese de que havia, da parte do casal, um esforço deliberado para manter boas relações com nomes mais consolidados na arqueologia brasileira, enquanto buscavam fortalecer os nomes vinculados ao PRONAPA.

Com o afastamento de Silva, um estado estratégico como São Paulo ficou temporariamente sem coordenação no âmbito do PRONAPA. Essa lacuna, no entanto, não duraria muito. A partir do terceiro ano do programa, a pesquisa no estado passaria a ser liderada pela única mulher brasileira a integrar oficialmente o PRONAPA: Sílvia Maranca. Entre 1965 e 1966, Maranca realizou estágio na Smithsonian Institution sob orientação de Betty Meggers e Clifford

⁴⁴³ Rohr, João Alfredo. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

Evans.⁴⁴⁴ De volta ao Brasil, foi contratada pelo Museu Paulista da USP e assumiu a responsabilidade pelas atividades do programa em São Paulo nos três últimos anos de sua execução.

Além dos estados que possuíam arqueólogos residentes, era interesse dos coordenadores americanos incluir outras unidades federativas no programa, incentivando que as instituições contratassem os arqueólogos treinados pelo programa, sobretudo os assistentes dos arqueólogos principais. Assim foram articulados contatos com a Universidade Federal de Minas Gerais, do Ceará e do Espírito Santo. Um dos resultados diretos dessa articulação foi a criação de um novo departamento de pesquisa arqueológica na Universidade do Espírito Santo, em Vitória, que contratou um dos jovens formados no âmbito do PRONAPA após três anos de atuação sob a supervisão de Igor Chmyz, no Paraná: Celso Perota. Após contratado, Perota garantiu a inclusão do Espírito Santo no programa, realizando pesquisas também no Piauí. Com a impossibilidade de indicar um arqueólogo para ser contratado em Minas Gerais, e dada sua importância arqueológica, Ondemar Dias, do Rio de Janeiro, passou a executar a metodologia pronapiana no estado a partir do 4º ano.

Afora Celso Perota, que chegou a se tornar um arqueólogo responsável por um subprojeto do PRONAPA, outros assistentes também emergiram como profissionais no contexto do Programa, aproveitando a rede institucional e as oportunidades geradas. Alroino Eble, por exemplo, assistente de Walter Piazza no Paraná, foi o primeiro arqueólogo brasileiro a receber uma bolsa para cursar mestrado e doutorado em uma universidade norte-americana.⁴⁴⁵ Já Pedro Agostinho, que trabalhou com Valentin Calderón na Bahia, foi contemplado com financiamento do projeto *Urgent Ethnology*, financiado também pelo Smithsonian e coordenado por Sol Tax, onde desenvolveu a pesquisa de campo junto aos Kamaiurá que o projetou academicamente.⁴⁴⁶ Esses exemplos evidenciam como o PRONAPA serviu como plataforma de visibilidade e mobilidade acadêmica para jovens pesquisadores ligados às escavações em campo.

Outros pesquisadores brasileiros emergiram das relações do PRONAPA e permaneceram na rede de contatos alimentada por Betty Meggers e Clifford Evans. Entre eles se destaca Alfredo Russins, considerado o primeiro arqueólogo do IPHAN, que assumiu as funções de *liaison officer* do programa, após a morte de Artur Hehl Neiva, em 1967.

⁴⁴⁴ The Smithsonian Torch, July 1965.

⁴⁴⁵ Eble, Alroino Correspondence, 1969-1977. Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁴⁶ Agostinho, 1974

Esses exemplos evidenciam que, mais do que um coletivo técnico, a equipe brasileira do PRONAPA funcionava como um corpo articulado por afinidades ideológicas, interesses institucionais e redes de confiança pessoal, operando como peça-chave no funcionamento e na expansão do programa pelo país.

4.2 MUITO ALÉM DAS ESCAVAÇÕES: VEÍCULOS, EVENTOS E PRIVILÉGIOS NO PRONAPA

A consolidação do PRONAPA como uma plataforma de desenvolvimento da arqueologia no Brasil envolveu não apenas a formação de quadros técnicos e a definição de agendas de pesquisa, mas também a disponibilização de uma infraestrutura material mínima para a realização das atividades de campo e a análises de laboratórios subsequentes. Em um contexto em que as universidades careciam de recursos básicos para viabilizar expedições arqueológicas, a aquisição de equipamentos e veículos por meio do programa, representava não apenas uma solução prática, mas também um diferencial simbólico significativo.

Entre os itens mais valorizados estava a Rural Willys 4x4, “[...] o item mais caro e essencial do orçamento”, segundo Betty Meggers.⁴⁴⁷ Este era um veículo robusto, capaz de vencer terrenos difíceis e, por isso mesmo, alçado à condição de emblema da arqueologia de campo promovida pelo PRONAPA. Mais do que facilitar o acesso aos sítios arqueológicos, a posse desse carro – com manutenção, combustível e impostos custeados pelo programa – simbolizava prestígio, distinção e pertencimento a um projeto de alcance nacional. O veículo não era destinado às universidades, no entanto. Seu uso deveria ser “exclusivamente pelo pessoal do projeto”.⁴⁴⁸

Ter uma Rural, na década de 1960, conferia prestígio, não apenas aos arqueólogos. Mas a qualquer cidadão com atuação pública ou científica que precisasse circular por áreas remotas do país. Betty Meggers e Clifford Evans sabiam disso. O veículo simbolizava mobilidade, acesso e, de certa forma, poder. Não por acaso, esteve envolvido em um episódio marcante no início do PRONAPA, protagonizado por Valentin Calderón, responsável pela execução do programa na Bahia. Após retirar a Rural diretamente da fábrica em São Paulo, Calderón seguiu para o Rio de Janeiro, onde acompanharia a esposa em uma cirurgia, entre os dias 18 de outubro

⁴⁴⁷ Meggers, 2007, p. 36.

⁴⁴⁸ *Ibidem*. Original em Inglês: *Use, however, will be exclusively for the personal of the project.*

e 3 de novembro de 1964. No mesmo dia em que se preparava para retornar a Salvador, já com a esposa fora de perigo, seu carro foi roubado.⁴⁴⁹ Dois dias depois, a Rural foi recuperada, graças a uma coincidência bastante significativa: o governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, também tivera um veículo do mesmo modelo furtado na mesma data.⁴⁵⁰ A mobilização da força policial para recuperar o carro do governador acabou levando, por tabela, à localização e restituição do veículo de Calderón. Este episódio evidencia o valor simbólico atribuído à Rural. Para os Evans a recuperação do carro era um bom sinal para o desenvolvimento do programa.

O veículo, cobiçado objeto de status à época, possuía tanto prestígio *per se* que vai adquirir algum protagonismo nesta história. Funcionou como moeda de troca e também foi fonte de disputas entre os arqueólogos. Um exemplo de como ter tal carro era significativo pode ser lido no recente livro sobre as pesquisas de Niède Guidon no Piauí, de Adriana Abujamra.⁴⁵¹ A autora narra as idas ao Piauí de Guidon acompanhada de sua amiga, Silvia Maranca, a única mulher pronapiana. Em certa feita, em 1973, Maranca podia fumar à vontade na viagem “[...] afinal, o carro era seu – Uma Rural Willys, própria para trechos sem estrada no meio do nada”,⁴⁵² já Guidon não possuía tal meio de transporte.

Meggers e Evans preferiam que o carro não tivesse outro uso, que não os do projeto financiados por eles, especialmente durante sua vigência (outubro de 1965 a junho de 1971). Para evitar o que poderia ser chamado de “mal uso”, eles recomendaram que a Rural deveria ser identificada com um nome em português do projeto, o nome da universidade e da Smithsonian, tornando-a facilmente identificável, o que dificultaria ser “emprestada” inadvertidamente (Figura 42). Isso levantou uma questão: Qual deveria ser o nome em português?⁴⁵³

⁴⁴⁹ Carta de Valentin Calderón a Betty Meggers e Clifford Evans em 3 de novembro de 1965. 1965 In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁰ Meggers, 2007.

⁴⁵¹ Abujamra, 2023.

⁴⁵² *Ibidem*, pg. 58.

⁴⁵³ *Memorandum* de 12 de abril de 1965. In: Memorandums, 1965-1976. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

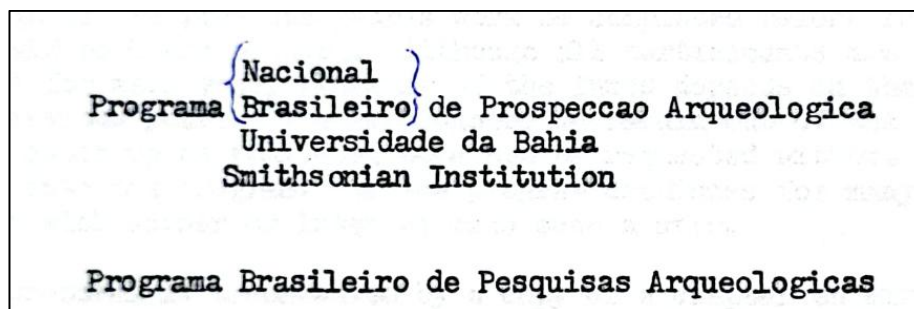


Figura 42: Exemplo de identificação para os carros. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Embora a escolha do nome em português pareça secundária para a operação do programa, ela foi instrumentalizada por Meggers em sua narrativa de defesa às duras críticas de Funari, em 2002:

A declaração de que é “irônico e sintomático que estrangeiros tenham criado esse programa nacional” ignora o fato de que o PRONAPA foi elaborado em consulta com os participantes brasileiros, que escolheram o nome. Em vez de “estudantes reacionários felizes em colaborar com o regime, bem como entusiastas ingênuos”, eles eram os principais arqueólogos do Brasil naquela época e representavam universidades no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Norte, bem como o Museu Paulista e o Museu Goeldi.⁴⁵⁴

Ao analisar a documentação, não há indicativo de que a participação dos pesquisadores brasileiros foi muito efetiva na escolha do nome. Em resposta àquele memorando, as escolhas foram variadas: Programa Brasileiro de Prospeção Arqueológica, foi a escolha de Eurico Miller.⁴⁵⁵ Programa Brasileiro de Pesquisas Arqueológicas, a de Wilson Rauth⁴⁵⁶ e Ondemar

⁴⁵⁴ Meggers, 2003, p.232. Original em inglês: *The statement that it is "ironic and symptomatic that foreigners set up this national program" ignores the fact that the PRONAPA was designed in consultation with the Brazilian participants, who chose the name. Rather than "reactionary students happy to collaborate with the regime, as well as naive enthusiasts," they were the leading archaeologists in Brazil at that time and represented universities in Rio Grande do Sul, Parana, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Bahia, and Rio Grande do Norte, as well as the Museu Paulista and the Museu Goeldi.*

⁴⁵⁵ Carta de Eurico Miller para Clifford Evans e Betty Meggers em 1 de maio de 1965. In: Miller, Eurico Correspondence, 1964-1973. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁶ Carta de Wilson Rauth para Clifford Evans em 30 de abril e 1965. in: Rauth, Jose Wilson Correspondence, 1965-1980. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Dias.⁴⁵⁷ Programa Nacional de Prospecções Arqueológicas, por Igor Chmyz.⁴⁵⁸ Projeto Brasileiro de Prospecção Arqueologica por Walter Piazza.⁴⁵⁹ Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, por Nássaro Nasser e, o definitivo, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, escolhido por Calderón.⁴⁶⁰ Mário Simões e Fernando Altenfelder não opinaram a respeito do nome. Chmyz também propôs a sigla PRONAPA, embora tenha sido com Prospecção e não Programa, e uma identidade visual para a marcação (Figura 43).

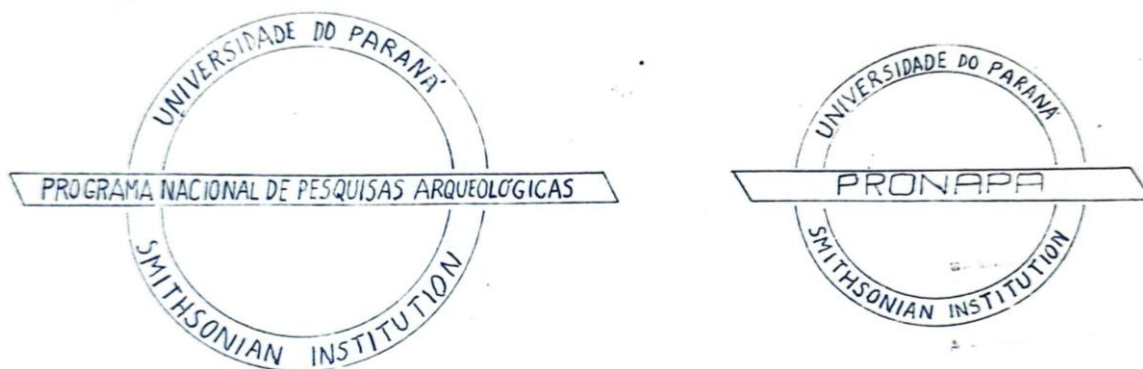


Figura 43: Carta de Igor Chmyz para Clifford Evans e Betty Meggers em 27 de abril de 1975, com modelo de identificação para o programa. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Mesmo assim, não foi possível adquirir os carros de campo ‘Rural Willys’ para todos os participantes previstos no primeiro ano. Para evitar a percepção de favorecimento em relação aos ‘escolhidos’ que receberiam os veículos, o casal tomou cuidados para que a decisão não parecesse enviesada. No entanto, é possível observar que a relação entre os envolvidos não era completamente horizontal, como eles tentavam aparentar. Um exemplo desse certo favorecimento pode ser visto no caso de Valentin Calderón, responsável pelo estado da Bahia.

⁴⁵⁷ Carta de Ondemar Dias para Betty Meggers e Clifford Evans em 29 de abril de 1965. In: Dias, Ondemar Correspondence, 1964-1977. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁸ Carta de Igor Chmyz para Clifford Evans e Betty Meggers em 27 de abril de 1965. In: Chmyz, Igor Correspondence, 1963-1978. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁹ Carta de Walter Piazza para Clifford Evans e Betty Meggers em 10 de maio de 1965. Piazza, Walter Correspondence, 1964-1981. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁶⁰ Carta de Valentin Calderon a Clifford Evans e Betty Meggers em 14 de maio de 1965. In: Calderon, Valentin Correspondence, 1964-1974. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Apesar de não ter sido incluído no grupo que receberia um veículo no primeiro ano, mesmo com os cortes orçamentários, Betty Meggers e Clifford Evans enviaram uma carta a Calderón afirmando que, caso ele justificasse a necessidade do carro para uso em campo, eles poderiam providenciar um para ele.⁴⁶¹ Nas palavras deles:

Como o programa para a Bahia está agora estabelecido, a primeira área é uma que aparentemente não é acessível por estrada, exceto para um “ponto de partida”. Consequentemente, adiamos um jipe para este estado até o segundo ano. Se você nos der uma justificativa para que não pareça que um jipe está sendo comprado para sua conveniência pessoal, mas pode ser usado na pesquisa, provavelmente podemos movê-lo para o primeiro ano, há muito mais estradas nas regiões a serem pesquisadas de acordo com os mapas que possuímos. Em outras palavras, não estamos tentando discriminar você, e se você acha que o projeto seria prejudicado por não ter um jipe no primeiro ano, explique e teremos prazer em defender isso ao solicitar fundos.⁴⁶²

Já para Fernando Altenfelder Silva, ocorreu justamente o oposto, no projeto inicial estava previsto o carro, contudo ele foi um dos que sofreu com o corte do orçamento. Em meados de 1965 o que ele recebeu foi uma carta informando, diretamente, que seu carro não seria incluído no primeiro ano.⁴⁶³ Os Evanses utilizam as seguintes razões:

Nosso maior problema tem sido o transporte. Recebemos fundos para 4 Rurais Willys, e por causa de um desconto dado pela empresa, conseguimos 5. No entanto, ainda são 2 a menos do que pedimos. Diante da difícil decisão de quem deve esperar pelo segundo ano, finalmente decidimos que um teria que ser você. Se nos lembramos bem, você possui um veículo, e se for, pode usá-lo, cobrando despesas da bolsa. Caso contrário, você tem duas alternativas. Uma é alugar ou pegar emprestado um. A outra é mudar sua área 2 para o primeiro ano e fazer o levantamento de barco. Por favor, nos informe o que você decidir fazer.⁴⁶⁴

⁴⁶¹ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Valentin Calderón, em 13 de abril de 1965. *In*: Calderon, Valentin Correspondence, 1964-1974. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁶² *Ibidem*. Original em Inglês: *As the program for Bahia is now set up, the first area is one that apparently is not accessible by road except to a “jumping off point”. Consequently, we have deferred a jeep for this state until the second year. If you give us a justification so that it will not appear that a jeep is being purchased for your personal convenience, but can be used in the survey, we can probably move it to the first year, there are many more roads in the regions to be surveyed according to the maps we possess. In other words, we are not trying to discriminate against you, and if you feel that the project would be jeopardized by not having a jeep the first year, please explain and we will be glad to defend this in requesting funds.*

⁴⁶³ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans a Fernando Silva, em 23 de agosto de 1965. Fernando Correspondence, 1964-1967. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁶⁴ *Ibidem*. Original em Inglês: *Our biggest problem has been transportation. We were given funds for 4 Willys Rurals, and because of a discount given by the Willys company, we are able to get 5. However, this is still 2 less than we requested. Faced with the difficult decision of who must wait for the second year, we finally decided that one would have to be you. If we remember correctly, you own a vehicle, and if so you can use it, charging expenses to the grant. Otherwise, you have two alternatives. One is to rent or borrow one. The other is to switch your area 2 to the first year and make the survey by boat. Please let us know what you decide to do.*

Silva não chegaria a receber o carro, pois foi desligado do programa. Com relação aos demais participantes, o panorama foi o seguinte: dos que estavam previstos para receber o carro no primeiro ano, além de Silva, Nássaro Násser, também fora escolhido para não receber o carro. Contudo, essa parece ter sido uma medida para o favorecer, já que o próprio alegava alguma inexperiência em pesquisas do tipo. Dada a impossibilidade de Násser realizar as pesquisas de campo em seu estado no primeiro ano, pela falta do carro, era de se imaginar que o orçamento para pesquisas também fosse cortado, o que não aconteceu. Com sua parcela mantida, foi sugerido que ele auxiliasse as pesquisas de campo Mário Simões na Amazônia, ou de Valentin Calderón na Bahia, que lhe traria experiência e o dinheiro lhe traria autonomia. Já Walter Piazza (SC) recebeu um memorando exclusivo, também no dia que reforça o entendimento do uso dos carros de campo como instrumentos de negociação para garantir a cooperação dos participantes:

Como você é o único de todos os Irmãos que não cooperou em um item (seu vita com bibliografia completa), devemos impor uma restrição a você. Nenhum jipe (Willy Rural com tração nas quatro rodas) sem as informações completas. Lembre-se, você o enviou de volta com alguns comentários concisos, indicando que não era importante preencher porque as informações não eram pertinentes e suas publicações [...] são em outra área. Desculpe Walter, mas para os registros, precisamos ter isso. Como investigadores principais do projeto, temos que mostrar a importância de nossos colaboradores brasileiros. Você é um dos melhores; não seja tão reservado. Com apenas 5 veículos e precisávamos de 7, você não odiaria perder o que selecionamos para você para um dos 2 Irmãos azarados?⁴⁶⁵

Em 11 de setembro, Piazza responde a solicitação com um completo currículo garantindo assim sua Rural Wyllis no primeiro ano.⁴⁶⁶ Ondemar Dias (RJ), Igor Chmyz (PR), Eurico Th. Miller (RS) receberam seus carros como previsto.⁴⁶⁷ A análise dos documentos citados deixa claro que, apesar de clamarem que o programa era decidido de comum acordo entre os participantes

⁴⁶⁵ Memorando especial para Walter Piazza em 23 de agosto de 1965. In: Memorandums, 1965-1976. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution Original em Inglês: *Since you are the only one of all the Irmãos that did not cooperate on one item (your vita with complete bibliography), we must place one restriction on you. No jeep (4-wheel drive Willy Rural) without the complete information. Remember, you sent it back with a few terse comments, indicating it was not important to fill out because the information was not pertinent and your publications, etc. were in other fields. Sorry Walter, but for the records we must have this. As principal investigators of the project, we have to show the importance of our Brazilian collaborators. You are one of the best; don't be so secretive. With only 5 vehicles and we needed 7, wouldn't you hate to loose the one we had selected for you to one of the 2 unlucky Irmãos?*

⁴⁶⁶ Carta de Walter Piazza a Betty Meggers e Clifford Evans em 11 de setembro de 1965. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁶⁷ Progress Report, Jan 1967. "Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil". *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

brasileiros e os coordenadores gerais, nem toda a comunicação era aberta entre eles, cabendo aos Evanses escolher quais informações seriam concedidas a quais participantes. Essa escolha passava por critérios objetivos e subjetivos e influenciaram os rumos do programa durante a sua execução e evidenciam que certos participantes gozavam de maior confiança e prestígio junto à coordenação.

Um exemplo emblemático dessa dinâmica pode ser observado no caso do remanejamento do dinheiro não gasto por Silva no primeiro ano do programa. Os recursos inicialmente destinados às suas pesquisas de campo foram redirecionados, sem ampla discussão entre os demais membros, para Ondemar Dias, a fim de construir laboratório e depósito para o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), no Rio de Janeiro (Figura 44).⁴⁶⁸ A operação, no entanto, deveria permanecer confidencial: conforme orientação explícita, Dias só poderia discutir o plano com Betty Meggers, Clifford Evans e Artur Neiva, sendo instruído diretamente a não compartilhar com os demais membros brasileiros do programa, “os Irmãos”: “[...] este plano não deve ser discutido com eles”.⁴⁶⁹

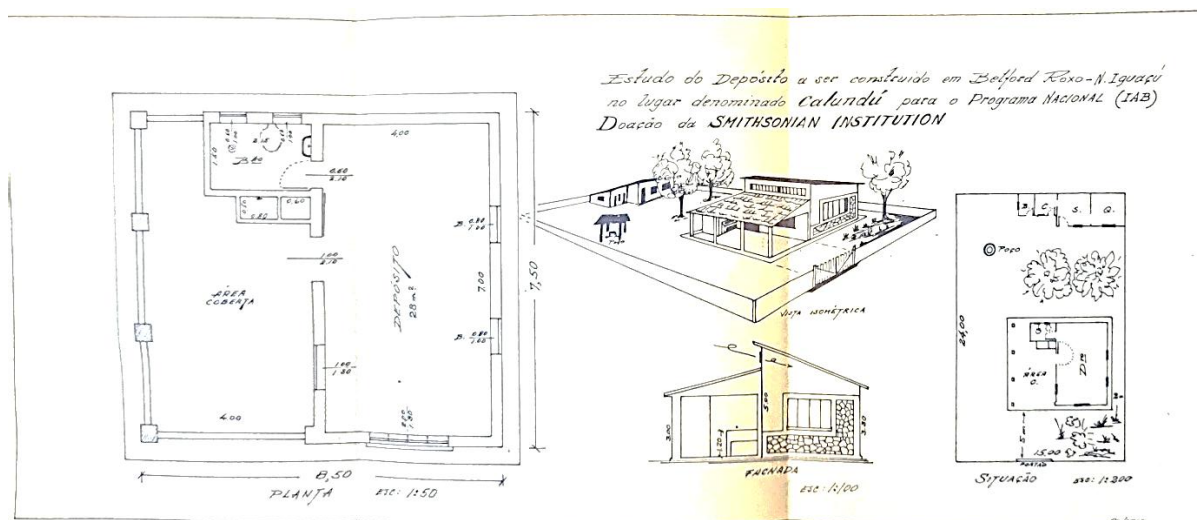


Figura 44: Planta Baixa do Laboratório e depósito a ser construído para o IAB, com dinheiro do PRONAPA. Fonte: Dias, Ondemar Correspondence, 1964-1977. Betty Meggers and Clifford Evans Papers. NAA/SI.

A seletividade da informação revela uma lógica de condução marcada por assimetrias de poder e alianças estratégicas, nas quais certas figuras e instituições eram nitidamente favorecidas. A

⁴⁶⁸ Carta de Evans e Meggers para Ondemar Ferreira Dias Jr em 22 de julho de 1966. Dias, Ondemar Correspondence, 1964-1977. *Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁶⁹ *Ibidem*. Original em inglês: “[...] this plan is not to be discussed with them”.

contradição entre discurso e prática torna-se ainda mais evidente diante da afirmação dos coordenadores de que “[...] o problema do favoritismo não deve entrar em nosso programa. O que fazemos com o dinheiro e como o distribuimos é problema nosso e do Smithsonian, e não de cada irmão”.⁴⁷⁰ A recusa explícita a debater coletivamente a alocação dos recursos e a negação do favoritismo, mesmo diante de ações que o evidenciavam, expõem os limites do ideal de colegialidade propagado pelo PRONAPA e reforçam o papel dos coordenadores como mediadores privilegiados do capital material e simbólico do programa.

O favorecimento a Ondemar Dias revela camadas de complexidades. Em nível individual, ele alinhava-se politicamente aos Evans e dividiam laços pessoais com figuras como Darcy e Berta Ribeiro. Para além dessa proximidade no âmbito pessoal, seu favorecimento também se inscrevia em uma disputa mais ampla pela definição dos espaços de autoridade no campo arqueológico, especialmente no estado do Rio de Janeiro. A destinação dos recursos remanejados para a construção de infraestrutura do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) foi estratégica nesse contexto, já que Dias alegava reiteradamente enfrentar dificuldades para obter autorizações de pesquisa na região.⁴⁷¹ Segundo ele, essa resistência partia do Museu Nacional, particularmente nas figuras de Castro Farias e Maria Beltrão, críticos da atuação do IAB no estado. Assim, o investimento na consolidação institucional do IAB também funcionava como um gesto de apoio político e simbólico frente às tensões locais, evidenciando que o PRONAPA operava, ainda que de forma não declarada, como um instrumento de intervenção nas disputas por legitimidade e autoridade científica em diferentes regiões do país.

Outro mecanismo utilizado para legitimar a autoridade científica dos participantes do PRONAPA foi a inclusão sistemática desses pesquisadores em eventos internacionais de prestígio, especialmente os Congressos Internacionais de Americanistas realizados durante o período do programa. A participação nos encontros de Buenos Aires, em 1966, e de Lima, em 1970, foi incentivada e viabilizada pelos Coordenadores, através de financiamentos específicos

⁴⁷⁰ *Ibidem*. Original em inglês: *The problem of favoritism, shall not enter our program. What we do with the money and how we distribute it is our business and that of the Smithsonian and not each irmão.*

⁴⁷¹ Cartas de Ondemar Dias a Betty Meggers e Clifford Evans ao longo do ano 1966. In: Dias, Ondemar Correspondence, 1964-1977. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

para esses fins, solicitados na *Wenner-Gren Foundation*.⁴⁷² Nessas ocasiões, os arqueólogos brasileiros vinculados ao programa puderam apresentar seus trabalhos em uma arena internacional, fortalecer redes acadêmicas e reafirmar sua inserção no circuito científico das Américas. Mais do que simples oportunidades de divulgação de resultados, esses congressos funcionavam como espaços estratégicos de consagração simbólica, nos quais a presença — e, sobretudo, a filiação institucional ao PRONAPA — contribuía para construir reputações e reforçar hierarquias no campo arqueológico latino-americano. Levar os participantes a esses eventos, portanto, fazia parte de um projeto mais amplo de formação e legitimação de uma elite científica alinhada aos objetivos e diretrizes do programa.

Essas disputas tornam-se particularmente visíveis quando observamos a complexa articulação necessária para viabilizar a primeira sessão dedicada à arqueologia brasileira no 37º Congresso Internacional de Americanistas, realizado na Argentina. O secretário-geral da comissão organizadora era Víctor Núñez Regueiro, com quem Meggers e Evans já mantinham vínculos desde o curso de análises cerâmicas em Barranquilla, discutido no Capítulo 2. Foi esse laço anterior que possibilitou o pedido formal de criação de um Simpósio sobre Arqueologia do Brasil no evento.⁴⁷³ Evans e Meggers tomaram a iniciativa de organizar uma sessão própria sobre arqueologia brasileira, um simpósio, sugerindo um movimento claro de afirmação e liderança na construção de um campo de pesquisa vinculado ao PRONAPA.

Contudo esse espaço simbólico não estava desocupado. Em resposta à solicitação dos Evans, Regueiro informou ter consultado o professor Alberto Rex González, presidente da comissão organizadora, que alertou para a necessidade de negociar o espaço para evitar uma sobreposição temática com outro simpósio já em preparação, organizado por Annette Laming-Empeaire, representante da corrente francesa.⁴⁷⁴ A solução sugerida pelos organizadores locais foi que Evans e Meggers entrassem diretamente em contato com Laming-Empeaire, de modo a evitar conflitos e coordenar os temas da melhor forma possível. Na carta de resposta a González, Betty

⁴⁷² Em 1966 eles conseguiram uma bolsa de USD\$2500.00, para o Congresso em Buenos Aires; em 1970 não há no arquivo o valor da bolsa, mas além do congresso a Wenner-Green financiou uma semana para o encontro do PRONAPA. Fonte: International Congress of Americanists, 1969-1975. Wenner-Gren application. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁷³ Carta de Vitor Nuñez Regueiro para Betty Meggers e Clifford Evans em 18 de junho de 1965. *In* International Congress of Americanists Meeting XXXVII Argentina Wenner-Gren grant application, 1965-1966. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁷⁴ Carta de Vitor Nuñez Regueiro para Betty Meggers e Clifford Evans em 18 de junho de 1965. *In* International Congress of Americanists Meeting XXXVII Argentina Wenner-Gren grant application, 1965-1966. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Meggers e Clifford Evans dizem que “[...] Annette Laming-Emperaire nos escreveu e chegamos a uma "divisão de tarefas" nas duas sessões para evitar sobreposições”.⁴⁷⁵

A solução negociada revela que havia tensões subjacentes no campo arqueológico. A carta suaviza isso, tratando o ajuste como algo técnico (“para evitar sobreposição”). No entanto, essa separação é politicamente significativa: ela demarca dois polos de autoridade científica sobre o mesmo objeto: a Francesa, europeia, capitaneada por Emperaire; e a Americana, “local” capitaneada por Betty Meggers e Clifford Evans. Esse episódio evidencia como o campo arqueológico brasileiro se fragmentava em torno de diferentes polos de autoridade, refletindo disputas metodológicas e políticas que extrapolavam as fronteiras nacionais.

Não foram encontradas, na documentação consultada, indícios de troca de correspondências entre o casal Evans e Annette Laming-Emperaire. Também não foram identificadas evidências de que Emperaire tenha coordenado um simpósio no evento.⁴⁷⁶ Em vez disso, identificou-se que ela apresentou duas comunicações: uma no simpósio sobre arte rupestre sul-americana, abordando as pinturas rupestres da Patagônia e do sul do Brasil; e outra no simpósio sobre o período pré-cerâmico na América do Sul, discutindo etapas da ocupação humana na região.⁴⁷⁷ O programa completo do congresso, no entanto, não pôde ser acessado. De toda forma, independentemente de ter ocorrido ou não, a proposta de divisão das sessões funcionou como uma solução diplomática para evitar um conflito de legitimidade. Ao mesmo tempo, acabou fragmentando o campo arqueológico brasileiro, que passou a se expressar publicamente por meio de diferentes lideranças e orientações teórico-metodológicas.

O Simpósio do PRONAPA aconteceu. Intitulado *Coordinated program of archaeological survey in Brazil: A Progress Report on the First Year of Work* foi de fato, uma vitrine do PRONAPA: um momento simbólico em que seus arqueólogos apresentaram ao cenário internacional os primeiros resultados do programa. Foi também a primeira vez de oito dos nove participantes, já que só um “[...] já tinha participado do Congresso Internacional de

⁴⁷⁵ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Dr. Alberto Rex Gonzalez, cc. Víctor Nunez Regueiro, em 13 de dezembro de 1965. In International Congress of Americanists Meeting XXXVII Argentina Wenner-Gren grant application, 1965-1966. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: (...) *Annette Laming-Emperaire wrote us and we have reached a "division of labor" on the two sessions to avoid overlap.*

⁴⁷⁶ Ripoll i Perelló, 1969; Comas, 1969;

⁴⁷⁷ Ripoll i Perelló, 1969; Comas, 1972 e 1974; Ballesteros-Gaibrois, 1967.

Americanistas ou de qualquer tipo de reunião antropológica internacional”.⁴⁷⁸ A escolha de um congresso como o de Americanistas, com ampla circulação acadêmica nas Américas, foi estratégica buscando a consolidação deste grupo como autoridade na arqueologia brasileira (Figura 45).



Figura 45: Valentin Calderón, Clifford Evans, Nássaro Násser e Betty Meggers na Argentina. Fonte: Nasser, Nassaro Correspondence, 1964-1978. Betty Meggers and Clifford Evans Papers. NAA/SI.

Em 1970 o Congresso de Americanistas aconteceu na cidade de Lima, capital do Peru. Os coordenadores então organizaram que na semana anterior ocorresse o encontro do PRONAPA, onde os participantes reuniram-se diariamente para apresentar os resultados de seus trabalhos de campo, revisar metodologias e aperfeiçoar a terminologia arqueológica empregada nos relatórios do programa. Em relatório enviado a Lita Osmudem, da Wenner-Gren Foundation – financiadora do encontro e da participação dos brasileiros no congresso – Betty Meggers e Clifford Evans utilizaram um tom elogioso para descrever o andamento das interpretações pelos participantes, o que reforça o entendimento de que havia um esforço contínuo de valorização simbólica dos pronapianos:⁴⁷⁹

⁴⁷⁸ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Lita Osmundsen (Wenner-Gren Foundation) em 20 de setembro de 1966. In International Congress of Americanists Meeting XXXVII Argentina Wenner-Gren grant application, 1965-1966. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: [...] had ever attended International Congress of Americanists or any kind of international anthropological meeting.

⁴⁷⁹ Carta com Relatório enviado por Betty Meggers e Clifford Evans a Lita Osmuden em 3 de setembro de 1970. In International Congress of Americanists, 1969-1975. Wenner-Gren application. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Cada arqueólogo apresentou os resultados de seu trabalho de campo, e a maioria o fez de uma maneira que realçou a ampla importância difusionista e ecológica dos dados. Ficamos impressionados com a engenhosidade e a imaginação que demonstraram, e com sua maturidade geral desde nosso último encontro, dois anos antes.⁴⁸⁰

Já era o último ano dos trabalhos de campo, a iniciativa de revisão da padronização conceitual não apenas respondia à necessidade de manter uma linguagem técnica comum entre os participantes, mas também operava como estratégia de consolidação disciplinar e de afirmação da autoridade científica do grupo, frente ao público internacional. Assim, o seminário de Lima evidencia o modo como o PRONAPA combinava, de maneira cuidadosamente orquestrada, a produção de conhecimento com a construção de prestígio e a distribuição de capital simbólico no campo arqueológico latino-americano (Figura 46).



Figura 46: Integrantes do PRONAPA no Seminário do programa junto ao congresso de americanistas. Fonte: Meggers 2003.

⁴⁸⁰ *Ibidem*. Original em inglês: [...] Each archeologist presented the results of his fieldwork and the majority did so in a manner that brought out the broad diffusional and ecological significance of the data. We were impressed with the ingenuity and imagination that they demonstrated, and with their general maturity since we had last met two years ago.

O Congresso de Americanistas de 1970, realizado em Lima, não foi apenas um marco para a circulação de ideias e resultados entre arqueólogos latino-americanos, mas também um momento em que as tensões políticas da época se fizeram sentir de forma explícita. Foi decisão do congresso uma moção de repúdio às violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar brasileira, com destaque para o uso sistemático da tortura como instrumento de repressão política e social. Embora não haja registros diretos da participação de Clifford Evans e Betty Meggers nessa moção, é plausível supor seu apoio, considerando que, no ano anterior, ambos haviam liderado uma iniciativa semelhante em defesa da libertação de Darcy Ribeiro. A relação entre o contexto político internacional e as estratégias de atuação de cientistas estrangeiros envolvidos com o PRONAPA é retomada e aprofundada no Capítulo 6 desta tese.

Além dos congressos de americanistas, houve dois encontros específicos do PRONAPA: Um em Belém do Pará em 1968 (Figura 47), e outro em Whashington D.C. em 1973. Sobre o encontro de Belém, é significativo o comentário de José Proenza Brochado, do Rio Grande do Sul, escreveu em carta a Betty Meggers e Clifford Evans:⁴⁸¹



Figura 47: Encontro do PRONAPA no Museu Paraense Emilio Goeldi, em 1968: Celso Perota, Igor Chmyz, Nássaro Násser, José Wilson Rauth, José Proenza Brochado, Betty Meggers, Clifford Evans, Eurico Miller, Valentín Calderón, Ondemar Dias, Walter Piazza, Sílvia Maranca e Mário Simões. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers, NAA/SI.

⁴⁸¹ Carta de José Brochado a Clifford Evans e Betty Meggers em 3 de agosto de 1968. *In*: Brochado, Jose, 1964-1976 Correspondence, 1964-1976. *Betty Meggers e Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Desejo agradecer-lhes a oportunidade que nos proporcionaram, tanto de conhecermos a região Norte do Brasil, como de nos reunirmos novamente depois de Mar del Plata e de trocarmos informações e opiniões. Acredito que o trabalho de cada um de nós ganhou novas perspectivas e importância depois desta reunião.⁴⁸²

A importância simbólica e formativa dos encontros promovidos pelo PRONAPA se expressa também nesse depoimento de Brochado. Ele destacou não apenas a relevância da experiência de conhecer a região Norte do Brasil, mas sobretudo o valor do reencontro entre colegas e da troca intelectual possibilitada pelo evento. Este trecho evidencia que, mais do que oportunidades logísticas, esses encontros eram compreendidos como momentos de reafirmação profissional e intelectual, nos quais se estreitavam laços acadêmicos e se consolidava o pertencimento a um projeto coletivo. Participar dessas reuniões significava também ser reconhecido como membro legítimo do grupo — um “irmão” do PRONAPA —, com voz ativa e posição consolidada no circuito arqueológico nacional e internacional.

Do encontro em Belém resultou o artigo *Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, publicado pelo Museu Goeldi em 1969.⁴⁸³ Apelidado de “Pronapinha”, o texto foi também traduzido e publicado em inglês na renomada revista *American Antiquity*, em 1970, com o título *Brazilian Archaeology in 1968: An Interim Report on the National Program of Archaeological Research*⁴⁸⁴. Uma comparação minuciosa entre as duas versões já constituiria, por si só, um interessante objeto de pesquisa para a história das ciências, permitindo revelar diferenças editoriais, políticas de autoria e estratégias de circulação internacional do conhecimento arqueológico produzido no Brasil.

Embora tal comparação não seja o foco desta tese, vale destacar alguns aspectos relevantes. Na versão em português, a autoria foi atribuída a todos os participantes do PRONAPA, listados em ordem alfabética. Alguns arqueólogos brasileiros contestaram a decisão, como foi o caso de Valentin Calderon:⁴⁸⁵

⁴⁸² *Ibidem*.

⁴⁸³ Brochado, et al, 1969.

⁴⁸⁴ PRONAPA, 1970.

⁴⁸⁵ Carta de Valentin Calderón para Betty Meggers e Clifford Evans em 15 de outubro de 1968. *In*: Calderon, Valentin Correspondence, 1964-1974. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Também acho que os nomes de vocês devem ser enfatizados quando aparecerem no final da Página 1, entre as pessoas mencionadas que colaboraram na elaboração do relatório. É claro que vocês prepararam sozinhos a apresentação final do documento.⁴⁸⁶

A resposta do casal foi:⁴⁸⁷

Quanto à sugestão de dar mais ênfase aos nossos nomes, não concordamos com isso, pois tudo o que fizemos foi resumir os dados obtidos pelos irmãos. Além disso, o texto foi revisado e criticado por todas as pessoas listadas como autoras, de modo que é, de fato, um trabalho conjunto.⁴⁸⁸

A decisão de listar os autores em ordem alfabética, sem distinções hierárquicas, representa formalmente um gesto de horizontalidade e colegialidade, alinhado ao discurso de cooperação entre os “irmãos” do programa. Tal escolha editorial também funcionava como blindagem simbólica contra críticas de dominação científica estrangeira, reforçando a imagem de um projeto colaborativo. Da mesma forma, a recusa dos coordenadores em aceitar essa distinção também pode ser lida estrategicamente. Ao insistirem que o texto é um “trabalho conjunto”, eles reforçam a narrativa de um programa colaborativo, sustentando um ideal de ciência coletiva e democrática, ainda que a documentação revele práticas recorrentes de centralização das decisões, seletividade informacional e disputas por prestígio, como ficou demonstrado anteriormente. A invocação da “autoria coletiva” funciona, nesse contexto, tanto como estratégia diplomática quanto como blindagem simbólica contra possíveis acusações de dominação científica por parte dos norte-americanos.

A publicação do *Pronapinha* em duas versões também revela uma estratégia editorial cuidadosamente planejada para ampliar o alcance simbólico e científico do PRONAPA (Figura 48). Essa circulação bilíngue não apenas projetou internacionalmente os resultados do programa, mas também contribuiu para consolidar a reputação dos arqueólogos brasileiros e inserir o Brasil no circuito global da arqueologia científica. Se por um lado a versão nacional

⁴⁸⁶ *Ibidem*. Original em inglês: *I also think your names must be emphasized when appearing on the bottom of Page 1, among those mentioned persons who collaborated in the report making. Of course, you have prepared the final presentation of it alone.*

⁴⁸⁷ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Valentin Calderon em 22 de outubro de 1968. In: Calderon, Valentin Correspondence, 1964-1974. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁴⁸⁸ *Ibidem*. Original em Inglês: *Regarding giving our names more emphasis, we do not agree with this because all we did was summarize the data that has been obtained by the irmãos. Furthermore, the text has been reviewed and criticized by all the persons listed as authors, so that it is truly a joint work.*

promovia o reconhecimento institucional do programa no Brasil, reforçando sua legitimidade junto aos órgãos de fomento e às universidades parceiras, a versão internacional visava inserir os dados e interpretações produzidas pelos arqueólogos brasileiros no circuito da arqueologia norte-americana e latino-americana. Essa circulação bilingue não foi apenas uma tradução, mas uma operação de diplomacia científica: permitia apresentar o PRONAPA como um exemplo exitoso de cooperação internacional, ao mesmo tempo em que atribuía visibilidade global a uma produção arqueológica ainda incipiente em termos de consolidação disciplinar.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
EM 1968

UM RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O PROGRAMA
NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

José Pimenta BROCHADO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Valentin CALDERÓN, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Igor CHAVZ, Universidade Federal do Paraná; Ondemar F. DIAS JR., Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara; Clifford EVANS, Smithsonian Institution; Sílvia MARANCA, Museu Paulista; Betty J. MEGGERS, Smithsonian Institution; Eurico TH. MILLER, Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul; Nássaro A. de Souza NASSER, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Celso FERRETA, Museu de Arte e História, Espírito Santo; Walter F. PIAZZA, Universidade Federal de Santa Catarina; José Wilson RAUTH, Universidade Federal do Paraná; e Márcia F. SIMÕES, Museu Paraense Emílio Goeldi.

PUBLICAÇÕES AVULSAS Nº 12

1969
BELÉM — PARÁ — BRASIL

AMERICAN ANTIQUITY

VOLUME 35

JANUARY, 1970

NUMBER 1

BRAZILIAN ARCHAEOLOGY IN 1968: AN INTERIM REPORT ON THE NATIONAL PROGRAM OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH

PRONAPA*

(PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS)

ABSTRACT

Brazil can be divided into two geographical areas: the Coastal Strip and the Amazon Basin. Coordinated systematic survey and testing on the Coastal Strip between 1965-68 shows the Pre-ceramic period to have lasted until about a.d. 500 except in an enclave on the Bahia Coast, where the Periport ceramic tradition dates from the ninth century b.c. Although a variety of pre-ceramic complexes has been recognized, particularly in the south, primary attention has been placed on the ceramic period. Seven regional ceramic traditions have been identified, and these appear to be generally contemporary with the area-wide Tupiaraian tradition. The latter is divisible into three subtraditions: the earliest emphasizes painted decoration; the second, corrugation; and the most recent, brushing. Subsequent to European contact, a Neo-Brazilian ceramic tradition developed, in which aboriginal and European traits are amalgamated.

Although the archaeology of the Amazon Basin is more poorly known, none of the existing data shows any evidence of contact with the occupants of the Coastal Strip, or vice versa. The strength of the ecological barrier between the two areas is reflected in the affiliation of complexes on the upper Rio Xingó, on the ecological border, with the Amazonian Incised and Punctate tradition, and in the total lack of any features suggesting contact with cultures of the Coastal Strip.

ALTHOUGH ARCHAEOLOGICAL research has made great headway during the past 20 years in many parts of the New World, Brazil has received little attention. Since knowledge of this vast area is essential for reconstruction of prehistoric cultural develop-

ment and diffusion over the continent, field work has been urgently needed. Brazil contains some 3.3 million square miles, however, and there are fewer archaeologists in the whole country than in most single states in the United States. Under these conditions, the acquisition of meaningful information in a short period of time and with a minimum of financial support presented a challenge in research design.

The first systematic attack took the form of a month-long conference in 1964, organized by the Universidade Federal do Paraná with the support of the Fulbright Commission in Brazil and CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), which brought together archaeologists from many parts of Brazil. During this meeting, standardized procedures for analysis and description of pottery were discussed, a glossary of archaeological terms was agreed upon, and the condition of Brazilian archaeology was reviewed from the standpoint both of research problems, and of institutional facilities and financial support. From these discussions emerged the Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), which represents a collaboration between representatives of 11 Brazilian universities and museums under the cosponsorship of the Brazilian Conselho Nacional de Pesquisas and the United States Smithsonian Institution, and with the collaboration of the Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Field work began in the fall of 1965 and was planned for five years, three of which have been completed.

The research design had to take into consideration several factors. First, although our ultimate goal was the understanding of the processes by which successive groups of pre-European immigrants with different subsistence patterns adapted to the diverse environmental conditions within Brazil, we recognized that

Figura 48: o *Ponapinha* publicado em português, e em inglês.

Desde o início do programa, estava previsto que os participantes do PRONAPA se reuniram em Washington, D.C., no *National Museum of Natural History*, *Smithsonian Institution*, assim que fossem concluídas as etapas de campo.⁴⁸⁹ Esse seminário final foi concebido como a culminância simbólica e científica do projeto, um esforço explícito para reforçar a legitimidade do PRONAPA como uma experiência bem-sucedida de cooperação internacional e como vetor de formação de uma nova geração de arqueólogos brasileiros (Figura 49).

⁴⁸⁹ Archeological Research Proposal. Abril de 1965. In: "Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil". Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Contudo, apesar da concessão de um financiamento parcial pela Smithsonian Research Foundation, o encontro sofreu sucessivos adiamentos devido à dificuldade de reunir os recursos necessários para cobrir os custos de viagem e estadia dos arqueólogos brasileiros. A carta enviada por Clifford Evans e Betty Meggers a Guido Pabst, em setembro de 1972, evidencia os bastidores dessa negociação e a tentativa de obter apoio adicional — inclusive junto à companhia aérea VARIG — para viabilizar o encontro em 1973⁴⁹⁰. A carta enviada por Clifford Evans e Betty Meggers ao botânico e piloto da VARIG Guido Pabst em 1972 evidencia os bastidores da organização do evento. O pedido fora feito alegando que sempre haviam voado pela companhia (desde 1948) e elogiando sua “eficiência e cortesia”. Apesar de não ter sido encontrados indícios de que o pedido fora aceito, ele por si só evidencia nuances da diplomacia científica e logística institucional, demonstrando que o esforço de internacionalização do PRONAPA dependia de um complexo arranjo de apoios simbólicos, financeiros e operacionais. Realizado entre os dias 13 e 31 de agosto de 1973, um dos principais objetivos do seminário foi a consolidação de um consenso classificatório sobre as tradições arqueológicas identificadas ao longo do programa (Figura 48). Um documento de orientação distribuído aos participantes esclarecia que a reunião seria “principalmente dedicada à coordenação dos resultados do trabalho de campo” e à tentativa de definir quais tradições deveriam ser reconhecidas como independentes e quais poderiam ser combinadas em fases maiores. A proposta era construir uma taxonomia arqueológica abrangente e coerente, apta a sustentar uma narrativa unificada sobre a pré-história brasileira — especialmente da faixa litorânea, uma vez que a região amazônica seria deixada “para o futuro” com um programa próprio que estava sendo planejado desde então. Mais do que um exercício técnico, esse esforço classificatório era também político: visava projetar uma imagem de maturidade científica do PRONAPA e fornecer uma moldura interpretativa legitimada internacionalmente. O seminário, assim, operou como um espaço de negociação epistemológica e como instância de fechamento — no qual se definiriam os contornos do passado pré-colonial brasileiro sob a chancela de um projeto binacional, perante a comunidade científica internacional, sob a chancela de uma das instituições mais prestigiadas da ciência mundial.

⁴⁹⁰ Carta de Clifford Evans e Betty Meggers ao botânico e piloto da VARIG Guido Pabst em 20 de setembro de 1972. In: PRONAPA 4th seminar in Washington, DC, 1973 August 13-31 Betty Meggers and Clifford Evans Papers. National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

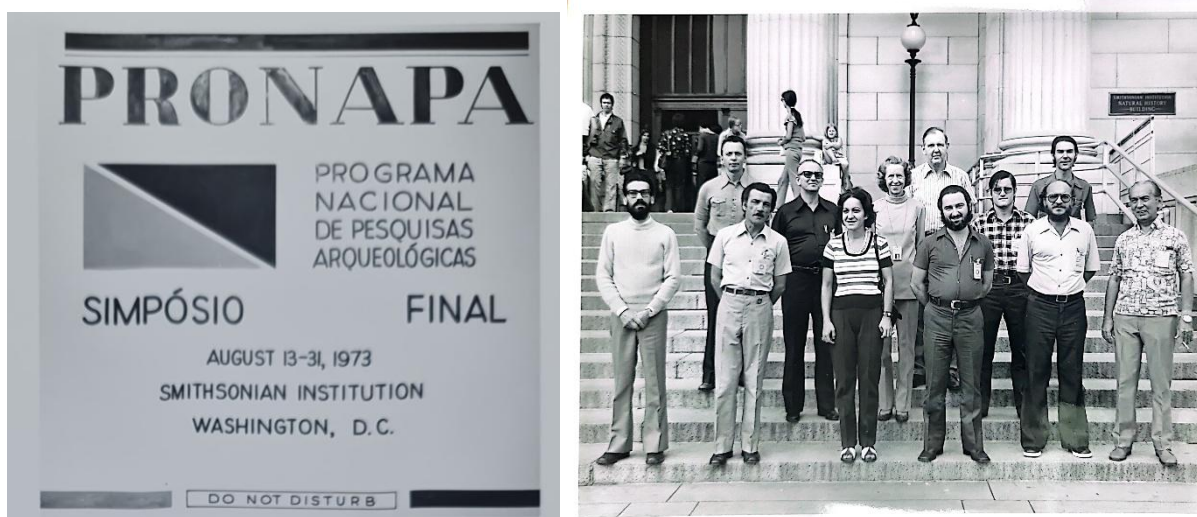


Figura 49: Placa que indicava a realização do simpósio do PRONAPA. Arqueólogos brasileiros do programa na frente do NMNH em pose característica dos funcionários do museu. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers/NAA/SI.

Ainda no âmbito da formação de capital simbólico, um dos objetivos centrais dos coordenadores do PRONAPA era ampliar a produção e a visibilidade acadêmica da arqueologia praticada no Brasil. Para isso, eles estabeleceram como compromisso do programa, a publicação regular de resultados, com a expectativa de que fossem lançados volumes contendo os dados obtidos nas pesquisas de campo a cada ano (Figura 50). Essas publicações, além de funcionarem como prestação de contas aos financiadores e como instrumento de circulação do conhecimento, cumpriam um papel fundamental na legitimação dos pesquisadores envolvidos. Ter seus nomes associados a uma série editorial vinculada ao *Smithsonian Institution* e aos arqueólogos norte-americanos conferia prestígio e autoridade científica, tanto no cenário nacional quanto internacional. Assim, o incentivo sistemático à publicação não apenas fortalecia a institucionalização da arqueologia como disciplina acadêmica no Brasil, mas também operava como estratégia de consagração simbólica para os participantes ligados aos objetivos do programa.



Figura 50: Conjunto de publicações associadas ao PRONAPA. As obras incluem relatórios regionais, manuais técnicos e sistematizações metodológicas. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI e Arquivo Pessoal.

4.2.1. “The major accomplishments”: Permanências, reconhecimento e emergência de novos quadros

Na década de 1960, a bibliografia disponível sobre arqueologia era bastante limitada, tanto em volume quanto em acessibilidade. Grande parte dos materiais relevantes estava publicada em outros idiomas, principalmente em inglês e francês, o que restringia o acesso e dificultava a formação de novos profissionais na área. Além disso, como enfatizou Silvia Maranca, as bibliotecas das instituições eram “pobres em títulos”, dificultando a elaboração de dissertações e a formação de pesquisadores especializados.⁴⁹¹ Isso fazia com que muitos estudantes dependessem de orientações informais ou de estágios com estrangeiros, perpetuando a centralidade de poucos polos institucionais e a circulação restrita do conhecimento.

Nesse contexto, o estímulo às publicações promovido pelo PRONAPA cumpria uma função estratégica ao ampliar o repertório disponível em português e oferecer referências atualizadas

⁴⁹¹ Maranca, 2007.

sobre métodos, resultados e interpretações arqueológicas. Ao disponibilizar esses conteúdos de forma mais acessível, o programa contribuía para despertar o interesse de estudantes e jovens pesquisadores no Brasil, criando as condições mínimas para o surgimento de uma audiência científica mais ampla. As publicações funcionavam, assim, não apenas como um meio de consagração simbólica para os participantes do programa, mas também como ferramentas fundamentais para a difusão e a institucionalização da arqueologia como campo de saber no Brasil.

Vários dos arqueólogos que integraram o PRONAPA experimentaram ascensões institucionais significativas durante ou após sua atuação no programa. Essas promoções foram, em grande parte, viabilizadas pelo capital simbólico e político acumulado por meio do vínculo com o projeto, assim como pela visibilidade adquirida nos congressos e publicações promovidos pela Smithsonian. Entre os exemplos mais expressivos:

- * **Eurico Th. Miller** tornou-se diretor do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, criado por lei estadual.
- * **José Wilson Rauth** passou a chefiar o novo departamento de antropologia na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá.
- * **Silvia Maranca**, após estagiar na Smithsonian Institution, foi contratada como arqueóloga profissional no Museu Paulista.
- * **Ondemar Ferreira Dias** liderou a criação de uma especialização em arqueologia na Universidade do Brasil e recebeu investimentos adicionais para infraestrutura.

Outros participantes, como **Valentín Calderón**, **José Proenza Brochado** e **Igor Chmyz**, não mudaram formalmente de posição institucional durante o programa, mas sua atuação no PRONAPA elevou significativamente seu prestígio acadêmico. Calderón, por exemplo, foi integrado em debates internacionais e participou ativamente das discussões sobre terminologia, cronologia e classificações culturais. A participação em congressos internacionais, especialmente nos Congressos de Americanistas de 1966 (Buenos Aires) e 1970 (Lima), serviu como plataforma de consagração simbólica para muitos desses pesquisadores. O seminário final em Washington, em 1973, consolidou o grupo como referência na arqueologia de campo no Brasil.

O PRONAPA também foi responsável pela formação de uma geração subsequente de arqueólogos que atuaram como assistentes e, mais tarde, como pesquisadores autônomos. Três casos ilustram bem essa dinâmica:

- * **Celso Perota**, assistente de Igor Chymz, foi contratado pela Universidade Federal do Espírito Santo e garantiu a inclusão do estado no PRONAPA;
- * **Alroino Eble**, assistente de Walter Piazza, foi o primeiro arqueólogo brasileiro a obter bolsa para pós-graduação nos EUA.
- * **Pedro Agostinho**, ligado a Valentin Calderón, recebeu financiamento do projeto *Urgent Ethnology* para pesquisa com os Kamaiurá, projeto que marcou sua entrada no circuito acadêmico.

Essa multiplicidade de experiências evidencia que o PRONAPA, mais do que um simples programa de pesquisa, funcionou como um verdadeiro dispositivo de reestruturação do campo arqueológico brasileiro. Sua execução operou simultaneamente como um projeto técnico-científico e como um processo de recomposição das hierarquias acadêmicas, agora marcadas por vínculos diretos com as diretrizes metodológicas e os interlocutores da Smithsonian Institution. Ao longo de sua curta, mas intensa trajetória, o PRONAPA não apenas ampliou a escala das pesquisas arqueológicas no país, como também contribuiu para redefinir quem podia falar em nome da arqueologia no Brasil.

Durante o século XX, a arqueologia aprofundou as discussões em torno do povoamento humano do continente americano. Como demonstrou Bernardo Esteves, as pesquisas desenvolvidas no Brasil, em sambaquis ou na região de Lagoa Santa, buscavam elementos que ajudassem a entender esse controverso tópico.⁴⁹² O PRONAPA, ao contrário, concentra seus maiores esforços em entender o “meio” da ocupação humana, quando os grupos já estavam sedentarizados e produziam cerâmica. É importante destacar, no entanto, que esse tópico não foi abandonado pelo programa. Foram estabelecidos dois programas especiais: paleoíndio e sambaquis, justamente para não abandonar este tema tão caro à comunidade científica.

Portanto, a reconfiguração do campo proposta e executada pelo PRONAPA, não ocorreu de maneira uniforme, tampouco isenta de tensões. Nos bastidores do programa, agentes locais negociavam, adaptavam e, por vezes, subvertiam os parâmetros estabelecidos por seus financiadores e coordenadores estrangeiros. É nesse cenário que se insere a trajetória de

⁴⁹² Esteves, 2023.

Valentin Calderón, um dos nomes mais controversos do PRONAPA, cuja atuação na Bahia revela de forma exemplar os entrelaçamentos entre ciência, política e disputas por legitimidade profissional. O próximo capítulo se debruça sobre sua trajetória e sobre os sentidos históricos que ela ajuda a iluminar.

CAPÍTULO 5: O PRONAPA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: VALENTÍN CALDERÓN E O INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Neste capítulo, a lente de análise será ampliada para abordar uma das universidades participantes do PRONAPA, a fim de entendê-lo em uma escala maior (ou seja, mais de perto). Com o objetivo de compreender como esse programa inferiu nas dinâmicas das universidades brasileiras. Para , a Universidade Federal da Bahia foi a escolhida por muitos motivos, dos quais se destacam dois: por ser a universidade que sedia essa pesquisa e há facilidades no acesso às fontes institucionais; e porque o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA) recebeu no ano de 2013 o arquivo pessoal de Valentin Calderón, arqueólogo representante do PRONAPA na Bahia o que possibilitou uma análise comparativa mais apurada.

No estado da Bahia a imagem pública mais sólida da arqueologia acadêmica está em estreita associação com o MAE/UFBA, a despeito de que, atualmente, a produção de conhecimento arqueológico se dá majoritariamente em outros núcleos pelo estado.⁴⁹³ Inaugurado aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de 1983, no subsolo do prédio da primeira Faculdade de Medicina do Brasil, sua história, no entanto, não começou ali. A formação de seu acervo e até sua formalização na universidade antecede sua inauguração em cerca de 30 anos e está fortemente associada à trajetória de Valentin Calderón dentro do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA.

É também a partir da atuação de Calderón que comumente os arqueólogos identificam o início da arqueologia científica na Bahia.⁴⁹⁴ O principal motivo levantado foi a realização de escavações sistemáticas, das quais havia também registros diversos (desenho, fotografias,

⁴⁹³ Entre os principais núcleos de arqueologia na Bahia, destaca-se a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que desde 2019 mantém o Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPgAP/UFRB), que em 2024 expandiu sua atuação com a aprovação do doutorado. Também merece menção a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), que abriga o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia, fundado em 2001 no campus Senhor do Bonfim, além do curso de Bacharelado em Arqueologia, iniciado em 2013 no campus Paulo Afonso. Por fim, ressalta-se a atuação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no campo da arqueologia, impulsionada pelo pesquisador Carlos Etchevarne, fundador do Laboratório de Arqueologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. contudo, a UFBA não possui curso de graduação ou pós-graduação em arqueologia, nem linha de pesquisa formalmente estruturada nessa área, atualmente. As disciplinas relacionadas à arqueologia são oferecidas apenas como optativas, no curso de ciências sociais.

⁴⁹⁴ Etchevarne; 2005; Martin, 2005; Costa, 2005; Barbosa, 2009.

anotações). Em breve síntese sobre a história da arqueologia baiana, o professor de arqueologia da UFBA, Carlos Etchevarne divide as pesquisas arqueológicas realizadas na universidade em três períodos que são separados por interrupções “pelas mais diversas razões, estabelecendo trajetórias descontínuas”,⁴⁹⁵ sendo o primeiro correspondente às décadas de 1960-70, tendo como marcos distintivos o início das pesquisas de Valentin Calderón em 1960 e seu falecimento em 1980. Esse é o entendimento que encontra eco nas publicações arqueológicas, reforçando a importância de Calderón para o campo no estado e no país.

Calderón é uma figura recorrente em artigos que abordam o PRONAPA, em sua maioria graças a definição da Tradição Aratu de cerâmica arqueológica, outras por suas Tradições de artefatos líticos e de pinturas rupestres todas delineadas nos anos de vigência do programa, utilizando a metodologia ensinada por Clifford Evans e Betty Meggers.⁴⁹⁶ As informações nesses textos parecem derivar do livro *A Pré-História do Nordeste*, da professora de arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a também espanhola Gabriela Martin.⁴⁹⁷ Esse trabalho de Martin tornou-se uma referência fundamental para os estudos sobre a arqueologia na região Nordeste do Brasil e aborda Calderón da seguinte maneira:

Eficiente, mas extremamente autoritário, não conseguiu manter uma equipe coesa de colaboradores que continuassem seu trabalho, e, desiludido, foi, aos poucos, abandonando a arqueologia nos fins da década de 70, para se dedicar ao estudo da arte sacra na Bahia, onde encontrou maiores satisfações e menos brigas, como manifestou, repetidamente nos últimos anos de sua vida. [...] A obra publicada por Calderón é pequena, se levarmos em conta suas atividades de campo e hoje a perda da identidade e da filiação de muitos dos materiais arqueológicos, produto das suas numerosas prospecções e escavações, representam um prejuízo irreparável para a arqueologia no Nordeste.⁴⁹⁸

Essa descrição que a autora faz de Calderón, e que é predominante nos textos e no imaginário da arqueologia no Brasil, contrasta com a descrição *post-mortem* que Thales de Azevedo fez dele naquela matéria do Jornal A TARDE:

Calderón deixa um nome destacado na arqueologia brasileira. Foi o primeiro a fazer a exploração científica de um sambaqui nesta região, o sambaqui da Pedra Oca, a respeito do qual escreveu importante trabalho. Levou seu interesse científico a uma longa e rigorosa pesquisa por toda a margem do Rio S. Francisco, de que deixou abundante material até hoje inexplorado na UFBA. Sério e competente, como poucos, legou-nos muito material arqueológico que continua e espera de quem o estude e

⁴⁹⁵ Etchevarne, 2005. p. 12.

⁴⁹⁶ Por exemplo Etchevarne, 2012; Fernandes, 2012 e 2017; Schmitz e Rogge, 2008; Marques e Hilbert, 2009; Soares, 2013; Morales, 2008; Fernandes, 2001;

⁴⁹⁷ Martin, 2005.

⁴⁹⁸ *Ibidem* p. 41.

aproveite. [...] A Bahia deve ser orgulhosa de haver contribuído, com ação deste cientista, para a melhor e mais atual arqueologia brasileira, que o incorporou na época para essa ciência.⁴⁹⁹

As descrições aparentemente contrastantes sobre Valentin Calderón revelam antes uma complexidade dialética do que uma contradição insolúvel. Sua figura emerge como um ator ambivalente, cujas contradições pessoais refletiam as próprias tensões do campo arqueológico brasileiro na época. Essa ambivalência se mostra particularmente relevante quando analisamos a implementação do PRONAPA na UFBA, programa que - como demonstrado nos capítulos anteriores - operava através de redes pessoais e alianças institucionais.

A inserção do PRONAPA na UFBA não pode ser compreendida sem uma análise tridimensional da trajetória de Calderón: (1) suas redes de influência pessoal no meio acadêmico e político; (2) suas estratégias de negociação institucional; e (3) as soluções pragmáticas que desenvolveu para administrar as tensões entre as diretrizes nacionais do programa e as particularidades locais. Sua atuação revela como as políticas arqueológicas deste período foram moldadas não apenas por diretrizes técnicas, mas por complexas mediações pessoais.

A fim de atender esse objetivo, este capítulo se divide em cinco seções. A primeira aborda a trajetória de Calderón de seu nascimento na Espanha, até sua atuação na UFBA. A segunda está focada no Instituto de Ciências Sociais da UFBA (ICS/UFBA), um instituto pouco documentado na história da universidade, que abrigou o Laboratório de Arqueologia capitaneado por Calderón, e através do qual o PRONAPA se vinculou à Universidade. A terceira seção aborda a realização do PRONAPA na UFBA ao longo dos oito anos do programa, passando pelo apogeu e declínio da arqueologia na universidade, e contextualizando o financiamento americano às pesquisas de Etnografia no período. A penúltima seção aborda quais os espaços (ou as ausências) a arqueologia passou a ocupar na UFBA após o fim do programa, seguida das conclusões.

⁴⁹⁹ Thales de Azevedo em coluna no Jornal A TARDE em 1995. Fonte: *Arquivo Pessoal de Valentin Calderon*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia

5.1 VALENTIN CALDERÓN DE LA VARA CHEGA A BAHIA

Valentin Rafael Simon Joaquim Calderón de la Vara – ou simplesmente Valentin Calderón como ficou conhecido no Brasil - foi um espanhol, radicado na Bahia no ano de 1950, que participou ativamente da vida cultural de Salvador e da Bahia, notadamente da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do governo do Estado. Sua atuação expressiva levou a diversos reconhecimentos, como por exemplo, o título de Ordem do Mérito da Bahia, Ordem Rio Branco e Medalha do Mérito Castro Alves e mesmo trinta e cinco anos após sua morte fora listado no álbum virtual do jornal Correio da Bahia intitulado “Quase Baianos: Imigrantes estrangeiros deixam legados culturais importantes para a Bahia” ao lado de nomes mais reconhecidos como Pierre Verger, Carybé e Lina Bo Bardi (Figura 51).⁵⁰⁰

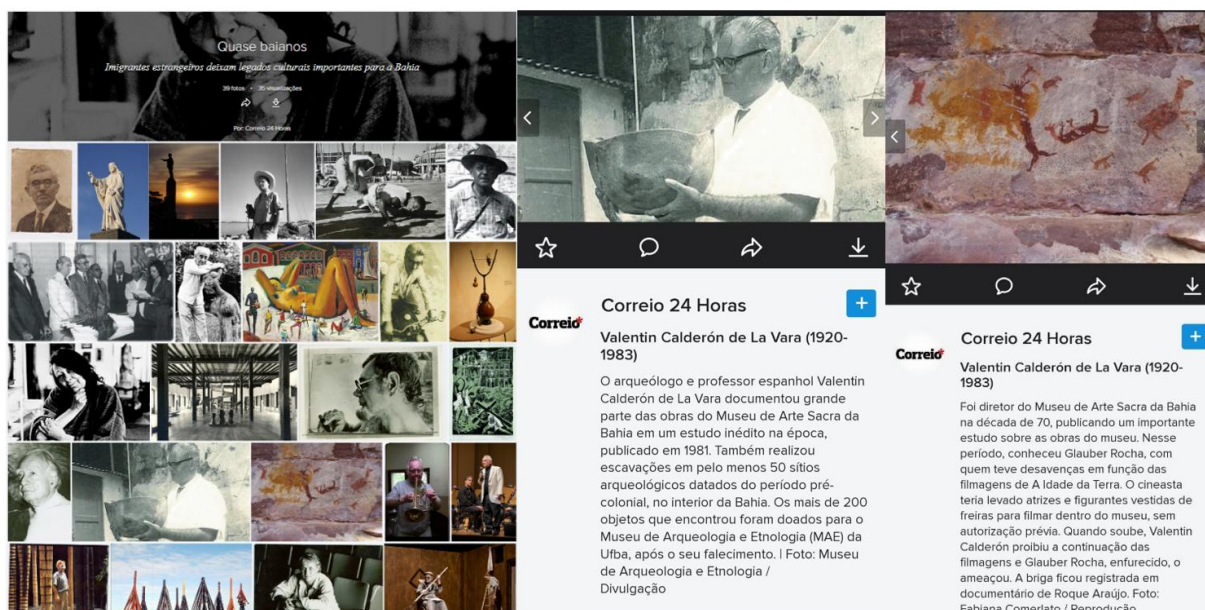


Figura 51: Álbum ‘Quase Baianos - Imigrantes estrangeiros deixam legados culturais importantes para a Bahia’ do jornal Correio da Bahia, com destaque para as duas imagens com referência à Valentin Calderón, uma foto dele e um painel de pintura rupestre. Fonte: Quase baianos, Correio da Bahia.

Embora sua atuação tenha sido ampla na área cultural envolvendo museologia, produções audiovisuais, arte sacra, arquitetura e outras, seu veículo de acesso para o campo da cultura foi

⁵⁰⁰ Quase baianos: Imigrantes estrangeiros deixam legados culturais importantes para a Bahia. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/129291737@N07/albums/72157661404110780>. Acessado em 15 de novembro de 2021.

o fazer arqueológico. Antes de tudo Valentin Calderón é referenciado como arqueólogo, responsável pela escavação de diversos sítios pelo Nordeste e pela fundação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, embora este tenha sido inaugurado três anos após a sua morte, em 1983.

Nesse subtópico serão exploradas fontes primárias (do arquivo pessoal de Valentin Calderón depositado no MAE/UFBA) e secundárias, identificadas através de um extenso levantamento bibliográfico sobre Valentin Calderón e sobre as Instituições onde atuou como arqueólogo, para criar uma narrativa com elementos biográficos que apresente, em linhas gerais, a vida de Calderón desde seu nascimento em 26 de julho de 1920, abordando sua chegada ao Brasil no início de 1950 e suas aproximações com a Universidade Federal da Bahia até sua admissão em 1960. Como já ressaltado no segundo capítulo, a escrita de biografias no contexto da história das ciências exige uma abordagem cuidadosa e reflexiva, evitando tanto a idealização típica das hagiografias quanto os excessos interpretativos e uma suposta predestinação. Dessa forma, busca-se apresentar uma visão equilibrada e humana desse pesquisador, reconhecendo suas contribuições sem ignorar as contradições e desafios que marcaram sua trajetória.

5.1.1. Um arqueólogo amador da Cantábria/Espanha

É fundamental começar esta subseção do artigo desmistificando o significado do termo “amador” no contexto da história das ciências. Embora, no senso comum atual, a palavra carregue uma conotação negativa — muitas vezes pejorativa —, os amadores desempenharam (e continuam a desempenhar) um papel crucial no avanço e divulgação das ciências. Tomando como base a definição clássica proposta por Michael D. Stephens, que caracteriza o amador como alguém que busca um objetivo por amor e não por recompensa financeira, é possível perceber que o termo carrega consigo uma noção hierárquica implícita.⁵⁰¹ Nessa perspectiva, os amadores são frequentemente vistos como menos capacitados em comparação aos cientistas profissionais, estes considerados os verdadeiros detentores do conhecimento científico. Durante décadas, os estudos em história das ciências sobre os amadores foram tratados como um subproduto da história das grandes descobertas, o que acabou por reforçar esses estereótipos e marginalizar a importância desses agentes no processo de construção do saber científico.

⁵⁰¹ Stephens, 1982.

A pesquisadora Katherine Pandora, em sua análise sobre o lugar dos amadores na história das ciências, aponta que, a partir das décadas de 1980 e 1990, três mudanças historiográficas abriram espaço para uma reinterpretação do papel dos não profissionais nesse campo, superando as visões estereotipadas tradicionais.⁵⁰² Essas transformações incluem: o avanço das pesquisas sobre a história das mulheres na ciência; a construção de narrativas históricas que privilegiam o campo como local de produção científica; e a incorporação de perspectivas e métodos da história cultural, com destaque para o estudo da cultura popular e da popularização da ciência.

Dessas três abordagens, duas são especialmente relevantes para o tema deste capítulo: o desenvolvimento da história das ciências do campo, como história natural, geologia, paleontologia, biologia e arqueologia — áreas que, como destacou Maria Margareth Lopes, foram tradicionalmente negligenciadas durante um tempo pela história das ciências;⁵⁰³ e a incorporação de perspectivas e métodos da história cultural, que ampliaram o entendimento sobre a relação entre ciência e sociedade, incluindo o papel dos amadores na popularização do conhecimento científico. Assim, parece correto afirmar que esse novo olhar sobre a história dos amadores nas ciências permite que a arqueologia seja estudada de forma mais consistente e integrada, reconhecendo a contribuição fundamental desses agentes para o desenvolvimento e a disseminação do saber científico. Portanto, para Pandora, os amadores são agentes que desafiam as hierarquias tradicionais do conhecimento científico, demonstrando que a ciência não é um domínio exclusivo de especialistas, mas um campo aberto à contribuição de todos aqueles que se dedicam a ela com paixão e curiosidade. Sua perspectiva reforça a ideia de que os amadores são parte integrante e indispensável da história das ciências, merecendo um lugar de destaque nas narrativas que buscam compreender a complexidade e a diversidade do fazer científico ao longo do tempo.

Na Espanha, essa nova abordagem tem bastante destaque, pois, segundo a historiadora da arqueologia Margarita Diaz-Andreu, os não-arqueólogos ou arqueólogos amadores desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da disciplina durante o século XIX e início do século XX, especialmente em pesquisas relacionadas a períodos não-históricos. A autora ressalta que, devido à valorização da antiguidade clássica no sul da Europa, os arqueólogos espanhóis tendiam a se dedicar ao estudo desses períodos a partir de textos

⁵⁰² Pandora, 2016.

⁵⁰³ Lopes, 2001.

clássicos, deixando as escavações e a coleta de dados primários a cargo de não-arqueólogos, como engenheiros, pintores, diplomatas e outros profissionais.⁵⁰⁴ Essa dinâmica permitiu que os amadores contribuíssem significativamente para a construção do conhecimento arqueológico na Espanha.

O artigo “*Amateurs, Professionals and the Knowledge of Archaeology*”, de Brian Taylor, discute o papel dos amadores na arqueologia e como a relação entre amadores e profissionais foi historicamente construída.⁵⁰⁵ A análise sugere que a visão tradicional de que os amadores foram gradualmente substituídos por profissionais treinados é inadequada e que, na verdade, o conceito de “amadorismo” foi, em grande parte, uma construção dos próprios profissionais para legitimar seu status. Ainda segundo o autor, no século XX, a arqueologia passou por um processo de profissionalização, com a introdução de métodos científicos e a formação de arqueólogos em instituições acadêmicas. Essa transição levou a uma narrativa evolutiva em que os amadores foram retratados como figuras bem-intencionadas, mas despreparadas, que deram lugar a profissionais qualificados. No entanto, Taylor argumenta que essa narrativa é simplista e ignora a complexidade da relação entre amadores e profissionais. Em vez de ver os amadores como figuras obsoletas, Taylor propõe que eles devem ser reconhecidos como contribuintes essenciais para o desenvolvimento e a popularização da arqueologia. Essa perspectiva oferece uma visão mais equilibrada e inclusiva da história da disciplina.

Em síntese, o uso do termo “amador” neste trabalho não carrega qualquer conotação pejorativa, mas, sim, busca resgatar e valorizar o papel que esses agentes desempenharam — e ainda desempenham — na construção e divulgação do conhecimento científico. Longe de serem figuras secundárias ou menos capacitadas, os amadores contribuíram de maneira significativa para o avanço da arqueologia, muitas vezes preenchendo lacunas deixadas pela academia ou atuando em áreas ainda não exploradas pelos profissionais. Ao reconhecer Valentin Calderón ainda na Espanha como um amador, este texto busca integrar suas habilidades, hesitações, ansiedades e conquistas à narrativa histórica das ciências de forma justa e equilibrada. Calderón, como muitos outros amadores, dedicou-se à arqueologia desde a infância sem o respaldo de uma formação especializada, mas o conhecimento adquirido nesta época foi o responsável pela sua inserção na elite cultural baiana na segunda metade do século XX. Sua atuação exemplifica

⁵⁰⁴ Richard, 2024.

⁵⁰⁵ Taylor, 1995.

como o amadorismo pode ser uma força motriz de aproximação da ciência, especialmente em um contexto em que a profissionalização da arqueologia ainda estava em seus estágios iniciais.

Valentin Rafael Simon Joaquim Calderón de la Vara, nasceu em 26 de julho de 1920, de Valentin Calderón e Carmen de la Vara, na cidade de *Comillas*, na porção norte da Espanha, província de Santander.⁵⁰⁶ Essa região é mundialmente reconhecida por sua riqueza arqueológica, especialmente por abrigar sítios de grande interesse do Paleolítico Superior, com evidências de ocupação humana que remontam ao Paleolítico Inferior, embora este último período não esteja tão bem representado na área.

Um dos locais mais emblemáticos da região é a caverna de Altamira, famosa por suas pinturas rupestres, que datam de aproximadamente 20.000 anos antes do presente. A importância histórica e cultural de Altamira é tão significativa que o local foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, destacando-se como um dos mais importantes testemunhos da arte pré-histórica e da presença humana antiga na Europa.⁵⁰⁷ O contexto geográfico e histórico em que Calderón nasceu e cresceu certamente influenciou seu interesse e envolvimento com a arqueologia. Sua trajetória, portanto, reflete não apenas uma história pessoal, mas também uma relação profunda com um território que guarda vestígios fundamentais da pré-história europeia.

Segundo Gabriela Martin:

“[...] o arqueólogo Valentin Calderón foi na Bahia um caso isolado. Discípulo e amigo de Pedro Bosch Gimpera, o grande arqueólogo espanhol exilado e eminente professor do Colégio de México, estudou também com Hugo Obermaier e quando se radicou na Bahia assumiu importantes cargos na administração universitária e no Estado o que lhe facilitou o apoio necessário para pesquisas de campo, das quais não havia ainda tradição na Bahia”.⁵⁰⁸

Apesar de ser conterrâneo e, de alguma forma contemporâneo, desses renomados arqueólogos espanhóis, nas fontes pesquisadas não há indícios de que Calderón os tenha conhecido na Espanha, nem trabalhado com eles. Hugo Obermaier, foi um importante pré-historiador alemão com atuação na Espanha entre 1914 e 1936.⁵⁰⁹ Nascido em Regensburg, em 1877, foi ordenado padre católico em 1900 e concluiu seus estudos de pré-história em Viena, em 1904. Em 1911,

⁵⁰⁶ Em 1982 a província passou a ser denominada Comunidade Autônoma da Cantábria, também chamada de *Montaña*.

⁵⁰⁷ Bartolomé, 2019.

⁵⁰⁸ Martin, 2008, p. 41.

⁵⁰⁹ Züchner, 2009.

Obermaier foi nomeado professor do recém-criado “*Institut de Paléontologie Humaine*” (IPH), em Paris. Em 1914, Obermaier estava na Cantábria, em escavações na Caverna Castillo quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. “Como alemão, Obermaier não pôde mais retornar à França [...] porque ele pertencia à nação hostil. Sua biblioteca e coleção particular foram confiscadas em Paris”.⁵¹⁰ Exilado, permanece na Espanha até 1936 – Calderón tinha apenas 16 anos – quando foi surpreendido por outra guerra, desta vez a Guerra Civil Espanhola, e não pôde retornar para a Espanha de um congresso em Oslo. Obermaier encerra sua carreira na Universidade de Friburgo (Suíça), onde atuou de 1938 até sua morte em 1946.

Já Pedro Bosch-Gimpera (1891–1974) (ou Pere Bosch i Gimpera, como é escrito em catalão), foi professor e reitor da Universidade de Barcelona, tendo desempenhado papel central na consolidação da arqueologia na Catalunha - outra região espanhola - promovendo escavações sistemáticas e articulação interdisciplinar com a história e a antropologia. Segundo Francisco Gracia Alonso, “Pere Bosch Gimpera é unanimemente considerado o pré-historiador espanhol mais prestigiado do século XX”.⁵¹¹ Como professor e depois reitor da Universidade de Barcelona, ele teve papel central na elaboração das reformas universitárias que garantiram autonomia provisória à instituição e contribuíram para o fortalecimento da pesquisa em arqueologia e humanidades na Catalunha. Bosch-Gimpera enfrentou resistência conservadora dentro da universidade e foi deposto do cargo de reitor ainda em 1934, chegando a ser preso temporariamente. Durante a Guerra Civil espanhola, iniciada em 1936, manteve a universidade em funcionamento como reitor-comissário e se aliou ao partido *Acción Catalana Republicana*. Com a vitória das forças franquistas, foi forçado a se exilar em 1939. Estabeleceu-se inicialmente em Oxford e depois no México, onde atuou, até seu falecimento em 1974, na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).⁵¹²

No arquivo de Valentin Calderón, não foi possível identificar referências a Obermaier. Há uma correspondência enviada por Bosch-Gimpera, no entanto depois que ele já estava consolidado na Bahia, em 8 de fevereiro de 1974.⁵¹³ A carta assinada em conjunto com Antonio Pompa, se

⁵¹⁰ *Ibidem*, p.146. Original em inglês: *As a German, Obermaier could no longer return to France (...) because he belonged to the hostile nation. His library and private collection were confiscated in Paris.*

⁵¹¹ Gracia Alonso, 2008, p. 341. Original em espanhol: *Pere Bosch Gimpera está considerado unánimemente como el prehistoriador español de mayor prestigio durante el siglo XX.*

⁵¹² Gracia Alonso, 2008; Fernández-Posse de Arnaiz, 2015; Díaz Andreu, 1995; Blasco Gil, 2018; Blasco Gil & Pavón Romero, 2023.

⁵¹³ Carta de Pere Bosch-Gimpera e Antonio Pompa a Valentin Calderón de la Vara, em 8 de febrero de 1974 (XII 1174). Arquivo pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

trata de um convite formal, para participar do V Simpósio Americano de Arte Rupestre coordenado pelos dois remetentes, a se realizar em setembro do mesmo ano, junto ao Congresso de Americanistas, na Cidade do México.

Segundo o historiador Benito Madariaga de la Campa, Valentin Calderón de la Vara inicia sua trajetória na arqueologia em 1938.⁵¹⁴ Portanto, no meio da Guerra Civil Espanhola, dois anos após Obermaier ser exilado da Espanha e enquanto Bosch-Gimpera enfrentava as forças franquistas em Barcelona. Ainda de acordo com o autor, o mentor de Calderón de la Vara foi o padre Dr. Jesus Carballo, que atuou no *Centro de Estudios Montañeses* e fundou, em 1926 o *Museo Provincial de Prehistoria de Santander* (atual *Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria*) (Figura 52):

Em 1938, aparece um terceiro discípulo do Dr. Carballo, Valentin Calderón de la Vara, homem cuja vocação para a arqueologia pré-histórica nasceu dos frequentes contatos com o inesquecível mestre, que o incentivou e aconselhou “a realizar sempre explorações em cavernas e sítios de interesse arqueológico”. Alguns até lhe foram indicados pelo próprio Carballo. Valentin Calderón de la Vara juntou-se, a partir deste momento, à equipe de pré-historiadores da montaña⁵¹⁵ (grifos do autor).



Figura 52: Dr. Jesús Carballo ao centro, na frente do Museo provincial de prehistoria, em Santander. Fonte: Acebo, 2008.

⁵¹⁴ Madriaga de la Campa, 1972.

⁵¹⁵ *Ibidem*, p. 77. Original em Espanhol: *En 1938 aparece un tercer discípulo del Dr. Carballo, Valentín Calderón de la Vara, hombre cuya vocación por la arqueología prehistórica nació de sus frecuentes contactos con el inolvidable maestro, quien le estimuló y le aconsejó «siempre para que realizase exploraciones en cavernas y sitios de interés arqueológico». Algunos incluso le fueron indicados por el propio Carballo. Valentín Calderón de la Vara se unió, a partir de este momento, al equipo de prehistoriadores montañeses.*

Jesús Carballo (1874–1961), em contraste com Hugo Obermeier e Pere Bosch-Gimpera, não é uma figura prestigiosa na bibliografia sobre a arqueologia da Espanha. Para Alfonso Moure Romanillo, a figura de Jesús Carballo se destaca entre o início da Primeira Guerra Mundial e a segunda metade da década de 1950, época em que, para o autor, a pesquisa em Pré-história na região da Cantábria, “[...] mergulhou num profundo isolamento, o que inevitavelmente teve que afetar sua falta de integração na comunidade científica e nas correntes teóricas da época”.⁵¹⁶ Natural de Santiago de Compostela, foi ordenado sacerdote pouco antes de se estabelecer em Santander, onde, em 1905, assumiu a direção do Colégio Salesiano local. Já em 1906, iniciou sua colaboração com Hermilio Alcalde del Río nas escavações da Cueva del Castillo, dando início a uma longa trajetória dedicada à arqueologia. Embora tenha obtido o título de Doutor em Ciências, em 1922, sua atuação permaneceu similar à do período em que era autodidata. Ainda para o autor, Carballo exerceu grande influência local, com uma postura fortemente personalista e resistente à participação externa.

Diante do exposto, é possível concluir que a declaração de Gabriela Martin, destacada acima, não corresponde exatamente à realidade histórica. No entanto, ela se tornou um elemento fundamental na construção da reputação acadêmica de Calderón no Brasil, encontrando eco em diversas publicações brasileiras.⁵¹⁷ O impacto dessa afirmação foi duplo: serviu tanto como um selo de legitimação acadêmica, vinculando Calderón a uma linhagem intelectual prestigiosa, como criou uma narrativa de continuidade entre a arqueologia europeia e os desenvolvimentos brasileiros. Importante notar que se tratou de uma legitimação póstuma, cujo efeito foi mais relevante que sua precisão histórica.

Voltando a Carballo, mentor de Calderón de la Vara, sua atuação foi essencial para institucionalizar a pesquisa pré-histórica na região, mesmo que sem se alinhar claramente a correntes teóricas definidas. Sua contribuição museológica e erudita, e o isolamento científico decorrente dela, influenciam diretamente a atuação de seu discípulo na Bahia, como será demonstrado mais à frente. Para Virgilio Fernández Acebo, os agentes associados à arqueologia e aos estudos históricos em Santander na década de 1940, foram deliberadamente apagadas da história “[...] devido a qualquer uma das muitas eventualidades que surgem em situações de

⁵¹⁶ Moure Romanillo, 1995. Original em Espanhol: (...) *sumida en un profundo aislamiento, que forzosamente hubo de incidir en su falta de integración en la comunidad científica y en las corrientes teóricas de la época.*

⁵¹⁷ Por exemplo Costa, 2016 e 2019; Etchevarne, 2007 e 2015; Nascimento, 2010.

guerra, eles foram rebaixados, desclassificados ou desapareceram”.⁵¹⁸ Parece que o autor denuncia o apagamento deste período da história das pesquisas pelo alinhamento dos personagens ao franquismo. No manuscrito “Museo Prehistorico de Santander” de Carballo, transcrito e comentado por Ignacio Tapia e Virgilio Acebo, é possível ler que: “No glorioso e feliz dia 27 de agosto de 1937, às nove da manhã, as tropas de Franco entraram triunfantemente em nossa cidade. (...) Um novo regime começou na Montanha com a alegria típica do caso”.⁵¹⁹

Dr. Carballo já estava com idade avançada e parou de ir a campo a partir de 1945. Em suas memórias, Carballo não cita as pesquisas desenvolvidas por Calderón (embora elas sejam mencionadas por outros pesquisadores), mas há correspondências enviadas por Calderón já no Brasil, além de uma série de recortes de jornais com matérias escritas por Carballo que atestam uma estreita ligação entre eles.⁵²⁰ Durante seu tempo no museu, Valentin Calderón de la Vara, desenvolveu trabalhos nas cavernas cantábricas de Altamira, El Castillo, La Pasiega, El Pendo, Celagua e Meaza, entre 1940 e 1949.⁵²¹ Segundo o próprio Calderón, em seu *curriculum*, ele chegou a escrever artigos sobre as incursões arqueológicas para os jornais franquistas “*Alerta*” e *Comillas* entre os anos de 1944 e 1948.⁵²² Segundo Benito Madriaga de la Campa:

Na parte central da caverna de La Meaza, ele encontrou um dos primeiros locais de sepultamento citados na literatura da Montaña. Durante esses anos, Calderón de la Vara realizou uma exploração ativa, não só das cavernas, mas também dos castros de Piedras Negras, El Castillo, Pico Jana, etc., e um estudo das torres de Estrada, Obeso, Las Cuevas e del Tejo.⁵²³

As pesquisas desenvolvidas por Calderón no sítio *La Meaza*, e sua publicação já do Brasil (em 1955), com certeza foram as responsáveis pela sobrevivência do nome Calderón de la Vara

⁵¹⁸ Fernández Acebo, 2003, p.8. Original em espanhol: (...) *por cualquiera de las múltiples eventualidades que confluyen en situaciones de guerra, quedaron relegados, descalificados o desaparecieron del Santander de los años 40.*

⁵¹⁹ Tapia e Acebo, 2019, p. 31. Original em espanhol: *El glorioso y feliz día, 27 de agosto del año 1937, a las nueve de la mañana, entraban triunfantes las tropas de Franco en nuestra ciudad. (...) Comenzaba un nuevo régimen en la Montaña con la alegría propia del caso”.*

⁵²⁰ Fernández Acebo, 2023.

⁵²¹ Calderón de la Vara, 1955. Madriaga de la Campa, 1972.

⁵²² Pasta funcional de Valentin Calderón, Arquivo FFCH.

⁵²³ Madriaga de la Campa, 1972 , p. 100-101. Original em espanhol: *En la cueva de La Meaza encontró, en la parte central de ella, unos de los primeros enterramientos que se citan en la bibliografía montañesa. Calderón de la Vara realizó en esos años una activa exploración, no solo de las cuevas, sino también de los castros de Piedras Negras, El Castillo, Pico Jana, etc., y un estudio de las torres de Estrada, Obeso, Las Cuevas y del Tejo.*

entre as referências na arqueologia espanhola até os dias atuais (Figura 53).⁵²⁴ Parte destas foram realizadas com o padre jesuíta Valeriano Anderez, catedrático da Antropologia da *Universidad de Comillas*, que também publicou parte dos resultados em 1953.⁵²⁵

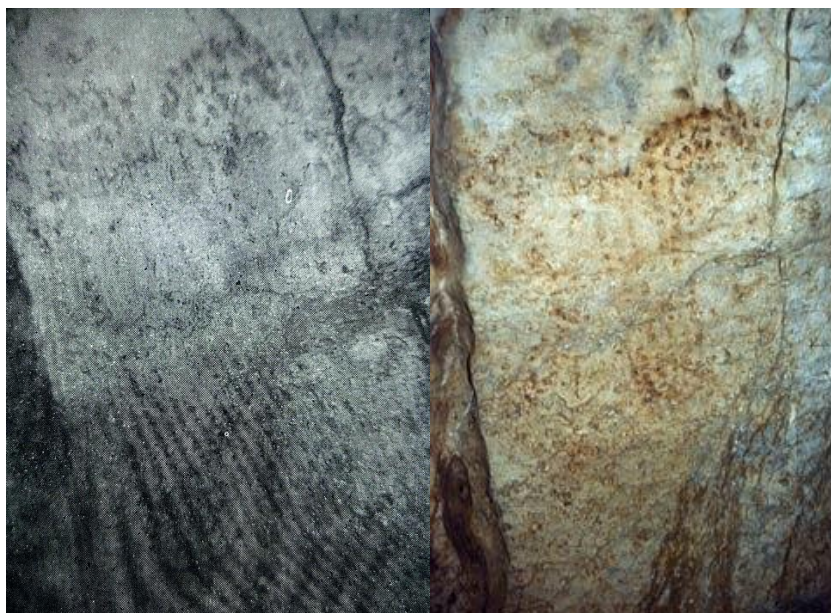


Figura 53: Pintura rupestre do sítio Cueva de la Meaza publicada por Calderón em 1955 (a esquerda); Foto da mesma pintura publicada no site ‘Turismo de Cantábria’. Fonte: Calderón, 1955/ <https://turismodecantabria.com/lugar-interes/cueva-de-la-meaza/#>

O sítio Cueva de la Meaza foi catalogado por Hermilio Alcalde del Rio, em 1907, escavado por Calderón de la Vara a partir de 1945, com a participação de Valeriano Anderez nas campanhas a partir de 1946. Nesse momento, apesar de não ter nenhuma formação acadêmica, Calderón de la Vara é citado pelo professor da Universidad de Comillas como “arqueólogo ativo e perspicaz”,⁵²⁶ demonstrando que no período, a validação formativa não era obrigatória para o reconhecimento. As publicações de Calderón sobre o sítio foram feitas no jornal *Alerta*, periódico diário criado pelo governo do general Franco na cidade.⁵²⁷ Calderón de la Vara reporta:

⁵²⁴ Fernandez-Tresguerres Velasco, 1980; Fernandez-Tresguerres Velasco, 1994; Díez Herrera; 1995; Bolado Del Castillo, 2015.

⁵²⁵ Valeriano Anderez, 1953.

⁵²⁶ *Ibidem*, p. 216. Original em espanhol: “activo y perspicaz arqueólogo”.

⁵²⁷ Sobre o assunto ver CENSO-GUÍA DE ARCHIVOS DE ESPAÑA E IBEROAMÉRICA.

[...] exploramos o vestíbulo e parte do fundo, resultando na descoberta de um nível, possivelmente asturiano, completamente desprovido de qualquer indústria que servisse para catalogá-lo com precisão, rico em restos de moluscos e ossos quebrados. Na entrada, é possível observar grande quantidade de ossos, conchas e resíduos de carvão presos à parede rochosa, fossilizados em forma de crostas, vestígios seguros do sambaqui que ali existiu. Também coletei pedaços de cerâmica provavelmente celta (altura dos castros). No meio da caverna, encontramos um túmulo, único até hoje na província, segundo nossas informações. Consiste em um nicho com piso mais baixo que o da caverna, coberto em três lados por grandes pedras dispostas verticalmente e pilhas de outras menores. O esqueleto estava em grande desordem, embora acreditemos poder afirmar que, em sua posição original, ele estava deitado sobre o lado direito, com as pernas dobradas, como ainda é feito entre algumas tribos da Austrália e da África do Sul. A localização de alguns ossos e o tamanho do nicho nos fazem pensar dessa forma. É uma pena que, em um assunto tão importante como a posição do cadáver, nada possa ser afirmado definitivamente.⁵²⁸

Para Calderón de la Vara, o sepultamento encontrado teria sido vandalizado ainda em períodos pré-históricos.⁵²⁹ Valeriano Anderez usou os dados levantados por Calderon, além dos obtidos por ele, para concluir que a caverna possuía vestígios arqueológicos de 4 períodos culturais característicos da arqueologia europeia “[...] uma estação essencialmente aziliense com alguns vestígios pictóricos quase certamente magdalenense, possíveis sobreposições ou, pelo menos, influências secundárias asturienses asturianas e com alguns resíduos provavelmente eneolíticos”.⁵³⁰

Em 3 de setembro de 1949, Calderón de la Vara é mencionado na reunião semanal do Centro de Estudios Montañeses, por Dr. Jesus Carballo, por ter descoberto um esqueleto fossilizado e uma lança polida de chifre. Complementa “[...] concorda-se em convidar o descobridor a nos

⁵²⁸ Calderón de la Vara *apud* Valeriano Anderez, 1953, p. 216-217. Original em espanhol: *En investigaciones sucesivas, exploramos el vestíbulo y parte del fondo, dando por resultado el hallazgo de un nivel, posiblemente ASTURIENSE, falto en absoluto de industria que sirva para catalogarlo de forma precisa, rico en restos de moluscos y huesos partidos. En la entrada adheridos a la pared rocosa pueden verse gran cantidad de huesos, cáscaras y residuos de carbón vegetal, fosilizados en forma de costrones, huellas seguras del conchero que allí existió en algún tiempo. También recogí trozos de cerámica probablemente céltica (altura de los castros). En la parte media de la caverna, encontramos un sepulcro, único, hasta la fecha, de la provincia, según nuestras noticias. Está formado por un nicho cuyo fondo tiene un nivel más bajo que el de la caverna, tapado por tres de sus lados por grandes piedras colocadas en sentido vertical y amontonamientos de otras más pequeñas. El esqueleto yacía en gran desorden, aunque creemos poder afirmar que, en su posición primitiva, estuvo recostado sobre el lado derecho y con las piernas dobladas como hacen aún entre algunas tribus de Australia y Africa del Sur. Nos hace pensar así la situación de algunos huesos y el tamaño del nicho. Es lástima que, en una cuestión de tanta importancia, como es la posición del cadáver, no se pueda afirmar nada de manera rotunda.*

⁵²⁹ Calderón de la Vara, 1955.

⁵³⁰ Valeriano Anderez, 1953, p. 232. Original em espanhol: (...) *una estación esencialmente azilense, con algún vestigio pictórico casi ciertamente magdalenense, posibles superposiciones o, al menos, influencias asturienses secundarias y con algunos residuos probablemente eneolíticos.*

contar sobre essa descoberta”.⁵³¹ Contudo, não foram encontradas evidências conclusivas sobre a realização - ou não - desta apresentação. Este episódio coincide com um momento crucial na trajetória do pesquisador. Poucos meses depois, em 24 de novembro de 1949, Calderón dava início aos preparativos para uma mudança radical: a obtenção de seu passaporte marcava o primeiro passo formal de um projeto migratório planejado como viagem sem retorno. Sua preparação incluiu, em 28 de dezembro do mesmo ano, uma visita ao Consulado Geral do Brasil em Barcelona, para adquirir um visto “permanente”, onde permaneceu até 06 de janeiro de 1950, quando embarcou na segunda classe do navio italiano SS. Conte Grande, com destino ao Rio de Janeiro (Figura 54).⁵³²

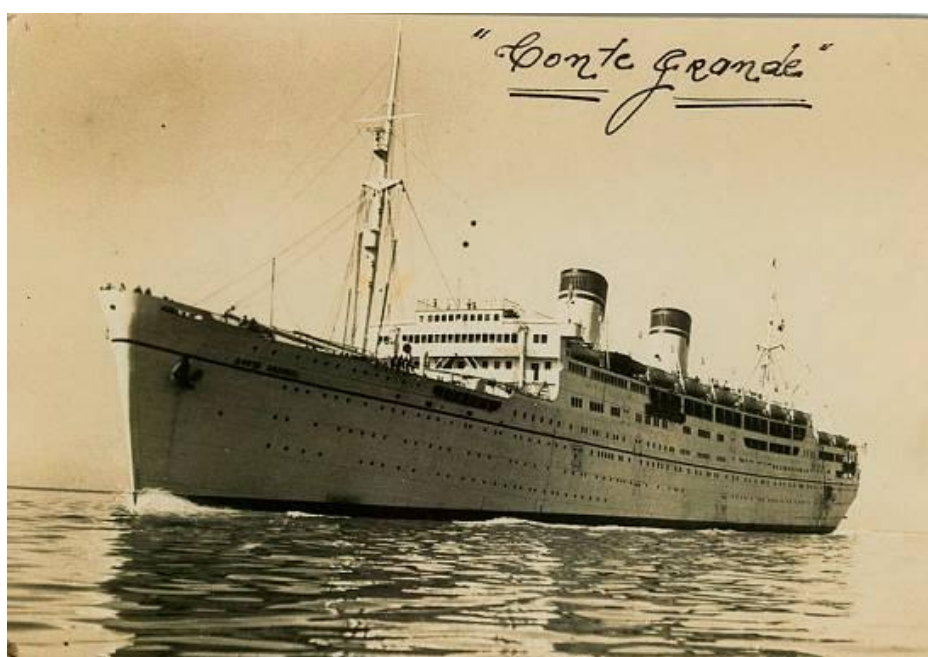


Figura 54: O Conte Grande, em cartão postal de 1950 Fonte: Novo Milênio, s.d

Segundo Thales de Azevedo naquela mesma nota de jornal, sua vinda ao Brasil decorria da oportunidade de ser representante comercial de uma empresa espanhola.⁵³³ Contudo, em seu passaporte e em sua cédula de identificação do consulado brasileiro em Barcelona, que utilizou

⁵³¹ Acta *apud* Fernández Acebo, 2003, p. Original em espanhol: *Se acuerda invitar al descubridor para que nos hable de ese descubrimiento.*

⁵³² Relação de passageiros do vapor Conte Grande (RV 508). Arquivo Nacional BR RJANRIO OL.0.RPV, PRJ.36675 — Dossiê.
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/0/RPV/PRJ/36675/BR_RJANRIO_OL_0_RPV_PRJ_36675_d0001de0001.pdf

⁵³³ Thales de Azevedo em coluna no Jornal A TARDE em 1995. Fonte: Arquivo Pessoal de Valentin Calderon. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

para deixar Espanha, a profissão enunciada é a de ‘Técnico Carpinteiro’ e ‘Marceneiro-Carpinteiro’ respectivamente (Figura 55).⁵³⁴ Embora as motivações não tenham sido propriamente identificadas nas fontes, é fato que Valentin Calderón de la Vara desembarca no Rio de Janeiro, no navio italiano, no dia 17 de janeiro de 1950 e, no mesmo ano adquire sua identidade estrangeira, já em Salvador, no dia 03 de julho.



Figura 55: Cédula Brasileira de Identidade de Estrangeiros de Valentin Calderón, indicando sua ida ao Brasil em caráter permanente. Fonte: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón, MAE/UFBA.

⁵³⁴ Passaporte e Cédula de identificação do consulado brasileiro em Barcelona Arquivo Pessoal de Valentin Calderon. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia

5.1.2. Chegada a Salvador (1950-1960)

Salvador foi um dos principais centros imigratórios de espanhóis no século XX, junto com Rio de Janeiro e Santos. É importante destacar que Salvador possui uma das maiores colônias espanholas do Brasil: 7.737 espanhóis migraram para Salvador, entre os anos 1883 e 1950, a maioria deles vindo da Galícia. “Em Salvador, porém, o movimento de entrada seria bem peculiar. Os espanhóis que se dirigiram para a capital baiana não participavam dos programas de imigração. Chegavam com emprego garantido, chamados por patrícios e parentes ali estabelecidos, proprietários bem-sucedidos de pequenos estabelecimentos comerciais, bares e hotéis”.⁵³⁵

Segundo Thales de Azevedo, “[...] esse Espanhol, muito orgulhoso de sua origem em Santander, iniciou sua vida baiana no comércio como representante de uma firma de sua terra”.⁵³⁶ A documentação disponível sobre este período é limitada, mas os registros existentes indicam uma fase de considerável instabilidade. Entre 1950 e 1956, Calderón mudou-se pelo menos cinco vezes de residência (Figura 56) e três vezes de endereço comercial. Esta marcante mobilidade geográfica sugere tanto dificuldades econômicas quanto um processo de busca por melhores oportunidades e adaptação ao novo contexto. As frequentes mudanças podem ser interpretadas como reflexo das estratégias de um imigrante em construção de suas redes sociais e profissionais na Bahia.

⁵³⁵ IBGE <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>

⁵³⁶ Thales de Azevedo em coluna no Jornal A TARDE em 1995. Fonte: *Arquivo Pessoal de Valentin Calderon*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

RESIDÊNCIA (R) EMPREGO (E)		
DATA	R/E	LOCAL
3-7-50	R	Rua Sete Setembro, n.º 128
	E	Rua Quinze de Novembro, n.º 15
	R	Praca da Bandeira, N.º 15
	E	Rua Mazzini, N.º 167
	R	Vendedoras, N.º 48

* Valentin Calderón
Pensão Glória — Rua Monte Alverne, 11 — Salvador-Bahia

Figura 56: Detalhe da cédula de identidade brasileira de estrangeiros com mudanças de endereço de Valentin Calderón (acima); Recorte da página 6 das Atas da II reunião de Antropologia Brasileira, onde consta outro endereço (abaixo).

Este período de transição, pouco documentado em seu arquivo, representa uma lacuna importante para a compreensão da trajetória de Calderón. A passagem pelo comércio, embora aparentemente distante de suas atividades acadêmicas posteriores, provavelmente contribuiu para sua inserção na sociedade baiana e para a formação de redes de contato que seriam fundamentais em sua carreira posterior. A análise desta fase inicial é crucial para entender tanto as estratégias de sobrevivência de intelectuais imigrantes quanto os caminhos, muitas vezes sinuosos, que levam à consolidação profissional no campo acadêmico.

Sobre a aproximação de Calderón com a elite cultural da Bahia, uma hipótese que parece encontrar suporte na documentação é que não se deu inicialmente pela arqueologia, mas pelo Instituto de Cultura Hispânica da recém-criada Universidade da Bahia (UBa). A Uba foi criada em 1946, através da união de várias escolas isoladas, graças a atuação de Edgar Santos, seu primeiro reitor. Edgar Santos apostou todas as fichas nas áreas culturais da Universidade, o que gerou um período apelidado de por Antônio Risério de “ilustração baiana”.⁵³⁷ Ao se deparar em uma Salvador ‘*avant-garde*’, como definiu Antônio Risério,⁵³⁸ Calderón que estava acostumado a frequentar o Centro de Estudos Montañeses, encontrou no Instituto Cultural

⁵³⁷ Risério, 1995.

⁵³⁸ *Ibidem*.

Hispânico uma maneira de continuar próximo de discussões acadêmicas, inclusive publicando em 1954, na revista do Instituto, intitulada “*Campanas de España*” sobre Salamanca e *Frei Bartolomeu de las Casas* em defesa aos direitos do Homem (Figura 57).⁵³⁹

Essa inserção intelectual de Calderón se deu em um cenário em que a presença de pesquisadores estrangeiros já havia consolidado Salvador como um espaço privilegiado para investigações antropológicas, sobretudo em torno da cultura afro-brasileira e das relações raciais. Como mostra Livio Sansone, Salvador funcionou como uma verdadeira *Estação etográfica*, atraindo nomes como Donald Pierson, Ruth Landes, Lorenzo Dow Turner, E. Franklin Frazier e Melville Herskovits, cujos trabalhos ajudaram a internacionalizar o debate sobre a herança africana no Brasil⁵⁴⁰. O autor demonstra, portanto que a institucionalização das ciências sociais na Bahia foi marcada por sucessivas ondas de cooperação internacional.

No ano de 1955, Salvador recebe a II Reunião de Antropologia Brasileira, reunião essa que viria a formalizar a criação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Encabeçada por Thales de Azevedo, o encontro contou com nomes relevantes no cenário das ciências sociais do Brasil como Luiz Castro Farias, Darcy Ribeiro, Egon Schaden, Pierre Verger e Carlos Ott, professor da Faculdade de Filosofia, cuja fala, inclusive, fazia referência à arqueologia na Bahia. Calderón de la Vara apresentou duas conferências sobre pesquisas desenvolvidas por ele ainda em Espanha.⁵⁴¹ É nesse encontro que se inicia a parceria Thales de Azevedo-Calderón que perdurará pelos próximos 15 anos. Thales de Azevedo, além de professor da UFBA era também professor da Universidade Católica de Salvador, instituição pela qual Calderón vai obter seu diploma de nível superior em História e Geografia no ano de 1959 (Figura 58).⁵⁴²

⁵³⁹ *Arquivo Pessoal de Valentin Calderon*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

⁵⁴⁰ Sansone, 2022 e 2023.

⁵⁴¹ Calderón de la Vara, 1955.

⁵⁴² Diploma de Licenciatura em Geografia e História, de Valentin Calderon de la Vara. *Arquivo Pessoal de Valentin Calderon*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia



Figura 57: Revista Campanas de España com artigo de Valentin Calderón: Fonte: Arquivo Pessoal Valentin Calderón, MAE/UFBA.



Figura 58: Diploma de Licenciatura em Geografia e História, de Valentin Calderon de la Vara. Fonte: Arquivo Pessoal de Valentin Calderon. MAE/UFBA.

As conferências de Calderón, intituladas ‘Contribuições ao Estudo das Pinturas Rupestres Epipaleolíticas’ e ‘Um Castro Céltico em Peña Castillo’, não aparecem, contudo, nos Anais da reunião. Na introdução da publicação, é possível ver que essa ausência se justifica por “[...] possuírem [os textos] interesse mais ibérico que brasileiro”, seguido da recomendação de serem

publicados em revistas especializadas da região.⁵⁴³ No entanto, Calderón publica, ainda em 1955, seus dois textos em livro a parte, pela Faculdade Católica de Filosofia da Bahia (Figura 59).⁵⁴⁴

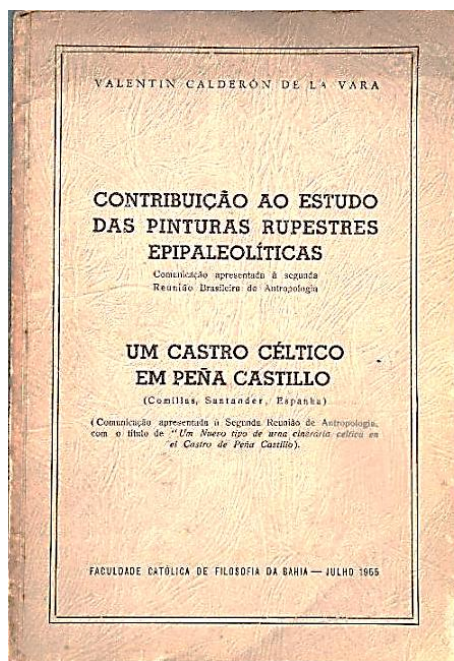


Figura 59: Capa do livro com conferências de Calderón de la Vara na II Reunião Brasileira de antropologia, publicado pela Universidade Católica.

A aproximação entre Calderón e Thales de Azevedo foi decisiva para a consolidação de sua trajetória na Bahia. Azevedo chegou a afirmar: “[...] honro-me de ter sido um dos que descobriram nesse discreto comerciante um arqueólogo de formação na Espanha e de o haver trazido para a vida universitária”.⁵⁴⁵ Esse reconhecimento (e um certo apadrinhamento) por parte de uma figura influente no meio intelectual baiano foi fundamental para a inserção de Calderón no circuito acadêmico local, com destaque para a Universidade Federal da Bahia (Chamada na época Universidade da Bahia). No fim da década de 1950, a UFBA já ocupava um lugar de destaque na sociedade baiana.

⁵⁴³ Anais, 1955.

⁵⁴⁴ Calderón de La Vara, 1955.

⁵⁴⁵ Thales de Azevedo em coluna no Jornal A TARDE em 1995. Fonte: *Arquivo Pessoal de Valentin Calderon*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

5.2 A UNIVERSIDADE DA BAHIA E O INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

A trajetória da Universidade Federal da Bahia começa ainda nos tempos coloniais, entrelaçada com os primeiros capítulos da história do ensino superior no Brasil. Seu primeiro capítulo passa pelo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, um “lugar persistente” acadêmico e de produção científica no Brasil.⁵⁴⁶ Desde 1551, embora não fosse oficialmente uma universidade, funcionava como tal, “[...] ao modo de Lisboa’, [e] vem a se tornar a principal escola, após 1556, possuindo os chamados ‘cursos elevados’”.⁵⁴⁷ Silenciosamente, nas frestas institucionais e culturais, ajudou a forjar práticas, saberes e redes que escapam às narrativas oficiais, mas que influenciaram profundamente a nascente sociedade baiana e brasileira até 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Império português. No mesmo lugar, no coração de Salvador, foi fundada em 1808 a Escola de Cirurgia da Bahia, criada por Dom João VI após a transferência da Corte portuguesa para o Brasil — trazendo, enfim, o tão ansiado título de ensino superior para o território brasileiro.

Renomeada em 1832 para Faculdade de Medicina da Bahia, esta instituição ocupou, desde o início, uma posição central na formação da elite intelectual baiana e nacional. Além de formar médicos, também funcionou como um espaço privilegiado de circulação de ideias científicas, filosóficas e políticas. Ao longo do século XIX e início do XX, muitos dos seus egressos ocuparam posições de destaque na vida pública, seja na medicina, na política ou nas letras, contribuindo para a consolidação de uma elite letrada, articulada aos projetos de modernização e à construção de uma identidade baiana. A Faculdade de Medicina tornou-se, assim, um dos principais núcleos de produção e difusão do saber no Brasil imperial e da primeira república, exercendo um papel que transcendeu a formação técnica e alcançava as esferas simbólicas do prestígio social e da autoridade intelectual, tornando-se três escolas: Medicina, Farmácia e Odontologia.⁵⁴⁸

⁵⁴⁶ O conceito de 'lugar persistente' (*persistent place*) é utilizado por arqueólogos para descrever lugares que foram usados repetidamente ao longo do tempo. Usado pela primeira vez por Sara Schlanger (1992), está sendo extrapolado aqui para ajudar a lançar luz no prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, instalada no antigo Colégio dos Jesuítas, como um 'lugar persistente' de produção científica em Salvador desde o século XVI.

⁵⁴⁷ Universidade Federal da Bahia, Departamento Cultural da Reitoria, 2016, p.14.

⁵⁴⁸ *Ibidem*.

Outras iniciativas de nível superior na Bahia, ainda no século XIX, foram a Academia de Belas Artes (1877), A Faculdade de Direito (1891) e o Instituto Politécnico da Bahia (1897).⁵⁴⁹ No século XX, se juntaram a essas unidades, a Escola Comercial da Bahia (1905), que deu origem a Faculdade de Economia; e a Faculdade de Filosofia, fundada em 1941. Esta última, “[...] talvez seja o acontecimento que, basicamente, melhor simbolizaria, no período logo anterior à criação a amplificação atingida pelos cursos superiores frente às necessidades baianas”.⁵⁵⁰

O patrono da Faculdade de Filosofia foi Isaias Alves, um católico fervoroso, integralista, formado pela Faculdade de Direito da Bahia, irmão de Landulpho Alves, então interventor federal no estado. Ainda que institucionalmente laica, a Faculdade não se desvinculou de influências da Igreja, expressando a continuidade de uma tradição formativa pautada pelo autodidatismo e por valores humanistas. Segundo Isaias Alves, caberia a essa nova instituição “[...] preparar professores para o ensino secundário e cooperar no desenvolvimento da cultura”.⁵⁵¹ Ruy Simões, ao analisar a trajetória da Faculdade em *A Faculdade de Filosofia e sua identidade perdida*, salienta o caráter ambicioso do projeto, destacando sua estrutura inicial composta por quatro grandes seções — Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia — distribuídas em doze cursos de graduação, com ênfase tanto na licenciatura quanto no bacharelado.⁵⁵²

Ainda segundo Simões, o corpo docente da nova faculdade teria sido formado majoritariamente por professores da própria região — a chamada “prata da casa”. De acordo com o autor, cerca de 40% dos professores tinham formação em Medicina, 27% em Engenharia, 18% em Direito e 15% eram oriundos das humanidades, tanto do campo religioso quanto leigo. Essa composição revelava uma certa fragilidade na especialização disciplinar, dificultando a construção de uma identidade acadêmica sólida.

Aparentemente a Faculdade de Filosofia da Bahia teve, já de saída, duas cadeiras de Antropologia e Etnografia: uma ocupada por Thales de Azevedo, médico; e outra ocupada por Karl Borromaeus Ott (1908-1997), frei alemão que ficou conhecido no Brasil como Carlos Ott ou Frei Fidélis. Vanessa Silva, em seu livro *No embalo das redes*, faz uma prosopografia dos professores fundadores da Faculdade de Filosofia sem, no entanto, incluir Carlos Ott em seu

⁵⁴⁹ Para mais informações acerca da história dessas faculdades consultar Sepúlveda (2022) para Belas Artes; Rocha (2023) para Direito e Costa (2003) para a politécnica.

⁵⁵⁰ Universidade Federal da Bahia, Departamento Cultural da Reitoria, 2016, p.43.

⁵⁵¹ Alves, 1943, p. 5.

⁵⁵² Simões, 1990.

estudo, o que parece indicar que ele fora incorporado depois.⁵⁵³ Entretanto, em depoimento na introdução de seu livro *As culturas pré-históricas da Bahia*, Ott indica que fora convidado por Isaias Alves já na fundação da Faculdade.⁵⁵⁴ Fato que fica implícito também por Thales de Azevedo o mencionar em seu texto *Primeiros Mestres da Antropologia nas Faculdades de Filosofia*, de 1983:⁵⁵⁵

[...] uma das duas cadeiras de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Filosofia da Bahia é confiada a Frei Fidelis (Carlos) Ott O. F. M., doutor em Teologia por Universidade alemã. A escolha de teólogos como se verá a respeito de médicos — justificava-se pela incidência dos estudos filosóficos e teológicos sobre o Homem, numa Antropologia filosófica. [...] Em 1943, entretanto, optou-se por uma solução adotada por diversas outras Faculdades, isto é, pelo recrutamento de seus docentes na classe médica.⁵⁵⁶

Na década de 1930, a criação das Universidades de São Paulo (USP), em 1934; e do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, em 1935, reacendeu o desejo de ter uma também na Bahia, em oposição às faculdades atomizadas, como ressaltou Thales de Azevedo.⁵⁵⁷ No Estado Novo, uma universidade como planejada por Anísio Teixeira, para ser um lugar de investigação e de produção de conhecimento, com liberdade e autonomia, não vingou. A UDF foi substituída pela Universidade do Brasil, em 1937, cujo decreto-lei não faz menção à autonomia.⁵⁵⁸

Com o fim do Estado Novo, em 1945, o país entra em um novo capítulo de sua história. O novo presidente Eurico Dutra nomeou como Ministro da Educação o professor e médico Ernesto de Souza Campos, que pessoalmente se comprometeu em fundar a sonhada universidade na Bahia. Nessa altura Edgard Santos era o Diretor da Faculdade de Medicina há quase dez anos. Como diretor, Santos se empenhou em construir o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Bahia e o complexo de medicina do Canela, além de garantir para a Faculdade terrenos onde pudesse receber uma universidade no futuro.⁵⁵⁹

⁵⁵³ Silva, 2024.

⁵⁵⁴ Ott, 1993, p. 1.

⁵⁵⁵ Azevedo, 1983.

⁵⁵⁶ *Ibidem*, p. 260-261.

⁵⁵⁷ Azevedo, 1991.

⁵⁵⁸ Fávero, 2006.

⁵⁵⁹ Santos, 2008.

No ano seguinte, finalmente “[...] chegara o instante pedido, esperado e negado por quase quatro séculos”.⁵⁶⁰ No dia 08 de abril de 1946, o Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, assina o Decreto-Lei nº 9.155 que cria a Universidade da Bahia, através da união das Faculdades de Ensino Superior: Faculdade de Medicina e Escolas anexas de Odontologia e de Farmácia; Faculdade de Direito; Escola Politécnica; Faculdade de Filosofia e Faculdade de Ciências Econômicas.⁵⁶¹

Mais uma vez, o edifício do Terreiro de Jesus – que outrora sediara o Colégio dos Jesuítas – assume um papel simbólico de destaque. É ali que se instala a Reitoria da recém-criada Universidade da Bahia, com a posse do diretor da Faculdade de Medicina como primeiro reitor, em 2 de julho de 1946. De acordo com Rita de Cássia Aragão, as ações do reitor não seguiram um plano previamente estruturado; pelo contrário, muitas das decisões de Edgard Santos teriam sido tomadas de forma contingente, orientadas por ideais bastante pessoais.⁵⁶² Essa condução singular conferiu contornos específicos àquele que viria a se tornar “[...] o principal projeto cultural da Bahia no século XX”.⁵⁶³

Para André Mattedi Dias, “[...] durante a gestão de Edgard Santos, a UBa participou destacadamente de um período muito dinâmico da história baiana, quando movimentos políticos, econômicos, artísticos e científicos produziram profundas repercussões no estado”.⁵⁶⁴ Antônio Risério, sociólogo e antropólogo baiano, dedicou parte significativa de sua obra à análise da gestão de Edgard Santos na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em seu livro *Avant-garde na Bahia*, Risério retrata o primeiro reitor da UFBA como um visionário que integrou arte, ciência e cultura para modernizar a Bahia.⁵⁶⁵ Ele destaca que Edgard Santos via a universidade como o centro da efervescência cultural, trazendo artistas e intelectuais de vanguarda para compor o corpo docente e promover eventos culturais de destaque nas escolas de Teatro, de Música e de Dança, as primeiras de seus tipos das universidades brasileiras. Essa abordagem transformou a UFBA em um polo de inovação cultural, influenciando movimentos como o Cinema Novo e a Tropicália.

⁵⁶⁰ Universidade Federal da Bahia, Departamento Cultural da Reitoria, 2016, p.44.

⁵⁶¹ Brasil, 1946.

⁵⁶² Aragão, 2016, p. 62.

⁵⁶³ Boaventura, 1991, p.19.

⁵⁶⁴ Dias, 2005, p. 128.

⁵⁶⁵ Risério, 1995.

Entre as ações que deram destaque a Universidade da Bahia na década de 1950, está inclusa criação do que Lídia Maria Toutain, Marilene Abreu e Aida Varela chamaram de “[...] organismos extensionistas que se abrissem para a sociedade e para o aperfeiçoamento contínuo dos profissionais saídos de suas salas de aula”,⁵⁶⁶ como a Casa da França (ou Instituto Franco-Brasileiro), Instituto de Estudos Norte-Americanos, o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) sugerido e dirigido por Agostinho da Silva e o Instituto de Cultura Hispânica (ICHUB), responsável por atrair Valentin Calderon para a Universidade. É também esse o período que a Universidade da Bahia vai receber uma série de congressos importantes, como o 1º Congresso de Língua Falada no Teatro (1956), em 1959, o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1959), e o Congresso de Antropologia Brasileira (1955) que criou a Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Nesse contexto, para esta pesquisa importa entender – ainda que brevemente – a trajetória de Thales de Azevedo e a posição que ele ocupava na Universidade.⁵⁶⁷ Médico formado na Faculdade de Medicina da Bahia, Azevedo iniciou sua carreira no Ensino ainda como assistente dos cursos de Farmácia e Medicina de forma voluntária.⁵⁶⁸ Segundo Maria Brandão, Thales liderou, em 1942-43, a criação da Escola de Serviço Social da Bahia, na Universidade Católica do Salvador, onde foi diretor entre 1944 e 1954 e professor até 1967. Mas ainda de acordo com a autora, “os marcos decisivos” de sua carreira foram o convite de Isaias Alves para integrar o corpo docente da recém-criada Faculdade de Filosofia em 1943 (onde permaneceu até sua aposentadoria em 1969) e o convite para escrever *Povoamento da Cidade do Salvador* (1949), no contexto das comemorações do IV Centenário da cidade, obra que consolidou sua reputação nacional como intelectual e pesquisador, sobretudo como antropólogo social.

Segundo Marcos Chor Maio:

Em 1949, após a publicação do livro *O Povoamento*, houve uma guinada na carreira de Thales de Azevedo, com a sua inserção no projeto *Columbia University/Estado da Bahia* e na pesquisa da UNESCO. Nesse momento, sua condição de antropólogo social se consolida⁵⁶⁹.

⁵⁶⁶ Toutain, Abreu e Varela, 2011.

⁵⁶⁷ Para avaliações mais aprofundadas sobre o pesquisador ver Sangiovani (2018), Maio (2017) e Brandão (2005).

⁵⁶⁸ Ficha Funcional de Thales de Azevedo, NDI UFBA.

⁵⁶⁹ Maio, 2017, p. 95.

A experiência à frente do projeto Columbia-Bahia, à convite de Anísio Teixeira e trabalhando com Charles Wagley, fez com que Azevedo mobilizasse seus entendimentos de ‘raça’ e ‘anticomunismo’, que Ricardo Sangiovanni identificou como “[...] claramente articulados no discurso de Thales, funcionando a primeira como móvel do segundo – que por sua vez, ancorava-se em sua visão de mundo católica em uma atuação política guiada pela Igreja”.⁵⁷⁰ Cabe aqui um breve comentário acerca do catolicismo, que parece ter sido uma das vias de aproximação entre Azevedo e Calderón. Sangiovanni destaca que “[...] o catolicismo era um elemento estruturante da visão de mundo de Thales”, mesmo comentário pode ser feito a respeito de Calderón.⁵⁷¹

O Convenio Columbia-Bahia, abriu portas para Thales, que fora convidado em 1959 para ministrar uma disciplina na *Wisconsin University*, demonstrando o “[...] quão bem-posicionado o antropólogo baiano no mapa da academia brasileira que circulava no campo norte-americano das ciências sociais”.⁵⁷² Também a convite de Anísio Teixeira, Azevedo estava inserido na máquina estatal, especificamente na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. É nessa década, talvez influenciado pelo modo de fazer ciência social americano, que Thales de Azevedo vai idealizar a criação de um Instituto voltado para a pesquisa para as ciências humanas, embora só tenha se concretizado em 1962. Como observa Livio Sansone, Thales de Azevedo figurava entre os intelectuais baianos que davam continuidade à tradição de cooperação internacional.⁵⁷³

Ao chegar dos Estados Unidos, Thales incorporou Valentin Calderón - agora já licenciado pela Universidade Católica de Salvador - à sua cadeira de Antropologia, o que deu início a uma intensa movimentação no campo da arqueologia na Bahia. No dia 26 de junho de 1960, Calderón identificou o sítio arqueológico, que soube da existência através do livro *Contribuições para a geologia do petróleo no Recôncavo (Bahia)*, de Sylvio Froes Abreu, Glycon de Paiva; e Irnack do Amaral.⁵⁷⁴ Em seção específica, intitulada *Sambaqui de Piripiri*

⁵⁷⁰ Sangiovanni, 2018, 127.

⁵⁷¹ *Ibidem*, p. 129.

⁵⁷² *Ibidem*, p. 200.

⁵⁷³ Sansone, 2022, 2023

⁵⁷⁴ Froes Abreu, Paiva e Amaral, 1936.

Sylvio Froes Abreu descreve o sítio arqueológico, sua localização e alguns de seus vestígios (Figura 60):⁵⁷⁵

Consta este sambaqui duma camada de conchas e demais restos de cosinha, misturados á terra preta, ocupando uma área de cerca de 100 mq e uma espessura máxima de 3 metros. O sambaqui repousa sobre os folhelhos arenosos e delles se distingue facilmente. Com um pequeno exame, logo encontramos um craneo humano que se fragmentou, em nossas mãos. Vimos também muitos pedaços de ceramica rustica, sem desenhos, fragmentos pequenos de carvão de madeira, espinhas e vertebrae de peixes, carapaças de crustáceos e grande copia de conchas de moluscos.⁵⁷⁶

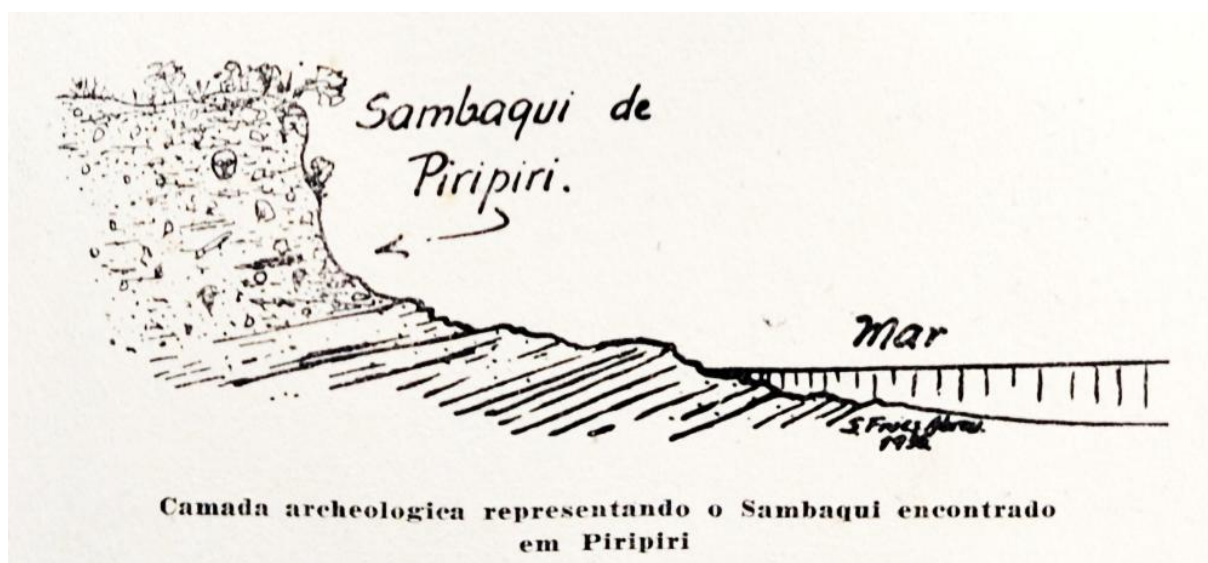


Figura 60: Croqui do Sambaqui da Pedra Oca, chamado aqui de Sambaqui de Piripiri por Sylvio Froes Abreu. Fonte: Froes Abreu, 1936, p. 53.

Sylvio Froes Abreu, que em 1928 estudou os sambaquis do estado do Rio de Janeiro, observou que o sambaqui de Periperi “[...] não difere dos pequenos sambaquis do Rio de Janeiro”. Além deste sítio especificamente identificado, o autor menciona que “[...] na Estação Almeida Brandão, observam-se camadas recentes com grande números de conchas [...] presença constante de carvão e madeira, o que nos leva a admitir esses depósitos como antigos sambaquis”.⁵⁷⁷ Essas observações indicam que o sambaqui de Periperi não constitui um caso isolado, mas integra um conjunto mais amplo de vestígios arqueológicos, sugerindo a existência de um contexto regional de ocupação sambaqueira.

⁵⁷⁵ Froes Abreu, 1936 p. 53.

⁵⁷⁶ *Ibidem*, p. 54.

⁵⁷⁷ *Ibidem*, p. 36.

De posse dessas informações, e seu título de licenciado em História e Geografia pela Universidade Católica, e agora da localização do sambaqui, chegava a hora de Calderón realizar a primeira campanha de Escavação. O apoio de Thales de Azevedo foi decisivo para o desenvolvimento dessa pesquisa, manifestando-se em diferentes dimensões. Thales garantiu a legitimidade institucional do projeto, vinculando-o ao “[...] programa de pesquisas da 1ª Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia”.⁵⁷⁸ Azevedo também estava no período a frente da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, que financiou as escavações (Convenio no 223 do ano de 1961)⁵⁷⁹ e garantiu o suporte logístico. Não é difícil imaginar que ele também tenha atuado na mediação institucional para obtenção de autorizações necessárias, junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, atual IPHAN.

As escavações foram realizadas entre 15 de julho e 5 de agosto de 1961, contando com Pedro Agostinho e Narli Geralda de Jesus como assistentes de campo (Figura 61).⁵⁸⁰ O método de escavação está descrito minuciosamente no relatório. Após realizar alguns poços testes para entender a estratigrafia e definir o tamanho do sítio, foi então planejada uma trincheira, no sentido norte-sul, que foi reduzida para um poço piloto “[...]face à escassez de tempo e às frequentes visitas subvertícias de mariscadores e curiosos [...] [pois a trincheira] sem dúvida, facilitaria as escaladas dos visitantes e os desmoronamentos consequentes do corte, uma vez interrompidas as escavações.”⁵⁸¹

⁵⁷⁸ Calderon, 1961, p. 5. *In*: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

⁵⁷⁹ Pasta de Calderon no Arquivo FFCH-UFBA.

⁵⁸⁰ Calderon, 1961. *In*: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

⁵⁸¹ *Ibidem*, p. 10. *In*: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

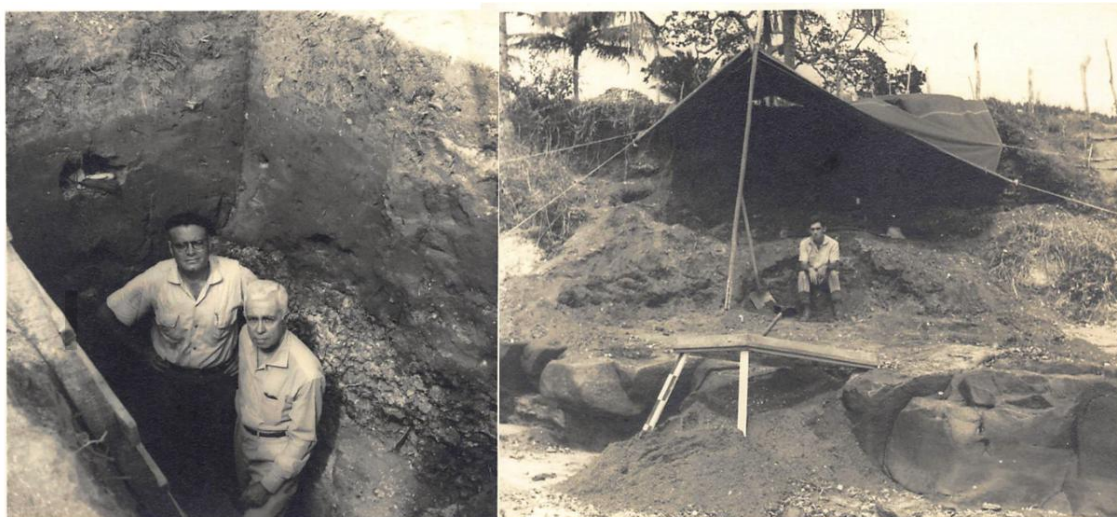


Figura 61: Valentin Calderón e Thales de Azevedo dentro do poço teste na primeira campanha de escavação do Sambaqui da Pedra Oca (Esquerda). Pedro Agostinho na área da peneira também no sambaqui. Fonte: MAE/UFBA.

Já nessa primeira campanha, foi feito um esforço em analisar os elementos retirados do sítio, em colaboração com especialistas da Universidade Federal da Bahia, que acreditamos ter sido facilitado por Thales de Azevedo. O professor Silvío Mattoso, da Escola de Geologia, fez as análises granulométricas; o professor Luciano Aguiar, da mesma escola, fez o levantamento topográfico do campo; as análises polínicas e de diatomáceas foram realizadas por Marília Regaliz, no Laboratório da Escola de Geologia do Petróleo da Universidade; o professor João José Almeida Seabra, da Faculdade de Filosofia, chefe do Departamento de História Natural, classificou a fauna malacologia.⁵⁸² Calderón também cita como colaboradores o Sr. Lorenzo Correa Ruiz, que proporcionou os meios de transporte; e a Sra. Lydíia Maria Marques Sant’Anna “que colaborou na execução do manuscrito”.⁵⁸³ Lydíia viria a se tornar sua esposa em 5 de julho de 1962, o que mudaria para sempre a situação de moradia de Calderón, agora estável na Av. Euclides da Cunha, no Bairro da Graça, o mais nobre da capital baiana.⁵⁸⁴

É possível concluir, portanto, que Thales atuou como articulador junto à comunidade acadêmica local, conferindo maior legitimidade ao projeto e assegurando espaços para a divulgação dos primeiros resultados. Ao respaldar a iniciativa de Calderón, Thales contribuiu não apenas para a realização do trabalho de campo, mas também para a legitimação de seu protagonismo nas primeiras iniciativas sistemáticas de arqueologia na região e para o fortalecimento de sua

⁵⁸² Calderón, 1961. *In*: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

⁵⁸³ *Ibidem*, p. 4. *In*: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón no MAE/UFBA.

⁵⁸⁴ Arquivo pessoal de Valentin Calderón. NDI-UFBA.

imagem como acadêmico na Universidade e no Estado, sobretudo através da criação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia.

5.2.1. O Instituto de Ciências Sociais e a Oficialização de Calderón como arqueólogo

A criação do Instituto de Ciências Sociais teve como objetivo suprir uma lacuna identificada por Thales de Azevedo no modo como as ciências sociais vinham sendo desenvolvidas na UFBA na década de 1950. Azevedo era da opinião de que faltava um organismo que “[...] coordenasse na Bahia a investigação científica e os estudos sociológicos”.⁵⁸⁵ Thales relata ainda que tentou criar esse centro de estudos em 1955, desenvolvendo projeto após discussões com professores e alunos de diversos cursos universitários. Ainda segundo Thales “essa tentativa não encontrou o necessário apoio.”⁵⁸⁶

O pensamento de como a universidade brasileira deveria se articular com a pesquisa está claramente exposto por Thales no artigo *Ensino E Pesquisa Na Universidade*, publicado em 1958 no Boletim Informativo da CAPES. Chama a atenção seu descontentamento com a forma que os professores das faculdades de filosofia, sobretudo da Bahia, conduziam suas atividades:

Difícil é, na verdade, compreender como pode o docente universitário formar-se, desenvolver a sua capacidade de julgar e enriquecer o seu acervo de conhecimentos sem ter experiência pessoal da investigação nos domínios da sua disciplina, sem ter ido ao encontro das realidades de que se ocupa na Sua cátedra, sem haver verificado, ao menos até certo ponto, a validade das teorias que outros lhe propõem e que lhe cabe comunicar aos seus alunos.⁵⁸⁷

No início da década de 1960 o Governo do Estado da Bahia, através da Comissão de Planejamento Econômico, formou um Grupo de Trabalho para analisar o problema da pesquisa social na Bahia. Entre outros pesquisadores, faziam parte dessa comissão Agostinho da Silva, Lafayette Pondé, Maria de Azevedo Brandão, Milton Santos e Thales de Azevedo. O grupo de trabalho vai endereçar os resultados de suas discussões ao novo reitor Reitor Albérico Fraga, já

⁵⁸⁵ Azevedo, 1964, p. 77-78

⁵⁸⁶ *Ibidem*, p. 79.

⁵⁸⁷ Azevedo, 1958. Boletim da Capes, p. 2.

após a saída de Edgar Santos. Fraga acata a sugestão e institui em 8 de novembro de 1961 o Instituto de Ciências Sociais (ICS) e Thales de Azevedo como seu Diretor-Técnico.⁵⁸⁸

Funcionando no campus do Canela, no prédio do ICHUB, o ICS teve uma trajetória breve, criado no final de 1961, iniciando suas atividades em 1962 e extinto durante a reforma universitária de 1968 (Figura 62).⁵⁸⁹ Talvez por essa curta duração ele permaneça pouco documentado na história da universidade. O fato é que os textos oficiais que tratam a história da universidade ou o ignoram ou apenas o citam brevemente.⁵⁹⁰ Com forte ênfase na pesquisa e na extensão, o instituto teve uma trajetória intensa, apesar de breve, marcada por atividades acadêmicas, publicações relevantes e até mesmo uma intervenção militar direta — a única [pouco] registrada na história da UFBA.⁵⁹¹

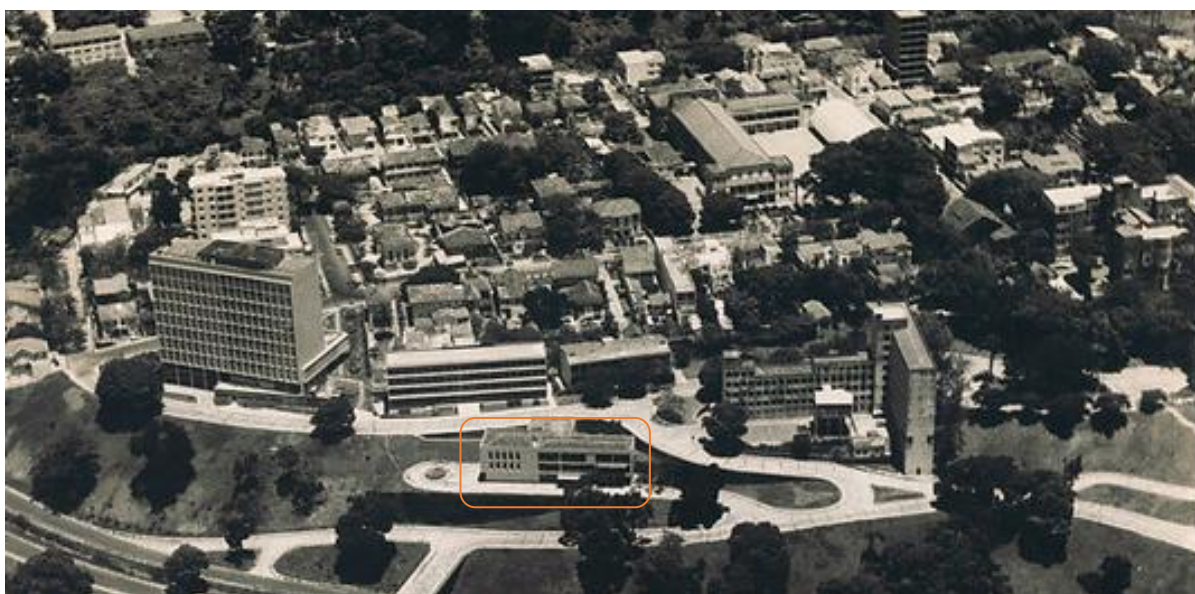


Figura 62: Foto aérea da região do Canela, com indicação de onde funcionava o ICHUB e o ICS. Hoje o prédio abriga o Instituto de Ciência da Informação. Fonte: Adaptado de Memorial da UFBA/Arquivos da UFBA e SUMAI/UFBA

Eram objetivos permanentes do Instituto:

- 1- Criar uma atitude particular em face do trabalho científico através de uma consciência das possibilidades e limitações do método das C.S. e de um senso de objetividade em face dos problemas sociais concretos;
- 2- Criar o hábito de trabalho em equipe, tanto entre professores como entre alunos, e entre ambos;

⁵⁸⁸ Azevedo, 1964.

⁵⁸⁹ Ata da Sessão do Conselho Universitário da Bahia realizada em 27 de junho de 1962.

⁵⁹⁰ Toutain e Silva, 2010;

⁵⁹¹ Brandão, 2013.

- 3- Equipar os alunos com os instrumentos mínimos que permitam o seu posterior aperfeiçoamento profissional num dos ramos mais específicos das C. Sociais.
- 4- Motivar alunos e professores para o estudo de problemas sociais do meio regional e para a solução dos mesmos.⁵⁹²

Consolidado rapidamente como um centro de formação e investigação dedicado ao estudo da realidade brasileira, o Instituto promoveu ciclos de conferências, cursos e seminários abordando temas como Sociologia do Desenvolvimento, Antropologia Cultural e Organização Social e Política Brasileira. Além das atividades dos professores baianos Thales de Azevedo, Maria Azevedo Brandão e Ary Guimarães, recebeu o Professor Geraldo Semenzato. Transferido para a Bahia da Escola de Sociologia e Política da PUC-RJ, Semenzato desenvolveu um projeto de especialização em Ciências Sociais, junto com Maria Brandão, que impactou toda uma geração de cientistas sociais brasileiros como Moacir Palmeira, Luiz Antonio Machado e Sérgio Lemos.⁵⁹³

Cabe trazer uma citação longa da entrevista de Moacir Palmeira a José Sergio Leite Lopes, para entender o espírito do curso e do Instituto de Ciências Sociais da UFBA:⁵⁹⁴

Para mim e alguns colegas meus, isso foi intercalado com um curso na Bahia, na época um curso de especialização de ciências sociais dirigido pelo Thales de Azevedo, e que devia ser uma experiência de vanguarda. [...] O curso era uma espécie de mestrado concentrado, mas como eles não conseguiram gente já formada, abriram para quem estava fazendo a graduação. Ficamos então entre julho de 1962 e julho de 1963 em Salvador, vindo ao Rio fazer as provas em segunda chamada na PUC-RJ. O curso na Bahia exigia dedicação plena, das oito da manhã às seis da tarde. No final do curso tínhamos que apresentar uma monografia. Escrevi a monografia “Banditismo político e estrutura social”, sobre banditismo político no Nordeste, em Alagoas. [...] Na Bahia nós tivemos oportunidade também de fazer trabalho de campo. Participamos de uma pesquisa para o Cida, Comitê Interamericano de Desenvolvimento Agrícola, e eles faziam estudos de comunidade em vários países; no Brasil acho que foram feitos 11 estudos, e na Bahia ia se estudar a área do cacau e o Recôncavo Baiano. No Recôncavo ainda estava começando a ser instalado o polo de Camaçari, que virou um dos grandes centros industriais do país. Então eu fui para essa área de Camaçari. Ficamos cerca de um mês em campo, seguimos lá dormindo na casa de um camponês, eu e o Machado. O Sergio Lemos foi para o sul, para o cacau com o Semezato, e nós fomos com a Maria Brandão para Camaçari.⁵⁹⁵

Esse curso unia aulas teóricas, seminários metodológicos e práticas de pesquisa de campo, articulando ensino, pesquisa e extensão de maneira pioneira no cenário acadêmico baiano. Assim, o ICS consolidou-se rapidamente como um centro de formação e pesquisa dedicado ao

⁵⁹² Azevedo, 1964, p. 80.

⁵⁹³ Rocha, 2022. Kienert, 2011; Leite Lopes, 2013; Santana, 2019; Misse *et al*, 2011.

⁵⁹⁴ Leite Lopes, 2013.

⁵⁹⁵ *Ibidem*, p. 437-440

estudo da realidade brasileira. Suas atividades incluíram a organização de ciclos de conferências, cursos e seminários voltados para universitários, técnicos e professores do ensino médio, abrangendo temas como Sociologia do Desenvolvimento, Antropologia Cultural e Organização Social e Política Brasileira, articulando colaborações com instituições como o CIDA, a UNESCO e a Fulbright.

Foi também junto ao ICS que se consolidaram as pesquisas arqueológicas conduzidas por Valentin Calderón, que iniciou um levantamento arqueológico no estado da Bahia. Além de ter sido por meio dele que a Universidade da Bahia estabeleceu sua associação com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Para Klaas Woortmann:

A criação do Instituto, como um centro de pesquisas, expressava sua preocupação com a modernização das ciências sociais na Bahia. Preocupado com o ensaísmo e o bacharelismo que ainda ocupavam boa parte do cenário universitário baiano e com o caráter livresco do ensino, o Instituto seria, em sua percepção, um instrumento para institucionalizar a pesquisa de campo na antropologia. Por outro lado, seria — e foi, enquanto durou — um meio para realizar o intercâmbio de ideias.⁵⁹⁶

Com o Instituto de Ciências Sociais, a contratação de Valentin Calderón de forma mais definitiva foi viabilizada. Em 1962, ele passa a compor a equipe da Universidade Federal da Bahia como pesquisador arqueólogo (Figura 63).⁵⁹⁷ No instituto, que funcionava no prédio do ICHUB no parque universitário do Canela, ele assumiu a coordenação de um igualmente recém-criado Laboratório de Arqueologia além do Setor de Administração do instituto.⁵⁹⁸ Chama atenção que, Thales de Azevedo, Diretor-Técnico do ICS, em documentos institucionais da época, referia-se a Calderón como “Professor” (Figura 64). Essa designação, embora informal, sugere um movimento de legitimação simbólica de sua atuação científica e de fortalecimento da autoridade institucional do ICS. Em um contexto de escassez de quadros especializados na região e de construção de novos espaços acadêmicos, a atribuição do título de “Professor” a Calderón funcionava como estratégia para conferir maior prestígio ao Laboratório de Arqueologia e ao próprio Instituto. Ao nomeá-lo dessa forma, mesmo sem a formalização do

⁵⁹⁶ Woortmann, 1995, p. 333.

⁵⁹⁷ Ficha de cadastro de Pessoal – Valentin Calderón de la Vara. NDI-UFBA.

⁵⁹⁸ Ofício de 27 de julho de 1962 do Instituto de Ciências Sociais. CO_SO_EX-268. Arquivo de Thales de Azevedo.

cargo, Thales de Azevedo reconhecia não apenas a contribuição de Calderón na pesquisa arqueológica, mas também seu papel potencial na formação de futuros pesquisadores.

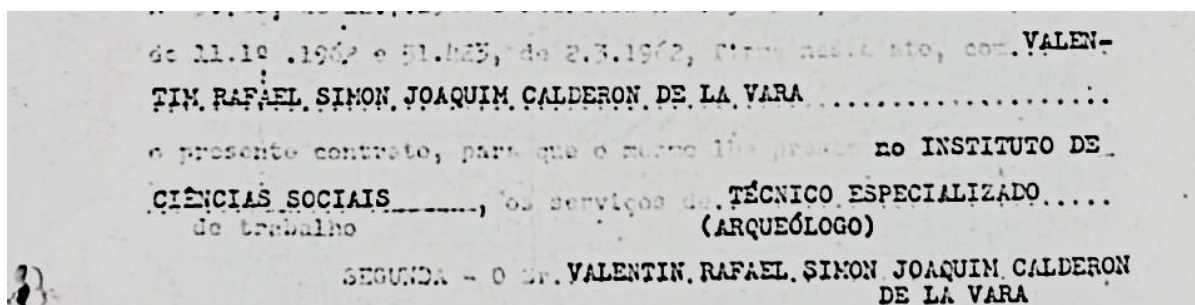


Figura 63: Recorte do documento que mostra a contratação de Valentin Calderón como Técnico Especializado (Arqueólogo) no Instituto de Ciências Sociais. Fonte: Pasta de Valentin Calderón-Arquivo da FFCH/UFBA.

No campo simbólico, a nomeação informal de Calderón como professor ganha várias camadas de complexidade, sobretudo na disputa da autoridade acadêmica na área de arqueologia na Universidade Federal da Bahia. Chamá-lo de professor igualava parcialmente a disputa com Carlos Ott, catedrático de Antropologia, mas com doutorado em teologia e sua atuação ligada à igreja, mas com atividades de ensino reconhecidas institucionalmente, e autor publicado de textos e livros sobre a arqueologia baiana.⁵⁹⁹ A atribuição do título de professor a Calderón pode ser vista como uma forma de suprir a ausência de um capital acadêmico institucionalizado, essencial para o reconhecimento de sua autoridade científica. Isso é ainda mais relevante considerando que, à época, a arqueologia brasileira era marcada por uma tensão entre amadores, autodidatas e os primeiros profissionais formados em instituições universitárias e o título de professor funcionava como um marcador de pertencimento à elite acadêmica emergente.

⁵⁹⁹ Ott, 1944, 1945 e 1958

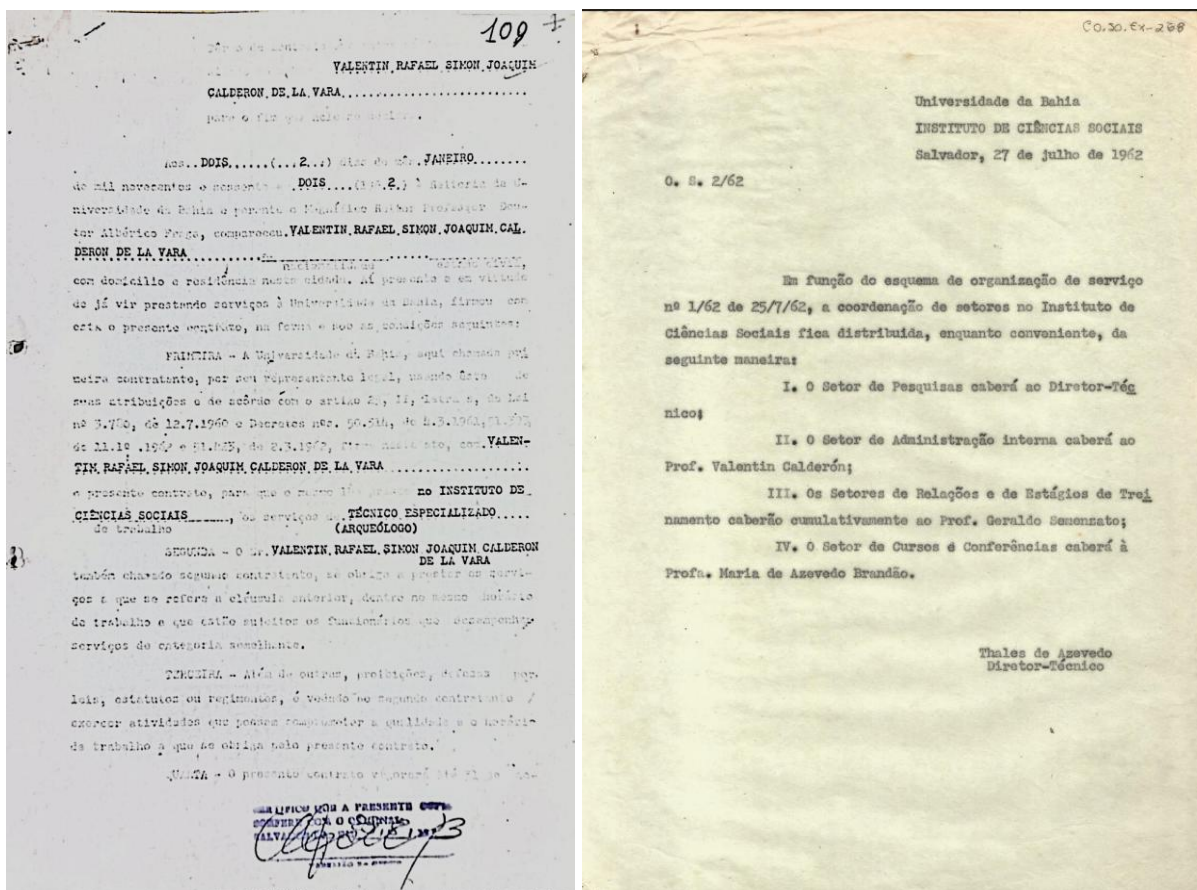
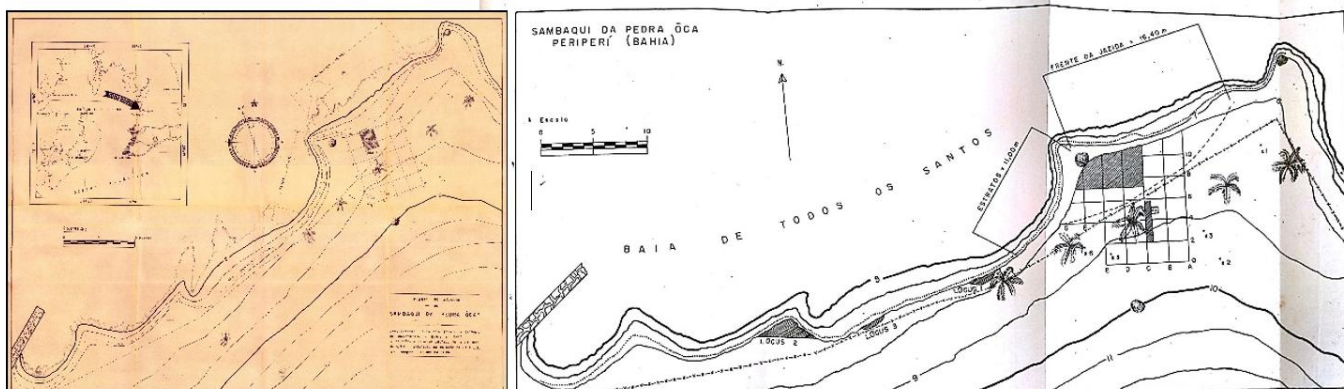


Figura 64: Documento atestando a contratação de Valentin Calderón de la Vara em 1963 como técnico especializado (arqueólogo); Documento de Thales de Azevedo como diretor do ICS designando o Setor de Administração para Valentin Calderón. Fonte: Pasta de Valentin Calderón-Arquivo da FFCH/UFBA – Arquivo de Thales de Azevedo,

À frente do Laboratório de Arqueologia, Valentin Calderón envolveu o ICS em uma série de iniciativas de pesquisa, financiadas sobretudo pelo Programa de Pesquisas Sociais da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia⁶⁰⁰. Se amplia a pesquisa em sambaquis da Baía de Todos os Santos, com a segunda campanha de escavação do Sambaqui da Pedra Oca, entre 5 de fevereiro e 30 de março de 1962 (Figura 65).



⁶⁰⁰ Pasta de Valentin Calderón, Arquivo da FFCH/UFBA.

Figura 65: Plantas das escavações do Sambaqui da Pedra Ôca: 1960, a esquerda, 1962, a direita. Fontes: Arquivo Central do IPHAN/Calderón, 1964.

No ano seguinte Valentin Calderón executa pesquisas de identificação no Sambaqui do Sobrado, Porto Santo, na ilha de Itaparica, também financiada pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, pelo Programa de Ciências Sociais, convênio número 235 de 1962 (Figura 66).⁶⁰¹ Esse Sambaqui havia sido identificado por Richard Hathbun em 1876, naturalista em missão pelo Museu Nacional, como ajudante da Comissão Geológica do Brasil, e publicou os resultados na revista *Archivos do Museu Nacional* em 1878.⁶⁰²

De posse dessa informação e “[...]com a esperança de que este sítio arqueológico ainda não tivesse sido destruído pelos agentes naturais ou pela civilização”,⁶⁰³ Calderón foi até o local em 18 de março de 1962, onde identificou o sítio. Apesar de não haver realizado uma escavação, propriamente dita, ele fez alguns poços testes para verificação da estratigráfica e definição do tamanho e profundidade do sítio, “[...] que demonstraram a uniformidade de sua espessura e o tipo dos depósitos acumulados, confirmando plenamente as observações de Hathbun”.⁶⁰⁴ Calderón encerra o relatório recomendando a escavação do sítio arqueológico “[...] especialmente por tratar-se de uma área onde existia abundante povoação indígena, da qual se conserva notícias nas obras dos primeiros cronistas”.⁶⁰⁵

Calderón também informa que, segundo os cronistas, os grupos indígenas habitantes da região eram os tupinambá, à época da chegada dos portugueses ao Brasil. Contudo, o autor cautelosamente afirma que “[...] sem que possamos ainda associar esta jazida aos tupinambás, a exploração que agora iniciamos, talvez proporcione dados que contribuam a esclarecer este e outros problemas que se apresenta na arqueologia baiana.” A leitura deste trecho do relatório permite inferir que a arqueologia realizada por Calderón no período não era desconectada da Etnologia e da História Indígena. Ao contrário, era vista como um veículo para alcançar dados que elucidassem questões comuns.

⁶⁰¹ Pasta funcional de Valentin Calderón no Arquivo da FFCH-UFBA.

⁶⁰² Hathbun, 1878.

⁶⁰³ Calderón, Valentin. Relatório Sambaqui do Sobrado (Pôrto Santo, Ilha de Itaparica). IPHAN. Arquivo Central/Seção RJ. Projetos e Relatórios BA-Série Histórica. Caixa 07. pasta 30.

⁶⁰⁴ *Ibidem*.

⁶⁰⁵ *Ibidem*.



Figura 66: Foto do Sambaqui do Sobrado, Ilha de Itaparica feita por Calderón, sem informações a respeito do ajudante que aparece na imagem. Fonte: Arquivo Central IPHAN/RJ.

O mesmo *modus operandi* se percebe na identificação do Sambaqui da Ilha do Casqueiro, em São Francisco do Conde e na avaliação dos sítios no sul do Estado, pesquisas ocorridas em 1963 e 1964, respectivamente, ambas pelo convênio número 269 de 1963, da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.⁶⁰⁶ As pesquisas de Calderón se iniciam consultando uma bibliografia anterior. Nesse caso, o livro era *Bandeirantes e sertanistas bahianos* de Francisco Borges de Barros de 1920. Na seção *Vestigios Prehistoricos na Bahia* diz apenas:

Os “sambaquis “querem dizer: “montões de ostras”, collinas de conchas”, também conhecidos pelos nomes de: “casqueiras”, “sernambitibas” e ostreiras”. Na vasta costa da Bahía se os encontram em: Caravellas, Porto Seguro, Ilhéos, Ilha de Itaparica, em frente a S. Bento das Lages, no Engenho Santo Antonio em Santo Antonio e Itapoan.⁶⁰⁷

Esses exemplos evidenciam o domínio criterioso que Calderón demonstrava sobre a bibliografia disponível. Suas investigações partiam de um repertório textual consolidado que

⁶⁰⁶ Pasta funcional de Valentin Calderón no Arquivo da FFCH-UFBA.

⁶⁰⁷ Barros, 1920, p. 410-411.

orientava a identificação de vestígios e guiava as prospecções de campo. Essa prática revela uma arqueologia fundamentada em fontes escritas, em que a escuta atenta aos registros anteriores era condição para a produção de novos dados.

O Instituto de Ciências Sociais passa a receber pesquisadores de arqueologia, como Maria da Conceição Moraes Coutinho Becker (hoje Beltrão), da Seção de Arqueologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que esteve nos meses de janeiro e fevereiro estagiando “a cargo do Prof. Valentin Calderón, fazendo estudos de tipologia e técnicas arqueológicas no estado da Bahia e suas correlações e implicações com outras áreas do Brasil”.⁶⁰⁸

Ainda em 1963, Valentin Calderón participa da VI Reunião Brasileira de Antropologia entre 7 e 13 de julho na cidade de São Paulo, participação que chegou a ser noticiada em jornais baianos (Figura 67), apresentando duas comunicações na Sessão de estudo de Arqueologia e Pré-História: *Contribuição ao estudo da cerâmica cariri na Bahia e Pesquisas Arqueológicas nos sambaquis da Baía de todos os Santos*.⁶⁰⁹ Nesse mesmo congresso Maria da Conceição Becker apresentou a comunicação *A propósito de coleções líticas desprovidas de dados estratigráficos*, utilizando dados das coleções baianas estudadas durante o estágio com Calderón.⁶¹⁰ Também participaram da reunião Fernando Altenfelder Silva, Annete Laming Empaire, Oldemar Blasi, José Wilson Rauth, Niède Guidon e Igor Chmyz, entre outros pesquisadores.

A participação nesse evento certamente representou o passaporte de Calderón para o rol de pesquisadores em arqueologia no Brasil e deve ter garantido seu convite por Loureiro Fernandes para participar do curso ministrado por Clifford Evans e Betty Meggers, no CEPA, em 1964. Assim, é possível admitir que os atrasos que impediram a realização do curso em momento anterior (conforme explicitado no Capítulo 2), acabaram por favorecer a inclusão de Calderón tanto no seminário quanto no Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, decorrente dele, no qual passou a atuar representando o estado da Bahia. Vale destacar que Calderón não participou do curso oferecido por Annete Laming-Empaire no mesmo centro, realizado em

⁶⁰⁸ Atestado de estágio de Maria da Conceição de Moraes Coutinho Becker no Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia em 5 de abril de 1963, assinado por Thales de Azevedo Diretor-técnico. *In* Arquivo Thales de Azevedo CO_SO_EX-310.

⁶⁰⁹ Noticiário, 1963, p. 103.

⁶¹⁰ *Ibidem*.

1962, o que reforça a relevância de sua presença no congresso de 1963 para sua legitimação na rede arqueológica nacional.

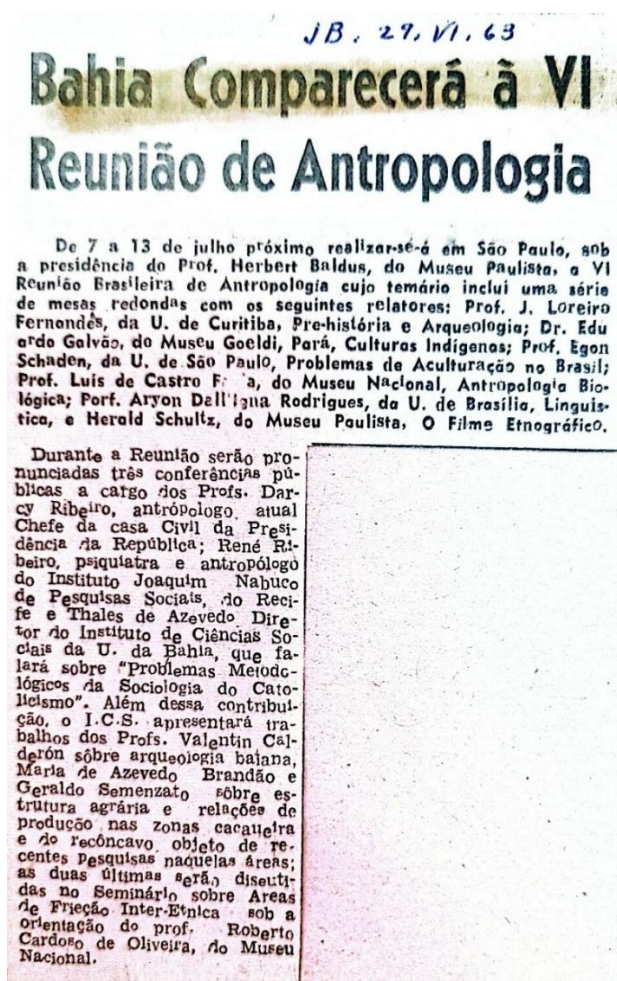


Figura 67: Recorde do Jornal na Bahia que noticiou a participação do ICS na VI Reunião de Antropologia, em São Paulo, incluindo Valentin Calderón. Fonte: Arquivo Pessoal de Valentin Calderón, MAE/UFBA

5.2.2. A Ditadura Militar e o Instituto de Ciências Sociais/UFBA

Enquanto esteve em atividade, o ICS teve três direções. A primeira foi exercida por seu fundador, Thales de Azevedo de 1962 a setembro de 1964, quando foi nomeado para a direção da Faculdade de Filosofia. A segunda direção foi realizada por sua filha e socióloga, a professora Maria de Azevedo Brandão (de setembro de 1964 a janeiro de 1965). A terceira, e última direção, por Valentin Calderón, que permaneceu no cargo de 1965 até a extinção do instituto, em 1968 pela reforma universitária.

O encerramento das atividades do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia prejudicou seriamente o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas coordenadas por

Valentin Calderón. Não parece exagero afirmar que a arqueologia foi a área mais afetada pela extinção do Instituto, já fragilizada anteriormente pelo acúmulo de funções administrativas assumidas por Calderón na Universidade. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender as razões que levaram ao fechamento do ICS, o posicionamento político de seus diretores, o papel que Calderón passou a exercer na direção do Instituto e os fatores que explicam a brevidade da gestão de Maria Brandão. Essas questões são centrais para entender os rumos tomados pelo Instituto em seus últimos anos de funcionamento.

A gestão de Thales de Azevedo à frente do Instituto de Ciências Sociais (ICS) marcou um período de grande avanço para as pesquisas sociais na Bahia. Sob sua liderança, o ICS assumiu a vanguarda nesse campo. Foi durante sua gestão que o instituto desenvolveu o I e o II Programas de Treinamento Básico em Ciências Sociais, iniciativas que desempenharam um papel fundamental na formação de novos pesquisadores e na expansão do conhecimento sociológico na região. Com foco na interdisciplinaridade, o ICS ofereceu cursos como Sociologia da Medicina, para professores da Escola de Enfermagem; Desenvolvimento e Organização de Comunidades, para alunas da Escola de Serviço Social da Bahia.⁶¹¹ Além das publicações *As Ciências Sociais na Bahia* e *O Sambaqui da Pedra ôca*, que saíram com selo do Instituto em 1964 (estava prevista a publicação de um livro de Maria Azevedo Brandão, que não ocorreu) (Figura 68).

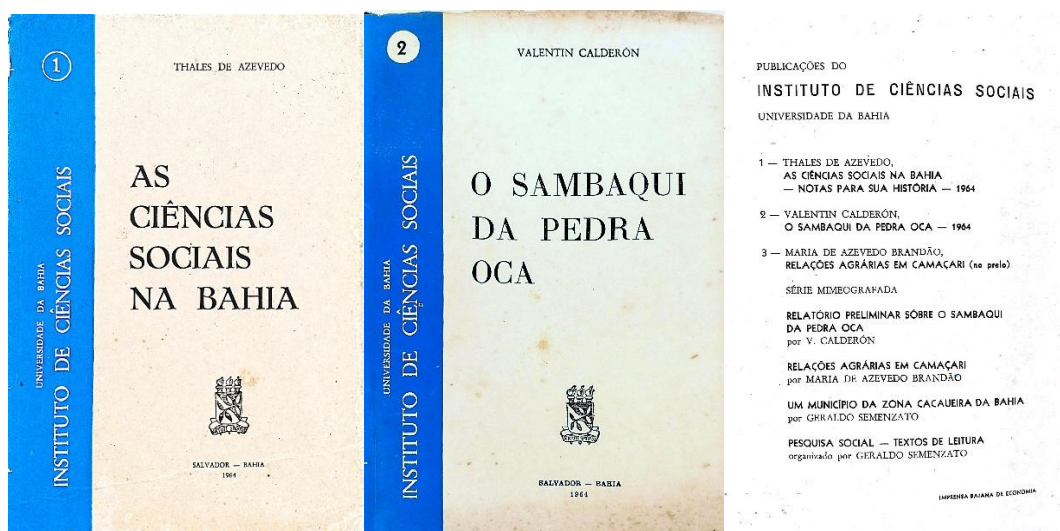


Figura 68: Capas dos Livros de Thales de Azevedo e Valentin Calderón pelo Instituto de Ciências Sociais e fundo do livro de Calderón indicando a intenção de publicar Maria Brandão pela Série.

⁶¹¹ Azevedo, 1964.

Enquanto estava à frente do ICS, Thales de Azevedo era também o diretor do Departamento Cultural da Universidade.⁶¹² Ligado à Coordenação Central de Extensão, a atuação do órgão era parecida com a que hoje exercem as pró-reitoras, sendo Thales considerado o “[...] primeiro dos Pró-reitores da Universidade Federal da Bahia”.⁶¹³

Ricardo Sangiovanni destaca que Thales de Azevedo fora um dos apoiadores do golpe militar que destituiu João Goulart da presidência e deu início ao longo período da ditadura militar no Brasil (pelo menos na primeira hora). O autor demonstra que Azevedo:

[...] aparece arrolado entre os oradores da “Marcha da Família com Deus pela Democracia” que aconteceu duas semanas após o golpe, no dia 15 de abril de 1964, evento que o jornal *A Tarde* definia como uma “demonstração apoteótica pelo restabelecimento da paz social e afirmação do regime democrático restituído ao povo brasileiro pelas Fôrças Armadas”.⁶¹⁴

Sangiovanni sugere também que a nomeação de Thales para a direção da Faculdade de Filosofia em 5 de agosto de 1964, se deu justamente por esse apoio ao golpe, pois era o segundo nome na lista tríplice após consulta à comunidade acadêmica. Esse apoio é reforçado pelo Relatório da Comissão da Verdade Milton Santos, onde Thales de Azevedo é citado algumas vezes executando ações, participando de comissões e dando informações. Por exemplo, a impossibilidade de Pedro Castro Silva de se inscrever no concurso público por “[...] ser fato notório que o candidato foi demitido do serviço público estadual por exercer atividades subversivas”.⁶¹⁵

Ao sair da direção do Instituto de Ciências Sociais, Azevedo deixa como sua sucessora sua filha Maria Brandão. Segundo Thales:

[...]a direção do departamento Cultural da Reitoria da Universidade da Bahia, no começo dos anos 60 e da Faculdade de Filosofia entre 1964/1967 dão ocasião a que aborde a problemática da reforma universitária e das funções da faculdade no que, mais uma vez, tive a próxima colaboração, nem sempre assinalada de Maria, já então Professora Maria David de Azevedo Brandão, que de 1961/66 trabalhou em estreita cooperação comigo **a partir da implantação do seu projeto do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, cumprindo um desejo meu**, desde os anos 1955/56, de criar um instituto de pesquisas sociais na Universidade.⁶¹⁶

⁶¹² Azevedo, 1993.

⁶¹³ Brandão, 2005, p. 304.

⁶¹⁴ Sangiovanni, 2018, p. 208.

⁶¹⁵ UFBA, 2014, p. 123.

⁶¹⁶ Azevedo, 1993, p. 58.

Maria Brandão é uma das oito filhas de Thales de Azevedo e Maria Freitas David. Ela possui uma extensa lista de qualificações em seu currículo: Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1956), especialização em Antropologia Cultural pelo Museu do Índio (1955), especialização em Antropologia pela *Columbia University*, em Nova Iorque (1961), onde foi bolsista da *Fulbright Commission*, especialização em Sociologia pela *London School of Economics and Political Science* (1967), mestrado em Sociologia pela *University of Pennsylvania* (1969) e estágio pós-doutorado pela *Université Paris III* em 1983 (Sorbonne-Nouvelle).

Durante os quatro meses em que Maria de Azevedo Brandão esteve à frente da direção, o Instituto de Ciências Sociais foi alvo do que ela mesma descreveu como “[...] a única intervenção do Exército em uma unidade da Universidade Federal da Bahia”.⁶¹⁷ Ainda segundo Brandão, na ocasião, seus arquivos e biblioteca foram completamente destruídos. Pouco se sabe sobre esse episódio, cuja documentação é escassa, já que o próprio Instituto de Ciências Sociais permanece pouco referenciado na história da Universidade Federal da Bahia, com raros registros sobre sua existência e atuação. Tampouco se comenta sobre a intervenção direta do Exército denunciada por Maria Brandão no Relatório da Comissão da Verdade Milton Santos, que tinha por objetivo identificar histórias de perseguição políticas no âmbito da universidade, o que reforça a invisibilidade histórica desse processo.⁶¹⁸

Em termos práticos, a Comissão da Verdade Milton Santos, encontrou grandes dificuldades para localizar a documentação relativa aos acontecimentos na UFBA conforme registrado em seu relatório, “[...] apesar de serem muitos os fatos ocorridos no ambiente da Universidade”.⁶¹⁹ O documento também destaca que os registros existentes se encontram dispersos entre as diversas unidades e a administração central da instituição e que sua coleta e organização, certamente permitirá acrescentar novos dados ao que se relata até o momento, além de expandir e aprofundar o conhecimento disponível sobre a atuação da ditadura no âmbito da UFBA.

Diante da escassez de registros na própria Universidade, foi necessário recorrer a fontes primárias disponíveis em outros acervos, na tentativa de elucidar aspectos ainda obscuros do episódio. Foram identificados documentos relevantes em três bases de dados digitais: o Arquivo Nacional, o Arquivo Público do Estado da Bahia e a plataforma *Opening the Archives*:

⁶¹⁷ Brandão, 2013; p. 39

⁶¹⁸ UFBA, 2014.

⁶¹⁹ *Ibidem*.

Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s–80s, da *Brown University*, nos Estados Unidos. A análise desse material revelou informações fundamentais para a compreensão dos fatores que levaram ao encerramento do Instituto de Ciências Sociais, assim como para a reconstrução do contexto político-institucional vivido pela Universidade Federal da Bahia no período.

Após o golpe que colocou os militares no poder em 01 de abril de 1964, Maria Brandão foi indiciada em um Inquérito Policial Militar (IPM) em 13 de agosto do mesmo ano “[...] por suas ligações com a campanha de alfabetização”.⁶²⁰ Em 08 de setembro foi enquadrada no Art. 2º, alíneas III da Lei nº 1802 de 05 de janeiro de 1953, que define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social. A campanha de alfabetização citada em sua ficha no inquérito, era a Campanha de Alfabetização Popular, desenvolvida pelo Centro Popular de Cultura, o CPC, órgão ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), criado no Rio de Janeiro e que tinha diretorias em alguns estados do Brasil, incluindo a Bahia.

O CPC procurava ser um centro difusor da cultura “nacional-popular”, para além dos espaços formais, como os teatros, buscando alcançar o proletariado. Surgido a partir do Teatro Arena e da influência de Augusto Boal, o CPC atendia ao “notável desejo” das pessoas da época de “[...] permanecerem juntas e partilharem ideias sobre arte e política”.⁶²¹ Na Bahia, ocupa inicialmente a sede da UNE, na Rua Chile, mas logo passa a ter sua própria sede e a se estruturar em departamentos com a chegada de Chico de Assis.⁶²² São eles os departamentos de Educação, Teatro, Música, Textos e publicações, Arquitetura, Prodac, Cinema e Artes Plásticas.⁶²³

As reuniões aconteciam todos os dias, a partir das sete ou oito horas da noite. Simultaneamente, aconteciam os ensaios, as discussões, textos eram escritos, eram elaboradas as programações dos diferentes departamentos. Tudo acontecia ao mesmo tempo, uma atividade interferindo na outra, se complementando em uma cotidiana efervescência criativa.⁶²⁴

⁶²⁰ MARIA DAVID DE AZEVEDO REBOUÇAS BRANDÃO 7. 29/8/1975. Fundo Serviço Nacional de Informações. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.PPP.82004399. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1974675&v_aba=1

⁶²¹ Moreira, 2014, p. 80.

⁶²² Mais sobre a atuação do CPC na Bahia, especialmente sobre as atuações culturais, pode ser lido no capítulo “O CPC da UNE na Bahia” de Vânia Medeiros Moreira (2014).

⁶²³ Cordel de divulgação da peça Bumba meu Boi. Disponível em <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/bumbcpc.pdf>

⁶²⁴ Moreira, 2014, p. 91.

O Diretório de Educação, do qual Maria Brandão fazia parte, teve sua principal atuação em 1963, quando foi convidado para fazer uma campanha de alfabetização de adultos, seguindo o método de Paulo Freire, na prefeitura de Feira de Santana e na Prefeitura de Salvador, em função de uma parceria entre o Governo do Estado e o Ministério da Educação. Para a preparação das campanhas, o próprio Paulo Freire vem a Salvador e campanha é iniciada em Feira na gestão do prefeito Francisco Pinto, o Chico Pinto. A ‘Campanha da Alfabetização de Adultos e Adolescentes pelo Sistema Paulo Freire’ ou “Campanha de Alfabetização e Politização de Adultos e Adolescentes pelo sistema Paulo Freire na Cidade de Salvador”, deveria se iniciar em abril de 1964 e que, em função do golpe, não chegou a ser concretizada.⁶²⁵

Maria Brandão participou ativamente da organização da Campanha, junto com Herval Pina Ribeiro, Paulo Farias, Hélio Carneiro Moreira e Arioaldo Matos, entre outros nomes. A ela os militares atribuíram a organização do teste de 54 perguntas utilizado para selecionar os coordenadores e supervisores da Campanha, segundo o relatório do IPM com perguntas que permitiam conhecer o nível de questionamento crítico e político dos candidatos, o que a tornou alvo dos militares. Após a instalação do IPM, Maria Brandão chegou a dar um depoimento no qual declarou, segundo os militares, que o Sistema Paulo Freire “[...] se presta a fazer um santo ou um diabo, dependendo, entretanto, da orientação dada pelo alfabetizador”,⁶²⁶ para o Major Braga Coelho, responsável pelo IPM “[...] numa campanha onde os coordenadores foram selecionados tendo em vista seu grau de politização, é de se perguntar o objetivo da Campanha: formar um santo ou um diabo? É claro um diabo”.⁶²⁷ Concluído o Relatório da IPM em 08 de setembro de 1964, o encarregado Major Philinto José Braga Coelho enquadrava Brandão, Herval Paulo e Hélio, solicitando sua prisão preventiva, o que no caso de Maria David de Azevedo Rebouças Brandão, não foi decretada e nem chegou a ser denunciada pela Promotoria da Justiça Militar no Estado da Bahia.⁶²⁸

É nesse período que Thales de Azevedo assume a direção da Faculdade de Filosofia, deixando o ICS a cargo de sua filha. Maria Brandão permaneceu sob o radar dos militares e possivelmente

⁶²⁵ MARIA DAVID DE AZEVEDO REBOUÇAS BRANDÃO 7. 29/8/1975. Fundo Serviço Nacional de Informações. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.PPP.82004399. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1974675&v_aba=1. Acessado em 26 de abril de 2022.

⁶²⁶ *Ibidem*.

⁶²⁷ *Ibidem*.

⁶²⁸ *Ibidem*.

deu seguimento a alguns projetos tidos como subversivos à frente do Instituto. Mas não duraria muito, pois em 28 de janeiro de 1965, o Exército forçou sua remoção do cargo.⁶²⁹ O reitor Miguel Calmon, pressionado pelo comando militar local, comunicou-lhe a demissão. Brandão recusou-se a aceitar a decisão, resistência essa que provavelmente motivou a intervenção direta no ICS, incluindo a destruição de arquivos e biblioteca, denunciadas discretamente pela própria em 2013.⁶³⁰ Maria escreve que sua destituição do cargo se deu apesar da resistência do Reitor Miguel Calmon Sobrinho.⁶³¹ Esse dado reforça o entendimento do Consulado americano que a demissão de Brandão foi resultado de um acordo entre o reitor e os militares para diminuir a insatisfação do Exército “[...] com várias pessoas em posições acadêmicas”.⁶³² Apesar da gravidade do episódio, a UFBA nunca emitiu comunicados públicos sobre o caso – silêncio que revela tanto o clima de censura quanto a marginalização do ICS na historiografia oficial da universidade.

Após deixar a diretoria do ICS, Maria Brandão partiu para um autoexílio na Europa e Estados Unidos. Quando do seu retorno ao Brasil, no início dos anos 1970, o Instituto já tinha sido extinto pela reforma universitária de 1968. Brandão, no entanto, seguiu sob vigilância próxima dos agentes da ditadura que monitoravam, inclusive suas correspondências e seus discursos, devido a sua classificação como simpatizante do Partidão, o PCB, cuja atuação fora criminalizada pelo Ato Institucional nº 5 em 1968.⁶³³ Apesar da vigilância constante não há registros, nas fontes consultadas, de punições a Brandão, que seguiu como professora da UFBA até sua aposentadoria. Apesar da ausência de fontes documentais sobre o motivo de Brandão não ter sido mais atingida nesse processo, é possível imaginar que, para tal, tenha contribuído a posição que seu pai, Thales de Azevedo, ocupava naquele momento.

⁶²⁹ “Bi-Weekly Summary”. 1965. Opening the Archives: Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s-80s. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:335312/>. Acessado em 26 de abril de 2022.

⁶³⁰ Brandão, 2013.

⁶³¹ Brandão, 2013.

⁶³² “Bi-Weekly Summary”. 1965. Opening the Archives: Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s-80s. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:335312/>. Acessado em 26 de abril de 2022. Original em Inglês: [...] *is unhappy with a number of persons in academic positions.*

⁶³³ ORGANIZAÇÕES SUBVERSIVAS DE IDEOLOGIA COMUNISTA E OUTRAS IDEOLOGIAS EXTREMISTAS 3. 1. (1980). Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ppp/80000428/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_80000428_d0001de0001.pdf.

Contudo Sangiovanni indica que o apoio útil prestado ao golpe militar por Thales de Azevedo “[...] ia-se convertendo em uma espécie de arrependimento, quiçá de remorso não confessado”.⁶³⁴ A invasão do ICS, enquanto era dirigido por sua filha, parece ter sido um dos motivos, além da própria perseguição à mesma. Apesar de não haver encontrado fontes documentais é possível supor que Azevedo articulou para proteger sua filha no IPM, sugerindo que sua posição frente ao regime era mais complexa do que uma simples adesão. Essa ambiguidade era característica do período, muitos acadêmicos navegaram entre acomodação e resistência sutil para preservar instituições e projetos científicos. Tal atitude deve ter maculado sua visão do novo governo no processo. Em junho de 1968, Thales assina um manifesto público junto a Maria Brandão e outros professores apoiando os movimentos estudantis. Essa mudança de atitude em relação ao governo militar parece ter custado seu emprego na Universidade, pois em 1969, “[...] após sucessivos períodos de licença, Thales é aposentado compulsoriamente, por idade”⁶³⁵. Porém ainda faltavam cinco anos para ele atingir a idade da compulsória na época (70 anos)⁶³⁶. Tal situação leva a acreditar que o afastamento forçoso de Thales da Universidade, se deu depois de seu afastamento do Regime.

Esse entendimento é reforçado pelo depoimento do próprio, anos depois. Em entrevista a Maria das Graças Palácios, em 1992, quando perguntado se após sua aposentadoria ele continuou próximo à Universidade, Thales responde “[...] eu continuei procurando contato com a Faculdade. Embora a legislação permitisse a contratação de aposentados, o reitor da época, não sei por que razões, considerou que eu não poderia ser contratado”.⁶³⁷

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta ao levar em consideração as atitudes pessoais em relação à ditadura militar brasileira, “[...] as propostas de classificação devem considerar igualmente um quadro complexo, em que muitos agentes não resistiram nem aderiram, mas buscaram formas de acomodação e convivência com o sistema autoritário”.⁶³⁸ A partir dessa ótica, enquanto Maria Brandão atuava ativamente na resistência, ela parece ter se beneficiado da acomodação de seu pai à ditadura.

⁶³⁴ Sangiovanni, 2021, p. 211.

⁶³⁵ Sangiovanni, 2021, p. 211.

⁶³⁶ BRASIL, 1969.

⁶³⁷ Palácios, 1992, p. 132

⁶³⁸ Motta, 2021, p. 152.

A nomeação de Valentin Calderón para a direção do ICS em janeiro de 1965, substituindo Maria Brandão após sua remoção forçada, exemplifica as estratégias de acomodação institucional da UFBA ao regime militar. Calderón era uma figura menos controversa ideologicamente para o regime. Esta transição não foi meramente administrativa, mas simbólica e reforçou a posição da UFBA como uma universidade conservadora.

Além do estabelecimento do PRONAPA, Calderón manteve durante sua gestão no ICS (1965-1968) parte dos projetos formativos idealizados por Thales de Azevedo, porém com notáveis reconfigurações. Um exemplo emblemático foi o ‘Curso Preliminar Sobre a América Latina’ realizado no ICS entre 20 de setembro e 27 de outubro de 1966.⁶³⁹ Calderón preservou o modelo de seminários interdisciplinares criado por Thales Azevedo, mas excluiu o próprio Thales da programação (Figura 69). A ausência de Thales como docente, figura que por uma década fora o principal articulador dessas iniciativas, sugere um distanciamento entre ambos.

⁶³⁹ Programa do Curso Preliminar Sobre a América Latina. Arquivo de Valentin Calderón MAE/UFBA.

CURSO PRELIMINAR SOBRE A AMÉRICA LATINA- PROGRAMA-HORÁRIO

DIA	HORA	MÊS	CONFERENCISTA	T E M A
26	17	setembro	Agostinho da Silva	Aula Inaugural. "Uma política para a América Latina".
27	17	"	Dalmo Pontual	"O meio físico e o homem".
28	17	"	Waldir Oliveira	"As grandes paisagens humanas da América Latina".
29	17	"	Waldir Oliveira	"Influência dos fatores geográficos na evolução política da América Latina".
30	17	"	José Calzonas R. da Silva	"Influência do pensamento europeu nos movimentos de independência na América Latina".
3	17	Outubro	Valentin Calderón	"Povoação da América Latina".
4	15	"	Francisco Borrego	"Aspectos de La Antropología en México"
4	17	"	Luís Agostinho da Silva	"Etnias da América Latina".
5	17	"	Pedro Agostinho da Silva	"Etnias da América Latina".
6	15	"	Rolf Reichert	"Minorias muçulmanas na América Latina"
6	17	"	Agostinho da Silva	"Formação da América Latina".
7	17	"	Cid Teixeira	"Atitudes políticas das metrópoles portuguesa e espanhola na América Latina".
10	17	"	Felis M. Dias Tavares	"Ideário dos movimentos de independência na América Latina".
11	17	"	Jorge Calmon	"Aspectos da transformação das estruturas sociais na América Latina".
13	15	"	Carmenza Rocha	"Situação sócio-política da Colômbia".
14	15	"	Terezinha Spínola	"Política cultural do Brasil na América Latina".

- continuação -

DIA	HORA	MÊS	CONFERENCISTA	T E M A
14	17	Outubro	Jairo Simões	"Problemas do Desenvolvimento econômico latino-americano"
17	15	"	Galvarino Ponce Morel	"Panorama actual de Chile"
17	17	"	Rômulo Almeida	"Integração econômica latino-americana - I"
18	15	"	Rômulo Almeida	"Integração econômica latino-americana - II"
18	17	"	José Martins Catharino	"Aspectos Jurídicos do trabalho na América Latina".
19	15	"	Antero Simón	"Estructuras Sociales en la América hispana Virreinal".
19	17	"	José Martins Catharino	"Aspectos Jurídicos do trabalho na América Latina".
20	15	"	Antero Simón	"Orígenes y evolución del latifundio en Hispano-América".
20	17	"	Lay Guimarães	"Sistemas políticos da América Latina".
21	15	"	Hélio Rocha	"Influências Sociais na América Latina" (I)
21	17	"	Albérico Lotta	"Instabilidade política da América Latina".
24	15	"	Jean Casimir	"Estrutura social do Haiti"
24	17	"	Jovianiano Soares Neto	"Padrões da Democracia na América Latina".
25	15	"	Jean Casimir	"Estrutura econômica do Haiti".
25	17	"	Nelson Sampaio	"A América Latina e a política internacional".
26	15	"	Hélio Rocha	"Influências sociais na América Latina" (II)
26	17	"	Nelson Sampaio	"As eleições de 1966 na Rep. Dom. e na Bolívia".
27	15	"	Manoel Durant Ponte	"Estrutura social do México"
27	17	"	Rômulo Almeida	"Aula de encerramento"

Figura 69: Programa do Curso Preliminar Sobre a América Latina, sem a participação de Thales de Azevedo. Arquivo de Valentin Calderón MAE/UFBA

5.3 O PROJETO BAHIA E A ARQUEOLOGIA NA UFBA

Como demonstrado anteriormente, a criação do Instituto de Ciências Sociais, aliada ao desenvolvimento das pesquisas de levantamento e escavação dos sambaquis na Bahia e à apresentação de seus resultados na VI Reunião Brasileira de Antropologia, em 1963, possibilitou o reconhecimento de Valentin Calderón em âmbito nacional. Esse reconhecimento, por sua vez, foi fundamental para garantir seu convite ao seminário promovido por Loureiro Fernandes no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), na Universidade do Paraná. Calderón era um dos participantes do curso que ainda não eram conhecidos previamente pelo casal Clifford Evans e Betty Meggers (Figura 70). Nesse sentido, sua participação foi imprescindível para viabilizar sua inserção no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), no qual passou a atuar como representante do estado da Bahia.

Estados	Nomes-Candidatos	Credenciais
Pará	Mário Simões -	Museu Goeldi: Trab. publicados
Rio G. de Norte	Nassaré Antonio, S. Nasser -	Universidade
Bahia	◦ Valentin Calderón	Universidade. Trab. publicados
Guanabara	Maria da Conceição Becker -	Museu Nacional
Guanabara	◦ Odemar Ferreira Dias	Trab. publicados
São Paulo	Fernando A. Silva -	Faculdade. Trab. publicados (Rio Clar
Santa Catarina	- Fernando Walter Piazza	Universidade
Santa Catarina	Pe. João Alfredo Rohr -	Trab. publicados
Rio G. de Sul	Pe. Pedro Ignacio Schmitz -	Universidade. Trab. publicados
Rio G. de Sul	◦ José P. P. Brochade	Universidade.
Paraná	José Wilson Rauth -	Faculdade de Paranaguá
Paraná	◦ Ghislene Hudziak	Museu Paranaense
Paraná	◦ Helena Mueller	Departamento
Paraná	◦ Maria L. F. da Rocha	Departamento
Paraná	Iger Chmyz -	Departamento

Figura 70: Lista de participantes do curso de com círculos ao lado dos nomes antes desconhecidos pelos Evanses. Fonte: Carta de Jose Loureiro Fernandes para Clifford Evans.

Durante o curso e a *inspection tour* realizada em Salvador, as impressões de Clifford Evans e Betty Meggers sobre Valentin Calderón foram extremamente positivas. O relatório elaborado pelo casal oferece um retrato valioso de como Calderón era percebido naquele momento e de como foi estrategicamente pensado como peça-chave para o desenvolvimento da arqueologia na região. Também revela as impressões dos Evanses sobre o Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade da Bahia e suas limitações para o trabalho arqueológico. A seção dedicada a Salvador inicia da seguinte forma:

Dentro do Instituto de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia, há uma Seção de Antropologia. O arqueólogo dessa seção é o Prof. Valentin Calderón, uma pessoa com plena qualificação como arqueólogo. Ele é espanhol (naturalizado brasileiro) formado em arqueologia por universidades da Espanha e com experiência de campo.⁶⁴⁰

Fica claro, com a leitura do trecho, que a estratégia de Thales de Azevedo ao apresentar Calderón como “professor” foi bem-sucedida, inserindo-o em um circuito de autoridade acadêmica e científica e conferindo-lhe legitimidade institucional, oficializando, inclusive a experiência na Espanha como acadêmica. Evans e Meggers destacam que Calderón, apesar de espanhol, era naturalizado brasileiro — ainda que sua naturalização só viesse a ocorrer oficialmente no ano seguinte (Figura 71).⁶⁴¹ Essa ênfase ajudava a reforçar a ideia de um compromisso duradouro com o desenvolvimento da arqueologia no Brasil, afinal ele não era um estrangeiro apenas de passagem, o que certamente pesou na decisão de incluí-lo no programa.

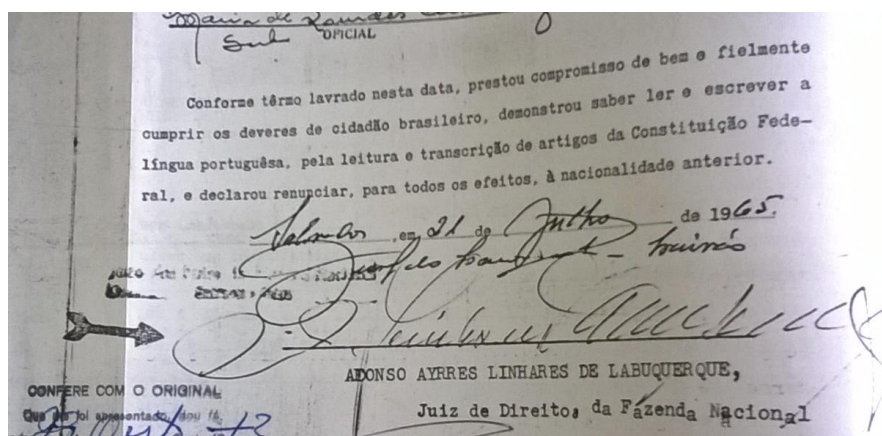


Figura 71: Cópia do documento de naturalização de Valentin Calderon em 21 de julho de 1965: Fonte Arquivo da FFCH/UFBA.

⁶⁴⁰ *Report of Activities in Brazil, October and November 1964.* IPHAN. Arquivo Central/Seção RJ. Série Histórica. Caixa 081. pasta 94. Original em inglês: *Within the Instituto de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade da Bahia there is a Seção de Antropologia. The archeologist in this section is Prof. Valentin Calderón, a person with full qualifications as an archeologist. He is a Spaniard (now a naturalized Brazilian) trained in archeology in the universities of Spain and with field experience. He benefited immensely by the seminar especially getting to know his fellow Brazilians.*

⁶⁴¹ Pasta funcional de Valentin Calderón no Arquivo da FFCH-UFBA.

No entanto é importante destacar, que apesar de naturalizado brasileiro, “renunciando, para todos os efeitos, à nacionalidade anterior”,⁶⁴² Calderón permanecia muito “orgulhoso de sua origem espanhola”, como destacado por Thales de Azevedo⁶⁴³. Essa dualidade, entre o status legal de cidadão brasileiro e o orgulho declarado de suas raízes espanholas, foi um traço marcante de sua trajetória e estratégia de inserção no cenário intelectual baiano. Por um lado, é possível admitir que ele mobilizou seu estrangeirismo como capital simbólico, especialmente para validar o conhecimento prévio. Por outro lado, admitiu um abrasileiramento manifestado, por exemplo, na simplificação de seu nome nas publicações científicas de ‘Valentin Rafael Simón Joaquín Calderón de la Vara’ para o mais pragmático ‘Valentin Calderón’.

Calderón não apenas não escondia suas origens, mas as usava como marca de autoridade intelectual. Essa estratégia fica evidente ao analisar sua ficha de cadastro de pessoal, disponível no NDI/UFBA. Entre os dados de habilitação consta uma suposta qualificação como Arqueólogo Pesquisador pela Universidade Barcelona.⁶⁴⁴ Como já demonstrado, Calderón não possuía a formação acadêmica que alegava. Ainda assim, o fato de a UFBA ter aceitado e valorizado tal habilitação, mesmo sem a apresentação de comprovantes, revela a força do capital simbólico associado à condição de europeu e estrangeiro ibérico (Figura 72). Evidencia, também, a persistência de uma lógica colonial e elitista que atribui autoridade científica à origem geográfica e à aparência de erudição, em detrimento da verificação formal de credenciais. Nesse contexto, a experiência prática em campo funcionava como uma forma de legitimação paralela, mas não desvinculada de tais hierarquias simbólicas.

⁶⁴² Pasta funcional de Valentin Calderón no Arquivo da FFCH-UFBA

⁶⁴³ Azevedo, Thales de. Grande nome da Arqueologia. A TARDE, 07/04/1995. In: Arquivo Pessoal de Valentin Calderon, MAE/UFBA.

⁶⁴⁴ Ficha de cadastro de pessoal, de Valentin Calderón. NDI/UFBA.

CIDO 80 ✓

					5	6	7	8	9
HABILITAÇÃO	INSTRUÇÃO ESPECIALIZAÇÃO CONCURSO								ÉPOCA
	Arqueólogo Pesquisador-Univ. Barcelona								1947
	Licenciado em Geografia e História-U.C.S.								1959
EXPERIÊNCIA DE TRABALHO									

Figura 72: Ficha funcional de Valentin Calderón, onde consta a alegação de formação em Arqueologia pela Universidade de Barcelona, sem que houvesse comprovação documental. Fonte: NDI/UFBA.

Voltando ao relatório de Meggers e Evans, com relação ao Instituto de Ciências Sociais o casal não foi tão elogioso. Os autores destacaram limitações significativas nas condições de trabalho oferecidas ao pesquisador. Mencionam, por exemplo, que o laboratório de arqueologia era pequeno e recente, que não havia transporte próprio do Instituto, e que os recursos financeiros disponibilizados pela universidade eram extremamente limitados.⁶⁴⁵ Essas observações revelam uma preocupação com a infraestrutura necessária para a realização de um programa de pesquisa arqueológica mais ambicioso, bem como reforçam o contraste entre o potencial representado por Calderón e os entraves institucionais que poderiam comprometer sua atuação. Sobretudo a sobreposição com funções administrativas:

Embora agora possa dedicar a maior parte de seu tempo à pesquisa arqueológica, recentemente tem estado envolvido com questões administrativas, pois o antigo diretor do Instituto, Dr. Thales de Azevedo, havia sido nomeado Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A Professora Maria Azevedo Brandão é agora a diretora do Instituto, o que deve novamente liberar Calderón para a pesquisa.⁶⁴⁶

Ao comentar a instabilidade administrativa do ICS, o casal tece uma crítica velada que pode ser lida como um sinal de desconfiança sobre futuro do projeto na Bahia, ainda que Calderón fosse

⁶⁴⁵ *Report of Activities in Brazil*, October and November 1964. IPHAN. Arquivo Central/Seção RJ. Série Histórica. Caixa 081. pasta 94.

⁶⁴⁶ *Report of Activities in Brazil*, October and November 1964. IPHAN. Arquivo Central/Seção RJ. Série Histórica. Caixa 081. pasta 94. Original em inglês: *Although most of his time can now be devoted to archeological research, he has recently been busy with problems of administration because the past director of the Instituto, Dr. Thales de Azevedo, had just been made Reitor of the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Professora Maria Azevedo Brandão is now Director of the Instituto and this should again free Calderón for research.*

pessoalmente valorizado. As impressões do casal se confirmam em pouco tempo. Como demonstrado, Maria Brandão foi afastada da direção do Instituto de Ciências Sociais por intervenção militar direta e, Valentin Calderón, nomeado diretor em seu lugar.

5.3.1. Entre o laboratório e a direção: o duplo papel de Calderón no ICS/UFBA

Calderón, agora diretor por circunstância, torna-se um símbolo da ciência sob pressão, mas não necessariamente política. O que o dividia eram as lealdades acadêmicas e administrativas. Em março de 1965, Calderón informa a novidade aos Evanses, dizendo que, em relação ao desenvolvimento das pesquisas em arqueologia, “[...] isso veio complicar ainda mais as coisas”.⁶⁴⁷ E complementa, comentando a dificuldade em conseguir financiamento para o programa na fonte esperada: “Eu esperava conseguir uma boa desculpa para renunciar a esse cargo, alegando a necessidade de utilizar recursos econômicos até então desconhecidos entre nós. No entanto, com o fracasso dos nossos planos, a desculpa se desfez, e não sei até quando terei que permanecer no cargo”.⁶⁴⁸

As cartas subsequentes do casal americano não mencionam a nova posição administrativa de Calderón. Este silêncio pode ter sido lido como um desconforto com sua associação formal à gestão universitária pós-golpe, o que ressalta o papel de Calderón como mediador frágil entre demandas científicas e administrativas — um equilíbrio que se tornaria insustentável com o fechamento do ICS em 1968. É provável que ele tenha sentido a necessidade de oferecer mais explicações e de suavizar o tom derrotista da correspondência anterior. Assim, em maio, junto com suas impressões sobre o programa de pesquisas, Calderón reverte a narrativa, expondo sua situação como diretor de forma bem diferente:

También quiero levar ao seu conhecimento que minha atual situação como diretor do Instituto não prejudicará em absoluto o bom andamento das pesquisas, já que só aceitei temporariamente com a condição de que, no momento em que começasse o programa arqueológico, me desligaria automaticamente do cargo, o que foi acordado com o reitor.

Por outro lado, minha situação como pesquisador em regime de dedicação exclusiva me permite empregar todo o tempo nesse programa, algo que não poderia fazer se fosse professor com a obrigação de ministrar aulas e cumprir outras tarefas. Creio que

⁶⁴⁷ Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans, em 12 de março de 1965 *In*: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em espanhol: (...) *eso vino a complicar más las cosas*.

⁶⁴⁸ *Ibidem*. Original em espanhol: *o esperaba conseguir una buena disculpa para renunciar a este cargo alegando la necesidad de utilizar recursos económicos hasta ahora desconocidos entre nosotros, pero al fallar nuestros planes, la disculpa se esfumó y no sé hasta cuándo tendré que permanecer en el cargo*.

essas vantagens me permitem maior mobilidade, o que, como já disse em várias ocasiões, seria muito facilitado por um transporte próprio. Essa tem sido uma das razões que sempre limitaram meu trabalho aqui durante esses dois anos.⁶⁴⁹

Essa mudança de tom não foi casual. Calderón precisava preservar o apoio internacional e garantir sua participação no programa, sinalizando aos Evans que permanecia comprometido com o PRONAPA, apesar das pressões institucionais. Há ainda outra mudança significativa no trecho citado: Calderón passa a enfatizar, como uma vantagem, sua condição de pesquisador, alegando poder se dedicar exclusivamente à pesquisa, em contraste com a carga burocrática dos professores. Esse posicionamento revela uma inversão estratégica em sua autoapresentação. Anteriormente, o uso do título de professor lhe conferia autoridade acadêmica; agora, o fato de não ser professor passa a ser mobilizado como argumento para justificar sua permanência no programa.

Na carta em questão, Calderón apresenta os argumentos solicitados por Evans para assegurar o financiamento do Jeep no primeiro ano do Programa. Um dos pontos mais reveladores de sua estratégia é a forma como ele vincula a concessão do veículo não apenas a necessidades operacionais (que eram muitas, já que a maioria das estradas da Bahia não eram pavimentadas à época), mas a uma luta por reconhecimento institucional. Ele sugere que o veículo serviria como um símbolo de valorização da arqueologia baiana, capaz de influenciar positivamente o Reitor para garantir que a universidade disponibilizasse um local adequado para as dependências do laboratório além de contribuir “[...] para melhorar a opinião que geralmente merecem os assuntos de arqueologia neste Estado”.⁶⁵⁰ Seria a Rural um trunfo para elevar o status da disciplina perante a instituição, portanto.

Na mesma carta, Calderón faz menção a possível independência do Laboratório de Arqueologia e Etnologia em relação ao Instituto de Ciências Sociais (ICS), vinculando essa perspectiva ao prestígio conquistado pelo programa. Essa afirmação revela uma visão estratégica de longo

⁶⁴⁹ Carta de Valentin Calderón para Mr. e Mrs Evans em 14 de maio de 1965. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em espanhol: (...) *También quiero llevar a su conocimiento que mi actual situación como director del Instituto no perjudicará en absoluto el buen andamiento de las pesquisas, ya que si lo acepté temporariamente fue con la condición de que en el momento que comenzase el programa arqueológico me desligaría automáticamente del cargo, en lo que el rector concordó.*

⁶⁵⁰ Carta de Valentin Calderón para Mr. e Mrs Evans em 14 de maio de 1965. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em espanhol (...) *para mejorar la opinión que generalmente merecen los asuntos de arqueología en este Estado.*

prazo: o carro não era apenas uma ferramenta de trabalho, mas também um instrumento para construir legitimidade, assegurar sustentabilidade e, eventualmente, ampliar a autonomia e a institucionalização da arqueologia na Bahia. A argumentação foi bem-sucedida e Calderón recebeu o veículo já no primeiro ano. O Laboratório de Arqueologia conquistou seu espaço ainda em 1966. Em abril deste mesmo ano ele informa que o reitor destinou uma casa “[...] defronte da Reitoria, que atende suficientemente às necessidades do Laboratório de Arqueologia. Agora não tenho mais problemas de espaço” (Figura 73).⁶⁵¹ A conquista provavelmente garantiu uma pequena sobrevivência ao fechamento do ICS, ocorrido em 1968, embora o próprio laboratório também tenha sido descontinuado poucos anos depois, o que revela a fragilidade institucional da arqueologia na UFBA.



Figura 73: Foto aérea do Campus do Canela com vistas para a Reitoria e o Hospital das Clínicas. Em laranja está indicado o local do ICS e em azul o lugar onde foi instalado o Laboratório de Arqueologia e Etnologia. Fonte: Fotografias do Memorial da UFBA/Lugares de Memória (SIBI) em Arquivos da UFBA.

Nos dois primeiros anos do PRONAPA, o Projeto Bahia, seguiu sem muitas intercorrências administrativas, apesar de algumas meteorológicas. Entre novembro de 1965 e março de 1966, Calderón e Nasser fizeram duas incursões para a região do Rio São Francisco: a primeira pela

⁶⁵¹ Carta de Valentin Calderón para Mr. e Mrs Clifford Evans em 9 de abril de 1966. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

margem pernambucana, de Casa Nova até Belém de São Francisco; na segunda, pela margem baiana, “[...] não foi possível passar além de Curaçá por causa das chuvas que converteram as estradas em verdadeiros lamaçais e as enchentes dos riachos, habitualmente secos, que impediam o trânsito de qualquer veículo”.⁶⁵² Apesar da chuva ter atrapalhado as pesquisas na Bahia, a margem pernambucana do rio rendeu o cadastro de 14 sítios, incluindo cinco sítios pré-cerâmicos, três sítios de habitação (com cerâmica), seis sítios cemitérios e dois sítios de pinturas rupestres (Figuras 74 e 75).



Figura 74: Dois sítios arqueológicos identificados no primeiro ano do PRONAPA por Valentin Calderón: a esquerda enterramentos no Sítio PE-7 Brandões, Cabrobó (PE); A direita painel rupestre Pedra Escrivida; Petrolina (PE). Fonte: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.



Figura 75: A Rural de Valentin Calderón nos trabalhos de campo. Fonte: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

⁶⁵² Relatório da Situação atual das pesquisas arqueológicas na segunda zona do rio São Francisco. Março 1966. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

O segundo ano (jul 1966- jun 1967) começou com visita de Betty Meggers e Clifford Evans ao novo Laboratório de Arqueologia, conferindo as classificações realizadas por Calderón e Nasser (Figura 76). O casal veio ao Brasil para participar do Congresso Biota Amazônica, e realizar visitas nos estados para o andamento das pesquisas do PRONAPA. Em relatório sobre a visita o casal escreve a respeito do impacto que o programa causou na Universidade da Bahia, transformando, significativamente o cenário da arqueologia local:

Universidade da Bahia ofereceu o máximo de apoio a Calderón, e os diretores e o reitor demonstram grande apreço pelo papel que a universidade pode desempenhar no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. O reitor da universidade disponibilizou para Calderón um prédio de dois andares para funcionar como laboratório arqueológico e etnológico. As condições de trabalho no edifício reformado são excelentes. Há espaço suficiente para armazenamento dos tipos e coleções de estudo; a universidade está financiando a compra de equipamentos, mobiliário para o laboratório, além de equipamentos e suprimentos fotográficos para um laboratório fotográfico como parte das instalações arqueológicas. O contraste entre o entusiasmo e a cooperação dos administradores da universidade durante nossa visita em junho de 1966 e a atitude demonstrada na visita anterior, em novembro de 1964, é como da noite para o dia, e oferece um dos exemplos concretos de como o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas pode servir como catalisador para a pesquisa científica em universidades ou museus brasileiros.⁶⁵³

O relatório elaborado em 1967 pelos Evanses sobre a visita em julho de 1966, oferece um retrato altamente otimista da situação de Valentin Calderón na Universidade da Bahia. Os autores destacam o apoio institucional expressivo da reitoria e da administração universitária, materializado na cessão de um prédio de dois andares para abrigar o laboratório arqueológico e etnológico, além do financiamento para aquisição de equipamentos e mobiliário. A UFBA é apresentada como um exemplo de como o PRONAPA poderia funcionar como catalisador de investimentos e entusiasmo institucional em torno da pesquisa arqueológica.

⁶⁵³ Progress Report January, 1967. In: Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *The University of Bahia has offered the maximum of support to Calderon and the Deans and Rector are highly appreciative of the role that the University can play in the National Program of Archeological Research. The Rector of the University has provided Calderon with a two story building as an archeological and ethnological laboratory. The working conditions of the remodeled building are excellent. Sufficient storage space is available for the type and study collections, the University is providing funds for the purchase of equipment and furniture for the lab, and photographic equipment and supplies for a photographic lab as part of the archeological facilities. The contrast between the enthusiasm and cooperation offered by the administrators of the University toward archeological research during our visit in June, 1966 and the attitude during our earlier visit in November, 1964 is like day and night, and offers one of the concrete examples of how the National Program of Archeological Research can serve as a catalyst to scientific research at a Brazilian university or museum.*



Figura 76: Da esquerda para a direita: Valentin Calderón, Nássaro Nasser, Clifford Evans e Betty Meggers no Laboratório de Arqueologia da UFBA. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

Contudo, o tom otimista do relatório contrasta de forma significativa com o conteúdo da carta enviada por Calderón, em 9 de dezembro de 1966.⁶⁵⁴ Em resposta à pergunta encaminhada pelo casal anteriormente, de como estava o andamento de todos os outros projetos, Calderón expressa preocupação com as incertezas trazidas pela recém-decretada reforma universitária, que afetaria diretamente a estrutura administrativa e acadêmica da UFBA, incluindo o Instituto de Ciências Sociais, ao qual ele estava vinculado. A carta revela a insegurança do pesquisador quanto à continuidade do apoio institucional, sugerindo que, apesar dos avanços concretos e do investimento obtido até aquele momento, o futuro dos projetos arqueológicos dependia de rearranjos políticos e administrativos ainda indefinidos.

Calderón termina a carta dizendo: “Eu estou metido na Comissão de Pesquisa da Universidade – talvez assim consiga salvar o que nos interessa.”⁶⁵⁵ Frase que certamente carrega uma ambiguidade significativa. Por um lado, sua presença nesse espaço representava uma esperança estratégica de preservar os avanços institucionais recentes conquistados para a arqueologia na UFBA. Por outro, representava mais um obstáculo administrativo ao PRONAPA, o que poderia

⁶⁵⁴ Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans em 6 de dezembro de 1966. *In*: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁵⁵ *Ibidem*.

dificultar a execução do programa por Calderón, diminuindo ainda mais suas possibilidades de realizar excursões a campo e as análises de laboratório.

As viagens para trabalhos de campo do segundo ano (jul 1966 – jun 1967), no entanto correram como o esperado e contaram com o apoio técnico de Marcos Albuquerque, da Universidade de Pernambuco. Calderón executou duas campanhas: uma entre 28 de janeiro e 19 de fevereiro de 1967: e outra entre 15 de maio e 21 de julho de 1967. A primeira campanha objetivava concluir a área não alcançada no ano anterior, a Chapada Diamantina. Contudo, informações sobre o clima em Jacobina, o fez decidir mudar a rota. O objetivo agora era o agreste central do estado passando por Ribeira do Pombal, Mirandela e Paulo Afonso, onde continuaria as pesquisas na margem pernambucana do rio São Francisco.

Na região de Mirandela, Calderón descobriu novos sítios cemitérios. Já no São Francisco, identificou e escavou um dos sítios mais importantes do Nordeste: a Gruta do Padre. Entre vestígios de ocupação humana encontrados neste sítio, se destacam os instrumentos líticos de sílex, que ficaram conhecidos na literatura como tradição Itaparica, em homenagem a serra que abrigava o sítio. Ao dar notícia para o casal Evans, Calderón escreve que no último estrato do sítio,

[...] foram encontrados belíssimos instrumentos de sílex, desconhecidos na bibliografia arqueológica brasileira até a data. A feitura destes instrumentos unifaciais (sílex), é magnífica e a unidade destes instrumentos-guia promete ter grande importância para a identificação desta cultura que é a primeira que se descobre no norte e nordeste do Brasil e que acredito seja bem diferente das culturas líticas já identificadas no resto do país.⁶⁵⁶

Ao chegar do campo, Calderón se depara com a notícia de que, graças a construção de uma estrada, a 16km de Salvador, foi encontrado “[...] um sítio de habitação de enormes proporções com mais de 80cm de profundidade rodeado de uma série de grupos de enterramentos em igaçabas”.⁶⁵⁷ O Sítio foi exposto por máquinas de terraplanagem na ocasião da construção de uma estrada. Nesse local, na Baía de Aratu, foi identificado o sítio arqueológico que nomeou a tradição arqueológica caracterizada, entre outras coisas, em urnas funerárias periformes.

⁶⁵⁶ Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans em 01 de março de 1967. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁵⁷ *Ibidem*.

Na segunda viagem para campo no mesmo ano (entre 15 de maio e 21 de julho de 1967), Calderón percorreu cerca de 5000km, segundo ele próprio.⁶⁵⁸ A viagem foi dividida em sete bases de operações, estrategicamente distribuídas ao longo do rio São Francisco e da Chapada Diamantina. Os trabalhos iniciaram em Ituaçu, onde foram registrados sítios nos arredores do rio Brumado e da Chapada Diamantina, seguidos por prospecções em Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória, com destaque para os sítios com cerâmica e pinturas rupestres nas margens do rio Corrente. Na região de Barra, a travessia para o lado oposto do São Francisco revelou um cenário pouco promissor devido à escassez de vestígios. Em Morro do Chapéu e Piritiba, na Chapada Diamantina, identificaram-se importantes sítios com pinturas rupestres naturalistas — os primeiros com essas características registrados na Bahia. Apesar das dificuldades logísticas e climáticas, Calderón e sua equipe realizaram levantamentos topográficos e estratigrafias em diversos pontos, sendo os resultados particularmente expressivos em Ituaçu, Tanhaçu e Piritiba. O relatório destaca ainda os entraves causados pelas chuvas intensas e pela defasagem entre o calendário fiscal americano e as condições climáticas locais, que afetaram o aproveitamento da estação seca para os trabalhos de campo (Figura 77).⁶⁵⁹

Entre as duas viagens, um importante revés acontece. O então Reitor, Professor Miguel Calmon, que apoiava o programa na universidade e cedeu o espaço para o laboratório, falece no exercício de seu reitorado, em 5 de maio de 1967.⁶⁶⁰ Em seu lugar assume Roberto Santos, filho de Edgard Santos. A princípio, apesar da perda pessoal de Calderón que era amigo de Calmon, a morte do reitor não parecia uma grande perda para o Programa. “O novo Reitor, Prof. Roberto Figueira Santos, nomeado em junho, mostrou-se, felizmente para o Programa, plenamente alinhado com

⁶⁵⁸ Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans em 01 de julho de 1967. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁵⁹ Relatório da Viagem Realizado à primeira zona do Rio São Francisco de 15/05 a 21/06/1967. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁶⁰ Carta de Valentin Calderón a Mr. e Mrs. Clifford Evans, em 10 de maio de 1967. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

os eixos de pesquisa e formação dos projetos de Calderón, além de manter com ele uma relação de amizade”.⁶⁶¹

Até então, o casal Meggers e Evans parecia satisfeito com a participação de Calderón no PRONAPA. Essa relação, no entanto, começaria a se deteriorar nos meses seguintes. As correspondências trocadas em 1968 revelam o início de tensões importantes em torno da atuação de Calderón.

RELACÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PROSPECCIONADOS NO ESTADO DA BAHIA DURANTE
O EXERCÍCIO 1966 - 1967

<u>REGIÃO ITUAÇU E TANIACU</u>		<u>cacos</u>
BA-16	- Pastinho (4 amostras) -----	820
BA-17	- Monte Alto (6 amostras)-----	1.802
BA-18	- Lagoa (2 amostras) -----	448
BA-19	- Cariri (3 amostras) -----	1.633
BA-20	- Tamburi (1 amostra) -----	448
BA-21	- Lagoa do Gentil (6 amostras) -----	1.701
BA-22	- Gruta do Rode -(pictografias) -----	
BA-23	- Lagoa (pictografias)-----	
BA-24	- Cachoeira (pictografias)-----	
BA-25	- Chapadinho (3 amostras) -----	400
BA-26	- Sítio do Joaquim (1 amostra) -----	314
BA-67	- Gentil (casa do guia) (1 amostra) -----	163
		<u>7.115</u>
<u>REGIÃO CORIBE - SANTA MARIA DA VITÓRIA</u>		
BA-27	- Mossodó (1 amostra) -----	132
BA-28	- Riocho Grande (1 amostra) -----	154
BA-29	- Boa Sorte (2 amostras) -----	206
BA-30	- Olho d'Água de Gameleira (1 panela) -----	
BA-31	- Pedreirinha (1 amostra) -----	28
BA-32	- Variante da Mina do Coqueiro (1 amostra) -----	119
BA-33	- Gruta de Mandiaçu (1 amostra, pictografias) -----	53
BA-34	- Mina da Serra (1 amostra) -----	4
BA-35	- Morro das Porteiras (3 amostras) -----	418
BA-36	- Gruta do Morro das Porteiras (pictografias) -----	
BA-37	- Gruta Cidade (1 amostra) -----	
BA-38	- Várzea do Morro Pintado (1 amostra) -----	98
BA-39	- Sítio da Cacimbinha (1 amostra) -----	46
BA-40	- Morro Pintado nº 1 (pictografias) -----	46
BA-41	- Morro Pintado nº 2 (pictografias) -----	
		<u>1.304</u>
<u>REGIÃO MORRO DO CHAPEU - PIRITIBA - CAMPO FORMOSO - SAÚDE</u>		
BA-42	- Abrigo da Pedreira das Lages (pictografias)-----	
BA-43	- Abrigo do Boqueirão do Brejo (pictografias)-----	
BA-44	- Nº 1 - Serra das Lages (pictografias) -----	
BA-45	- Nº 2 - Serra das Lages (pictografias) -----	
BA-46	- Nº 3 - Serra das Lages (pictografias) -----	
BA-47	- Abrigo da Serra da Lagoa da Velha (pictografias) -----	
BA-48	- Abrigo da Boca do Pintado (pictografias) -----	
BA-49	- Abrigo da Estrada (pictografias) -----	
BA-50	- Abrigo da Cachoeira do Regato (pictografias) -----	
BA-51	- Sítio da Jaboticaba (pictografias) -----	
BA-52	- Sítio da Boca do Mato (2 amostras) -----	133
BA-53	- Sítio nº 2 da Boca do Mato (1 amostra) -----	72
BA-54	- Sítio da Boca do Gabriel (1 amostra) -----	70
BA-55	- Sítio da Fazenda Sítio (1 amostra) -----	170
BA-56	- Sítio do Rio Preto (1 urna) -----	
BA-57	- Abrigo do Mamelão (pictografias)-----	
BA-58	- Sítio Fazenda Saonhem (1 gamela) -----	
BA-59	- Sítio Santa Ursula (1 amostra) -----	
BA-60	- Sítio Lagoa Nova nº 1 (1 amostra) -----	52
BA-61	- Sítio Lagoa Nova nº 2 (4 amostras) -----	273
BA-62	- Sítio Feixe de Serra (1 panela) -----	519
BA-63	- Sítio Maria Vermelha (1 panela) -----	
BA-64	- Sítio Encontro dos Rios (pictografias) -----	
BA-65	- Sítio do Poço da Quarana (pictografias) -----	
BA-66	- Lagoa da Onça (1 panela) -----	
		<u>1.289</u>

Figura 77: Relação de sítios prospectados na Bahia no segundo ano do PRONAPA. Fonte: Betty Megers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.

⁶⁶¹ Progress Report, 8 de Janeiro 1968. In: Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. *Original em inglês: he new Rector, Prof. Roberto Figueira Santos, was appointed in June and, fortunately for the Program, was wholly sympathetic to the research and training aspects of Calderón's projects and a good friend of his.*

5.3.2. Entraves Institucionais para o PRONAPA na Bahia

A consolidação do PRONAPA na Bahia encontrou obstáculos significativos que vão além das dificuldades operacionais típicas de um projeto de arqueologia. Apesar do esforço de coordenação e das articulações de Valentin Calderón, a iniciativa esbarrou em uma série de entraves institucionais que limitavam sua efetividade no âmbito local. A descontinuidade no apoio administrativo e o baixo reconhecimento interno do projeto (somada a uma falta de interesse pela arqueologia na Bahia), são alguns dos fatores que dificultaram a plena integração da universidade ao esforço nacional de profissionalização da arqueologia. Aqui vemos como esses entraves comprometeram a sustentabilidade do PRONAPA na Bahia e revelam as tensões entre as diretrizes do projeto nacional e as condições concretas de sua implementação no estado.

O apoio institucional ao programa na Bahia, apesar de aparentar excelente para os norte-americanos, possuía limitações importantes para a atuação de Valentin Calderón no Programa. Como diretor do ICS, ele não podia se dedicar prioritariamente às pesquisas arqueológicas. Em 1968 essa situação se agravaria, pois agora Calderón assumiu a direção do Departamento Cultural da UFBA, indicado pelo Reitor Roberto Santos. Nas palavras de Calderón, em carta escrita em 1 de novembro de 1967:

Quero comunicar-lhes que por designação do Magnifico Reitor assumi o cargo de Diretor do Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia, onde, como sempre, me encontro ao inteiro dispor de vocês. Isto, por enquanto, não altera minha situação no Instituto e no Laboratório.⁶⁶²

Até aqui o casal Meggers e Evans parecia satisfeito com a participação de Calderón do PRONAPA, mas isso mudaria drasticamente. As correspondências seguintes revelam tensões importantes em torno de sua atuação. A carta enviada em janeiro de 1968 pelos coordenadores traz duras, embora polidas, críticas ao manuscrito submetido por Calderón para compor a publicação coletiva do segundo ano do PRONAPA, que já estava em atraso.⁶⁶³

⁶⁶² Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans em 1 de novembro de 1967. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁶³ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Valentin Calderón em 13 de Janeiro, 1968. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

A primeira crítica recai sobre o nível de detalhamento das descrições geográficas, considerado excessivo em relação ao conteúdo arqueológico. Mais significativa, contudo, é a crítica à abordagem de campo adotada por Calderón. Em contraste com os demais pesquisadores do programa, que haviam se mantido em investigações intensivas nas áreas previamente delimitadas, Calderón teria desenvolvido um levantamento disperso, cobrindo diversas áreas da Bahia. Essa “abordagem espalhada”, contrariava o modelo estabelecido pelo programa e que fora adotado nos demais estados participantes sem grandes problemas.

Nesse sentido, os coordenadores indicam o desejo de excluir do artigo as escavações realizadas na costa norte da Bahia, por estarem “[...] completamente fora do plano do segundo ano” do PRONAPA. A recomendação editorial de fundir as duas áreas da Chapada Diamantina em uma única discussão, excluir do artigo as escavações realizadas na costa norte da Bahia e a sugestão de organizar os dados de modo a permitir a comparação entre regiões, também revelam o esforço por conformar o trabalho de Calderón aos moldes institucionais do programa. Embora apresentado de maneira diplomática, o conteúdo da carta evidencia os mecanismos sutis de controle científico e narrativo exercidos por Betty Meggers e Clifford Evans. Calderón estava comprometendo dois pontos cruciais para o programa: a falta de sintonia de tempo ao entregar os relatórios e a ausência das prospecções sistemáticas nas áreas previamente estabelecidas.

De janeiro ao fim de maio de 1968, não há registros de correspondência enviada por Calderón para os coordenadores do PRONAPA. Diante da falta de respostas de Calderón, em 24 de maio eles mandam outra carta, adotando um tom visivelmente impaciente, chegando à ironia logo na primeira frase: “O silêncio vindo de Salvador, Bahia, nos faz questionar se você está perdido no interior ou na papelada da burocracia como chefe do Instituto.”⁶⁶⁴ Com linguagem mais seca e objetiva, pede a Calderón que encaminhe a alguma prestação de contas, “[...] nós temos que mostrar para nosso escritório fiscal que pelo menos todos os irmãos estão ‘vivos’!”⁶⁶⁵.

Esta situação de tensão entre os arqueólogos americanos e Calderón oferece uma oportunidade perfeita para individualizar o casal: A primeira carta foi escrita por Betty Meggers. Em sua escrita, ela usa um tom técnico e crítico, mas cordial. Há um esforço claro em justificar as alterações feitas no texto de Calderón com base nos objetivos do programa. Embora contenha

⁶⁶⁴ Carta de Office of Anthropology para Valentin Calderón, em 24 de maio de 1968. In: Arquivo pessoal de Valentin Calderón MAE/UFBA. Original em inglês: *Silence from Salvador, Bahia makes us wonder if you are lost in the interior or in the paperwork of bureaucracy as chefe of the Instituto*

⁶⁶⁵ Carta de Office of Anthropology para Valentin Calderón, em 24 de maio de 1968. In: Arquivo pessoal de Valentin Calderón MAE/UFBA. Original em inglês: (...) *we must show our fiscal office that at least all the irmãos are “vivo”!*

críticas importantes ela se mantém respeitosa e colaborativa. Já a correspondência de maio, foi escrita por Evans e traz seu tom sarcástico característico. Esse episódio é ilustrativo de como comunicação, poder e cultura se entrelaçavam no PRONAPA. A diplomacia de Meggers e o sarcasmo de Evans representavam duas faces de uma mesma moeda: a pressão por eficiência em um projeto que, embora colaborativo, reproduzia estruturas assimétricas.

A verdade é que o ano de 1968 mudaria tudo para Calderón e, principalmente para a arqueologia na UFBA. O decreto-lei nº 62.241 de 8 de fevereiro, que reestrutura a Universidade Federal da Bahia, faz desaparecer o Instituto de Ciências Sociais, com isso o Laboratório de Arqueologia e o próprio Calderón, deveriam se integrar à Faculdade de Filosofia, na cadeira de Antropologia.⁶⁶⁶ Calderón, então, faz uma gestão junto ao Reitor, para pedir uma outra solução. Do lado de Roberto Santos, havia um interesse em criar um Museu de Ciências e Tecnologia. Assim, ficou acordado que o Laboratório de Arqueologia e Etnologia seria a primeira unidade do futuro museu. A contrapartida de Calderón foi aceitar a direção do Departamento Cultural, o que o impossibilitaria de ir a campo e atender o cronograma do PRONAPA.

Na carta que envia para Betty Meggers e Clifford Evans, Calderón deixa transparecer o quão desconfortável está com a situação, embora seja impossível precisar se por causa da mudança na universidade ou por não ter conseguido cumprir sua parte no programa e ter sido repreendido. Calderón então afirma que não irá para o encontro previsto para acontecer no Museu Emilio Goeldi “[...] já que as ordens que me foram transmitidas [...] sobre o envio trimestral de relatórios e a necessidade de preparar diversos documentos, com base em material coletado durante o 3 ano para a Reunião de Belém me obrigaria a uma participação mais intensiva do que minhas disponibilidades de tempo me permitem”.⁶⁶⁷ Antecipando um possível desligamento do programa, ele já sugere um ajuste nos termos de sua participação com o seguinte arranjo:

Devolver, depois de prestar contas, a verba que me foi concedida para o 3 ano de trabalho;
 Prescindir do auxílio econômico do PRONAPA em anos sucessivos;
 Atender as despesas de pesquisa com verbas que me serão concedidas pela Comissão de Pesquisas da Universidade Federal da Bahia
 Conseguir um auxiliar para os trabalhos de campo e laboratórios;
 Continuar utilizando a Rural Willys responsabilizando-me por todas as despesas da mesma, incluindo seguro total

⁶⁶⁶ Carta de Valentin Calderón para Cliff e Betty em 16 de maio de 1968. *In*: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁶⁷ *Ibidem*.

Caso essa fórmula não seja aceita por vocês, proporia que me fosse vendida a Rural, pelo preço de custo. Enfim, vocês estudem o caso e digam-me qual é a solução melhor.⁶⁶⁸

Não foi identificado no arquivo pessoal de Calderón a resposta a essa carta, mas nos arquivos de Betty Meggers e Clifford Evans foi possível ter acesso à cópia enviada no mesmo dia em que eles receberam. A urgência em contra-argumentar com Calderón é explicada pela proximidade com a reunião no Museu Goeldi, planejada desde o começo do programa, que agora ele pretendia não comparecer. Os argumentos apresentados pelo casal são no sentido de garantir a presença de Calderón no evento. Primeiro eles desconstruem a ideia de que a reunião é apenas sobre resultados, ao contrário é sobre discussões estratégicas que moldarão o futuro da pesquisa no Brasil:

A conferência não é, primordialmente, para relatar o que cada um fez no 3º ano, nem para tratar as coisas como uma “competição” de quem fez mais, encontrou mais sítios, realizou mais trabalho de campo, etc. Pelo contrário, aqueles que têm dados não publicados à disposição serão necessários para as discussões amplas — independentemente de esses dados terem sido coletados no 3º ano, no 2º ano ou no ano anterior ao Programa.⁶⁶⁹

Apesar das críticas ao manuscrito, os coordenadores do PRONAPA enfatizaram, em seguida, que a participação de Calderón continuava sendo considerada imprescindível. Seu conhecimento específico sobre a região em que atuava era visto como único e insubstituível, de modo que sua ausência representaria um prejuízo não apenas para o projeto, mas para o desenvolvimento da arqueologia no Brasil e para sua própria carreira científica. O casal Meggers e Evans advertiu que permanecer isolado na Bahia não resolveria seus impasses, enquanto a participação na conferência anual, que reuniria todos os pesquisadores do programa e representantes do CNPq e do IPHAN, poderia representar uma oportunidade decisiva de rearticulação.

Com esse argumento, os coordenadores decidiram flexibilizar as exigências formais — especialmente no que dizia respeito à entrega dos relatórios pendentes — a fim de garantir a presença de Calderón no Seminário do PRONAPA, realizado em Belém. A estratégia foi bem-

⁶⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁶⁹ Carta do office of Anthropology para Valentin Calderon em 31 de maio de 1968. *In*: Arquivo pessoal de Valentin Calderón MAE/UFBA

sucedida: Calderón compareceu ao evento, onde as questões sobre sua permanência no Programa puderam ser discutidas pessoalmente (Figura 78).



Figura 78: Valentin Calderón apresentando uma seriação aos participantes do PRONAPA. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers, NAA/SI

A atuação de Betty Meggers e Clifford Evans nesse episódio revela o esforço ativo dos coordenadores do PRONAPA para tentar assegurar a continuidade da pesquisa arqueológica na Bahia, apesar dos entraves institucionais e das dificuldades de interlocução com Calderón. Ao mesmo tempo em que criticavam com rigor o desempenho do pesquisador — especialmente no que dizia respeito ao cumprimento dos prazos e à qualidade dos relatórios —, demonstravam reconhecer o valor estratégico de sua presença na região. A Bahia ocupava um lugar central na proposta do PRONAPA, tanto pelo seu potencial arqueológico quanto pela possibilidade de integrar diferentes tradições de pesquisa no Nordeste brasileiro. A decisão de flexibilizar as exigências burocráticas e insistir em sua participação no Seminário de Belém mostra que, para Meggers e Evans, o fortalecimento da arqueologia na Bahia dependia da permanência de Calderón no Programa. Nesse sentido, sua intervenção pode ser interpretada como uma tentativa de preservar não apenas a coesão do PRONAPA, mas o próprio investimento científico norte-americano na região, que, àquela altura, passava a enfrentar discretas resistências internas e desafios operacionais.

5.3.3. O isolamento de Calderón na reta final do PRONAPA e o declínio da Arqueologia na UFBA

Como Diretor do Departamento Cultural, Valentin Calderón acumulava diversas responsabilidades administrativas e culturais, o que impactava diretamente sua disponibilidade para as atividades do PRONAPA. Ele também era o presidente da Comissão de Publicações da UFBA, que planejou e executou a revista UNIVERSITAS – Revista de Cultura da Universidade da Bahia, publicada entre 1968 e 1991.⁶⁷⁰ Ainda assim, ele permaneceu formalmente vinculado ao programa, embora as correspondências e relatórios não permitam afirmar com clareza sobre as condições em que isso ocorreu. Para o relatório do terceiro ano para a Smithsonian os Evanses escreveram que:

Durante 1967-68, a Universidade Federal da Bahia passou por uma drástica reorganização. O Instituto de Ciências Sociais, dirigido por Calderón, foi extinto e, por um curto período, o destino do laboratório de arqueologia permaneceu incerto. Felizmente, o resultado foi positivo, visto que o laboratório passou a fazer parte do Departamento de Cultura, diretamente subordinado à Reitoria. A posição de Calderón foi, assim, consideravelmente fortalecida, mas o período de reorganização exigiu sua presença constante, o que resultou em uma redução drástica de seu trabalho de campo durante o terceiro ano, limitando-se a operações de salvamento emergencial nas proximidades de Salvador.⁶⁷¹

Eles também reportaram que o trabalho de campo do quarto ano (jul 1968-jun 1969) estava sendo realizado “na costa nordeste do estado”, justamente a região que eles haviam retirado do relatório no ano anterior. É possível admitir, portanto, que os coordenadores criaram condições para resguardar sua imagem perante os demais participantes do Programa. Essa escolha sugere não apenas uma tentativa de preservar a colaboração de Calderón, mas também de evitar embates que pudessem comprometer o andamento das pesquisas na região. Em outras palavras, ao manejarem a informação institucional com cautela, Meggers e Evans atuaram politicamente para garantir que a Bahia continuasse como um dos eixos do PRONAPA — mesmo que isso

⁶⁷⁰ Hoje todos os números da Universitas estão disponíveis em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/about>

⁶⁷¹ Progress Report, 09 de dezembro de 1968. In: Prehistoric Routes of Cultural Diffusion in Brazil. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em Inglês: *During 1967–68 the Universidade Federal da Bahia underwent drastic reorganization. The Instituto de Cultura was abolished and for a short time the status of the Laboratory remained in doubt. Fortunately, the situation was temporarily solved: the laboratory now forms part of the Departamento de Cultura and this is directly under the Reitoria. Calderón's position has thus been strengthened considerably, but the period of reorganization required his constant presence with the result that his fieldwork was drastically reduced during the third year and limited to emergency salvage operations in the vicinity of Salvador.*

exigisse contornar, ao menos temporariamente, os impasses com o arqueólogo responsável pelas atividades locais.

No final de 1969, enquanto o PRONAPA consolidava suas frentes de pesquisa em diferentes estados brasileiros, Valentin Calderón e Igor Chmyz (do Paraná) participaram do Seminário de Tropicologia, realizado na Universidade Federal de Pernambuco sob a direção de Gilberto Freyre. Mais do que uma atividade acadêmica rotineira, o evento tornou-se um espaço de embate epistemológico entre Calderón e o casal Evans, ao mesmo tempo em que representou uma oportunidade estratégica para Calderón ampliar seu capital simbólico no campo acadêmico baiano, nordestino e nacional (Figura 79).



Figura 79: Recorte de jornal A TARDE, com notícia de participação de Calderón no seminário de Tropicologia de Gilberto Freyre. Fonte: Arquivo pessoal de Valentin Calderon, MAE/UFBA.

Na VIII Reunião Ordinária do Seminário, realizada em 21 de novembro de 1969, o conferencista convidado foi Igor Chmyz, que apresentou o trabalho *Arqueologia e Trópico*, comentado por Valentin Calderón e pelo etnógrafo Veríssimo Pinheiro de Melo (Figura 80).⁶⁷²

Ao introduzir o assunto do seminário, Freyre diz que os problemas de arqueologia condicionados pela “[...] ecologia tropical ou ecologias tropicais: assunto arqueologíssimo dada a crescente importância que vem sendo dispensada por arqueólogos à ecologia nos seus estudos”.⁶⁷³ E continua:

⁶⁷² Cunha, Gaspar, & Silva, 2010.

⁶⁷³ Seminário de Tropicologia, 1979, p. 538.

Curitiba e Salvador são, com Belém do Pará e o Rio — sede do Museu Nacional - centros de estudos brasileiros em que se atribui considerável importância a pesquisas arqueológicas. Não ainda, é certo, a importância que tais pesquisas merecem. Mas alguma. O bastante para tornarem Salvador e Curitiba notáveis como centros pioneiros na modernização dos estudos arqueológicos no nosso país.⁶⁷⁴



Figura 80: Valentin Calderón, Gilberto Freyre, Nilo Pereira e Igor Chmyz no Seminário de Tropicologia em Recife no dia 21 de novembro de 1969. Fonte: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/22944>.

A apresentação de Chmyz retomou a nomenclatura estabelecida pelo PRONAPA, que dividia o território brasileiro em duas grandes categorias: *Amazônia* e *Faixa Costeira*, e explicou a classificação arqueológica desenvolvida pelo PRONAPA, para essas regiões (Figura 81).

⁶⁷⁴ *Ibidem*, p. 538.

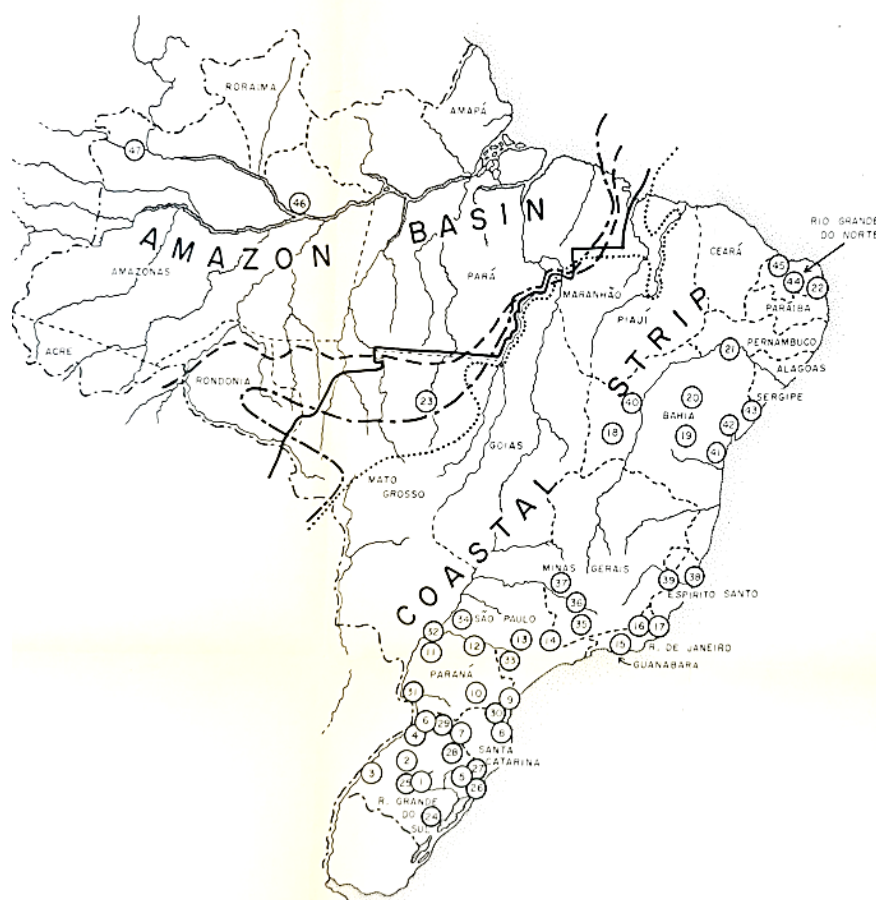


Figura 81: Mapa de análise dos sítios arqueológicos trabalhados no PRONAPA, com a divisão ecológica do país em Amazonia (Amazon Basin) e Faixa Costeira (Coastal Strip). Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans, NAA/SL.

O primeiro comentador foi Valentin Calderón. Na sua apresentação, Gilberto Freyre destacou o alegado prestígio acadêmico do arqueólogo, evidenciando a força de seu capital simbólico no cenário científico nacional. Freyre descreveu-o nos seguintes termos:

[...] o arqueólogo, professor da Universidade Católica de Salvador, na Bahia. Formado pela Universidade de Barcelona, na Espanha, onde nasceu. Diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal da Bahia. Diretor do Museu Arqueológico da Universidade Federal da Bahia. Coordenador do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Executor do Projeto Bahia no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Coordenador de Curso de pós-graduação e Ciências Humanas, aliás versou este ano sobre o Recôncavo. Pintor da Revista Universitas da Universidade Federal da Bahia. Diretor do Jornal Universitário da mesma Universidade. Um mestre pleno, um mestre autêntico, cuja presença hoje neste Seminário é para nós um motivo de regozijo intelectual. A direção deste Seminário tudo está fazendo para trazer às suas reuniões as competências máximas do Brasil e quanto possível dentro dos nossos recursos, que são muito escassos, fora do Brasil nas diferentes especialidades.⁶⁷⁵

⁶⁷⁵ *Ibidem*, p. 562-563.

Durante a sessão de debates, o geógrafo Mário Lacerda de Melo questionou a classificação adotada por Chmyz e, por extensão, pelo PRONAPA, argumentando que ela derivava de uma perspectiva ecológico-geográfica que não lhe parecia adequada:

Continuemos, porém, a ver a conferência sob ótica geográfica. Para efeito de pesquisas arqueológicas, o conferencista apresentou o espaço brasileiro dividido em duas grandes porções: área da Amazônia e a que chama 'Faixa Costeira'. Permita-me dizer que, a ouvidos de geógrafo, soa um tanto estranho chamar de faixa costeira todo o espaço brasileiro não amazônico.⁶⁷⁶

Em resposta, Chmyz defendeu a proposta como uma estratégia metodológica, ancorada em parâmetros ecológicos e cartográficos:

Ao geógrafo Mário Lacerda de Melo, queremos esclarecer que a divisão do território brasileiro em duas áreas: Bacia Amazônica e Faixa Costeira, foi sob o ponto-de-vista arqueológico e como uma tentativa de sistematização de trabalho. Também serviram de apoio as linhas limitantes das regiões bioclimáticas de clima equatorial e clima tropical quente e subseco, da Floresta Amazônica, da Grande Região Norte e do uso da terra, conforme o Atlas Nacional do IBGE. Notam-se coincidências entre estas e os dados arqueológicos. Com o prosseguimento das pesquisas poderemos conservá-las ou modifica-las.⁶⁷⁷

Já Calderón, por sua vez, também relativizou a rigidez da classificação, sublinhando o caráter hipotético e provisório das delimitações:

O geógrafo Mário Lacerda se referiu à Faixa Costeira e à Bacia Amazônica. Os achados estão demonstrando a variedade, a riqueza imensa dessa área arqueológica e, evidentemente, nos mapas dos Estados que as abrangem aparecem áreas climáticas características que fazem pensar na amplidão, talvez exagerada, dessas delimitações, embora feitas apenas como hipóteses de trabalho.⁶⁷⁸

Em correspondência para Betty Meggers e Clifford Evans, ao comentar sobre o evento em que participou, Calderón disse apenas que teve a oportunidade de tratar de assuntos relacionados à arqueologia tropical com Gilberto Freyre.⁶⁷⁹ Mas, o casal havia recebido notícias transmitidas por Veríssimo de Melo, e souberam que a expressão “faixa costeira”, usada por eles Evans em seus modelos interpretativos da pré-história brasileira, havia sido duramente criticada por um

⁶⁷⁶ *Ibidem*, p. 588

⁶⁷⁷ *Ibidem*, p. 594-595.

⁶⁷⁸ *Ibidem*, p. 597-598

⁶⁷⁹ Carta de Valentin Calderón a Clifford Evans em 28 de novembro de 1969. In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

geógrafo presente.⁶⁸⁰ Mais do que isso: Veríssimo dissera que Calderón teria “[...] tendido a concordar” com a crítica. Isso bastou para que a carta se tornasse um exercício de argumentação (aliás, que foi utilizado também com Igor Chmyz, e com o próprio Veríssimo).⁶⁸¹

Com uma retórica incisiva, Evans e Meggers alegaram que ataques como aquele eram, na verdade, uma forma de encobrir ignorância por meio de distrações terminológicas. Sustentavam que, ao utilizar o termo “faixa costeira”, não pretendiam sugerir que Goiás estivesse no litoral — algo que consideravam “ridículo” —, mas sim, que se tratava de uma zona ecológica com características arqueológicas distintas e relevantes para a compreensão das adaptações indígenas antes do período colonial. E foram além: reivindicaram o direito de nomear áreas para fins científicos com base em critérios próprios, mesmo que isso desafiasse fronteiras políticas ou sensibilidades regionais.⁶⁸²

A carta, mais do que uma defesa epistemológica e metodológica, era também um recado sutil. Queriam ter certeza de que Calderón compreendia e compartilhava seus argumentos. E deixaram isso claro: não bastava ouvir críticas educadamente, era preciso, nas palavras deles, demonstrar que todas as evidências estavam sendo consideradas. Como representante do Programa era importante que Calderón desempenhasse o papel mediador e, por vezes, escudo diante das fricções entre agendas internacionais e dinâmicas locais. Essa troca epistolar ilumina os bastidores da cooperação entre brasileiros e norte-americanos, expondo os embates conceituais, as estratégias de legitimação e as sutilezas da diplomacia científica que marcaram a trajetória do PRONAPA. Esses elementos demonstram que o PRONAPA não era apenas um projeto técnico, mas uma rede viva, sustentada por relações de confiança, afeto e negociação contínua. A arqueologia, nesse contexto, era feita tanto de classificações quanto de alianças.

Não há, entre os documentos consultados, qualquer vestígio de resposta de Calderón à carta mencionada — e, de certo modo, esse silêncio marca o início de um novo padrão. A partir dali ele simplesmente deixa de responder todas as correspondências. O que talvez mais tenha

⁶⁸⁰ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Valentin Calderón em 13 de dezembro de 1969. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁸¹ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Igor Chmyz, em 13 de dezembro de 1969. *In: Chmyz, Igor Correspondence, 1963-1978. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁸² Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Valentin Calderón em 13 de dezembro de 1969. *In: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

surpreendido o casal Meggers e Evans, no entanto, não foi apenas a ausência de defesa da nomenclatura utilizada pelo PRONAPA, mas o fato de Calderón demonstrar, mesmo que indiretamente, certo alinhamento com as críticas dirigidas ao programa. Esse gesto, pequeno em aparência, revelou-se profundo em consequência: abalou de forma irreversível os laços de confiança e afeto que haviam sido cuidadosamente cultivados entre eles ao longo dos anos. A participação de Calderón no PRONAPA não foi encerrada de forma abrupta ou declarada, mas sim por meio de um lento e protocolar distanciamento, que evidenciava, a cada etapa, seu progressivo afastamento das diretrizes colaborativas do projeto. Nos dois últimos anos, o programa limitou-se a financiar o carro, enquanto as atividades arqueológicas por ele conduzidas seguiam uma lógica desvinculada dos objetivos estabelecidos pelo PRONAPA. Em vez de um plano estruturado, prevalecia agora o acaso — vestígios localizados em passagens por diferentes regiões da Bahia e de estados vizinhos, fora de qualquer estrutura metodológica comum ao projeto original.

Calderón também defendeu a autonomia sobre suas coleções, rejeitando a revisão de seu material por outros colegas, alegando divergências de critérios e se opondo, explicitamente, a uma revisão feita por Celso Perota, que realizava pesquisas no Espírito Santo.⁶⁸³ Ao mesmo tempo em que afirma ter instalado um laboratório provisório com recursos próprios, ele indica o desejo de controlar o envio apenas de "amostras" selecionadas. Essa postura defensiva rompe com a lógica de cooperação científica que caracterizava o PRONAPA e contribuiu para o desgaste de sua imagem no interior do projeto e para a perda de prestígio entre seus principais articuladores e alguns participantes. Como resultado desse desprestígio, Calderón não foi considerado para integrar o programa que se desenvolveu nos anos seguintes na Amazônia – o PRONAPABA – mesmo diante das solicitações feitas por Mário Simões em seu favor.⁶⁸⁴

Em resposta às tentativas de reconciliação com o espanhol, Meggers e Evans foram enfáticos ao expressar frustração com a conduta dele, ressaltando que o "silêncio" nas comunicações partiu principalmente dele, que deixou de responder a diversas cartas e não cumpriu promessas feitas sobre o PRONAPA, como a entrega de sequências stratigráficas. Criticam também a ausência de fases bem definidas para a tradição Aratu e a dificuldade para obter até mesmo um

⁶⁸³ Carta de Valentin Calderón para Betty Meggers e Evans em 07 de agosto de 1973. . *In*: Calderon, Valentin Correspondence 1964-1975. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁸⁴ Carta de Mário Simões a Clifford Evans e Betty Meggers, em 8 de março de 1976. *In*: Simões, Mário Correspondence. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

mapa para publicação. Questionam sua competência em classificação cerâmica. Encerram o assunto dizendo: “Achamos ótimo que o PRONAPA tenha feito a universidade escolher Calderón e lhe dar cargos importantes. Aparentemente, ele é um bom administrador — melhor do que um cientista. Mas foi ele quem se retirou, não nós.”⁶⁸⁵

O fim do PRONAPA marcou um período de descontinuidade e esvaziamento das iniciativas arqueológicas na Universidade Federal da Bahia. Sem o respaldo financeiro e institucional proporcionado pelo programa, a arqueologia perdeu o já reduzido espaço que ocupava na universidade. De fato, até então, a UFBA jamais havia implementado políticas claras de fomento à pesquisa ou à formação de novos quadros na área. O próprio Calderón, ao longo de sua trajetória, manifestou reiteradamente críticas à forma como a arqueologia era tratada no estado. Entre a finalização das atividades de campo do PRONAPA, em junho de 1970, e sua morte, em outubro de 1980, pouco foi feito para consolidar a arqueologia como campo científico na Bahia. O período foi marcado por uma perda progressiva de espaço institucional para a área dentro da UFBA, interrompendo o que poderia ter sido um processo de enraizamento mais duradouro da disciplina na universidade.

Em março de 1973, a arqueologia na UFBA sofreu mais um duro golpe. A universidade determinou, com urgência, a devolução da casa que havia abrigado o Laboratório de Arqueologia. Sem tempo para planejar a mudança, todo o acervo foi encaixotado às pressas: vinte e quatro grandes caixas que acabaram armazenadas nos porões do Museu de Arte Sacra, à espera de um destino mais digno. “É impossível abrir estes caixotes para retirar o que agora necessitamos,” escreveu Calderón sobre a necessidade de revisão dos dados do PRONAPA, revelando o estado precário em que se encontrava a infraestrutura de pesquisa.⁶⁸⁶

Nesse mesmo ano, Calderón também se ausentou do último encontro do PRONAPA, realizado em Washington, D.C., justamente quando os integrantes se reuniram para dar forma final aos dados interpretativos do projeto. Sua ausência foi sentida. Com ela, consolidou-se uma percepção de afastamento e perda de prestígio — tanto junto aos principais articuladores quanto entre colegas mais próximos. A fala de Celso Perota, marcada por um tom quase profético,

⁶⁸⁵ Carta de Betty Meggers e Clifford Evans para Mário Simoes em 17 de março de 1976. In: Simões, Mário Correspondence. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *We think it is great that the PRONAPA made the university pick Calderon out and give him important jobs. He apparently is a good administrator — better than he is a scientist. But he is the one who has withdrawn, not us.*

⁶⁸⁶ Carta de Valentin Calderón para Clifford Evans e Betty Meggers em 07 de agosto de 1973, entregue por Nássaro Nasser em mãos. In: Calderón, Valentin Correspondence. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

sintetiza esse desencanto: “Não tenho dúvidas de que o material em poder do Calderón vai ficar muito tempo no museu sem estudo e as informações vão ser estas que ele escreveu para o PRONAPA, que infelizmente são precárias. Vamos esperar para ver”.⁶⁸⁷

O Museu de Arqueologia, idealizado por Calderón, foi criado no papel em 1969, por iniciativa do então reitor Roberto Santos.⁶⁸⁸ Era parte daquela promessa maior — a de consolidar a arqueologia como campo legítimo de produção científica dentro da universidade. O museu teria uma localização emblemática: o mesmo *persistent place* do antigo Colégio dos Jesuítas, edifício histórico que, ao longo dos séculos, abrigou diferentes instituições e, nos anos 1970, era ocupado pela Faculdade de Filosofia. Era ali, sob o peso simbólico das pedras coloniais do século XVI, que Calderón idealizava um centro cultural universitário — um espaço vivo de memória, pesquisa e diálogo com o passado.⁶⁸⁹ No coração desse projeto, o Museu de Arqueologia ocuparia o subsolo, justamente onde repousavam os vestígios estruturais do prédio original. Mais do que um gesto de preservação, tratava-se de uma tentativa de inscrever a arqueologia na própria fundação da universidade — literal e metaforicamente. No entanto, como tantas outras iniciativas de sua trajetória, o museu permaneceu mais como projeto do que como realidade consolidada.

A inauguração do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, com sua efetiva criação, em 1983, três anos após a morte de Calderón, poderia sugerir um avanço rumo à institucionalização da disciplina. No entanto, sua origem revela outra motivação: dar destino à imensa coleção arqueológica reunida por Valentin Calderón, especialmente aquela formada durante os anos do PRONAPA. Mais do que um gesto de reconhecimento acadêmico, o museu nasceu como resposta logística a um problema concreto: o acúmulo de materiais sem espaço adequado para guarda ou estudo. Sem um projeto pedagógico ou científico mais amplo, desconectado das áreas de ensino e pesquisa da universidade (inclusive do recém-criado curso de museologia)⁶⁹⁰ e desligado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, a iniciativa acabou por reafirmar a

⁶⁸⁷ Carta de Celso Perota a Clifford Evans e Betty Meggers em 15 de outubro de 1973. *In*: Perrota, Celso Correspondence, 1967-1977. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁸⁸ Ofício no 5034 de 24 de novembro de 1969 da Reitoria da UFBA. Apresenta Resolução no 157/69 que dispõe sobre a vinculação dos órgãos suplementares da Universidade, incluindo o museu de arqueologia. Arquivo Histórico de Valentin Calderon, MAE/UFBA.

⁶⁸⁹ Sugestão para o projeto de implantação de uma Casa de Animação Cultural no Âmbito da Universidade Federal da Bahia. Arquivo Histórico de Valentin Calderon, MAE/UFBA.

⁶⁹⁰ Inclusive, Calderón alegava ser coordenador e fundador deste curso, contudo não foram encontrados documentos que confirmassem essa narrativa. Ao contrário, identificou-se que à época da criação do curso, Calderón ainda não havia prestado concurso para professor, sendo – portanto – técnico em arqueologia.

condição marginal da arqueologia na UFBA. Sustentada por esforços individuais e pela memória de um projeto que não se concretizou plenamente, a área permaneceu à deriva, sem apoio institucional consistente. O museu, assim, foi menos a semente de um novo ciclo e mais o abrigo de um passado interrompido — uma tentativa de preservação que, paradoxalmente, também testemunhava o abandono.

A espera de Celso Perota, como se sabe, arrastou-se por décadas — e ainda persiste. As caixas de material, agora remanejadas para o MAE, seguem intactas em seu silêncio interpretativo. Tornaram-se mais do que simples contêineres de material arqueológico: passaram a simbolizar o abandono de um acervo e, sobretudo, o esvaziamento simbólico de uma promessa científica que jamais se concretizou.

EPÍLOGO: AGORA FALANDO SÉRIO: POLÍTICA NAS RELAÇÕES DE EVANS E MEGGERS NO BRASIL

Ao longo desta tese, foram apresentados indícios importantes sobre a orientação política de Betty Meggers e Clifford Evans, especialmente em relação ao seu posicionamento diante do regime militar brasileiro e à forma como a política atravessou suas práticas acadêmicas e relações institucionais. Este epílogo propõe ser mais direto em relação a esses aspectos, explorando as contradições, compromissos e legados dessa atuação, sugerindo caminhos para uma reavaliação crítica do papel da ciência em contextos autoritários.

Diferentemente do que algumas leituras sugeriram — associando o PRONAPA a uma suposta neutralidade política ou mesmo a uma submissão aos interesses do regime militar —, a documentação analisada revela um cenário mais complexo. Este epílogo demonstra que embora tenham operado dentro de instituições ligadas à política externa dos Estados Unidos, Meggers e Evans mantinham posições políticas à esquerda e utilizaram, sempre que possível, os recursos e a legitimidade associados à *Smithsonian Institution* para proteger e apoiar pesquisadores brasileiros (e de outros países latinos) perseguidos pelo regime.

No Brasil, o caso mais emblemático da atuação político-solidária de Betty Meggers e Clifford Evans foi sua mobilização em defesa de Darcy Ribeiro, com quem mantinham proximidade intelectual e afetiva desde os anos 1950. Já no final daquela década, quando Darcy teve seu visto para os Estados Unidos negado após ser contemplado com uma bolsa da Guggenheim Foundation, o casal intercedeu junto a autoridades e instituições norte-americanas, embora sem êxito.⁶⁹¹ Esse engajamento se intensificou após o golpe civil-militar de 1964, que levou Darcy e Berta Ribeiro ao exílio no Uruguai. Acompanhando a situação com evidente preocupação, Meggers e Evans adotaram uma postura de solidariedade ativa, articulando redes de apoio acadêmico e institucional que buscavam garantir não apenas a segurança dos Ribeiro, mas também sua continuidade como intelectuais em circulação.

Darcy Ribeiro escreve em seu livro *Tempos de Turbilhão: relatos do golpe de 1964*.⁶⁹²

Nas primeiras semanas do meu exílio uruguaio, recebi um gesto inesperado de solidariedade dos meus colegas norte-americanos. Foram me visitar Clifford Evans e

⁶⁹¹ As fontes dessa história estão, sobretudo, na pasta Guggenheim Foundation- C. Evans Member of Latin American Selection. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁹² Ribeiro, 2014.

Betty Meggers. Eles haviam conseguido para mim uma bolsa da Smithsonian de 2.500 dólares mensais, com direito a uma secretária de meio dia e trânsito livre na Biblioteca do Congresso, para ali acabar a redação de minha obra etnográfica. Agradei comovido, mas disse a eles que ninguém compreenderia que eu, segundo homem do governo derrubado, recebesse um prêmio desses. Pensariam que durante a minha ação política estivera com os norte-americanos me custeando.⁶⁹³

Enquanto Darcy seguia em exílio, inicialmente no Uruguai e depois transitando entre países da América Latina e da Europa, os Evanses atuavam como intermediários de correspondências entre os Ribeiro e colegas brasileiros, funcionando como um elo seguro de comunicação em um tempo de censura, vigilância e interrupção das redes acadêmicas formais. Por sua posição institucional na *Smithsonian Institution* e pela confiança mútua cultivada ao longo de anos de colaboração científica, Meggers e Evans conseguiam garantir que cartas, manuscritos, artigos e informações circulassem com relativa segurança entre os exilados e os pesquisadores ainda atuantes no Brasil. A carta de Clara Galvão, esposa de Eduardo Galvão em 1968, exemplifica inequivocadamente, essa ação. “Recebi carta de Berta, e como as minhas notícias não têm chegado por lá, venho pedir que vocês me encaminhem a carta anexa” (Figura 82).⁶⁹⁴

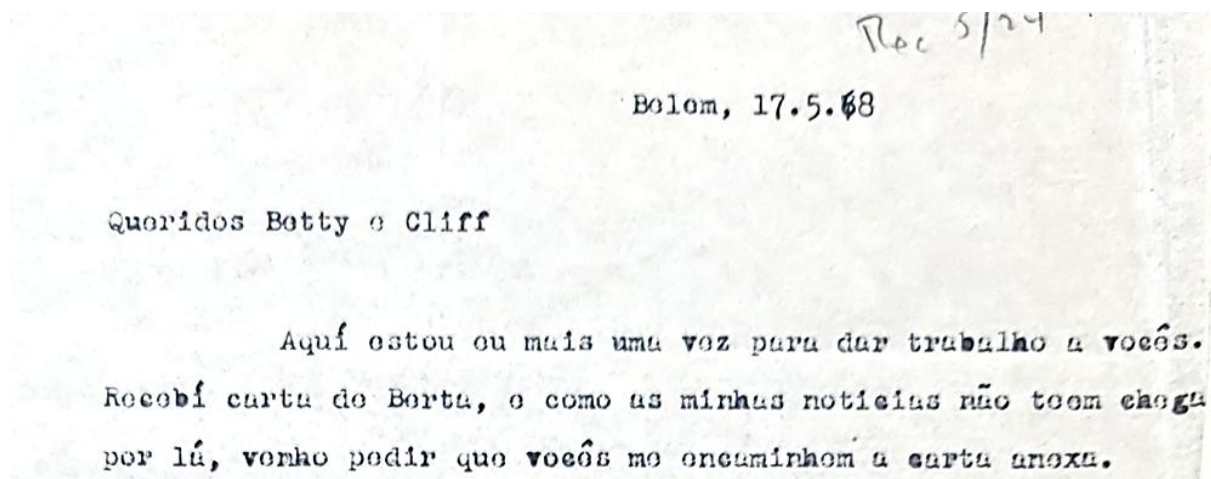


Figura 82: Recorte de Carta de Clara Galvão que demonstra que Betty Meggers e Clifford Evans atuavam como intermediários entre pesquisadores no Brasil e no Exílio. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans Papers, NAA/SI.

⁶⁹³ *Ibidem*, posição 774.

⁶⁹⁴ Carta de Clara Galvão a Betty Meggers e Clifford Evans, em 17 de maio de 1968. In: Galvao, Clara and Eduardo, 1953-1987. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

A mensagem deixa claro que Betty Meggers e Clifford Evans atuavam como ponte confiável para o trânsito de informações e mensagens pessoais entre exilados e colegas ainda ativos no Brasil. Essa função, silenciosa, mas essencial, demonstra o compromisso ético e político do casal em preservar redes de solidariedade e comunicação intelectual durante a repressão. Mais do que coordenadores de um programa arqueológico, Meggers e Evans tornaram-se também agentes discretos da resistência pela via epistolar — ajudando a manter viva a circulação de ideias, afetos e projetos entre aqueles que o regime tentava isolar. Essa mediação revela mais uma faceta de sua atuação política: o uso da infraestrutura e do prestígio institucional da ciência norte-americana como ferramenta para preservar redes de solidariedade intelectual durante um dos períodos mais autoritários da história brasileira. Ao facilitar essa comunicação, protegiam não apenas pessoas, mas também ideias — mantendo vivo um circuito de pensamento crítico, de produção científica e de resistência simbólica que se contrapunha ao isolamento imposto pela repressão.

Uma das estratégias adotadas por Betty Meggers e Clifford Evans foi o uso de pseudônimo em correspondências para contornar a vigilância do regime militar e manter o envio de livros e documentos. Eles passaram a utilizar o nome fictício Marcos Silveira, no lugar de Darcy Ribeiro.⁶⁹⁵ O gesto revela não apenas astúcia e compromisso pessoal, mas também o entendimento de que a produção e circulação de conhecimento poderiam funcionar como formas de resistência em contextos autoritários. Em 1967, Darcy pediu que voltasse a constar seu nome original, pois “[...] esse cuidado com a correspondência só se justifica do Brasil para cá e vice-versa”.⁶⁹⁶ Betty Meggers então, encaminha prontamente cartas para a American Anthropological Associate (AAA) e para a *Current Anthropology*, solicitando que Ribeiro não passasse mais incógnito.⁶⁹⁷

Eles também agiram como pontes entre os intelectuais brasileiros e os espaços de circulação acadêmica internacional, sobretudo Betty Meggers. Durante o tempo no exílio, Darcy produziu uma série de quatro livros que ele denominou “*Estudos de Antropologia da Civilização*”. O primeiro, intitulado *O Processo Civilizatório*, foi traduzido por Meggers ao longo de todo o ano

⁶⁹⁵ Carta de Berta Ribeiro a Betty e Clifford Evans, em 4 de março de 1967. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁹⁶ Carta de Berta Ribeiro a Betty e Clifford Evans, em 4 de março de 1967. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁶⁹⁷ Carta de Betty Meggers para Sol Tax, *Current Anthropology* e para Marjorie W. Fouts – da Anthropological Associate- ambas em 11 de março de 1967. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

1967 e publicado simultaneamente: em português, pela Civilização Brasileira, em inglês pela *Smithsonian Institution Press* (Figura 83).

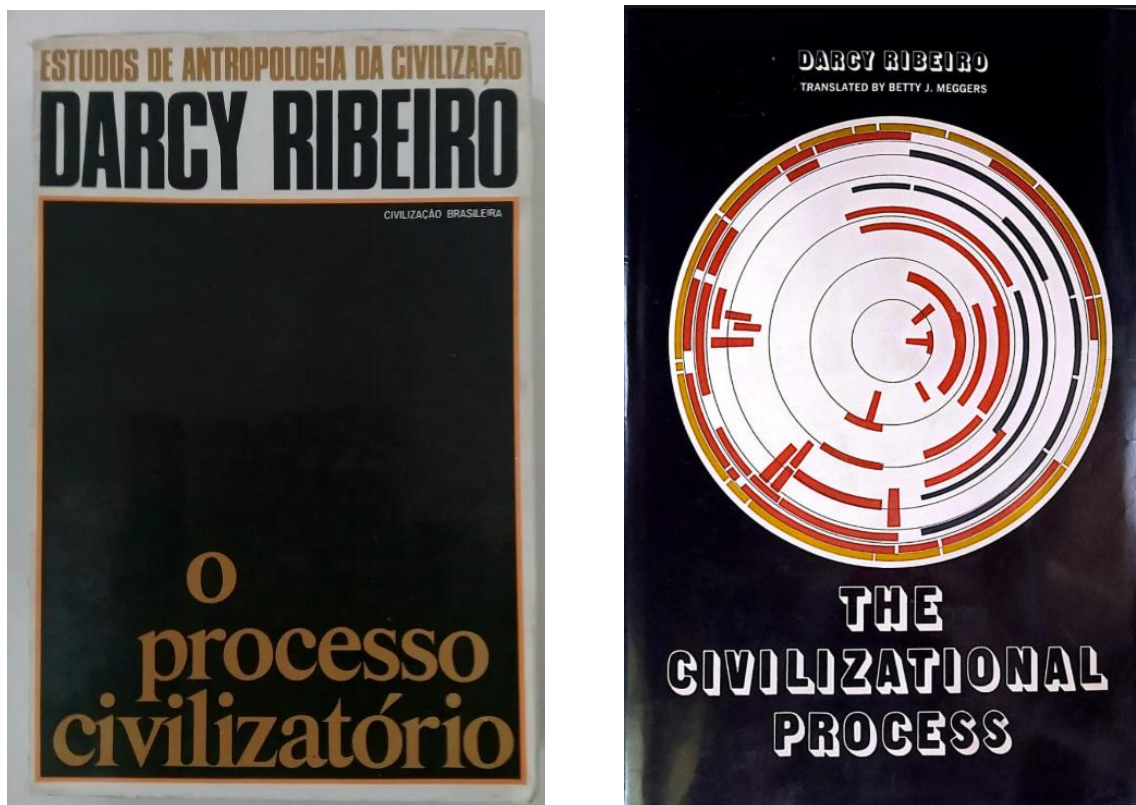


Figura 83: Capas da obra *O processo civilizatório*, de Darcy Ribeiro, publicada simultaneamente em 1968 nas versões em português (à esquerda), pela editora Civilização Brasileira, e em inglês (à direita), pela *Smithsonian Institution Press*, sob o título *The Civilizational Process*, traduzida por Betty J. Meggers.

O apoio de Betty Meggers à obra de Darcy Ribeiro foi muito além da mediação institucional ou da tradução. Ela esteve diretamente envolvida na organização conceitual e estrutural de sua principal contribuição teórica, o *Processo Civilizatório*. Além da extensa quantidade de correspondência trocada nesse sentido, em diversos testemunhos, Darcy reconheceu essa colaboração: “Depois de imenso esforço, com muita ajuda de Betty Meggers e seus colegas do Smithsonian, estabeleci meu esquema explicativo da evolução humana.”⁶⁹⁸ O livro, publicado originalmente em 1968 e reeditado sucessivamente — com a 12ª edição lançada em 2024 —, permanece como um divisor de águas na sociologia e na antropologia brasileiras.

Betty Meggers também foi autora de um prefácio pungente à obra, presente também em todas as edições em português, no qual articula uma defesa da dúvida como motor da ciência e da

⁶⁹⁸ Ribeiro, 2012, p. 523.

transgressão como condição da transformação histórica. O texto merece ser citado longamente por sua força conceitual e atualidade:

Quando pomos em dúvida nossas crenças e os fundamentos de nosso modo de agir corremos o risco de pôr à prova toda a ordem social. É por esse motivo que os *hippies*, os ateus, os homossexuais e toda sorte de conduta discrepante tendem a ser encarados com suspeita e hostilidade, como o desvio de normas compartilhadas, e sempre foram tidos como urna ameaça a solidariedade social. Em séculos pretéritos, os indivíduos assim eram condenados ao ostracismo, queimados na fogueira, crucificados ou atirados aos leões. Atualmente, são tolerados nas grandes sociedades, mas estigmatizados como radicais ou mesmo subversivos e punidos socialmente dos modos mais sutis.

Sem embargo, do ponto de vista social, esses "radicais" são necessários. A evolução social não poderia ter ocorrido sem eles. A perspectiva histórica de dez mil anos demonstra que numerosas crenças antes "inadmissíveis" alcançaram posterior aceitação, ainda que a um preço demasiadamente alto. Quantas pessoas foram perseguidas ou mortas por insistir em que a terra era redonda e não plana; ou por afirmar que o mundo girava em torno do sol e não o contrário; ou porque duvidavam que o destino humano fosse guiado pelos astros; ou ainda por que demonstravam que o homem evoluíra a partir de formas mais simples de vida? Suponhamos que um estudo científico da cultura venha a revelar serem falsas algumas das crenças que hoje acalentamos? Que tal se descobrirmos, por exemplo, que o capitalismo não é a forma derradeira de ordenação social, ou que não existem deuses, ou que o comunismo não é intrinsecamente diabólico? O medo do que possamos descobrir nos impele a rejeitar o exame de nossas crenças mais profundas, mas esse exame é ineludível se quisermos alcançar urna compreensão científica do mundo de nossos dias.⁶⁹⁹

Esse prefácio evidencia não só a postura intelectual de Meggers — crítica, comprometida e inconformista —, mas também o nível de envolvimento com a obra de Darcy Ribeiro, tanto em termos teóricos quanto políticos. A profundidade desse vínculo é atestada por Berta Ribeiro em uma carta escrita a Meggers, datada de 25 de julho de 1976. Referindo-se ao reconhecimento que Darcy faz de sua colaboração no *Processo Civilizatório*, Berta escreve: “Devo a você a menção dele ao meu nome no Processo Civilizacional. Lembra da carta que você escreveu para ele? Os brasileiros são muito machistas e ele jamais teria tomado a iniciativa de fazer isso.”⁷⁰⁰ A observação de Berta revela não apenas a capacidade de mediação afetiva e política de Meggers, mas também as barreiras simbólicas enfrentadas por mulheres intelectuais para verem seus trabalhos reconhecidos — mesmo em ambientes, sob outros aspectos, progressistas. A atuação de Betty Meggers, nesse sentido, ultrapassava os limites do campo científico: era

⁶⁹⁹ Meggers, in Ribeiro 1968, p. 7-8.

⁷⁰⁰ Carta de Berta Ribeiro para Betty Meggers em 25 de julho de 1976. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution. Original em inglês: *I own you his mentioning my name on the the Civilizational Process. Remember the letter you wrote him? Brazilians are very machistas and he would never have taken the initiative to do it.*

também uma prática política de escuta, visibilização e intervenção, articulada a partir de uma ética solidária que desafiava as normas de seu tempo.

O exemplo mais contundente e inequívoco da atuação política de Betty Meggers e Clifford Evans foi sua participação no manifesto enviado por pesquisadores norte-americanos ao presidente Arthur da Costa e Silva, no dia 28 de março de 1969, em protesto contra a prisão de Darcy Ribeiro após a promulgação do Ato Institucional nº 5. A prisão de Darcy, como ele próprio narra em *Tempos de Turbilhão*, ocorreu logo após seu retorno ao Brasil, motivado pela decisão do Supremo Tribunal Federal de anular o processo que havia sido instaurado contra ele nos anos iniciais da ditadura. Seu retorno foi marcado por um gesto público de enfrentamento: participou da Passeata dos Cem Mil, em 1968, ato simbólico que reforçou sua posição como intelectual engajado e voz dissonante. A resposta do regime veio com o AI-5, que autorizava a prisão arbitrária de civis por decisão dos militares. No dia seguinte à sua promulgação, Darcy foi preso, levado inicialmente a um batalhão blindado no Rio de Janeiro, e depois transferido para outras instalações militares, onde permaneceu detido por meses.

Indignados com a prisão de um intelectual de projeção internacional, Meggers e Evans se mobilizaram ao lado de outros nomes de destaque, como Marvin Harris, Charles Wagley e Stanley Stein, para redigir uma carta formal ao presidente brasileiro, pedindo sua libertação (Figura 84). No documento, destacam o papel de Darcy como cientista social e defensor da cultura brasileira e expressam o desejo de tê-lo de volta às atividades acadêmicas, afirmando que “[...] cientistas sociais de tal vulto são valores que devem ser integrados num esforço comum de equacionamento e busca de solução para os problemas contemporâneos.”⁷⁰¹

Mais do que um apelo humanitário, tratava-se de uma ação política consciente, que buscava usar o prestígio internacional dos signatários como forma de pressão sobre o governo militar brasileiro. O manifesto apresentava também a solução para a situação de Darcy: “É nosso desejo tê-lo ensinando em uma das nossas universidades”, especificamente na Columbia University, onde articularam com Charles Wagley um convite para Darcy ocupar uma vaga de Professor Visitante (Figura 85).

⁷⁰¹ Ofício para o presidente Marechal Arthur de Costa e Silva, pedindo a soltura de Darcy Ribeiro. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

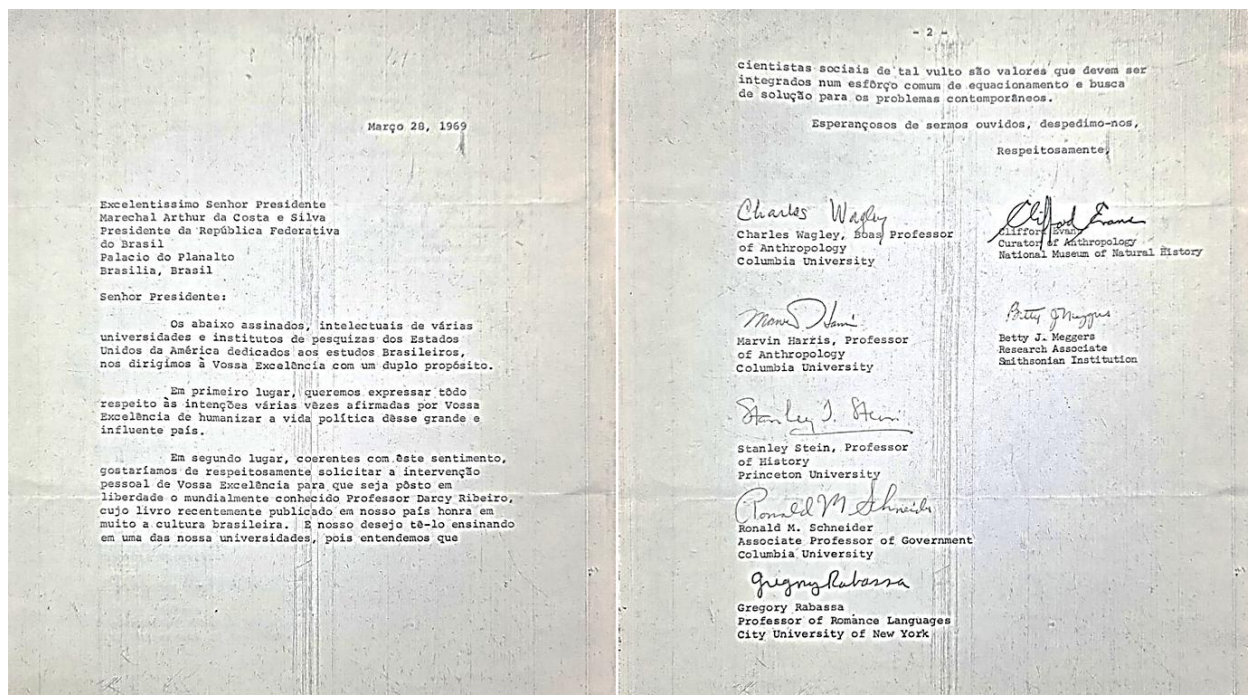


Figura 84: Ofício para o presidente Marechal Arthur de Costa e Silva, pedindo a soltura de Darcy Ribeiro.
Fonte: *Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.*

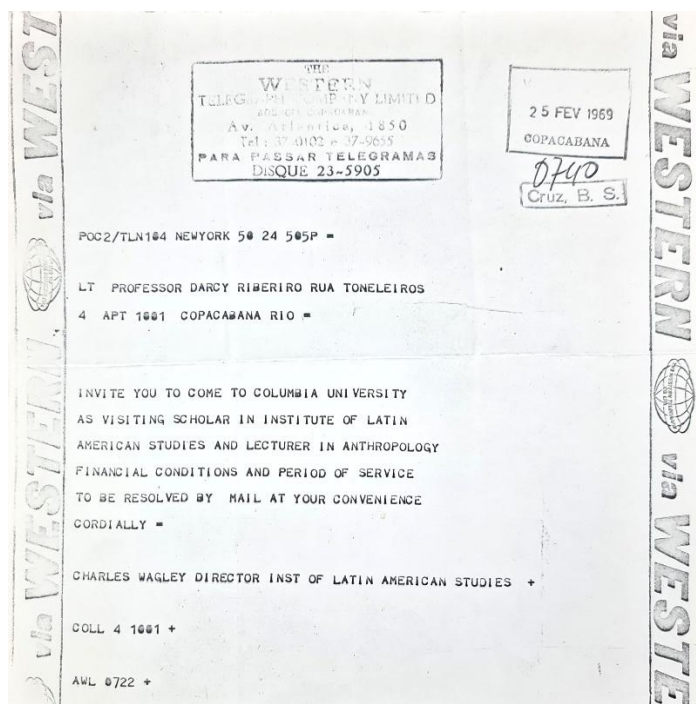


Figura 85: Cópia do telegrama enviado por Charles Wagley convidando Darcy Ribeiro como professor convidado na Columbia University. Fonte: *Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.*

A mobilização em torno da prisão de Darcy Ribeiro não se limitou à redação do manifesto enviado ao presidente Costa e Silva. Em carta datada de 24 de abril de 1969, enviada ao casal Ribeiro, Betty Meggers expressa com clareza a angústia e o envolvimento pessoal diante da prisão, revelando que ela e Clifford Evans aguardavam ansiosamente notícias desde a audiência prevista para o final de março.⁷⁰² No texto, Meggers menciona o manifesto assinado por ela e seus colegas para o presidente do Brasil, mas lamenta: “Infelizmente, parece improvável que ela receba alguma consideração, ou sequer chegue às mãos do presidente.”⁷⁰³ A carta vai além do informe institucional: transmite consolo e solidariedade, incentivando Darcy a não desanimar e encerrando com um provérbio popular de esperança — “*No hay mal que dure cien años*”. Trata-se de um documento de rara sensibilidade e importância histórica, que revela o engajamento cotidiano, afetivo e político de Meggers na defesa da liberdade de um intelectual cuja prisão simbolizava a repressão mais profunda do AI-5.

Outra situação que demonstra a articulação do casal Evans, sobretudo de Betty Meggers, em favor de Darcy Ribeiro Evans se deu no final de 1973 e início de 1974, quando Darcy Ribeiro enfrentou uma grave crise de saúde, sendo diagnosticado com câncer em Portugal. A carta de Berta Ribeiro, datada de 3 de janeiro de 1974, enviada a Meggers e Evans, permite reconstituir os desdobramentos desse momento crítico.⁷⁰⁴ Berta relata que, após confirmação do diagnóstico na França, Darcy decidiu realizar a cirurgia no Brasil, mas teve sua ida ao país não autorizada — o que revela que, mesmo diante de um quadro clínico delicado, Ribeiro era ainda considerado um opositor perigoso. A alternativa encontrada por Darcy foi ligar para Betty Meggers, pedindo ajuda para que a cirurgia acontecesse em Washington D.C., no George Washington Hospital.⁷⁰⁵

A prontidão e o empenho dos dois pesquisadores revelam uma rede de apoio muito mais robusta do que simples gestos de amizade. Como a própria Berta explicita na carta, foi “no dia seguinte” à formalização do plano de envio aos Estados Unidos que o governo brasileiro finalmente autorizou a cirurgia no Rio de Janeiro. Essa súbita mudança de postura permite levantar uma hipótese interpretativa relevante: a de que o regime militar cedeu à pressão diplomática implícita provocada pela iniciativa dos arqueólogos americanos. Como Darcy Ribeiro vinha

⁷⁰² Carta de Betty Meggers para Berta Ribeiro em 24 de abril de 1969. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁷⁰³ *Ibidem*.

⁷⁰⁴ Carta de Berta Ribeiro a Betty e Cliff, em 03 de janeiro de 1974. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁷⁰⁵ Nota de Darcy Ribeiro para Betty Meggers em 03 de maio de 1974. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

tendo vistos negados para os EUA desde os anos 1950 — mesmo quando contemplado com bolsas acadêmicas, como a da Guggenheim Foundation —, a possibilidade de ele ser operado em solo norte-americano pela mediação de representantes de uma instituição como a Smithsonian, conceder a autorização no Brasil pode ter sido, nesse contexto, uma forma de retomar algum controle simbólico sobre o caso, evitando o desgaste internacional de permitir que um de seus principais opositores fosse tratado com honras e recursos nos Estados Unidos.

Essa leitura ganha força com a carta enviada por Betty Meggers a Darcy e Berta, datada de 27 de dezembro de 1974, na qual ela celebra a notícia de que a operação foi bem-sucedida e que o governo brasileiro havia permitido sua permanência no país. A frase “[...] assumi que o governo brasileiro devia ter aceito” (em referência ao silêncio de Darcy), sugere que a autorização para ele ficar no Brasil foi, de fato, percebida como algo excepcional e possivelmente condicionado por pressões externas.⁷⁰⁶ Mais uma vez, Meggers e Evans se colocavam não apenas como amigos solidários, mas como mediadores ativos, capazes de mobilizar suas redes institucionais para garantir proteção e dignidade a um intelectual em situação de vulnerabilidade.

A dimensão afetiva e política desse episódio é confirmada por uma nota manuscrita do próprio Darcy Ribeiro, datada de 3 de maio de 1974.⁷⁰⁷ Escrevendo diretamente a Betty, Darcy se desculpa pelo “susto” do telefonema pedindo socorro e narra que, no dia seguinte, conseguiu arrancar do governo a autorização para operar no Rio. Em tom misto de alívio e ironia, ele menciona que o câncer era ainda “incapaz de reproduzir-se”, o que parece sugerir que seu diagnóstico foi usado para negociar sua permanência, quase como um álibi biológico diante de um regime que o considerava perigoso até doente (Figura 86).

⁷⁰⁶ Carta de Betty Meggers a Darcy e Berta Ribeiro, em 27 de dezembro de 1974. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁷⁰⁷ Nota Manuscrita de Darcy Ribeiro a Betty Meggers, em 03 de maio de 1974. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Rio 3.5.74

DARCY RIBEIRO

Betinha, meu bem

Primeiro, me perdoe o susto que te dei com o telefonema aflito pedindo socorro para meu cancer. No dia seguinte arranquei do governo a autorização de vir operar aqui no Rio. Fui operado, o cancer era um merdinha ainda incapaz de reproduzir-se assim que estou salvo para morrer na data que escolhi 1983, se é que antes não mudo de ideia.

Não digo "muito obrigado" e outras bobagens porque nos queremos o suficiente para estes apelos serem ordens e as angustias comuns, em casos assim.

Beijos carinhosos a você e um grande abraço ao Cliff.

Figura 86: manuscrita de Darcy Ribeiro a Betty Meggers, de 3 de maio de 1974, agradecendo emocionadamente a ajuda recebida e reconhecendo a importância dos laços de solidariedade em meio à vigilância e à repressão. Fonte: Betty Meggers and Clifford Evans Papers, NAA/SI.⁷⁰⁸

A análise conjunta desses três documentos permite compreender como a atuação de Betty Meggers e Clifford Evans transcendeu os limites da diplomacia acadêmica ou da solidariedade pessoal. Sua intervenção foi eficaz ao ponto de interferir nos desdobramentos políticos concretos da repressão no Brasil, invertendo o vetor do exílio — ainda que temporariamente — e possibilitando que um dos mais importantes intelectuais brasileiros fosse operado e cuidado em sua própria terra. O gesto da Smithsonian de abrir suas portas para Darcy, ainda que não tenha se concretizado, funcionou como alavanca simbólica, obrigando o regime a recuar. Trata-se, portanto, de um episódio que explicita o modo como a ciência pode operar também como

⁷⁰⁸ Transcrição da nota: Rio, 3.5.74. Betinha, meu bem. Primeiro, me perdoe o susto que te dei com o telefonema aflito pedindo socorro para meu cancer. No dia seguinte arranquei do governo a autorização de vir operar aqui no Rio. Fui operado, o câncer era um merdinha ainda incapaz de reproduzir-se assim que estou salvo para morrer na data que escolhi 1983, se é que antes não mudo de ideia. Não digo "muito obrigado" e outras bobagens porque nos queremos o suficiente para estes apelos serem ordens e as angustias comuns, em casos assim. Beijos carinhosos a você e um grande abraço ao Cliff. [Assinatura de Darcy].

força política, especialmente quando ativada por sujeitos que compreendem suas responsabilidades éticas em contextos de violência institucional.

Essa solidariedade não era restrita aos Ribeiro. Em dezembro de 1973 Meggers já havia revelado não apenas preocupação com a situação de exilados e perseguidos, mas também uma leitura crítica sobre o impacto da repressão no campo científico, lamentando a perda de pesquisadores e a destruição de redes intelectuais essenciais para o futuro do continente.⁷⁰⁹

A situação chilena é a pior desde a do Brasil e, devido à igualdade numérica entre os dois lados, o futuro não parece promissor. Nós estamos gratos por você ter partido a tempo. Vanzolini esteve aqui na semana passada e nos contou que seu genro havia ido para o Chile. Depois do golpe, ele queria voltar e sua mãe perguntou aos militares se havia algum problema. Ela foi assegurada de que não, mas quando ele chegou ao aeroporto, foi levado imediatamente. Ele finalmente foi liberado, mas precisa se apresentar semanalmente. Vanzolini diz que a única coisa que o impede de ser preso é sua popularidade como compositor. No semestre passado, ele deu um curso no campus fora da cidade, no sábado, e tinha 165 alunos! Como consequência, os militares decidiram que ele tinha muita influência sobre os alunos e o curso foi descontinuado. Concordamos que tudo o que podemos fazer é tentar manter a ciência em andamento, formar bons alunos e esperar que as condições melhorem. Um passo em falso e ele estará na sua situação, incapaz de continuar pesquisando ou lecionando no Brasil. Agora, o Chile está cometendo o mesmo erro e perdendo (ou matando) as melhores pessoas, as mais necessárias para planejar o futuro. Só o Peru parece ter assumido uma posição mais racional.⁷¹⁰

Meggers deixa transparecer um posicionamento claramente contrário às ditaduras, reconhecendo o papel da ciência e dos cientistas como agentes de resistência e transformação social.

É importante destacar que Meggers e Evans não estavam isolados nessa postura. Como observa James Green, a partir do fim da década de 1960, “[...] o processo político nos Estados Unidos criava novas condições para construir um movimento que contestava o apoio incondicional aos militares brasileiros”.⁷¹¹ A atuação desse grupo de acadêmicos e ativistas contribuiu para

⁷⁰⁹ Carta de Betty Meggers a Mr. and Mrs. Darcy Ribeiro, em 19 de dezembro de 1973. In: Ribeiro, Berta and Darcy, 1954-1998. *Betty Meggers and Clifford Evans Papers*, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

⁷¹⁰ *Ibidem*. Original em inglês: *The Chilean situation is the worst since Brazil and because of the equality of numbers on the two sides, the future does not look promising. We are grateful that you left in time. Vanzolini was here last week and told us his son-in-law had gone to Chile. After the golpe he wanted to return and his mother inquired of the militares if there was any problem. She was assured there was not, but when he arrived at the airport he was taken immediately. He was finally released but has to report weekly. Vanzolini says that the only that keeps him from being arrested is his popularity as a composer. Last semester he gave a course at the campus out of town, on Saturday, and had 165 students! As a consequence, the militares decided he had too much influence with the students and the course has been discontinued. We agreed all we can do is try to keep science going, train good students, and wait for conditions to improve. One wrong move, and he will be in your situation, unable to further research or teaching in Brazil. Now Chile is making the same mistake and losing (or killing) the best people, who are most needed to plan the future. Only Peru seems to have taken a more rational position.*

⁷¹¹ Green, 2024, p. 247.

consolidar uma imagem do Brasil sob a ditadura como um país marcado pela repressão, pela tortura e pelo terror.⁷¹² A solidariedade de figuras como Meggers e Evans somou-se, assim, a uma articulação transnacional mais ampla, criando condições para que as denúncias de violações de direitos humanos ganhassem visibilidade internacional e influenciassem a forma como o regime militar brasileiro passou a ser percebido por instituições estrangeiras — tanto acadêmicas quanto diplomáticas.

O reconhecimento dessas redes de apoio e resistência, forjadas no campo científico e em suas margens, amplia o entendimento sobre o papel dos cientistas em contextos autoritários e revela que as fronteiras entre ciência, política e ética são sempre móveis e disputadas. O PRONAPA, neste sentido, não pode ser compreendido apenas como política pública de cooperação técnica, mas também como arena onde se inscreveram escolhas, silêncios e alianças. É nesse entrelaçamento entre instituições, biografias e disputas que esta tese buscou se posicionar.

A trajetória de Betty Meggers e Clifford Evans no Brasil, especialmente no contexto do PRONAPA e da repressão política das décadas de 1960 e 1970, mostra que sua atuação extrapolou os limites do trabalho arqueológico e adquiriu uma densidade ética rara. Longe de representarem apenas a face técnica de um projeto binacional, eles se tornaram interlocutores fundamentais na proteção de pesquisadores perseguidos, na mediação de redes de solidariedade e na preservação da circulação intelectual em tempos de silenciamento. A atuação em defesa de Darcy Ribeiro — por meio de cartas públicas, correspondências privadas, traduções, prefácios e apoio editorial — ilustra com nitidez como a ciência também se faz por gestos políticos. Importa destacar que essa relação não se encerrou com a libertação de Darcy: o vínculo afetivo e intelectual com os Ribeiro perdurou nas décadas seguintes, marcado por colaborações, cartas e homenagens mútuas, evidenciando um compromisso que não era apenas contingente, mas duradouro.

Reavaliar o legado do PRONAPA à luz desses vínculos não é apenas um exercício de justiça histórica, mas uma oportunidade para pensar criticamente o lugar da ciência em contextos autoritários. Em tempos nos quais a neutralidade científica ainda é mobilizada como máscara para omissões e pactos de poder, lembrar que houve quem escolhesse se comprometer, é também uma forma de reivindicar uma ciência ética, situada e solidária. É por meio desses gestos, muitas vezes invisíveis, que a ciência afirma sua dignidade histórica.

⁷¹² Green, 2009, 2010 e 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o PRONAPA foi um exercício de escavação simbólica. No lugar dos sítios arqueológicos, os arquivos; dos artefatos, os documentos. As análises desenvolvidas ao longo desta tese, demonstraram que a história do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) reflete a complexidade inerente às relações científicas transnacionais, especialmente em contextos marcados por autoritarismos e intensas circulações globais de pessoas, métodos e ideias. Distanciando-se de interpretações dicotômicas que opõem colaboração e resistência ou apresentam a ciência como mera extensão de projetos políticos, a pesquisa evidenciou que o PRONAPA foi resultado de múltiplas negociações, acomodações e disputas – tanto institucionais quanto pessoais.

Ao acompanhar os caminhos institucionais de seus protagonistas (declarados e ocultos) e os bastidores de sua implementação, este trabalho não buscou apenas reconstituir o PRONAPA como programa de cooperação científica. Mas, compreender o emaranhado de forças que moldaram a arqueologia brasileira no calor das disputas políticas e epistemológicas da segunda metade do século XX. Ao invés de uma linha reta entre intenções e realizações, nesta narrativa revelou o PRONAPA como um campo minado de tensões, reinvenções e escolhas. Justamente nesses desvios que a pesquisa encontrou seus terrenos mais férteis.

A investigação mobilizou uma abordagem transnacional da história das ciências, apoiada em ampla documentação inédita e na análise de trajetórias individuais e redes institucionais. Desse modo, ficou evidente que a consolidação da arqueologia no Brasil durante a segunda metade do século XX não se explica por simples “importação” de modelos estadunidenses, tampouco deve ser compreendida exclusivamente como produto da modernização imposta pelo regime militar. Pelo contrário, os dados demonstram o protagonismo negociador dos arqueólogos brasileiros e o papel estratégico de agentes locais, como Artur Hehl Neiva e Valentin Calderón, na Bahia.

Compreender o PRONAPA como uma experiência científica situada exigiu reconhecer os múltiplos caminhos que o tornaram possível, cada um deles atravessado por marcadores de gênero, classe, nacionalidade e trajetória institucional. O levantamento de dados e a análise atenta, revelaram os descompassos e as assimetrias nas formas de inserção de Clifford Evans e Betty Meggers no meio acadêmico norte-americano. Enquanto ele ascendeu rapidamente a cargos formais e remunerados, ela teve sua atuação voltada a posições honoríficas e precárias,

apesar de ser figura central nos projetos realizados e autora de uma expressiva produção científica. Este quadro remete ao chamado “teto de vidro”, conceito trabalhado por Londa Schiebinger, que descreve as limitações estruturais que impedem as mulheres de alcançar os mais altos postos de decisão e reconhecimento nas carreiras científicas.⁷¹³ O casal, aparentemente ciente dessa situação, buscava estratégias para enfrentá-la. Clifford Evans chegava a dar um passo atrás nas publicações acadêmicas, permitindo que Betty Meggers brilhasse em autoria própria (Figura 87).

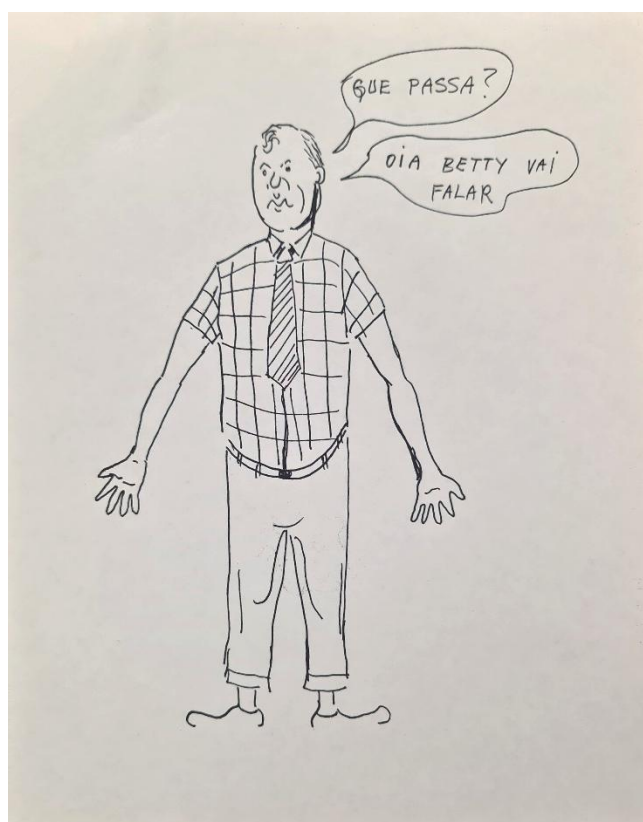


Figura 87: Caricatura feita por Nássaro Násser, participante do PRONAPA, demonstra que Clifford Evans exigia respeito quando Betty Meggers ia falar. Fonte: Betty Meggers e Clifford Evans, NAA/SI.

A pesquisa também demonstrou que um dos valores defendidos pelo casal Meggers-Evans foi o internacionalismo científico, nos termos definidos por Geert Somsen como Internacionalismo Socialista.⁷¹⁴ De acordo com esse entendimento, o aspecto mais relevante na ciência não reside em sua base nacional, mas em seu caráter internacional, já que nenhum país alcança avanços significativos sem a contribuição de outros. Desde as primeiras incursões do casal na arqueologia amazônica, ainda nos anos 1940, suas investigações estiveram fundamentadas em

⁷¹³ Schiebinger, 2001.

⁷¹⁴ Somsen, 2008.

uma lógica de cooperação internacional que, embora assimétrica, não foi unilateral ou abertamente imperialista.

Seus projetos no Brasil envolveram negociações com instituições locais, articulações com pesquisadores e trabalhadores brasileiros, além de intensa diplomacia científica. Muito antes da formalização do PRONAPA, Betty Meggers e Clifford Evans já estavam inseridos em redes colaborativas, promovendo fluxos de conhecimento e estabelecendo alianças institucionais que mobilizavam pesquisadores, acervos, ideias e recursos em múltiplas direções.

A consolidação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) no Brasil não pode ser compreendida sem considerar o protagonismo de José Loureiro Fernandes, fundador do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), da Universidade Federal do Paraná. Fernandes foi o principal articulador do curso ministrado por Clifford Evans e Betty Meggers em 1964. Além disso, o sucesso do programa esteve profundamente atrelado a negociações diplomáticas, adaptação às demandas e especificidades locais e à elaboração de consensos entre agentes institucionais brasileiros e estrangeiros. Dentre os agentes nacionais, cuja atuação foi fundamental nesta fase, destaca-se Artur Hehl Neiva. Frequentemente invisibilizado pela historiografia, Neiva foi um articulador-chave no processo de integração do PRONAPA com instituições brasileiras.

Hehl Neiva foi peça fundamental na viabilização política do PRONAPA, atuando como mediador entre os interesses da Smithsonian Institution e as demandas, tanto formais quanto informais, das instituições brasileiras, em especial do CNPq. Sua habilidade diplomática permitiu que o projeto fosse aprovado durante o regime autoritário sem exigir chancela presidencial, aspecto excepcional para a época, e viabilizou a implementação de uma estrutura organizacional flexível, alinhada aos anseios dos idealizadores do programa.

O processo de negociação para a oficialização do PRONAPA evidenciou as tensões existentes entre diferentes concepções de ciência e de patrimônio arqueológico. Ao estruturar o programa no âmbito do CNPq, em detrimento do DPHAN, órgão responsável pela preservação do patrimônio arqueológico, os coordenadores, com o apoio decisivo de Hehl Neiva, optaram por uma abordagem que priorizava a dimensão científica da arqueologia, em vez da lógica preservacionista e patrimonialista tradicionalmente defendida pelo DPHAN. Essa decisão não foi apenas estratégica, facilitando a aprovação e a gestão do programa em um contexto institucional complexo, mas também ideológica, expressando uma tomada de posição nos debates epistemológicos do período. O embate entre duas tradições arqueológicas (uma mais voltada à pesquisa científica e outra focada na proteção do patrimônio) ficou evidente nas

escolhas institucionais e políticas que marcaram a implantação do PRONAPA. Assim, a trajetória de Hehl Neiva e de seus interlocutores, revelou como alianças, mediações e negociações foram determinantes na construção do campo arqueológico brasileiro durante a segunda metade do século XX.

Outro aspecto central revelado nesta narrativa foi a intensa disputa de poder no interior do campo arqueológico brasileiro. Os esforços promovidos tanto por Meggers e Evans quanto por Hehl Neiva para excluir determinados grupos e pesquisadores brasileiros já estabelecidos, evidenciam que a constituição do PRONAPA esteve longe de promover um processo harmônico ou consensual. Conflitos envolvendo a definição da autoridade científica, a disputa pelo controle institucional e a busca por protagonismo intelectual atravessaram todas as fases da implementação do programa. Apesar dessas tensões e antagonismos, o PRONAPA se concretizou, devido à habilidade de articular alianças estratégicas e superar resistências. O que possibilitou o avanço de uma concepção de arqueologia alinhada à matriz evolucionista norte-americana.

Tirar o PRONAPA do papel e levá-lo para campo, tampouco se deu de forma homogênea em todo o país. Embora concebido como plano nacional padronizado, o programa materializou-se em meio a disputas por recursos, diferenças regionais, negociações institucionais e arranjos locais. O PRONAPA funcionou como uma arena de mediação entre agendas científicas, expectativas individuais e dinâmicas políticas em cada estado em que foi implementado.

Um dos aspectos mais reveladores desse processo foi o perfil dos arqueólogos selecionados para compor o programa. Em sua maioria, eram pesquisadores distantes dos centros tradicionais da arqueologia brasileira (como o Museu Nacional e o Instituto de Pré-História da USP) e/ou vinculados a universidades emergentes ou a projetos regionais. Esse recorte conferiu ao PRONAPA uma ambiguidade fundamental: ao mesmo tempo em que buscava centralizar e normatizar a prática arqueológica nacional, o programa foi conduzido, em grande parte, por figuras periféricas que enxergavam na participação uma oportunidade de projeção profissional, acesso a recursos e inserção em redes científicas internacionais.

Ademais, a seleção da equipe brasileira refletiu não apenas critérios técnicos, mas também uma estratégia deliberada de construção de lealdade e controle institucional, cuidadosamente articulada por Meggers e Evans. Ao favorecer pesquisadores fora dos eixos consolidados, os coordenadores expandiram a influência do programa e estabeleceram vínculos de dependência e cooperação, fundamentais para a consolidação do projeto e para a viabilização de uma nova configuração do campo arqueológico brasileiro

A infraestrutura material disponibilizada pelo PRONAPA desempenhou um papel central como mecanismo de distinção simbólica na arqueologia brasileira daquele período. À época, a realização de pesquisas arqueológicas era uma atividade altamente dispendiosa: a obtenção de equipamentos especializados, o suporte logístico e, sobretudo, o acesso a veículos 4x4 e a laboratórios de datação, elevavam de maneira significativa o capital simbólico associado à participação no programa. O acesso privilegiado a esses recursos conferia prestígio e visibilidade aos participantes, fortalecendo sua vinculação institucional ao PRONAPA e destacando-os em relação a outros pesquisadores do campo.

Mais do que um simples suporte material, tratava-se da instauração de um sistema seletivo de recompensas e incentivos: a distribuição de automóveis, financiamentos e oportunidades de participação em congressos internacionais operava como um instrumento estratégico de construção de autoridade científica e de circulação de capital simbólico no interior da comunidade arqueológica. Dessa forma, o PRONAPA não apenas viabilizou tecnicamente as pesquisas, mas também consolidou uma hierarquia interna baseada no acesso diferenciado à infraestrutura e às recompensas, reproduzindo dinâmicas de prestígio e exclusão no meio acadêmico brasileiro.

Essa dinâmica revelou o PRONAPA não apenas como um programa de pesquisa, mas como um dispositivo de consolidação e hierarquização de redes científicas no campo arqueológico brasileiro. A relação dos participantes com os coordenadores norte-americanos era sustentada por redes de confiança e reciprocidade. Embora também permeada por mecanismos de vigilância e avaliação constantes. Os critérios para a permanência no programa e o controle rigoroso sobre fluxos de informação, ilustram a presença de procedimentos destinados a regular o acesso e a participação, promovendo uma lógica de distinção e pertencimento ao grupo.

Esse sistema seletivo, denominado como uma “irmandade” científica (literalmente), demarcava fronteiras simbólicas claras entre os membros do círculo interno - dotados de prestígio, recursos e visibilidade - e os pesquisadores marginalizados ou excluídos. Dessa forma, o PRONAPA atuava duplamente: enquanto fomentava a cooperação internacional e o avanço da arqueologia nacional, também reforçava hierarquias internas baseadas em confiança, lealdade e adesão às normas e expectativas dos coordenadores centrais.

No entanto, cabe destacar que, em diversos momentos, os coordenadores demonstraram flexibilidade ao readequar expectativas e procedimentos para garantir o funcionamento adequado do programa em contextos específicos. Um exemplo emblemático, abordado aqui, foi o caso de Valentin Calderón, na Bahia. Apesar de inicialmente resistir a algumas diretrizes

e de adotar práticas consideradas heterodoxas pelos idealizadores do PRONAPA, Meggers e Evans optaram por acomodar certas demandas e adaptar padrões institucionais, para mantê-lo no PRONAPA. Esse tipo de negociação evidencia como, além dos controles rígidos, a gestão do programa envolvia adaptações estratégicas diante das realidades regionais e das trajetórias singulares de seus participantes.

Ao restituir essas múltiplas camadas, esta tese propõe uma leitura do PRONAPA como uma experiência situada, forjada na interseção entre ciência, política e diplomacia. O programa deixou marcas duradouras na arqueologia brasileira não apenas pelas escavações realizadas, mas também pelas redes de colaboração e poder que construiu, pelas exclusões e disputas que operou e pelas oportunidades que criou para uma nova geração de arqueólogos. A formação, circulação e reconhecimento desses profissionais, passaram a ser profundamente atravessados por interesses nacionais e internacionais, resultando em novas dinâmicas para o campo arqueológico no Brasil. Assim, o legado do PRONAPA manifesta-se tanto na produção material do conhecimento quanto nos rearranjos institucionais e simbólicos que transformaram a disciplina, delineando suas relações com o Estado, com a comunidade científica global e com as estruturas de prestígio e pertencimento.

A análise da implementação do PRONAPA na Bahia ofereceu uma oportunidade singular para compreender como os programas nacionais de pesquisa foram reinterpretados, moldados e até tensionados pelas dinâmicas institucionais e trajetórias pessoais nos contextos locais. No caso da Universidade Federal da Bahia, a consolidação (ou não) do programa esteve profundamente entrelaçada à figura de Valentin Calderón. Sua trajetória fora marcada por deslocamentos geográficos, reconfigurações identitárias e inserções institucionais, e ilustra com nitidez como a arqueologia praticada nesse período, se constituiu como um campo de mediações, estratégias e disputas.

A construção da autoridade científica de Calderón não resultou de um percurso linear, mas sim de um processo contínuo de legitimação social, acadêmica e política. Imigrante espanhol e autodidata, Calderón se tornou uma referência central na arqueologia baiana, inserindo-se em redes universitárias, culturais e administrativas e ocupando espaços de destaque, ainda reconhecido 25 anos após sua morte. Esse percurso foi viabilizado, em grande medida, por sua aliança estratégica com Thales de Azevedo, figura-chave na vida intelectual e institucional da Bahia. Por meio dessa associação, Calderón obteve respaldo formal não apenas para suas escavações e atividades acadêmicas, mas também para sua entrada no PRONAPA.

A análise do PRONAPA na Bahia evidencia que o programa transcendeu seu objetivo técnico-científico, configurando-se também como espaço de intensa disputa simbólica. Estavam em jogo definições centrais para o campo arqueológico: quem seria reconhecido como arqueólogo, quais métodos seriam legitimados e quais instituições deteriam a autoridade para conduzir pesquisas. Calderón notabilizou-se por mobilizar redes de apoio, articular estratégias narrativas e capitalizar seu poder simbólico, consolidando-se como figura legitimada. Parte desse reconhecimento envolveu a construção de uma biografia intelectual que o ligava, ainda que tenuemente, a expoentes da arqueologia espanhola, reforçando sua autoridade no campo.

A trajetória pessoal de Valentin Calderón impactou decisivamente o desenho institucional da arqueologia na UFBA, conferindo-lhe características marcadas por ambiguidades e constantes deslocamentos. A institucionalização da disciplina resultou de alianças e percursos frequentemente inconsistentes, o que gerou uma prática arqueológica na universidade distanciada das políticas acadêmicas e científicas da mesma. Nesse contexto, o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, emergiu como símbolo emblemático de um passado interrompido: simultaneamente abrigo de tentativas de preservação arqueológica e testemunho das ambiguidades institucionais e do abandono enfrentado pelo campo na universidade.

Não obstante, esta tese reconhece seus limites. A Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi apenas uma entre as múltiplas instituições envolvidas na implementação e no desenvolvimento do PRONAPA. Ainda que emblemática, a experiência baiana representa apenas um fragmento de um quadro institucional muito mais amplo. A análise das trajetórias e dos processos vivenciados em outras universidades e museus do país permanece, portanto, como uma lacuna a ser preenchida por investigações futuras. Ademais, a opção por privilegiar o recorte Bahia/UFBA implicou, necessariamente, em menor ênfase sobre outros polos formadores e suas dinâmicas próprias durante o período.

Essa diversidade institucional ressalta a urgência de pesquisas futuras dedicadas ao mapeamento detalhado das trajetórias individuais de arqueólogos, brasileiros e estrangeiros, cujos percursos atravessaram o PRONAPA. Investigações que elucidem o papel de agentes intermediários, as especificidades regionais, bem como as redes de solidariedade e de conflito estabelecidas ao longo do programa, abrem campos promissores para novas interpretações. Esse enfoque plural e descentralizado é fundamental para o pleno entendimento do PRONAPA enquanto experiência coletiva, heterogênea e multifacetada.

Aliás, vale destacar que o Brasil não foi o único país a receber projetos articulados por Meggers e Evans, assim como o PRONAPA não se configura como a única experiência nacional

impulsionada por esses pesquisadores. Falta ainda entender o PRONAPA em um contexto mais amplo de iniciativas transnacionais, coordenadas por Betty Meggers e Clifford Evans, voltadas à estruturação da pesquisa arqueológica em diferentes países da América Latina. Outros projetos e redes fomentados pelo casal, desenvolveram as pesquisas arqueológicas no Peru, Equador, Venezuela, Chile e outros contextos latino-americanos. Cada experiência foi marcada por negociações institucionais, transferências metodológicas e adaptação a realidades sociopolíticas diversas, evidenciando o dinamismo e o alcance das estratégias colaborativas impulsionadas pelo casal. Uma análise comparativa entre essas diversas iniciativas permitirá relativizar leituras verticalizadas e reconhecer a pluralidade de caminhos que compuseram a expansão da arqueologia científica na região.

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que o PRONAPA não pode ser reduzido a um mero programa técnico de cooperação arqueológica entre Brasil e Estados Unidos. A análise da atuação de Betty Meggers e Clifford Evans, figuras centrais na coordenação do programa, revelou um engajamento político e ético que desafia leituras simplificadas que associam o PRONAPA à neutralidade científica ou a uma suposta cumplicidade com o regime militar então vigente no Brasil. Embora institucionalmente vinculados à Smithsonian Institution e inseridos nas lógicas da diplomacia científica norte-americana, Meggers e Evans usaram sua posição de destaque para proteger e apoiar pesquisadores latino-americanos perseguidos politicamente, aqui foi dado destaque para Darcy Ribeiro, com quem mantinham laços intelectuais e afetivos desde os anos 1950.

Essa postura demonstra que, mesmo em projetos marcados por interesses diplomáticos e disputas internacionais em pleno contexto da Guerra Fria, era possível articular práticas concretas de solidariedade acadêmica, resistência ética e defesa de valores humanistas. O legado do PRONAPA, nesse sentido, ultrapassa sua dimensão técnica, permitindo repensar o papel da ciência, de seus atores e instituições enquanto agentes históricos, capazes de tensionar e desafiar limites entre colaboração e resistência, centro e periferia, ciência e política.

A atuação de Betty Meggers e Clifford Evans ultrapassou os limites tradicionais da diplomacia acadêmica, manifestando-se em gestos concretos de solidariedade: como a mediação de correspondências entre exilados e colegas no Brasil, a tradução e publicação de obras, bem como a participação ativa em manifestos internacionais contra a repressão. Esses gestos, mesmo quando realizados de forma discreta, tiveram impactos políticos relevantes. Ao articular recursos institucionais e redes de apoio para preservar a circulação de ideias e afetos em tempos de censura e medo, Meggers e Evans demonstraram que a ciência pode também constituir uma

forma de resistência. O reconhecimento dessa dimensão política e ética do fazer científico, especialmente em contextos autoritários, aponta para a necessidade de uma reavaliação crítica tanto do legado do PRONAPA quanto do papel de seus diretores.

A experiência investigativa apresentada neste trabalho demonstrou que as certezas são questionáveis. Além disso, questões inicialmente consideradas marginais revelaram centralidade. Trajetórias aparentemente lineares, foram atravessadas por tensões, lacunas e conflitos. Encerrar este estudo, portanto, não é um ponto final, mas um convite à abertura: novas linhas de reflexão emergem sobre a arqueologia enquanto prática científica, sobre os usos políticos da ciência sob regimes autoritários e sobre as potencialidades e limites das colaborações internacionais. O legado do programa deve ser compreendido não como consenso, mas como um campo de disputas e de construção de solidariedades e negociações

Esta tese contribui, assim, para uma história da arqueologia brasileira matizada, valorizando os “tons de cinza” que revelam as ambiguidades, contradições e potências do fazer científico em contextos autoritários, transnacionais e periféricos. O reconhecimento dessas complexidades inspira futuras pesquisas, capazes de aprofundar o entendimento das interações científicas internacionais e de suas consequências para a produção e circulação do conhecimento arqueológico no Brasil e na América Latina. Encerram-se aqui essas reflexões, reconhecendo que o campo permanece aberto à crítica, à inovação e ao diálogo interdisciplinar, condição imprescindível para avançar uma arqueologia comprometida com sua historicidade, pluralidade e responsabilidade social.

ARQUIVOS CONSULTADOS

American Anthropology Association, <https://www.americananthro.org/>

Arquivo da FFCH-UFBA

Arquivo do IPHAN, Série Histórica. Rio de Janeiro

ARQUIVO NACIONAL, 2016. *Arquivo Nacional: Sistema de Informações do Arquivo Nacional*, 2016. Disponível em <https://sian.an.gov.br/> Acesso em 30 de maio de 2023.

ARQUIVO NACIONAL, 2022 *Banco De Dados Memórias Reveladas*, 2022. O Banco de Dados Memórias Reveladas reúne, de forma cooperativa, informações sobre o acervo arquivístico relacionado à repressão política no período de 1964 – 1985. Disponível em: <http://pesquisa.memoriasreveladas.gov.br/mrex/consulta/login.asp>. Acesso em 30 de maio de 2023.

Arquivo Thales de Azevedo

ARQUIVOS DA UFBA. 2023. Arquivos da UFBA: Plataforma digital de acesso a bases de dados e representantes digitais (digitalizados) dos acervos de arquivos, memoriais e unidades com documentação de valor arquivístico permanente (histórico) da Universidade Federal da Bahia, 2023. Página inicial. Disponível em <https://www.arquivos.ufba.br/>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

Betty J. Meggers and Clifford Evans Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Cordel de divulgação da peça Bumba meu Boi. Disponível em <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/bumbcpc.pdf>

Fundo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Zenith - Arquivo de História da Ciência. Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Fundo Serviço Nacional de Informações. BR DFANBSB V8.MIC, GNC.PPP.82004399. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

German captured documents collection, 1766-1945; Library of Congress. <https://lccn.loc.gov/mm80022160>

IPHAN. Arquivo Central/Seção RJ. Série Histórica

National Archives Catalog.

Opening the Archives: Documenting U.S.-Brazil Relations, 1960s-80s. Brown Digital Repository. Brown University Library <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:335312/>

Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Disponível em http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ppp/80000428/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_80000428_d0001de0001.pdf.

U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. Servicemen's Readjustment Act (GI Bill) [site]. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/servicemens-readjustment-act>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

William F. Meggers Papers, 1917-1966. American Institute of Physics. Center for History of Physics. College Park, Maryland, USA.

William F. Meggers Papers, Addition, 1870-1973. American Institute of Physics, Niels Bohr Library, College Park, MD 20740, USA.

REFERÊNCIAS CITADAS

- 533RD BOMB SQUADRON WAR DIARY. *381st Bomb Group*. Triumphant We Fly. Disponível em: <https://381stbg.com/533rdwd/>. Acesso em 30 de maio de 2023.
- ABUJAMRA, Adriana (2023). *Niéde Guidon: Uma arqueóloga no sertão*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- ACEBO, Virgilio Fernández (2008). El Dr. *Jesús Carballo, una figura clave en la evolución de la arqueología cántabra a lo largo del Siglo XX. Rasgos biográficos*. [apresentação] 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/2337665/El_Dr_Jes%C3%BAs_Carballo_una_figura_clave_en_la_evoluci%C3%B3n_de_la_arqueolog%C3%ADa_c%C3%A1ntabra_a_lo_largo_del_Siglo_XX_Rasgos_biogr%C3%A1ficos
- AGOSTINHO, Pedro (1974). *Kwarip, mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Editora da Universidade de São Paulo, 1974, 209 páginas
- ALCÂNTARA, Aureli Alves de (2008). *Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa da sua dama - a Pré-história*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-17032008-141515/>. Acesso em: 09 de abril de 2023.
- ALCÂNTARA, Tainã Moura, (2021). O Espólio Intelectual de Valentin Calderón: Possibilidades para o estudo da história da arqueologia na Bahia. In: *Anais do XVII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia [recurso eletrônico]*. SBHC: Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://www.17snhct.sbhct.org.br/anais/> Acesso em 12 de fevereiro de 2021.
- ALCÂNTARA, Tainã Moura, (no prelo). O Pronapa entre a Ciência e o Patrimônio: Arqueologia E A Colaboração Brasil-Usa Na Década De 1960. In: FREIRE JR. Olival; FIGUEROA, Silvia; LOPES, Margaret; VIDEIRA, Augusto (orgs.) *Ciência, Desenvolvimento E Democracia: Estudos Históricos Sobre O Caso Brasileiro (1945-2000)* Editora da Fiocruz, Maguinhos: Rio de Janeiro
- ALCÂNTARA, Tainã Moura, (no prelo). Onde está a arqueologia na História das Ciências no Brasil? In BRAGA, Fernanda; PEREIRA, Leticia e ALCÂNTARA, Tainã M. (Orgs). *Ciência como Cultura: Olival Freire Junior e a formação de pesquisadores em História, Filosofia e Ensino de Ciências*. Salvador: EDUFBA.
- ALVES, Isaiás. (1943). *Discurso de Isaiás Alves na inauguração da Faculdade de Filosofia da Bahia em 15 de março de 1943*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35096/1/Discurso%20de%20Isaias%20Alves%20na%20Inaugura%C3%A7%C3%A3o%20da%20Faculdade%20de%20Filosofia%20da%20Bahia%20em%2015%20de%20mar%C3%A7o%20de%201943%20%5b11-10-18%5d.PDF>. Acesso em 30 de maio de 2023.

- ANDÉREZ, Valeriano (1953). Indicios antropogénicos en el hombre comparado con animales infraprimáticos. *Pensamiento. revista de investigación e Información filosófica*, ISSN-e 2386-5822, ISSN 0031-4749, Vol. 9, Nº 36, , págs. 435-454.
- ARAGÃO, Rita de Cássia (2016). O contexto de gestação da Universidade da Bahia. In RUBIM, Antonio Albino Canelas. *A ousadia da criação: universidade e cultura*. [s.l.]: EDUFBA, Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20020>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- ARMITAGE, David. (2015). A virada internacional na História Intelectual. *Intelligere*, 1(1), 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2015.108480>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- ASISBIZ. 42-37969 B-17G Fortress 8AF 381BG/532BS “VEL” Old Irongut nose art at Ridgewell, 10 Mar 1944 – NA505 [Fotografia]. Disponível em: <https://asisbiz.com/il2/B-17/381BG/pages/42-37969-B-17G-Fortress-8AF-381BG532BS-VEL-Old-Irongut-nose-art-at-Ridgewell-10th-Mar-1944-NA505.html>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- AZEVEDO, Thales de (1964). *As Ciências Sociais na Bahia*. Instituto de Ciências Sociais: Salvador.
- AZEVEDO, Thales de (1979). Os médicos e a Antropologia Brasileira. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, 2: 139-178.
- AZEVEDO, Thales de (1983). Primeiros Mestres da Antropologia nas Faculdades de Filosofia. *Anuário Antropológico*, v. 7, n. 1, p. 259–277, Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6256> . Acesso em: 23 abr. 2024.
- AZEVEDO, Thales de (1991). Quarenta e Cinco Anos da Universidade da Bahia. Antecedentes e Prenúncios. *Universitas*, n. 40, p. 5–5. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/1186>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- AZEVEDO, Thales de (1993). Roteiro de Trabalho. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo. *Thales de Azevedo: Dados de uma Assinatura*. ABA/UFBA, Salvador, 1993.
- B-17 BOMBER FLYING FORTRESS – THE QUEEN OF THE SKIES. The Crew. Disponível em: <https://b17flyingfortress.de/en/details/die-besatzung/>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- B17 FLYING FORTRESS. 43-37612 “Old Iron Gut”. Disponível em: <https://b17flyingfortress.de/en/b17/43-37612-old-iron-gut/>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- BALDUS, Herbert (org.). (1955). *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, vol I. São Paulo: Editora Anhembi.
- BARATA, Mário (1992). Vida e Paixão do Museu Paraense Emilio Goeldi. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém Vol. XIII. 1952/1965.
- BARBOSA, Elvis Pereira. (2009). Arqueologia na Bahia: uma história em construção. *Especiaria: Cadernos De Ciências Humanas*, 11(20,21). Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/690>. Acessado em 3 de abril de 2018.

- BARNES, Barry e SHAPIN, Steven (Eds.) (1979). *Historical Studies of Scientific Culture*. Sage Publications: Beverly Hills.
- BARRETO, Cristiana (1999). Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo. Suplemento 3: 202-212.
- BARRETO, Cristiana (2022). De la Dordogne aux tropiques: les missions archéologiques françaises au Brésil », *Brésil(s)*. 21. Disponível em: <http://journals.openedition.org/bresils/12173>. Acesso em: 3 de setembro de 2023.
- BARRETO, Mauro Vianna (1992). História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*, Belém, v. 8, n. 2, p. 203-294. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/515>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- BARROS, Francisco Borges de (1920). *Bandeirantes e sertanistas bahianos*. Salvador, Bahia: Imprensa Oficial do Estado. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:barros-1920-bandeirantes>.
- BARTOLOMÉ, Mercedes Pérez (2019). El Mesolítico en Cantabria centro-oriental. Archaeopress Publishing Ltd.
- BENNICOFF, Tad (2017). Betty J. Meggers: Pioneer in Environmental Archaeology. *Smithsonian Institution Archives Blog*, 18 ago. 2013. Disponível em: <https://siarchives.si.edu/blog/betty-j-meggers-pioneer-environmental-archaeology>. Acesso em: 8 jul. 2021
- BLASCO GIL, Yolanda. (2018). Los costes del franquismo para la universidad española y para los profesores exiliados. El caso de Pere Bosch-Gimpera / The Costs of Francoism for the Spanish University and the Exiled Professors. The Case of Pere Bosch-Gimpera. *Historiografías*, 3, 45-61. https://doi.org/10.26754/ojs_historiografias/hrht.201232495.
- BLOCH, Marc (2001). *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Brasil.
- BOAVENTURA, Edivaldo M (1991). Pela Força Da Mente: O Brasão De Armas Da Universidade Federal Da Bahia. *Universitas*, Salvador (40): 19-27, jul./dez. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/1188>. Acesso em: 8 de abril 2025.
- BOLADO DEL CASTILLO, Rafael (2015). *Un nuevo siglo para una nueva arqueología de la Edad del Hierro en el territorio cántabro*. Sautuola, Santander: Instituto de Prehistoria y Arqueología “Sautuola”, v. XX, p. 135–152, ISSN 1133-2166. (Monográfico: Proyectos de Investigación en la Arqueología de Cantabria).
- BORRÁS, Alba Ciudad. (2022). *Fallece Mario Sanoja* [site]. Disponível em: <https://albaciudad.org/2022/08/fallece-mario-sanoja/>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- BOURDIEU, Pierre (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP.

- BOURDIEU, Pierre (2006). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre. (1983). *O campo científico*. In: ORTIZ, R. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática,.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (2005). Thales de Azevedo: Ciclos Temáticos e Vigência Na Comunidade Acadêmica. *Caderno CRH*, v. 18, n. 44, Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18529>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.) (2013). *Thales de Azevedo: antologia*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
- BRASIL (1946). Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. *Universidade da Baía: Decreto Lei nº 9155, de 8 de abril de 1946*. [Rio de Janeiro, RJ]: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1946.
- BRASIL (1961). Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961. *Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos*. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 06 março 2018.
- BRASIL (1969). Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969. *Modifica a Constituição de 1967 e dá outras providências*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 out. 1969. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc_anterior1988/emc01-69.htm. Acesso em: 11 jul. 2022.
- BROCHADO, José Proenza *et al* (1969). Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n. 12, p. 3-33.
- BROWMAN, David L (2004). Commentary: Mid-20th Century Development of Brazilian Archaeology (1964–1985). *Bulletin of the History of Archaeology*, v. 14, n. 2, p. 20–22, 2004. Disponível em: <https://archaeologybulletin.org/articles/10.5334/bha.14204>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.
- BULLETIN OF THE HISTORY OF ARCHAEOLOGY c2000. Disponível em <https://archaeologybulletin.org/>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.
- CALDERON DE LA VARA, Valentín (1955). Contribuição ao estudio das pinturas rupestres epipaleolíticas/Um castro céltico em Peña Castillo (Comillas, Santander). Salvador, UCSAL.
- CALIFORNIA, UNITED STATES REGISTROS. Imagens, FamilySearch. Imagem 812 de 1058; National Personnel Records Center (St. Louis, Missouri). Número do grupo de imagens: 104019341 Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSLK-5998-N?view=index>.
- CASTANEDO TAPIA, Ignacio; FERNÁNDEZ ACEBO, Virgilio (2019). *El manuscrito «Museo Prehistórico de Santander» de Jesús Carballo: análisis de un documento de interés para interpretar la historiografía arqueológica del siglo XX en España*. Santander: Centro de Estudios Montañeses, 2019. (E-monografía del C.E.M., n. 11). Disponível em:

https://centrodeestudiosmontaneses.com/wp-content/uploads/DOC_CEM/BIBLIOTECA/E_MONOGRAFIAS-CEM/HISTORIA-DEL-MUSEO-%20PREHISTORICO-SANTANDER_e-monografia-CEM11_1956.pdf. Acesso em: 20 jul 2024.

CATÁLOGO do Fundo Paulo Duarte (2021). Centro Cultural Alexandre Eulálio. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp.

CATROGA, Fernando (2015). *Memória, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 100p.

CECCON, Roseli Santos (2011). *Em busca de uma arqueologia brasileira*: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. Dissertação de Mestrado. PUCRS: Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2385>. Acessado em 10 de julho de 2019.

CENSO GUÍA DE ARCHIVOS DE ESPAÑA E IBEROAMÉRICA. Fondo: Diario Alerta – Historia Institucional / Reseña Biográfica: Manuel Ballesteros Gaibrois. [S.l.]: Ministério de Cultura e Desporto (Espanha), [s.d.]. Disponível em: <http://censoarchivos.mcu.es/CensoGuia/fondoDetail.htm?id=1726700#:~:text=Historia%20Institucional%2FReseña%20Biográfica%3A%20El,manos%20de%20Manuel%20Ballesteros%20Gaibrois>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CHASE, Diane Z. (2021). Archaeology, The Academy, and Women: Finding One’s Own Path. *Heritage*.; 4(3):1725-1736. <https://doi.org/10.3390/heritage4030096>. Acesso em: 13 jul. 2023

CHUVA, Márcia (2012). Por uma História da Noção de Patrimônio Cultural no Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 34, p. 147-165. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/2%20-%20CHUVA.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023

CHYMZ, Igor (2003). Response to Funari. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 7, no. 3, 2003, pp. 224–27. *JSTOR*, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20853027>. Acesso em 4 de março de 2020.

COMAS, Juan (1974). *Cien años de Congresos Internacionales de Americanistas*. México: Instituto de Investigaciones Históricas/ Instituto de Investigaciones Antropológicas, 1974. 542 p.

COMAS, Juan (2011). Actas y memorias del 37 Congreso Internacional de Americanistas. *Anales De Antropología*, 9. Disponível em: <https://doi.org/10.22201/iaa.24486221e.1972.0.23190>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CORRÊA, Mariza (1997). Dona Heloisa e a pesquisa de campo. *Revista de Antropologia*, São Paulo Brasil. v. 40, n. 1, p. 11–54.

COSTA, Angyone (1938). *Introdução à arqueologia brasileira: etnografia e história*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

COSTA, Caiuby (2003). *105 anos da Escola Politécnica da UFBA*. Salvador: P&A, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9155-8-abril-1946-417464-norma-> Acesso em: 13 jul. 2023.

[pe.html#:~:text=EMENTA%3A%20Cria%20a%20Universidade%20da%20Bahia%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A1ncias. Acesso em: 13 jul. 2023](#)

- COSTA, Carlos Alberto Santos (2005). Sítios e representação rupestre da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA). In *Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, Xingó, n. 6, p.139-157, dez.
- COSTA, Carlos Alberto Santos (2016). Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 167, 2016.
- COSTA, Carlos Alberto Santos (2019). Nem tudo está perdido: Arqueologia e histórias de vida na contextualização de objeto arqueológico do MAE/UFBA. *Cadernos do LEPAARQ* (UFPEL), p. 21–32.
- CRAWFORD, Elisabeth (1988). Internationalism in science as a casualty of the First World War: relations between German and Allied scientists as reflected in nominations for the Nobel prizes in physics and chemistry. *Social Science Information*, 27(2), 163-201. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/053901888027002001>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- CRAWFORD, Elisabeth; SHINN, Terry; SÖRLIN, Sverker (eds.) (1993). *Denationalizing Science: The Contexts of International Scientific Practice*. Sociology of the Sciences A Yearbook 16. Springer Netherlands.
- CUNHA, Lúcia Carvalheira., GASPAR, Lúcia, & SILVA, Virgínia Barbosa da. (2010). Em torno do seminário de tropicologia, 1966-2001: uma contribuição histórico-bibliográfica. *Ciência & Trópico*, 29(2). Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/834> Acesso em 04 de outubro de 2023.
- DEBASTIANI, Jesiane (2018). A Política Imigratória Brasileira na Revista de Imigração e Colonização (1940-1945). Em *Tempo de Histórias*, [S. l.], n. 32. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14704>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- DELLE, James A (2003). On Collaboration, Class Conflict, and Archaeology in Brazil. *International Journal of Historical Archaeology*, Vol. 7, No. 3, September. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i20853022> . Acesso em 4 de março de 2020.
- DI GREGORIO, Enrico (2025). As bases da arqueologia moderna no Brasil. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-bases-da-arqueologia-moderna-no-brasil/>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- DIAS, Adriana Schmidt (1995). Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-40, 1995.
- DIAS, Adriana Schmidt (2007). Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas Belém, v. 2, n. 1, p. 9-26.

- DIAS, André Luís Mattedi (2005). A universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras. *REVISTA DA SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 125-145, jul. | dez 2005.
- DIAS, Ondemar Ferreira (2003). Response to Funari. *International Journal of Historical Archaeology*, Vol. 7, No. 3, September. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i20853022> . Acesso em 4 de março de 2020.
- DÍAZ ANDREU, Margarita (1995). Arqueólogos españoles en Alemania en el primer tercio del siglo XX. Los becarios de la Junta de Ampliación de Estudios: Bosch Gimpera”. *Madrid Mitteilungen* 36: 79-89
- DÍAZ-ANDREU, Margarita (2007). *A World History of Nineteenth-century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- DÍEZ HERRERA, Carmem (1995). Repertorio Bibliográfico sobre História Medieval de Cantabria. In: CORTINA, Manuel Suárez. *Historia de Cantabria: Um Siglo de Historiografía y Bibliografía 1900-1994*. Tomo I. Fundación Marcelino Botín, Santander: 1995. Disponível em: https://centrodeestudiosmontaneses.com/wp-content/uploads/DOC_CEM/BIBLIOTECA/EDICION_OTROS/historia-de-cantabria-un-siglo-de-historiografia-y-bibliografia-19001994-1.pdf. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- DOEL, Ronald. E. (2020). Internationalism in Science After 1940. *The Cambridge History of Science*, 60–74. doi:10.1017/9781139044301.006
- DUCOFF, Louis J., *et al* (1965). The Role of Migration in the Demographic Development of Latin America. *The Milbank Memorial Fund Quarterly*, vol. 43, no. 4, 1965, pp. 197–216. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/3348922>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- EAA VINTAGE AIRCRAFT ASSOCIATION. *Global Joy Ride*. [s.d.]. Disponível em: <https://eaavintage.org/global-joy-ride/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ESTEVES, Bernardo (2023). Admirável novo mundo: uma história da ocupação humana nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras.
- ETCHEVARNE, Carlos (2005). A. As pesquisas arqueológicas no âmbito da Universidade Federal da Bahia. In: ETCHEVARNE, C. A. In *Memória do Seminário Arte Rupestre no Nordeste do Brasil: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: UFBA/FFCH, 2005. p. 11-32.
- ETCHEVARNE, Carlos (2012). “O sítio de tradição Aratu de Água Vermelha, Reserva Indígena Caramuru Paraguaçu, e suas implicações arqueológicas e etno-políticas.” *Cadernos de Arte e Antropologia*, no Vol. 1, No 1 (1o de junho de 2012): 53–57. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.721>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- EVANS, Clifford (1961). O Sambaqui do Macedo, A.52.B – Paraná, Brasil. Wesley R. Hurt and Oldemar Blasi. Universidade do Paraná, Departamento de Antropologia, *Arqueologia* No. 2, Curitiba, 1960. 98 pp., 22 figs. *American Antiquity*, 27(1), 1961. 122-123. doi:10.2307/278253.

- FARES, Seme Taleb (2011). Antiamericanismo e política externa: o caso do Brasil sob o paradigma desenvolvimentista. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011. 3, São Paulo: 2011. Disponível em:
http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000300045&lng=en&nrm=abn. Acesso em 10 de abril 2023.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (2006) A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968, *Educar em Revista*, n. 28, p. 17–36.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.) (2003) *Antropologia e poder-contribuições de Eric R. Wolf*. Trad. de Pedro Maia Soares. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp. 376p.
- FERNÁNDEZ ACEBO, Virgilio (2003). Una crónica de la arqueología de postguerra en Cantabria a través de las Actas del Centro de Estudios Montañeses (1939-1951). *Altamira, Revista del Centro de Estudios Montañeses* 62.
- FERNANDES, Henry Luydy Abraham (2012). “Vista do UMA REVISÃO DA TRADIÇÃO ARATU NA BAHIA” *Clio Arqueologica*. n. 27 n. 1. Recife: 2012. Acesso em 22 de março de 2025.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246769/35733>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- FERNANDES, Henry Luydy Abraham. (2017). Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia. *Especiaria: Cadernos De Ciências Humanas*, 17(30). Disponível em <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1764>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia (2001). Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a tradição Aratu-Sapucai. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001189623> Acesso em: 22 mar. 2025.
- FERNÁNDEZ-POSSE DE ARNAIZ, M.a Dolores (2015), Pedro Bosch Gimpera. *Trabajos de Prehistoria*, v. 72, n. 1, p. 8–21, 2015. Disponível em: <https://tp.revistas.csic.es/index.php/tp/article/view/689>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- FERNANDEZ-TRESGUERRES VELASCO, Juan A. (1980), El Aziliense en las Provincias de Asturias y Santander, Centro de Investigación y Museo de Altamira, Monografias, 2, Santander, 1980, 209 pp.
- FERNANDEZ-TRESGUERRES VELASCO, Juan A. (1994)., El Arte Aziliense. In: *Complutum*, 5, 1994: 81-95. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL9494120081A>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- FICO, Carlos (2017).. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p.05-74.jan./abr.
- FORD, James A. (1962a). *A quantitative method for deriving cultural chronology*. Revised version of the working paper prepared for the Teaching Seminar in the Methods of Establishing

- Chronological Sequences of Pre-Columbian Cultures in the Americas, Barranquilla, Colombia, June 25-July 6, 1961., Technical manual,1 Washington: Pan American Union, General Secretariat, Organization of American States, 1962. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000291635>. Acesso em 28 de julho de 2019.
- FORD, James A (1962b). *Método cuantitativo para establecer cronologías culturales* Pan American Union, Manuales Técnicos 1, Washington, D.C.
- FORD, James A.; PHILLIPS, Philip.; e GRIFFIN, James B (2003). *Archaeological Survey in the Lower Mississippi Alluvial Valley, 1940–1947*. Estados Unidos: University of Alabama Press, 2003. 2ed.
- FOWLER, Don D; VAN BEEK, Gus W.; SANOJA, Mario (1982). “Clifford Evans, 1920–1981”. *American Antiquity* 47, no 3 (julho de 1982): 545–56. <https://doi.org/10.1017/S0002731600062661>. Acesso em 04 de outubro de 2023.
- FREIRE JUNOR, Olival (2020). Biografia como gênero na história das ciências – O caso do físico David Bohm (1917-1992). *Circumscribere International Journal for the History of Science*, v. 25, p. 40–56, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1980-7651.2020v25;p40-56>. Acesso em: Acesso em 10 de setembro 2021.
- FREIRE JUNIOR., Olival. e SILVA, Indianara (2019). Scientific Exchanges between the United States and Brazil in the Twentieth Century: Cultural Diplomacy and Transnational Movements, in John Krige (ed), *How Knowledge Moves – Writing the Transnational History of Science and Technology*, pp. 281-307, Chicago University Press, Chicago.
- FROES ABREU, Sylvio (1936); *Observações sobre os sedimentos e sobre os betumes do Reconcavo*. In: FROES ABREU, Sylvio; PAIVA, Glycon de; e AMARAL, Irnack do. *Contribuições para a geologia do petróleo no Reconcavo (Bahia)*. Rio de Janeiro: [Timon], 1936.
- FROES ABREU, Sylvio; PAIVA, Glycon de; e AMARAL, Irnack do (1936). *Contribuições para a geologia do petróleo no Reconcavo (Bahia)*. Rio de Janeiro: [Timon], 1936.
- FULBRIGHT BRASIL. Fulbright Brasil: Quem Somos. c2012. Disponível em <https://fulbright.org.br/quem-somos/>. Acesso em 13 de outubro de 2023.
- FUNARI, Pedro Paulo (1989). Brazilian Archaeology And World Archaeology: Some Remarks. *World Archaeological Bulletin* 3, 1989, 60-68
- FUNARI, Pedro Paulo (1991). Archaeology In Brazil: Politics And Scholarship At A Crossroads. *World Archaeological Bulletin* 5, 1991., 122-132.
- FUNARI, Pedro Paulo (1992) La Arqueología en Brasil: Política y Academia en una Encrucijada. In: POLITIS, G. (ed.), *Arqueología en América Latina Hoy*, pp. 57-69. Bibliotheca Banco Popular, Bogotá.
- FUNARI, Pedro Paulo (1994a). Arqueologia Brasileira: Visão geral e reavaliação. *Revista de História da Arte e da Cultura*, Campinas, SP, n. 1, p. 23–41, 1994a. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15567>. Acesso em: 3 set. 2023.

- FUNARI, Pedro Paulo (1994b). Paulo Duarte e o Instituto de pré-história. *Idéias*, 1/1, 1994b, p. 155-179. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/ideias_1-1.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2022.
- FUNARI, Pedro Paulo (1995). Mixed Features of Archaeological Theory in Brazil. In: UCKO, J. J. (ed.), *Theory in Archaeology. A World Perspective*, pp.236-50. Routledge, London & New York.
- FUNARI, Pedro Paulo (1997). European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *European Journal of Archaeology*. v. 5, n.2, p. 137-148. Londres: 1997.
- FUNARI, Pedro Paulo (1998). *A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro*. Texto apresentado na Primeira Reunião de teoria Arqueológica na América do Sul, Vitória, 6-9 de maio de 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo (1999). Brazilian archaeology, a reappraisal. In: POLITIS, G.; BENJAMIN, Alberti (eds). *Archaeology in Latin America*. London/New York: Routledge, 1999b. p. 17-37.
- FUNARI, Pedro Paulo (2002b). “Class Interests in Brazilian Archaeology.” *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 6, no. 3, 2002a, pp. 209–16. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20853005>. Acesso em 10 de abril. 2020.
- FUNARI, Pedro Paulo (2002b). Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na arqueologia brasileira. *Horizontes Antropológicos*, v. 8, n. 18, p. 131–153, dez. 2002b. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000200006>. Acesso em 3 de Agosto de 2022.
- FUNARI, Pedro Paulo (2003). Dictatorship, Democracy, And Freedom Of Expression. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 7, no. 3, 2003, pp. 233–37. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20853031>. Acesso em 4 de setembro 2020.
- FUNARI, Pedro Paulo (2008). A History of Archaeology in Brazil, In: Murray, T., Evans, C. (Eds.), *Histories of archaeology: a reader in the history of archaeology*. Oxford University Press, Oxford, 2008, pp. 328-345.
- FUNARI, Pedro Paulo (2013a). Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. *Ciência e Cultura*. [online]. 2013a, vol.65, n.2 pp.23-25. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 de maio de 2022.
- FUNARI, Pedro Paulo (2013b) L’archéologie brésilienne au cours des vingt dernières années. *Perspective*. Actualité en histoire de l’art, Trad. Géraldine Bretault. n. 2, p. 269–287, 2013b. Disponível em: <https://journals.openedition.org/perspective/3886>. Acesso em 10 de abril. 2023.
- FUNARI, Pedro Paulo (2015). A arqueologia na Unicamp e a Revista de Arqueologia Pública: Trajetória e perspectivas. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 8, n. 2[10], p. 6–7, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635632>. Acesso em: 9 abril de 2023.
- FUNARI, Pedro Paulo; FERREIRA, Lúcio Menezes (2006). A Social History of Brazilian Archaeology: A Case Study. *Bulletin of the History of Archaeology*, 16(2), p.18-27. Disponível em <https://doi.org/10.5334/bha.16203>. Acesso em 30 de março de 2023.

- GOMES, Ana Lúcia de Abreu. LOPES, Maria Margaret (2018). Agentes e agências na proteção do patrimônio antes do Patrimônio: Heloisa Alberto Torres e Museu Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*. 50, 2018: 85–99.
- GRACIA ALONSO, Francisco (2008). Pedro Bosch Gimpera Y La Escuela Arqueológica De Barcelona (1916-1939) A Partir De Las Fuentes Documentales De Correspondencia. *S'écrire Et Écrire Sur L'antiquité. L'apport Des Correspondances À L'histoire Des Travaux Scientifiques*, Grenoble, 2008, p. 341-362;
- GREEN, James (2009). *Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GREEN, James (2010). *We Cannot Remain Silent: Opposition to the Brazilian Military Dictatorship in the United States*. Durham: Duke University Press, 2010.
- GREEN, James (2024). *Escritos de um viado vermelho: política, sexualidade e solidariedade*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2024. 576 p. ISBN 978-65-5711-228-1.
- GUATEMALA.COM (2023). Biografia de Carlos Navarrete Cáceres [site]. 2023. Disponível em: <https://aprende.guatemala.com/historia/personajes/biografia-de-carlos-navarrete-caceres>
- GUÉRIOS, Paulo (2021). ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA, ENGAJAMENTO José Loureiro Fernandes e os sentidos da atividade intelectual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, 2021.
- HALL, Lana (1980). “Evaluating the Effects of P.L. 480 Wheat Imports on Brazil’s Grain Sector.” *American Journal of Agricultural Economics*, vol. 62, no. 1, 1980, pp. 19–28. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1239468>. Acessado em 28 Aug. 2023.
- HATHBUN, Richard (1878). *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Cysneiros & Cia, 1878. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/page/5088587>. Acessado em 28 de maio de 2023.
- HILBERT, Klaus (2007). “Cave canem!”: cuidado com os 'Pronapianos'! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 2, p. 117–130, 2007
- HOBBSAWM, Eric (2006). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- IBGE (s. d.) O imigrante espanhol no cotidiano urbano brasileiro. *In: BRASIL 500 ANOS – território brasileiro e povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- INTERNET ARCHIVE, 2014. *Internet Archive* is a non-profit library of millions of free books, movies, software, music, websites and more, 2014. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em 10 de setembro 2022.
- KENDALL, D.G (1964). A statistical approach to Flinders Petrie’s sequence dating. *Bulletin of the International Statistical Institute*, 40, 657–681. 1964

- KRIGE, John (ed) (2019), *How Knowledge Moves: Writing the Transnational History of Science and Technology*, pp. 281-307, Chicago University Press, Chicago, 2019.
- KUHN, Thomas (2017). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 323 p. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira.
- LEWIS, Herbert S. Lewis (2013). From Boas's Retirement Until 1968. In: MCGEE, R. Jon; WARMS, Richard L. (Ed.). *Theory in Social and Cultural Anthropology: An Encyclopedia*. Thousand Oaks: SAGE Publications. 126-127.
- LIMA, Tania Andrade (2003). Unscientific And Unethical Criticisms: A Reply to Pedro Paulo Funari. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 7, no. 3, 2003, pp. 229–31. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20853029>. Acesso em 4 de setembro de 2023.
- LOPES, Maria Margaret (2001): Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. VIII (suplemento): 881-97, 2001.
- LYMAN, R. Lee; WOLVERTON, Steve Wolverton e O'BRIEN, Michael J (1998). Seriation, Superposition, and Interdigitation: A History of Americanist Graphic Depictions of Culture Change. *American Antiquity*, Vol. 63, No. 2 pp. 239-261, 1998. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2694696>. Acessado em 21 de junho de 2014.
- MACHADO, Lara Novis Lemos (2021). *Imigração Dirigida Ao Brasil No Período Do Pós-segunda Guerra Mundial: A Missão Neiva (1946-1947)*. Dissertação de Mestrado. FGV CPDOC - Dissertações, Mestrado em História, Política e Bens Culturais. Disponível em <https://repositorio.fgv.br/items/812814a9-a1da-4aba-b8d1-f18ec038e6ea>. Acessado em 21 de junho de 2024.
- MADRIAGA DE LA CAMPA, Benito (1972). *Hermilio Alcalde Del Rio: Uma Escuela de Prehistoria en Santander*. Publicaciones del Patronato de las Cuevas Prehistóricas de la Provincia de Santander, 1972.
- MAIO, Marcos Chor (2017). As Elites de Cor: Thales de Azevedo e o Projeto UNESCO de Relações Raciais no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, v. 5, n. 10. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/282>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- MARANCA, Silvia (2007). A Arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dos anos 60. *Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- MARQUES, Guilherme dos Santos Cavotti (2023). *Um homem de letras e de ação: a trajetória de Artur Hehl Neiva no campo migratório do Brasil entre as décadas de 1930-1950*. 366 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.
- MARQUES, Marcélia; HILBERT, Klaus (2009). A tradição (arqueológica) Itaparica: a materialidade textual e a semantização dos objetos. *Trajetos - Revista de História da UFC*. Fortaleza: NUDOC. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28597>. Acesso em 4 de abril de 2020.

- MARTIN, Gabriela (2005). *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 4ª edição Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- MEGGERS, Betty (1945). The Beal-Steere collection of pottery from Marajó Island, Brazil. *Papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters*, v. 31, p. 193-213.
- MEGGERS, Betty (1992) “Cuarenta años de colaboración”. In MEGGERS, Betty J. (org.) *Prehistoria Sudamericana: Nuevas Perspectivas*. Washington, Taraxacum: 1992. 13-26.
- MEGGERS, Betty (2003). Smithsonian Collaboration with The Brazilian Military Regime: A Reply To Pedro Paulo Funari. *International Journal of Historical Archaeology* 7, no. 3 (2003): 231–33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20853030>. Acesso em 10 de julho de 2019.
- MEGGERS, Betty. (1993). Arqueología en América latina hoy. POLITIS, Gustavo editor. Colección Textos Universitarios. Biblioteca Banco Popular, Santafé de Bogota, 1992. 191 pp (Review). *Latin American Antiquity*, 4(4),1993. 388-389. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/972076> Acesso em 19 de abril de 2023.
- MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford (1977). Las Tierras Bajas de Suramérica y las Antillas. *Revista de La Universidad Católica*. Número Monográfico de Arqueología. Ano V. Quito, Septiembre, nº17, 1977. pgs. 11-69.
- MENDES, Erasmo Garcia (1994). Paulo Duarte. *Estudos Avançados*, 8(22), 1994. 189-193. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9693>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia (2019). Revisitando o Museu Nacional e a história da Antropologia no Brasil pelas mãos de Heloísa Alberto Torres. *Política & Sociedade*, v. 18, n. 41, p. 27–59, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2019v18n41p27/40906>. Acesso em 03 de maio de 2022
- MOHOLY-HAGY, Hattula (2020). Archaeology in a Gilded Age: The University of Pennsylvania Museum’s Tikal Project: 1956–1970. *Codex* 2020, 29, 3–18.
- MONTICELLI, Gislene (2021). José Brochado: Quem o Conhece, não o Esquece. *Revista Habitus - Revista Do Instituto Goiano De Pré-História E Antropologia*, 18(2), 2021 350–367. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/hab.v18i2.8665>. Acesso em 03 de maio de 2022.
- MONTICELLI, Gislene (2007). O céu é o limite: como explorar as normas rígidas da cerâmica Guarani. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Goeldi. Ciências Humanas Belém, v. 2, n. 1, p. 55-65, 2007.
- MORALES, Walter (2008). O Contexto Arqueológico relacionado à Tradição Aratu. In: *Brasil central: 12.000 anos de ocupação humano no médio curso do Rio Tocantins, TO*. Editora Annablume. São Paulo, 2008.
- MOREIRA, Vânia Medeiros (2014). O CPC da UNE na Bahia. In: ZACHARIADHES, Grimaldo (org.). *Ditadura Militar na Bahia: histórias de autoritarismo, conflito e resistência*. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 79-103.

- MORO ABADÍA, Oscar (2009). The History of Archaeology as Seen Through the Externalism-Internalism Debate: Historical Development and Current Challenges. *Bulletin of the History of Archaeology*. 2009. Disponível em <https://archaeologybulletin.org/articles/10.5334/bha.19203>. Acesso em 06 de janeiro de 2023.
- MORO ABADÍA, Oscar (2010). “Beyond externalism. Exploring new directions in the history of Archaeology.” *Archaeological Dialogue* 17: 215 - 236. 2010. p. 227. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1380203810000280>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.
- MORO ABADÍA, Oscar (2013). The History of Archaeology as a Field: From Marginality to Recognition. In CHRISOMALIS, Stephen. e COSTOPOULOS, Andre. (Eds.), *Human Expeditions: Inspired by Bruce Trigger* (pp. 90-101). Toronto: University of Toronto Press. 2013.
- MORO ABADÍA, Oscar (2017). Bridging the gap in archaeological theory: an alternative account of scientific ‘progress’ in archaeology. in *World Archaeology*, 49:2, 271-280, 2017. Disponível em: <http://10.1080/00438243.2016.1264883>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.
- MORO ABADÍA, Oscar (2020). L’idée de « progrès » en archéologie: Réflexions du point de vue de l’épistémologie et l’histoire des sciences. *Pour une histoire de la préhistoire océanienne*, edited by Emilie Dotte-Sarout et al., pacific-credo Publications, 2020, Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pacific.1302>. Acesso em 16 de janeiro de 2023.
- MORO ABADÍA, Oscar (2023). Rewriting the Past for the Changing Present: The Need for New and Pluriversal Histories of Archaeology. **Bulletin of the History of Archaeology**, v. 33, n. 1, 2023. Disponível em: <https://archaeologybulletin.org/articles/10.5334/bha-675>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (2014). A ditadura nas universidades: repressão, modernização e acomodação. *Ciência e Cultura*, v. 66, n. 4, p. 21–26.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (2021). *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (2016). A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. *Revista Páginas*, 8(17), 9–25. Disponível em: <https://doi.org/10.35305/rp.v8i17>. Acesso em 10 de abril 2023.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (2023). *A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política*. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37112>>. Acesso em: 25 set. 2023.
- MOURE ROMANILLO, Alfonso (1995). Prehistoria De Cantabria: Más de un Siglo de Historiografía y Bibliografía. In: Suárez Cortina, Manuel (ed.). *Historia De Cantabria Un Siglo De Historiografía Y Bibliografía (1900-1994)*. Fundación Marcelino Botín: Santander, 1995.
- MURRAY, Tim, (ed) (1999). *Encyclopedia of Archaeology: The Great Archaeologists*. 2 Vols. Oxford: ABC-CLIO, 1999.
- MURRAY, Tim, (ed) (2001). *Encyclopedia of Archaeology: History and Discoveries*. 3 Vols. Oxford: ABC-CLIO, 2001

- NASCIMENTO, Marcélia Marques do (2010). *Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico da tradição Itaparica*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2329>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- NATIONAL ARCHIVES (c2009). *U. S. National Archives and Records Administration (NARA) c2009*. Página inicial. Disponível em: <https://catalog.archives.gov>. Acesso em 14 de maio de 2023.
- NEVES, Eduardo Goes (2006). *Arqueologia da Amazônia: Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- NOELLI, Francisco Silva (1999). A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas - 1872-2000. *Revista USP*, (44), 1999. 218-269. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p218-269>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.
- NOTICIÁRIO (1963). *Revista de Antropologia*, 11(1/2), 95–112. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41615736>. Acesso em 14 de maio de 2023.
- O'BRIEN, Michael J; LYMAN, R. Lee (orgs), *Measuring the Flow of Time: The Works of James A. Ford, 1935-1941*, Classics in Southeastern Archaeology. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1999.
- OLIVEIRA, Nemuel da S.ilva (2010). *Estudos de Comunidade, Ciências Sociais e Saúde: O Ciclo de pesquisas do Vale do São Francisco na década de 1950 (PDF) (Tese de doutorado)*. Orientador Marcos Chor Maio. Rio de Janeiro: Fiocruz. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6094> Acesso em 13 de outubro de 2023.
- OTT, Carlos (1948). *As culturas pré-históricas da Bahia. A Cultura Material*. Salvador: Bigraf, 1993. revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, v. 75, 1948-1949, p.139-141.
- PALÁCIOS, Maria das Graças (1992). *A UNIVERSIDADE DA BAHIA TEM COISAS CURIOSÍSSIMAS*. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 1, n. 1, 2 1992. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/632>. Acesso em: 29 avr. 2025.
- PANDORA, Katherine (2016). *Amateurs. A Companion to the History of Science*, p. 139-152, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1002/9781118620762.ch10>. Acessado em 17 de junho de 2021
- PAVÓN ROMERO, Armando; BLASCO GIL, Yolanda (2022). *La irrupción de la escritura en el Estudi General de Valencia (1767-1797)*. Valencia, Titrant Humanidades, 2022, 156 pp.
- PAYNE, Alma Smith (1968). *Partners in Science*. Cleveland: World Pub., Co.
- PEREIRA JR., José Anthero (1967). *Introdução ao Estudo da Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Ind. Gráfica Bentivegna Editôra Ltda.,
- PETRIE, William Matthew Flinders (1899). Sequences in prehistoric remains. *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 29, 1899, 295–301

- PETRIE, William Matthew Flinders (1901). *Diosopolis Parva. The cemeteries of Abadiyeh and Hu* (1898 – 1899), Londres, The Egypt Exploration Fund, 1901.
- PEREIRA, Cláudio Pereira; ALCÂNTARA, Tainã Moura; PASSOS, Antônio Marcos; SANTANA, Celina Rosa; VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett de (2016). Memórias em tons de sépia: a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia. Salvador: EDUFBA.
- PICKERING, Andrew (1992). From Science as Knowledge to Science as Practice. In Pickering (Ed.), *Science as Practice and Culture* (pp. 1-28). Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- PORR, Martin. (2023). Digging into the Human Past: Archaeology, Time, and the Object. In. DOVER P. M (Ed.). *Engaging with the Past and Present. The Relationship between Past and Present across the Disciplines* (pp. 143-157). Abingdon: Routledge.
- POOLE, Lynn; POOLE, Gray. *Scientists Who Work Outdoors*. New York: Dodd, Mead, Makers of our modern world books, 1963.
- PRICE, David H.; PEACE, William J (2003). Un-American Anthropological Thought: The Opler-Meggers Exchange. *Journal of Anthropological Research*, vol. 59, no. 2, 2003, pp. 183–203. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3631640>. Acesso em 03 de março de 2023.
- PRONAPA (1970). Brazilian Archaeology in 1968: An Interim Report on the National Program of Archaeological Research. *American Antiquity*. 1970;35(1):1-23. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/278174>. Acesso em 20 de abril de 2019.
- PROUS, André (1992). *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- PROUS, André (2019). *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Archaeo/Carlini & Canaiato Editorial.
- PYCIOR, Helena; SLACK, Nancy; ABIR-AM, Pnina (editors) (1996). *Creative Couples in the Sciences. Lives of women in Science*. New Brunswick, N.J: Rutgers University Press, 1996.
- RAMIREZ-ALIAGA, José Miguel (2008). Obituary Gonzalo Figueroa Garcia-Huidobro. *Rapa Nui Journal*. Vol. 22, NO.2. October. Disponível em: https://islandheritage.org/wp-content/uploads/2010/06/RNJ_22_2_Obituary_Garcia_Huidobro.pdf. Acesso em 13 de outubro de 2023.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul (2007). *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. 3. Ed. Madrid: Akal, 2007.
- RIBEIRO, Darcy (1968a). *O Processo civilizatório*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Darcy (1968b). *The civilizational process* Tradução e prefácio de Betty J. Meggers. Edição americana (1ª): Smithsonian Institution, Washington, 1968b.
- RIBEIRO, Darcy (2012). *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Darcy (2014). *Tempos de turbilhão: relatos sobre o golpe de 64*. [ebook] São Paulo: Global.

- RICHARD, Nathalie (2024), 'Amateur Archaeology in the Nineteenth and Twentieth Centuries', in DÍAZ-ANDREU, Margarita; COLTOFEAN, Laura (eds), *The Oxford Handbook of the History of Archaeology*, Oxford Handbooks (2025; online edn, Oxford Academic, 19 Nov. 2024), <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190092504.013.19> , acesso em 22 Mar. 2025.
- RIPOLL I PERELLÓ, Eduard (1969). Las “Actas y Memorias” del Congreso Internacional de Americanistas celebrado en la Argentina en 1966. *Empúries: revista de món clàssic i antiguitat tardana*, 1969, vol. 31, p. 343-6, Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Empuries/article/view/116945>
- RISÉRIO, Antônio (1995). *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina e P. M. Bardi,
- RIVERO DE LA CALLE, Manuel (1960). Caguanes: Nueva Zona Arqueológica de Cuba. Universidad Central de Las Villas. Departamento de Investigaciones Antropológicas, 1960. 88p.
- ROCHA, Cesar de Sá Da (2023). *Faculdade de Direito da Bahia: Processo histórico e agentes de criação da Faculdade Livre no final do século XIX - Belo Horizonte - Editora Expert – 2023*. Disponível em: <https://experteditora.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Faculdade-de-Direito-da-Bahia-Processo-historico-e-agentes-de-criacao-da-Faculdade-Livre-no-final-do-seculo-XIX.pdf>. Acesso em 22 Mar. 2025
- ROCHA, Josimar Custodio (2020). Breve história da arqueologia no sertão do Piauí (1970-1993). Dissertação de mestrado. PPGFHC, UFBA/UEFS. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31333>. Acesso em: 4 de setembro de 2023.
- RODRIGUEZ, Ana Mónica (2012). Incierto, todavía, el préstamo del Penacho de Moctezuma a México [site]. *Periódico La Jornada*, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2012/12/28/cultura/a03n1cul>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- ROSA, Cássia S. da (2008). Ilusão e Paraíso: História e Arqueologia na Amazônia (1948-1965). 112f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- RUSEISHVILI, Svetlana (2020). Fronteira desterritorializada, inclusão diferencial e Estado-nação: a Comissão brasileira de seleção de refugiados da Segunda Guerra Mundial. *REMHU, Rev Interdiscip Mobil Hum [Internet]*. 2020Sep;28(60):127–50. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006008>
- SÁ, Magali. R.; MIRANDA DE SÁ, Dominichi.; SILVA, André Felipe C. da (eds.) (2020). *As ciências na história das relações Brasil-EUA*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2020.
- SALA, Dalton (1990). Mário de Andrade e o Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 31, p. 19–26, 1990.
- SALADINO, Alejandra.; PEREIRA, R (2016). Verbete Arqueologia Histórica In: Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2 ed. Rio de Janeiro; Brasília: PHAN/DAF/Copedoc, 2016, v.1, p. 1-2.
- SALOMON, Jean-Jacques (1971). The Internationale of Science. *Science Studies* 1, no. 1 1971: 23–42. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/370195>. Acesso em 10 de agosto de 2023.

- SAMPAIO, Theodoro (1922). *Arqueologia Brasileira - Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* - I vol. – Rio de Janeiro, 1922.
- SAN BERNARDINO HIGH SCHOOL YEARBOOK (1937). CLASSMATES. Disponível em: <https://www.classmates.com/siteui/yearbooks/249313?page=83>. Acesso em 10 de agosto de 2024
- SAN BERNARDINO SUN, VOLUME 43, 11 JUNE 1937. *California Digital Newspaper Collection*. Disponível em: <https://cdnc.ucr.edu/> 10 de agosto de 2024.
- SANGIOVANNI, Ricardo Fagundes (2018). A cor das elites: questão racial e pensamento social através da trajetória intelectual de Thales de Azevedo. 2018. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31282/1/SANGIOVANNI,%20Ricardo.%20A%20cor%20das%20Elites.%20Tese%202018.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- SANSONE, Lívio (2022). *Estação Etnográfica Bahia: A Construção dos Estudos Afro-Brasileiros (1935-1967)*. Tradução Julio Simões. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. isbn 978-85-268-1590-2
- SANSONE, Lívio (2023). *Field Station Bahia: Brazil in the Work of Lorenzo Dow Turner, E. Franklin Frazier and Frances and Melville Herskovits, 1935–1967*. Leiden; Boston: Brill, 2023. (Africa Multiple: Contributions to the Study of Africa and Its Diasporas, v. 1). ISBN 978-90-04-52393-7.
- SANTOS, Roberto Figueira (2008). *Vidas paralelas (1894-1962)*. - 2. ed. rev. - Salvador: EDUFBA. 148p.
- SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa (2012). *E eu, que já fui uma brasa, se assoprarem posso acender de novo: arqueologia enquanto evento na trajetória de duas pioneiras*. 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2437>. Acesso em: 3 de setembro de 2023.
- SCHAAN, Denise Pahl (2007). Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, araense Emílio Goeldi. Ciências Humanas Belém*, v. 2, n. 1, p. 27-39, 2007.
- SCHLANGER, Nathan (2002). Ancestral Archives: explorations in the history of archaeology. *Antiquity*, 76(291), 127-131. 2002.
- SCHAAN, Denise; BEZERRA, Marcia (2009). *Construindo a Arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Belém: GKNoronha, 2009.
- SCHIEBINGER, Londa (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru-SP, EDUSC, 2001.
- SCHLANGER, Sarah H (1992). Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. In: ROSSIGNOL, Jacqueline; WANDSNIDER, Luann. *Space, time, and archaeological landscapes*. New York and London, Plenum Press, p. 91-112, 1992.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique (2008). Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 47–

68, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/89828>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SEMINARIO DE TROPICOLOGIA, (1976): Universidade Federal de Pernambuco & Freyre, Gilberto, 1900- & Silva, Paulo de Castro Moreira da. *Tropico & [i.e. e] pesca, sexo, universidade, profilaxia, algodao, madeira, politica internacional, arqueologia, pecuaria : trabalhos apresentados e debates travados no decorrer do ano de 1969 no Seminario de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a direcao de Gilberto Freyre / Moreira da Silva Newton Sucupira, Mario Pessoa e outros ; coordenacao de Gilberto Freyre ... [et al.]*. Recife : Editora Universitaria, Universidade Federal de Pernambuco.

SEMPÉ, Carlota (2009). Víctor A. Núñez Regueiro (1934-2009). In *Memorian; Arqueología*, 15, 2009. 271-272. Disponível em: <https://doi.org/10.34096/arqueologia.t15.n0.1718>. Acessado em 13 de outubro de 2023.

SEPÚLVEDA, Carlos. (2022). *O que deu origem à fundação da Academia de Belas Artes da Bahia. Arquivos da Universidade da Bahia, Escola De Belas Artes*, 2(01), 109. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/ebartes/article/view/51400>. Acessado em 13 de outubro de 2023.

SHAPIN, Steven (1995). *A social history of truth: Civility and science in seventeenth-century England*. University of Chicago Press, 1995

SILVA, Fabíola Andréa da (2007). O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó–Xikrin do Catete. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Humanas Belém*, v. 2, n. 1, p. 41-53.

SILVA, Vanessa Magalhães da (2024). *No embalo das redes: a criação da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1941–1950*. Salvador: EDUFBA.

SIMÃO, Luciene de Menezes (2009). Elos do patrimônio: Luiz de Castro Faria e a preservação dos monumentos arqueológicos no Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 4, p. 421-436. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi>. Acesso em 14 de fevereiro de 2023.

SIMÕES, Ruy (1990). *A Faculdade de Filosofia e sua Identidade Perdida*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.

SLOTTEN, Hugh Richard; NUMBERS, Ronald L; LIVINGSTONE, David N. (eds), (2020). *The Cambridge History of Science: Volume 8, Modern Science in National, Transnational, and Global Context*. Cambridge University Press, Year: 2020

SOARES, André Luiz Ramos (2012). Pelo fim do Frankenstein Guarani. *Revista Diálogos*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 767-790.

SOARES, Juliana (2013). Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 23, p. 61-77.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira (2014). Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. *Tese de Doutorado*,

- Unicamp, 2014. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/936485?guid=1692147492258&returnUrl=%2fMinhaSelecao%3fguid%3d1692147492258&i=1&m=1>. Acesso em 03 de maio de 2022.
- SOMSEN, Geert J. (2008). A History of Universalism: Conceptions of the Internationality of Science from the Enlightenment to the Cold War. *Minerva* 46, 361–379 Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11024->. Acesso em 03 de maio de 2022.
- SOUTO MAIOR, Luiz (2001). A. P. Brasil-Estados Unidos: desafios de um relacionamento assimétrico. *Rev. Bras. Polit. Int.*, Brasília, v. 44, n. 1, p. 55-68.
- SOUZA, Alfredo Mendonça de (1991). História da arqueologia brasileira. *Pesquisas. Antropologia*, n. 46.
- SOUZA, Rafael De Abreu (2014). Da Miss-sambaqui ao monstro de Sobral arqueologia paulistana entre os anos de 1930 e 1950. *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 257–286, 2014.
- STEPHENS, Michael D (1982). The role of the amateur in nineteenth century American and English scientific education. *The Vocational Aspect of Education*, v. 34, n. 87, p. 1-5, 1982. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10408347308001591>. Acessado em 10 de maio de 2021.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira (2014). Arqueologia – antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico. *Tessituras, Pelotas*, v. 2, n. 1, p. 10-39, jan./jun.
- TANTALEÁN, Henry. (2014). Lumbreras, Luis Guillermo. In: Smith, C. (eds) *Encyclopedia of Global Archaeology*. Springer, New York, NY. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4419-0465-2_317. Acesso em 13 de outubro de 2023.
- TAYLOR, Brian (1995). Amateurs, Professionals and the Knowledge of Archaeology. *The British Journal of Sociology* 46, no. 3 (1995): 499–508. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/591853>. Acessado em 10 de maio de 2021.
- TEIRA MAYOLINI, Luis César (1994). *El megalitismo en Cantabria: aproximación a una realidad arqueológica olvidada*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria. Santander, 284 pp. ISBN: 84-8102-069-9.
- TEIXEIRA, Mônica (2015). *Circa 1962: A Ciência Paulista Nos Primórdios Da Fapesp*. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em <https://fapesp.br/publicacoes/circa.pdf>. Acessado em 05 de abril de 2023.
- THE COLUMBIA GAZETTEER OF NORTH AMERICA (2000). Nova York: Columbia University Press, 2000. <https://home.olemiss.edu/~mudws/family/shanks.html>
- THE FULBRIGHT PROGRAM, 1946-1996: An Online Exhibit. Disponível em <https://libraries.uark.edu/specialcollections/exhibits/fulbrightexhibit/intro.html>. Acessado em 2 de junho de 2023.
- THE SMITHSONIAN TORCH, (July 1965). Disponível em: https://siarchives.si.edu/sites/default/files/pdfs/torch/Torch%201965/SIA_000371_1965_07.pdf

- TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; ABREU, Marilene Lobo & VARELA, Aínda (2011). *Reitores da Ufba: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho*. Salvador: Edufba, 2011.
- TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (2010). *UFBA: do século XIX ao século XXI*. [s.l.]: EDUFBA, 2010.
- TRIGGER, Bruce (1989). *A History of Archaeological Thought*. New York: Cambridge University Press
- TRIGGER, Bruce (2004). *História do Pensamento Arqueológico*. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- TRIGGER, Bruce (2006) G. *A History of Archaeological Thought*. 2ª Ed. New York: Cambridge University Press.
- TRIGGER, Bruce (2011). *História do Pensamento Arqueológico*. 2ª ed. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2011.
- U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. Servicemen's Readjustment Act (GI Bill) [site]. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/servicemens-readjustment-act>>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (2014). Comissão da Verdade da UFBA. Relatório final da Comissão da Verdade da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Comissão da Verdade/UFBA, 2014. Disponível em: https://comissaoverdade.ufba.br/sites/comissaoverdade.ufba.br/files/relatorio-miolo_final_capa_07-10-14.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2023.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, DEPARTAMENTO CULTURAL DA REITORIA (2016). *Notícia História da Universidade da Bahia*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2016.
- UNIVERSITY OF MICHIGAN (2017). *Excavating Archaeology at the University of Michigan: 1817–2017*. Disponível em: <https://exhibitions.kelsey.lsa.umich.edu/excavating-archaeology-bicentennial/index.php>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.
- VERGUN, David (2020). First Peacetime Draft Enacted Just Before World War II. April 7. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/Feature-Stories/story/article/2140942/first-peacetime-draft-enacted-just-before-world-war-ii/>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.
- VICTORIANO, Marta (c2020). La web de las Biografías: *Lumbreras, Luis Guillermo* (1936-vvvv). Disponível em <https://www.mcabiografias.com/app-bio/do/show?key=lumbreras-luis-guillermo>. Acesso em 13 de outubro de 2023.
- VILLON, Dario (2023). *Bio Karen Olsen Bruhns* [Livro eletrônico]. San Francisco: Calameo, 2023 Disponível em: <<https://www.calameo.com/books/0029103441452cfa86a2a>>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- WASHINGTON POST (c2000). *Washington Post: Democracy Dies in Darkness*. c.2000. Página Inicial. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/>. Acesso em 10 de setembro 2022.

- WHEELER, Mortimer (1955). *Still Digging: Interleaves from an Antiquary's Notebook*; Author; Edition, 5; Publisher, M. Joseph, 1955; Length, 236 pages.
- WILLEY, Gordon (1969). James Alfred Ford, 1911-1968. *American Antiquity*. Vol. 34, No. 1. Cambridge University Press: 1969, pp. 62-71 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/278314>. Acessado em 10 de janeiro de 2022.
- WILSON, Adrian (2017). “*Science’s Imagined Pasts.*” *Isis* 108, no. 4.: 814–26. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26456412>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.
- WOLF, Eric (2003). Uma autobiografia intelectual. In FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.) *Antropologia e poder-* contribuições de Eric R. Wolf. Trad.de Pedro Maia Soares. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp.
- ZÜCHNER, Christian (1946). Hugo Obermaier, Regensburg 1877–Fribourg 1946. *Lithics* 30. Great Prehistorians: 150 Years of Palaeolithic Research, 1859–2009. n. 30. Disponível em: https://journal.lithics.org/wp-content/uploads/lithics_30_2009_12_Zuchner.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2023.